



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

CÉSAR FERREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA – PERCURSOS DE EDUCADORAS E
EDUCADORES POPULARES DA GERAÇÃO DE 1960 NO BRASIL**

CAMPINAS
2022

CÉSAR FERREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA – PERCURSOS DE EDUCADORAS E
EDUCADORES POPULARES DA GERAÇÃO DE 1960 NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação.

Orientadora: NIMA IMACULADA SPIGOLON

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO CÉSAR FERREIRA DA SILVA, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. NIMA IMACULADA SPIGOLON.

CAMPINAS
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38e Silva, César Ferreira da, 1991-
Educação popular na América Latina - percursos de educadoras e educadores populares da geração de 1960 no Brasil / César Ferreira da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Nima Imaculada Spigolon.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação popular - América Latina. 2. Educação - História. 3. Mulheres na Educação - América Latina. 4. Educadores - América Latina - 1960. I. Spigolon, Nima Imaculada, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Popular education in Latin America - journeys of popular educators of the 1960s generation in Brazil

Palavras-chave em inglês:

Popular education - Latin America
Education - History
Women in Education - Latin America
Educators - Latin America - 1960

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Nima Imaculada Spigolon [Orientador]
Newton Antonio Paciulli Bryan
Oscar Jara Holliday
Ivo Dickmann

Data de defesa: 28-07-2022

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9433-0462>
- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4542126716535526>

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agência: CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR Nº do Proc. nº 88887.595557/2020-00.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA – PERCURSOS DE EDUCADORAS E
EDUCADORES POPULARES DA GERAÇÃO DE 1960 NO BRASIL**

CÉSAR FERREIRA DA SILVA

COMISSÃO JULGADORA:

Prof.^a Dra. Nima Imaculada Spigolon

Prof. Dr. Newton Antonio Paciulli Bryan

Prof. Dr. Oscar Jara Holliday

Prof. Dr. Ivo Dickmann

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Assim como a Luz ascende aos olhos na Escuridão...
A Educação Popular ascende para o "Saber" de toda uma vida.

Prof. Dener Duvera

À
Nima I. Spigolon,
por iluminar meus caminhos pessoais e acadêmicos,
por conduzir meu nascimento como pesquisador, por
me permitir caminhar e aprender ao seu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao poder superior pelos caminhos abertos, pelas conquistas alcançadas e pelas que ainda estão por vir. A minha mãe, Neide Rosa da Silva, pelo dom da vida, por me ensinar valores a minha formação de vida, a minha Madrinha de batismo Maria Aparecida de Carvalho, pelas orações, pelo carinho e amor tecidos a mim desde criança.

Agradeço a minha companheira, Jaíne Aparecida Gonçalves, por ser “*Minha Luz*”, quando haviam dúvidas e incertezas em meu coração, por acompanhar e apoiar meus/nossos sonhos, meu nascimento enquanto Professor, Escritor e Pesquisador da Educação Popular, por ser a base que sustenta meus projetos presentes e sonhos futuros, por ser essa mulher amiga, companheira, fiel e dedicada, por cuidar de mim, por me acompanhar nas viagens, sonhos e aspirações presentes e/ou vindouras, e por me dar a honra de poder estar ao seu lado.

Agradeço à minha Orientadora Profa. Dra. Nima I. Spigolon, pela recepção e acolhimento na Faculdade de Educação da Unicamp, pela condução de meus percursos Acadêmicos/Humanizantes da Pesquisa, pelo meu nascimento enquanto Pesquisador da Educação, sobretudo da Educação Popular, por me apresentar a potência e importância a Educação Brasileira que foi/é a Professora Elza Freire, por acreditar no meu potencial e no de minha Pesquisa de Mestrado Acadêmico, pela paciência, pelo carinho, pelo zelo, pela autonomia, por podermos sonhar juntos em prol de uma Educação Pública, de qualidade, laica, socialmente referenciada de todos e para todos (as), pela defesa da Universidade Pública como bem comum e de emancipação social, pelas utópicas e inéditas viáveis da vida, e por me permitir aprender e caminhar ao seu lado.

Agradeço ao meu Mestre/Professor, Antropólogo e Educador Popular, Dr. Carlos Rodrigues Brandão, pela confiança de seus documentos pessoais para esta pesquisa, pelas entrevistas, e pelas pesquisas que ainda virão, pelo carinho e maestria em conduzir meu nascimento enquanto Pesquisador e Educador Popular desde o ano de 2010, por me apresentar nosso “*Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire*”, pelas vivências em Educação Popular, Educação Ambiental, Economia Solidária, Cultura Popular Mineira e Brasileira, Música Popular e de protesto, e sobretudo às pessoas, aos encontros e desencontros da vida, as caminhadas ecológicas na Serra da Pedra Branca/MG, a tudo em que vivemos e ainda temos a viver nos caminhos da vida, ou em seu Sítio Rosa dos Ventos, na cidade de Caldas/Pocinhos do Rio Verde/MG.

Agradeço também ao meu outro Mestre/Professor, Educador Popular, Dr. Adriano Nogueira, a quem trouxe luz, calma e alento ao meu coração em momentos difíceis para o nascimento desta pesquisa e do nascimento deste pesquisador, aos diálogos, sonhos e esperanças encontrados ao redor das veredas e varandas da Rosa dos Ventos/MG, a minha aproximação e apresentação ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA), da FE-Unicamp, a qual tenho a honra e orgulho de fazer parte hoje, ao acolhimento em sua casa possibilitando a mim tantos aprendizados, sonhos e esperanças, por uma Educação Popular verdadeiramente coletiva, comunitária, plural, dialética e dialógica, por uma América Latina unida pelos ideais de amor, respeito e esperança.

Agradeço ao Professor e Educador Popular, Dr. Oscar Jara, grande referencial teórico desta Pesquisa, pela gentileza e possibilidade de contribuições ao redor da Educação Popular Brasileira e Latino-Americana, pelas entrevistas, pelos e-mails trocados, pelos saberes compartilhados e por estar presente na banca de qualificação e defesa desta pesquisa.

Agradeço ao Professor e Educador Popular Dr. Osmar Fávero, pelo carinho e paciência em nossas prosas por e-mail ao longo de mais de dois anos, pelas entrevistas compartilhadas, pelos documentos históricos indicados e disponibilizados, pelas memórias revividas e gentilmente confiadas a mim por meio dessa pesquisa.

Agradeço a Professora Dra. Débora Mazza pela possibilidade de estar ao seu lado como professor e estagiário docente – PED, pelos textos e aulas trabalhadas em conjunto, pela indicação valiosa de materiais para a feitura dessa pesquisa, pelos caminhos e trajetórias gentilmente compartilhados para nosso projeto de extensão universitária e também para esta pesquisa, e por me dar a honra de ter sido seu aluno.

Agradeço a Professora e Pesquisadora da Educação Popular e da EJA Dra. Maria Clarisse Vieira, que gentilmente se disponibilizou a ajudar nos processos das entrevistas desta pesquisa, por intermédio de sua pesquisa de Doutorado ao redor de importantes Educadores e Educadoras Populares como o casal Barreto “Vera e Zeca Barreto”, assim como Aída Bezerra e tantos outros nomes especiais que compõem um conjunto de expoentes importantíssimos para a feitura desta pesquisa. Agradeço também aos diálogos sempre amistosos, virtuais e virtuosos que sempre desenvolveu comigo, aos documentos compartilhados e aos sonhos sonhados juntos.

Agradeço também aos professores membros da banca Dr. Ivo Dickmann e Dr. Newton Bryan da qual tive a oportunidade em ser aluno, pela oportunidade em participar dessa banca, provendo contribuições das quais este pesquisador irá lembrar para sempre. Aos Professores das quais cursei disciplinas na FE-Unicamp, aos colegas de sala de aula, pelas trocas de saberes, e a Faculdade de Educação da Unicamp, por possibilitar a nós pesquisadores todo suporte técnico, administrativo, teórico e humanizante ao saber individual e coletivo.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA), da FE-Unicamp, pela oportunidade de ser membro pesquisador, ao Professor Max Mesquita que gentilmente aceitou fazer parte de minha banca para defesa da qualificação, pelo carinho, pela confiança, pela leitura atenta e pelas sugestões depositadas na pesquisa, por a todas as pessoas que direta ou indiretamente fazem ou fizeram parte do sonho que foi/é, fazer e viver essa Pesquisa ao redor da Educação Popular no Brasil e na América Latina.

Não poderia faltar a agradecer aqui também outras “*Três*” pessoas que indiretamente, contribuíram a minha formação pessoal e de como pesquisador, aos quais considero também grandes Mestres da vida, da Música e Cultura Popular Brasileira, “*João Bá*”, carinhosamente nosso Bacurau Cantante (*In Memoriam*), ensinou-me, histórias, contos e causos das Culturas Brasileiras, da Música Popular Brasileira, da vida de Nordeste, exemplo de simplicidade e sabedoria inigualáveis, aprendidas e compartilhadas durante seus mais de 80 anos de vida e de mundo.

Ao meu Mestre “*Zé Brandão*”, querido, irmão de Professor Carlos Brandão, pela amizade nascida nas florestas da Rosa dos Ventos/MG, pelas caminhadas entre os rios e cachoeiras, vales, montanhas e matas, e também pelas dificuldades nelas enfrentadas, pelos conselhos e aprendizados a lei verdadeiramente “*Lei da Relevância*”, pelo exemplo de amor aos animais e seres vivos do mundo.

E também agradeço carinhosamente ao meu Mestre “*Paulo Pio*” (*In Memoriam*), grande amigo, compositor, multi-instrumentista, poeta e cantador Caldense/MG, me acolheu como pai muitas vezes e ensinou-me as riquezas da natureza, da espiritualidade, da ancestralidade, por lutarmos pelos nossos sonhos, sem deixarmos de refletir sobre nossos atos e responsabilidades da vida.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. nº do Proc.: 88887.595557/2020-00, que permitiu recursos financeiros exclusivos para realização desta Pesquisa. Destarte em momentos tão sombrios de cortes e descasos político-sociais, com a Universidade e Educação Públicas, sobretudo na grande área das Ciências Humanas e Sociais Brasileiras.

RESUMO

A década de 1960 foi marcada pela criação e desenvolvimento de experiências sociais que nos primórdios dos “anos sessenta” receberam nomes como: Movimento de Cultura Popular (MCP), Centro de Cultura Popular (CPC), Movimento de Educação de Base (MEB), Juventude Universitária Católica (JUC), dentre outros. Os processos políticos, pedagógicos e sociais da Educação Popular foram gestados no seio desses movimentos, e posteriormente se espalharam por todo Brasil e pela América Latina. Esta pesquisa buscou recobrar percursos, experiências e memórias dos principais atores individuais e coletivos reunidos ao redor do que veio a ser a Educação Popular a partir de 1960, reconstruindo suas gêneses históricas, ontológicas e seus antecedentes pelo Brasil e pela América Latina por meio de uma digressão temporal até 1964. Para as análises, elegeu-se o recorte cronológico compreendido entre 1953 a 1964, tendo como marcos históricos a Revolução Cubana e a instauração da Ditadura Militar no Brasil. Para tal empreitada nos ancoramos em grande medida na produção bibliográfica dos professores Educadores(as) Populares que viveram e fizeram parte desta época, tais como, Carlos Rodrigues Brandão (1977; 1986; 2009), Paulo Freire (1967; 1989; 1994), Osmar Fávero (1983; 2001; 2002), Oscar Jara (1984; 2009; 2020), e posterior à essa época Maria Clarisse Vieira (2006) que cedeu um precioso relicário de memórias para trazeremos de volta os percursos político-pedagógicos do casal Vera Barreto e Zeca Barreto (1992). Adotamos uma metodologia de cunho teórico-bibliográfico, e com os aportes da abordagem qualitativa realizamos as entrevistas com acesso público e gratuito. Do conjunto de documentos analisados, destacam-se as cartilhas de alfabetização e pós-alfabetização do conjunto “Viver é Lutar”, dos quais identificamos o MEB como a principal frente de alfabetização nacional de adultos na década de 1960, e como experiência pioneira de “educação a distância no Brasil”, por meio de suas escolas radiofônicas. Mapeamos e resgatamos os sentidos e significados ao longo da gênese, história e ontologia do termo “popular - cultura popular - educação popular”, além disso encontramos uma grande quantidade de “mulheres protagonistas” ao longo da história da Educação Popular na América Latina, nas linhas de frente dos processos de alfabetização popular em seus países. Outrossim, constatamos que as experiências individuais desses “Educadores(as) da Geração de 1960” se vinculam sempre a experiências coletivas de alfabetização de cunho popular e social. Esta pesquisa encontrou como dado central que esses professores “Educadores(as) Populares” não só são protagonistas da Educação Popular, mas sim, eles são fundantes dos processos da Educação Popular no Brasil e na América Latina, eles não só fazem parte da geração de Educadores(as) Populares da década de 1960, mas também são os próprios fundadores das premissas político-pedagógicas e sociais da Educação Popular, que continua viva por meio deles e através de uma nova geração de Educadores(as) Populares inspirados nessa geração nos dias de hoje.

Palavras-chave: América Latina; Educação Popular; História da Educação; Mulheres Educadoras Populares; Educadores Populares da Geração de 1960.

ABSTRACT

The 1960s were marked by the creation and development of social experiences that in the beginning of the "sixties" received names such as: Popular Culture Movement (MCP), Popular Culture Center (CPC), Base Education Movement (MEB), Catholic University Youth (JUC), among others. The political, pedagogical and social processes of Popular Education were conceived within these movements, and later spread all over Brazil and Latin America. This research sought to recover the paths, experiences, and memories of the main individual and collective actors gathered around what came to be Popular Education from 1960 onwards, reconstructing its historical and ontological genesis and its antecedents in Brazil and Latin America through a temporal digression until 1964. For the analyses, we chose the chronological period between 1953 and 1964, having as historical landmarks the Cuban Revolution and the establishment of the Military Dictatorship in Brazil. To this end, we anchored ourselves in the bibliographic production of Popular Educator teachers who lived and were part of this period, such as Carlos Rodrigues Brandão (1977; 1986; 2009), Paulo Freire (1967; 1989; 1994), Osmar Fávero (1983; 2001; 2002), Oscar Jara (1984; 2009; 2020), and after that time Maria Clarisse Vieira (2006), who provided us with a precious relic of memories to bring back the political-pedagogical paths of Vera Barreto and Zeca Barreto (1992). We adopted a theoretical and bibliographical methodology, and, with the support of the qualitative approach, we carried out the interviews with public and free access. From the set of documents analyzed, we highlight the literacy and post-literacy primers from the set "Viver é Lutar", from which we identify MEB as the main national adult literacy front in the 1960s, and as a pioneer experience of "distance education in Brazil", through its radio schools. We mapped and rescued the senses and meanings along the genesis, history and ontology of the term "popular - popular culture - popular education", besides that we found a great amount of "protagonist women" along the history of Popular Education in Latin America, in the front lines of popular literacy processes in their countries. We also found that the individual experiences of these "Educators of the 1960 Generation" are always linked to collective literacy experiences of a popular and social nature. This research found as central data that these "Popular Educators" teachers are not only protagonists of Popular Education, but they are founders of the processes of Popular Education in Brazil and in Latin America, they are not only part of the generation of Popular Educators of the 1960s, but they are also the very founders of the political-pedagogical and social premises of Popular Education, which continues alive through them and through a new generation of Popular Educators inspired by this generation today.

Key words: Latin America; Popular Education; History of Education; Women Popular Educators; Popular Educators of the 1960s Generation.

RESUMEN

La década de los 60 estuvo marcada por la creación y desarrollo de experiencias sociales que a principios de los "sesenta" recibieron nombres como: Movimiento de Cultura Popular (MCP), Centro de Cultura Popular (CPC), Movimiento de Educación Básica (MEB), Juventud Universitaria Católica (JUC), entre otros. Los procesos políticos, pedagógicos y sociales de la Educación Popular fueron concebidos dentro de estos movimientos y luego se extendieron por todo Brasil y América Latina. Esta investigación intentó recuperar las trayectorias, experiencias y memorias de los principales actores individuales y colectivos reunidos en torno a lo que vino a ser la Educación Popular a partir de 1960, reconstruyendo su génesis histórica y ontológica y sus antecedentes en Brasil y América Latina a través de una digresión temporal hasta 1964. Para los análisis, se eligió el período cronológico comprendido entre 1953 y 1964, teniendo como hitos históricos la Revolución Cubana y el establecimiento de la Dictadura Militar en Brasil. Para esta tarea nos anclamos en gran medida en la producción bibliográfica de maestros educadores populares que vivieron y formaron parte de este período, como Carlos Rodrigues Brandão (1977; 1986; 2009), Paulo Freire (1967; 1989; 1994), Osmar Fávero (1983; 2001; 2002), Oscar Jara (1984; 2009; 2020), y después Maria Clarisse Vieira (2006), que nos regaló una preciosa reliquia de recuerdos para recuperar las trayectorias político-pedagógicas de la pareja Vera Barreto y Zeca Barreto (1992). Adoptamos una metodología de carácter teórico y bibliográfico, y con la aportación del enfoque cualitativo, realizamos las entrevistas con acceso público y gratuito. Del conjunto de documentos analizados, destacamos las cartillas de alfabetización y postalfabetización del conjunto "Viver é Lutar", a partir de las cuales identificamos al MEB como el principal frente nacional de alfabetización de adultos en la década de 1960, y como una experiencia pionera de "educación a distancia en Brasil", a través de sus escuelas radiofónicas. Mapeamos y rescatamos los sentidos y significados a lo largo de la génesis, historia y ontología del término "popular - cultura popular - educación popular", además de encontrar una gran cantidad de "mujeres protagonistas" a lo largo de la historia de la Educación Popular en América Latina, en la primera línea de los procesos de alfabetización popular en sus países. También encontramos que las experiencias individuales de estos "Educadores de la Generación de 1960" están siempre vinculadas a experiencias colectivas de alfabetización de carácter popular y social. Esta investigación encontró como dato central que estos profesores "Educadores Populares" no sólo son protagonistas de la Educación Popular, sino que son fundadores de los procesos de Educación Popular en Brasil y en América Latina, no sólo forman parte de la generación de Educadores Populares de los años 60, sino que son los propios fundadores de las premisas político-pedagógicas y sociales de la Educación Popular, que sigue viva a través de ellos y de una nueva generación de Educadores Populares inspirados en esa generación en la actualidad.

Palabras clave: América Latina; Educación popular; Historia de la educación; Mujeres Educadoras Populares; Educadores Populares de la Generación de los 60.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Carlos Rodrigues Brandão em seu escritório do sítio Rosa dos Ventos Caldas/MG.....	40
Imagem 2: Educador Popular Oscar Jara.....	41
Imagem 3: Educador Popular Osmar Fávero.....	42
Imagem 4: Professora Maria Clarisse Vieira.....	43
Imagem 5: Aula promovida pelo MEB.....	87
Imagem 6: Dom José Vicente Távora Arcebispo de Aracajú – Sergipe em 1963.....	101
Imagem 7: Aula do MEB no Nordeste em 1963.....	108
Imagem 8: Convênio entre o Governo Federal e o MEB – Documento de 1963.....	110
Imagem 9: Convênio entre o Governo Federal e o MEB – Documento de 1963.....	111
Imagem 10: Ficha de Matrícula dos alunos do MEB – Documento de 1963.....	112
Imagem 11: Ficha de Matrícula dos alunos do MEB – Documento de 1963.....	113
Imagem 12: Reestruturação e Ampliação do MEB no Nordeste e no Brasil.....	118
Imagem 13: Aula do MEB – Goiás.....	125
Imagem 14: Fachada de uma Escola Radiofônica do MEB - Monitores e alunos - documento de 1963.....	126
Imagem 15: Aula do MEB – Goiás - documento de 1963.....	127
Imagem 16: Aula do MEB – Goiás.....	128
Imagem 17: Documento de composição da equipe Nacional do MEB.....	138
Imagem 18: Documento de composição da equipe Nacional do MEB.....	139

Imagem 19: Documento de composição da equipe Nacional do MEB.....	140
Imagem 20: Documento de composição da equipe Nacional do MEB.....	141
Imagem 21: Capa do livro complementar “Justificação” – Impressão em 1964.....	146
Imagem 22: Capa do livro complementar “Fundamentação” – Impressão em 1964.....	147
Imagem 23: Capa do livro complementar “Mensagem” – Impressão em 1964.....	148
Imagem 24: Capa do livro “Viver é Lutar” – MEB Histórico.....	149
Imagem 25: Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da “Cartilha Viver é Lutar”	151
Imagem 26: Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da “Cartilha Viver é Lutar”	152
Imagem 27: Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da “Cartilha Viver é Lutar”	153
Imagem 28: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 1º Lição – 1964.....	161
Imagem 29: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 3º Lição – 1964.....	162
Imagem 30: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 7º Lição – 1964.....	163
Imagem 31: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 12º Lição – 1964.....	164
Imagem 32: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 18º Lição – 1964.....	166
Imagem 33: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 22º Lição – 1964.....	167
Imagem 34: Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 30º Lição – 1964.....	168
Imagem 35: Capa do Livro: Cultura Popular – Educação Popular: Memória dos anos 60.....	181
Imagem 36: História de Osvavú Coelho – prisão pela Ditadura Militar.....	185
Imagem 37: Foto de Maria Alice Brandão e equipe feminina do MEB – Goiás.....	187

Imagem 38: Manuscrito da música Canção do Companheiro por Maria Alice e Zé Coelho.....	188
Imagem 39: Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto....	220
Imagem 40: Vera Barreto em entrevista – cedida do arquivo pessoal de Nima Spigolon.....	221
Imagem 41: Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto....	224
Imagem 42: Recorte de Jornal – Abolição do Método Paulo Freire no Brasil.....	225
Imagem 43: Recorte de Jornal onde foi decretada a prisão de Paulo Freire.....	226
Imagem 44: Lançamento do Livro de Maria Clarisse Vieira ao lado de Carlos Brandão.....	228

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mapeamento Histórico do Termo “Popular/Cultura Popular” e “Educação Popular” na América Latina.....	66
Tabela 2: Mapeamento das Mulheres Educadoras Populares da América Latina.....	73
Tabela 3: Mapeamento das “Educadoras Populares” do MEB-Goiás e do Brasil.....	131
Tabela 4: Mapeamento das Pesquisadoras sobre Educação Popular no Brasil.....	132

LISTA DE SIGLAS

AC - Ação Católica
ACB - Ação Católica Brasileira
ACP - Ação Cultural Popular
ACO - Ação Católica Operária
ACPO - Acción Cultural Popular
ALSP - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
ANEPS - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde
ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação
CCE - Confederação Católica de Educação
CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CEDEP - Centro de Educação e Cultura do Paranoá
CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEI - Centro Ecumênico de Informação
CEPLAR - Campanha de Educação Popular
CEP - Centros de Educação Popular
CGT - Confederação Geral dos Trabalhadores
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNER - Campanha Nacional de Educação Rural
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAE - Conferência Nacional de Educação
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
COPAC - Coordenação de Processamento, Preservação e Acesso aos Acervos
CP - Cultura Popular
CPC - Centro Popular de Cultura
CUT - Central Única dos Trabalhadores
CO - Círculos Operários
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

EDA - Educação de Adultos
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes
ENEPE - Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia
FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FNEP - Fundo Nacional do Ensino Primário
FONEC - Fórum Nacional de Educação do Campo
FORUMEJA - Fórum de Educação de Jovens e Adultos
GEPEJA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
GENPEX - Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Histórico-Culturais
IDAC - Instituto de Ação Cultural
IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática
INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
IPF - Instituto Paulo Freire
IPES - O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
ISAL - Igreja e Sociedade na América Latina
ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JAC - Juventude Agrária Católica
JEC - Juventude Estudantil Católica
JFC - Juventude Feminina Católica
JIC - Juventude Independente Católica
JOC - Juventude Operária Católica
JUC - Juventude Universitária Católica
LEC - Liga Eleitoral Católica
MCP - Movimento de Cultura Popular
MEB - Movimento de Educação de Base
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
MRC - Movimento pelo Rearmamento Moral
MST - Movimento Sem Terra

MU - Movimento Universitário
NEAD - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos
OEA - Organização dos Estados Americanos
OMS - Organização Mundial de Saúde
ONGs - Organizações não Governamentais
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PNA - Plano Nacional de Alfabetização
PT - Partido dos Trabalhadores
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica
PROEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROUNI - Programa Universidade para Todos
PUC - Pontifícia Universidade Católica
RECID - Rede de Educação Cidadã
RENEC - Representação Nacional das Emissoras Católicas
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SNAS - Secretaria Nacional de Articulação Social
SEC - Serviço de Extensão Cultural
SESI - Serviço Social da Indústria
SETERGO - Sistema Educativo Tele-Radiofônico de Goiás
SIRENA - Sistema Rádio - Educativo Nacional
SIRESE - Sistema Rádio Educativo de Sergipe
SISU - Sistema de Seleção Unificada
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
UMC - União dos Moços Católicos
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas

UEE - União Estadual dos Estudantes

UNB - Universidade de Brasília

UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Nasce um Pesquisador - O encontro com a Educação Popular.....	24
CAPÍTULO 1 – Em torno da Educação Popular: América Latina e Brasil.....	49
1.1 Algumas considerações e antecedentes ao redor da Educação Popular.....	49
1.2 Educação Popular na América Latina.....	55
1.3 Educação Popular, Cultura Popular e Movimentos de Cultura Popular no Brasil.....	80
CAPÍTULO 2 – (Re)construindo percursos, utopias, inéditos viáveis: O Movimento de Educação de Base – MEB do Brasil.....	92
2.1 O sonho do passado e a utopia do futuro: Às raízes do MEB.....	92
2.2 Movimento de Educação Base – MEB Nacional.....	104
2.3 Inflexões e Reflexões ao redor dos livros “Viver é Lutar” e “Saber para Viver”	143
CAPÍTULO 3 – Por entre os percursos político-pedagógicos dos Educadores Populares da Geração de 1960 e seu legado para a Educação Popular no Brasil e na América Latina.....	172
3.1 Por entre os fios da memória dos Educadores Populares da Geração de 1960 no Brasil e na América Latina – Alguns apontamentos sobre o tema.....	172
3.2 Entre relampejos e Clarões: Revisitando as memórias do Movimento de Educação de Base - MEB na década de 1960.....	175
3.3 Relicário de Memórias: Educação Popular na América Latina e no Brasil.....	194
3.4 Memórias Compartilhadas: Revisitando os percursos político-pedagógicos dos Educadores Populares Vera e Zeca Barreto.....	212
CAPÍTULO 4 – (IN)CONCLUSÕES.....	231
4.1 Imaginários de Esperança.....	231
FONTES DA PESQUISA REALIZADA.....	240
I - Fontes primárias.....	240
II - Acervos/Arquivos.....	241
III - Documentários e filmografia.....	242
IV - Discografia.....	243
V - Bibliografia.....	243

ANEXOS.....259

I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....259

II - Troca de e-mails com os Educadores e Educadoras Populares Brasileiros e Latino-Americanos
ao longo da Pesquisa.....263

INTRODUÇÃO

Nasce um Pesquisador - O encontro com a Educação Popular

As fantasias da infância são as memórias transfiguradas pela saudade

Rubem Alves

Desde minha infância, e mesmo, meu tempo de criança, a busca pelo novo e a curiosidade por tudo que era novo, difícil, auspicioso, ou mesmo perigoso, foram desejos, aspirações que acompanharam-me sempre, hoje ao iniciar essa epopeia para narrar e dissertar¹ sobre minha pesquisa de Mestrado Acadêmico na Faculdade de Educação da Unicamp, é encontrar-me, e rememorar-me, partes do até então, jovem César Ferreira da Silva, ao mesmo tempo é apresentar ao mundo o novo César enquanto Pesquisador e Educador Popular, metaforicamente é dizer, o velho e o novo são os mesmos, mas diferentes pela intermediação do mundo através da Educação.

Do curioso César da infância, agora eclode o ainda mais curioso César de seus 31 anos, agora, Escritor, Psicólogo Social, Psicopedagogo, pesquisador da Educação Popular e jovem Professor, é interessante reviver essas lembranças, pois assim nelas podemos perceber e responder a nós mesmos, como mudamos, como melhoramos, como somos melhores que éramos em um passado nem tão distante assim, e mais ainda como ainda poderemos ser melhores a nós mesmos, e ao que pretendemos ser, que no meu caso é servir a sociedade na busca e na militância do direito à educação de qualidade a todas as camadas da população Brasileira, de toda América Latina, do mundo.

Pensar, rememorar e narrar o nascimento deste Pesquisador é voltar, é ver o que se está tornando o filho de pais separados, o filho da funcionária doméstica, e sim o filho da funcionária doméstica, aquele que era o aluno problema na escola, que não tinha de certa forma muita estrutura familiar, aquele que estudou em escola pública desde sempre, logo mais se tornará Mestre em Educação, por uma das melhores Universidades² do Brasil, da América Latina e do mundo.

Sei que estou muito feliz por estar aqui, escrevendo essas palavras para aqueles que um dia ainda irão me ler, e que conhecerão minha trajetória e história de vida, mas também gostaria de ressaltar que o mérito desta escrita, não é mais somente meu, mas começa desde

¹ Opto para este momento inicial dissertar em primeira pessoa do singular, pois apresento, vários aspectos memorialísticos de minha formação pessoal e acadêmica; a partir da fase, apresentação da pesquisa, discorrerei normalmente na primeira pessoa do plural.

² Para mais detalhes consultar: Classificações da QS World University, disponível em: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2021>. Acesso em 24 de maio de 2021.

meus primeiros Mestres Professores, aqueles que me alfabetizaram, aqueles que me ensinaram valores, políticos e sociais, de vida, de comunidade, de família, e mais ainda, o valor e a potência que o poder da educação pode ter na vida das pessoas, e que com absoluta certeza transformou a minha, desta maneira gostaria de ressaltar aqui, eu não escrevo sozinho esta dissertação, pois esta escrita é um emaranhado de muitas mãos, de muitos saberes coletivos, de muitas experiências compartilhadas e de muitos amores que resistem, e que acreditam no poder de transformação social que a Educação tem.

Desde meu ensino médio, ficava claro em mim e para mim, minhas afinidades com às disciplinas da grande área das Ciências Humanas e Sociais tais como: Filosofia, História, Sociologia, Português, dentre outras, mas os caminhos da vida algumas vezes fizeram-me duvidar, destas afinidades até que, após o término de meu ensino médio, resolvi cursar Licenciatura em Ciência da Computação na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, período de (2010-2012), mas logo percebi que esta não era minha vocação primordial, resolvi então refletir sobre mim mesmo e aguardar o que queria de minha vida. Como gostava muito de ouvir, resolvi prestar o vestibular para Psicologia (2012), e por minha surpresa passei e aí sim percebi que estava em um curso que realmente eu gostava, que me dava prazer e que trazia sentido a minha formação como profissional e para vida.

Nesse meio tempo, mais especificamente no ano de 2010, devido aos acasos da vida e a um passeio de moto pela região de Pocinhos do Rio Verde, distrito da cidade de Caldas/MG, conheci o sítio Rosa dos Ventos³, e posso dizer é aí, que a minha trajetória enquanto pesquisador da Educação Popular se inicia, quando chego no sítio Rosa dos Ventos, a primeira pessoa que vejo é um senhor com barbas longas, com roupas um pouco sujas e com uma enxada nas costas, descendo por uma mata, e por lá haviam casas de pedras, até então para mim era uma cena normal, pois, estava acostumado a ver pessoas com essas características trabalhadores rurais em minha região, assim como eu um dia o fui, mas para minha total surpresa esse homem sem nem me conhecer, sem nem dizer seu nome, gentilmente me convidou para plantarmos árvores, e foi aí então que esse senhor me disse seu nome “Carlos Rodrigues Brandão”, e que nossa relação entre discípulo e Mestre começou.

Plantamos algumas árvores, e “Carlos Brandão” me disse que era um Professor, e o dono daquele sítio, e a que propósito ele o criou, me explicou que era uma casa de acolhida para todos os tipos de pessoas e viajantes, estudantes, pesquisadores, pessoas envolvidas com

³ Localizada entre as montanhas do vale da Pedra Branca no distrito de Pocinhos do Rio Verde, cidade de Caldas/MG. Região que contempla muitas montanhas e cachoeiras das quais foram inspiração primeira para Brandão na criação do sítio.

a Cultura da região mineira, sobretudo da folia de Santo Reis⁴, assim como acolhia pessoas envolvidas com a arte, a educação, a música popular regional e a música popular brasileira, cursos sobre economia solidária, educação ambiental, e enfim Educação Popular. No primeiro momento fiquei muito sem entender o que aquele homem barbudo e esquisito estava querendo me fazer entender, mas o ouvi com atenção e carinho e gravei aquelas palavras e ideias, e nomes diferentes até então a mim, e fui embora daquele lugar pensando em tudo que havíamos conversado e das árvores e sementes que havíamos plantado, na verdade das sementes inconscientes que Brandão sem saber, ou talvez sabendo plantou em mim.

Fui então realizar uma pesquisa do que era aquele sítio e quem realmente era aquele Professor, foi então que me deparei com a grandiosidade curricular que Carlos Rodrigues Brandão representava, a quantidade imensa de livros escritos, os méritos e prêmios acadêmicos recebidos, até mesmo por um Presidente da República, no entanto o que mais me marcou foi a humildade e gentileza a mim transpassados, a um jovem totalmente desconhecido, de família humilde, mas ali tenho certeza uma amizade havia surgido, um reflexo entre o passado e o presente, enfim algo em comum havia nos unido.

Fui então me aproximando mais daquele lugar, desse sítio, ali já estava iniciando minha Faculdade de Psicologia (2012), e conhecia superficialmente a figura de Paulo Freire, através de rodas de conversas, ou melhor dos círculos de cultura realizados nas varandas e redes da Rosa dos Ventos e ao redor da Educação Popular. Conheci também várias pessoas de diversas partes do País, literalmente Brasil inteiro, e também muitas pessoas de outros países, principalmente da América Latina, Argentina, Colômbia, Bolívia, Chile, Equador, Venezuela, Paraguai, Uruguai, dentre outros. Através dessas amizades sejam Brasileiras ou Latinas, meu amor e meu desejo por cada vez mais conhecer essas Culturas, envoltas a tantos povos, nações, etnias, tantas pessoas trabalhadoras, ribeirinhos, camponeses, militantes do MST⁵, e de vários movimentos populares, se abrangiam e faziam meu desejo e amor pela Educação Popular florescer.

Uma característica que me marcou muito, nesses momentos de início de Rosa dos Ventos era, estar dialogando com várias pessoas, e quando às vezes, às perguntava o que elas

⁴ Faz parte da Cultura Popular Folclórica brasileira, tendo forte atividade nas regiões do Sul de Minas Gerais. A Folia de Reis ou Santo Reis, é um auto popular que procura rememorar a jornada dos reis Magos, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, até a hora em que encontram o Deus-menino na lapinha. Fazendo parte, pois, do ciclo natalino, o cortejo de foliões desfilam cantando no campo ou pelas ruas das cidades. Fonte: 6^o Encontro com o Folclore, Cultura Popular, Folia de Reis, Unicamp, e-mail: avefolk@unicamp.br

⁵ Carlos Rodrigues Brandão, sempre acompanhou de perto e contribuiu com cursos, minicursos e palestras, com o Movimento Sem Terra brasileiro, a qual preserva e alinha a seus princípios balizadores aos da Educação Popular Freireana.

eram, digo suas Profissões, o que faziam da vida, muitas vezes respondiam, que eram Doutores das mais diversas áreas do conhecimento e de Universidades importantes do Brasil, da América Latina e do Mundo, e me surpreendia como eu era tratado de igual para igual a elas, sem distinção de classe social e mesmo de titulação acadêmica, ali eu era ouvido, tinha voz, era realmente quem eu queria ser, isso era um fato que me fascinava, nunca tinha pensado que haveria de encontrar um lugar desses no mundo de hoje, um lugar assim como a Rosa dos Ventos. Gosto de pensar uma metáfora a ela, a Rosa dos Ventos, como sendo “um mundo dentro de um mundo”, uma experiência de Educação Popular, viva, prática e contínua.

Entremeada a essas vivências eu caminhava, subia e ainda subo as montanhas, serras e planaltos do vale Pedra Branca, conheci muitas cachoeiras e lugares históricos como o muro dos escravos, cachoeiras isoladas, pontos turísticos da região de Caldas/MG, sempre na presença de amigos que estavam ou frequentavam o sítio Rosa dos Ventos, através dessas caminhadas conheci um Professor e Educador Popular da cidade de Poços de Caldas/MG, a qual considero, um grande amigo e mestre caminhante, seu nome é Victor Tristão, ele me ensinou muitos lugares e percursos pouco frequentados pelos até então caminhantes da região, lugares lindos maravilhosos, de paisagens perfeitas, de natureza selvagem e exuberante, nestas caminhadas Victor Tristão, me ensinava sobre a figura de Carlos Brandão, sobre a importância de Paulo Freire para educação no Brasil e no mundo, sobre a vida, ali alinhavamos e aprendíamos em comunhão a Educação Ambiental e a Educação Popular.

Com o contato estabelecido com os artistas, poetas, e cantadores que frequentavam a Rosa dos Ventos, conheci um ser iluminado e o nome dele era João Bá⁶ (*In memoriam*), que carinhosamente chamávamos de Bacurau cantante, João Bá ensinou-me, muito sobre a Cultura Popular Brasileira, música popular Brasileira, poesia, contos e causos Baianos, histórias pessoais vivenciadas com grandes nomes da música Brasileira tais como: Hermeto Pascoal, Décio Marques, Almir Sater, Diana Pequeno, João Arruda, Levi Ramiro, Paulo Pio, Fernando Guimarães, dentre outros. Suas histórias ensinamentos exemplo de humildade e simplicidade ecoarão em mim por todo o sempre.

No ano de 2017, depois de enfrentar problemas pessoais, no final de minha faculdade, resolvi vivenciar e viver mais de perto o desejo de morar no sítio Rosa dos Ventos, essa experiência foi sonhada e concretizada depois de muitas conversas com o músico e poeta

⁶ João Batista Oliveira, carinhosamente conhecido como João Bá, ou nosso Bacurau cantante, nasceu em Crisópolis, 1 de setembro de 1932, que também era conhecida como Bom Jesus dos Dendês, Estado da Bahia, fez sua passagem aos 87 anos, no dia 04 de outubro de 2019, ele foi um compositor, poeta, artista, e cantor brasileiro, tendo atuado também como ator, e contador de histórias. João Bá, viveu seus últimos anos no sítio Rosa dos Ventos do Professor Carlos Rodrigues Brandão, em Pocinhos do Rio Verde, cidade de Caldas/MG.

Mineiro e Caldense, Paulo Pio⁷ (*In memoriam*), ele me incentivou a viver essa experiência de introspecção na natureza, a reencontrar minha espiritualidade, a refletir sobre o nascimento do Educador Popular que encontrava-se dormente em mim, realmente de aprender o sentido de viver em comunidade, enfim na Rosa dos Ventos, foi através de Paulo Pio, que consegui ter um cantinho neste sítio que preservo com carinho até os dias de hoje.

Durante meu curso de Psicologia o desejo e amor pela Educação começava a se estreitar, adorava as disciplinas relacionadas a Psicologia Educacional, Psicologia Social, Desenvolvimento Humano, qualquer uma que de certa forma tratasse temas relacionados à Educação, com as vivências da sala de aula, e tendo a possibilidade de estar realizando aulas com Mestres e Doutores, meu desejo de seguir a carreira acadêmica começa a ficar mais forte e foi então em meu segundo período de faculdade que verdadeiramente me decidi, quero ser “Professor” e “Educador Popular”, trabalhei e me esforcei muito para isso, até conseguir terminar a faculdade com o vislumbre, ensino, sonho e utopia, de tentar um Mestrado da área da Educação. Como já sabia da importância da produção acadêmica, para o currículo Lattes, nos auspícios para tentar um Mestrado consegui publicar meu Trabalho de Conclusão de Curso, como meu primeiro Livro nomeado como: “A Influência da Sociedade no Adoecimento Psíquico”, pela editora, Novas Edições Acadêmicas, no ano de 2019.

No ano final do ano de 2017, agora já Psicólogo formado e cheio de sonhos, e curiosidades em prestar o Mestrado em Educação, fui participar do “I Simpósio de Educação: Articulação entre a Graduação e Pós-Graduação na Produção de Conhecimento”, na Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, ali apresentei minha pesquisa de Conclusão de Curso da Psicologia, e conheci alguns Professores que lá lecionavam na Universidade, desse primeiro contato surgiu o convite no ano de 2018, em parceria com o Professor Doutor em Educação, Dr. André Luís Sena Mariano, Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, que na época era coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE⁸, da Universidade, para publicarmos meu primeiro artigo como um Capítulo de Livro, sendo ele: “A influência da Sociedade no Adoecimento Psíquico: Contribuições da Sociologia da Educação no Processo de Superação do Mal Estar Social.” no primeiro volume da coleção Educação Básica, editora Plataforma Acadêmica.

Desta publicação surgiu-me o convite para fazer duas disciplinas como aluno Especial no Mestrado em Educação, da mesma Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL,

⁷ Paulo Guimarães, carinhosamente conhecido como Paulo Pio, grande amigo, Mestre e conselheiro, poeta, cantador, músico, multi-instrumentista, compositor Caldense/MG.

⁸ Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ppge/apresentacao>

que meu parceiro Professor lecionava, sendo elas: “Educação e Sociedade e Pensadores e Pensadoras em Educação”. Posso dizer que foi com essas duas disciplinas que aprendi e entendi o que era, e como era fazer um Mestrado em Educação, me descobrir enquanto pesquisador e futuro Mestrando, a dedicação que eu teria que ter, as leituras difíceis e complexas que eu teria que fazer, mas também foi ali que meu sonho, desejo, e amor pela Educação se consolidaram e eu soube que estava no caminho certo.

Terminado então a Faculdade de Psicologia, o ensejo por trilhar os percursos Acadêmicos do Mestrado me motivaram ainda mais a realizar uma Pós-Graduação na área da Psicopedagogia, a qual agregava em seu bojo a Psicologia e a Educação, levei dois anos para concluí-la (2018-2019), foram muitos aprendizados e seu Trabalho de Conclusão de Curso, (TCC), culminou como parte de meu último Livro intitulado: “Educação, Política e Cultura: Um olhar da práxis de Paulo Freire nas políticas públicas no trabalho do Psicólogo”. publicado pela editora, Novas Edições Acadêmicas, no ano de 2020.

Neste mesmo ano de 2019, publiquei outros “Três pequenos Livros”, com parcerias de colegas Psicólogas, tais quais intitulam-se: “As Contribuições da Psicologia da Educação Frente ao Adoecimento de Professores de Educação Infantil”; “Trabalho e Adoecimento do Professor da Rede Pública e Privada de Ensino: Reflexões Sobre o Mal Estar Docente”; “Políticas Públicas De Saúde Sobre Drogas: A Reabilitação Psicossocial e a Dependência Química”, os quais todos foram publicados pela Editora, Novas Edições Acadêmicas, neste mesmo ano também publiquei outros “Quatro Capítulos de Livros”, agora já em parcerias com Doutores em Educação e também colegas Psicólogos, nomeados como: “Raymond Williams e o Materialismo Cultural: Uma aproximação à Sociologia da Educação é possível?”; “Viktor Frankl e o Sentido da Vida: Reflexões Epistemológicas sobre Educação e Logoterapia”; “O Hospital Colônia de Barbacena e o Papel do Processo da Reforma Psiquiátrica no Tratamento em Saúde Mental”; “Psicologia Social e Dependência Química: Algumas Reflexões do Processo de Adoecimento Psíquico na Adolescência”. Todos os textos desses capítulos e livros em algum momento passavam, tratavam e ressaltavam temas relacionados a Psicologia e a Educação.

O ano de 2019, foi marcado para mim como um ano de muita e intensa produtividade acadêmica científica, neste momento de minha vida agora já Psicólogo e Psicopedagogo, tendo livros publicados e capítulos de livros, feito duas disciplinas como aluno especial em uma Universidade Pública e já conhecendo do que realmente se tratava um Mestrado em Educação, sentia-me capacitado para vislumbrar algo que até pouco tempo atrás parecia-me totalmente distante e impossível de minha realidade, o tão sonhado Mestrado em

Educação na Faculdade de Educação da Unicamp, foi então que resolvi sonhar e viver esse sonho da Unicamp e fiz minha inscrição no Mestrado, foram muitos meses, noites sem dormir, para a preparação, estudos, pesquisas, dificuldades para alinhar e fazer um Projeto de Pesquisa para o nível, caráter e rigor metodológicos da Unicamp.

Um processo seletivo de certa forma muito tenso, difícil, pois se tratava de um sonho, de um projeto de vida, de me tornar um Professor Universitário, um pesquisador e Educador Popular, não conhecia nada e nem ninguém, na Faculdade de Educação da Unicamp, somente havia ouvido falar dos nomes, dos textos que havia lido, dos Professores de lá, grandes referências para Educação no Brasil, na América Latina, no Mundo, sendo eles o nome da importante Pesquisadora Freireana a Profa. Dra. Nima I. Spigolon, a qual a proposta de meu Projeto de Pesquisa intitulado: A Geração de Educadores Populares da Década de 1960 e suas contribuições para Educação Popular no Brasil, poderia dialogar.

Felizmente o final dessa história em relação ao processo seletivo teve um final feliz, e em dezembro deste mesmo ano de 2019, recebi a notícia que havia sido aprovado, e que faria parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA)⁹, no mês de março de 2020, fui a Campinas realizar minha Matrícula no até então grande sonho do Mestrado, fui gentilmente recebido e acolhido pela Professora Dra. Nima I. Spigolon, a qual também dedico essa Dissertação, e ali meu sonho se tornava realidade, andar pelos corredores da Faculdade de Educação, estar no mesmo lugar que os grandes nomes que até então eu conhecia somente por livros e por textos, era algo quase que sem explicação para mim, olhem e vejam onde o filho de pais separados e criado pela mãe e funcionária Doméstica chegou?. Na verdade, há uma explicação sim, são os frutos das publicações acadêmicas, dos esforços, das madrugadas frias e noites sem dormir, dos muitos livros e artigos lidos, por conseguir transformar os não antes recebidos em vontade, motivação e determinação, parafraseando o Filósofo Alemão Friedrich Nietzsche em “Vontade de Potência¹⁰”.

Começava então a vivenciar esse sonho, logo mais, ajustei-me para frequentar as aulas presenciais, a qual esperei por muito tempo, infelizmente no mês de Abril de 2020, depois de ter frequentado poucas aulas presenciais, a até então falada pandemia de Covid-19¹¹,

⁹ Disponível em: <https://www.gepeja.fe.unicamp.br> e em <https://www.fe.unicamp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa>

¹⁰ Vontade de Poder ou de Potência do Alemão: "*Der Wille zur Macht*" é um conceito da filosofia do filósofo Friedrich Nietzsche. A vontade de poder descrita pela filosofia de Nietzsche é a principal força motriz nos seres humanos, força para realização, ambição e esforço para alcançar a posição mais alta possível na vida. Há também um livro póstumo, publicado com esse mesmo título. Sugiro remissão: Nietzsche, Friedrich. Vontade de Potência, São Paulo. Editora Vozes. 1 ed. 2011.

¹¹ A conhecida revista Lancet publicou recentemente um artigo científico que não lemos, mas de que tomamos conhecimento através de um programa informativo da televisão. Um grupo de cientistas de diferentes áreas e de alguns países, reuniu-se para propor que a atual “pandemia” seja considerada como uma “Sindemia”. Argumentam

originada na China, chega ao Brasil, e rapidamente a Campinas, e a todas as cidades e Estados Brasileiros, nos vimos forçados a interromper as aulas presenciais em decorrência da pandemia, e nos adaptar a uma nova realidade, as aulas então do Mestrado seriam on-lines, remotas, para mim não importava como seriam as aulas, tirando o fato é claro que eu queria ter a experiência de viver a Unicamp, mas o fato mais importante era para mim estar realizando o meu sonho, que era estar no Mestrado em Educação e na Unicamp.

Comecei a realizar e a frequentar as aulas on-lines, mesmo com as diferenças entre o presencial, a modalidade on-line, conseguiu suprir e superar minhas expectativas, consegui aprender muito, com as aulas, e percebo que mesmo com a modalidade on-line, o importante, e o que vale também é o esforço, empenho e dedicação que cada aluno exerce sobre as atividades e leituras que se propõe a realizar, confesso que não foi e ainda não é fácil essa adaptação, mas no momento ela é necessária, pois estamos falando de saúde pública, coletiva/social, nacional e mundial, de um vírus que já fez mais de 450 mil mortos no Brasil¹², e podendo fazer mais de 6,9 milhões de mortos no mundo¹³, enfim, situação extremamente triste, verdadeiramente uma tragédia enfrentada por nosso País e por todo o Mundo.

Dos frutos do início das disciplinas, e de minha chegada a Faculdade de Educação da Unicamp, surgiu-me a possibilidade em submeter com a parceria e Coordenação de minha Orientadora, Profa. Dra. Nima I. Spigolon, um projeto a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura¹⁴ - ProEC, da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na chamada para o 1º Edital, ProEC de Financiamento à Pesquisa sobre Extensão Universitária. Concorremos com todos os institutos e Faculdades da Unicamp e mesmo com outros projetos da FE-Unicamp, sendo o

que mais do que apenas um acontecimento da “área da saúde”, com repercussões sobre outras áreas, como a “econômica”, o que estamos vivendo é um pluri-acontecimento ao mesmo tempo físico, social e cultural. Para eles, a COVID 19, em sua ferocidade clínica e em seus diretos (e não indiretos) efeitos sociais, “ataca” diferenciadamente. Ela possui um diferenciador etário, matando muito mais idosos do que adultos e, sobretudo, jovens e crianças. E, pior ainda, ela afeta desigualmente grupos étnicos de uma mesma nação, assim como diferentes classes sociais de um mesmo país. Morrem muito mais negros e pessoas “em condição de pobreza”, mesmo nos EUA, do que brancos e pessoas “de classe média para cima”. Assim, ao ver deles, esta é uma Sindemia que deveria ser tratada não como um problema sanitário que afeta outras esferas da sociedade, mas como um acontecer social que afeta ao mesmo tempo a dimensão sanitária, a social, a étnica e a cultural de uma coletividade. Assim, os efeitos da pandemia da COVID 19 sobre a economia” deveriam ser tratados como “efeitos sanitários-sociais-econômicos de uma Sindemia” (BRANDÃO, 2020, p. 3).

¹²Fonte: Jornal online Gazeta do Povo. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

¹³ Fonte: Jornal on-line CNN Brasil, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/08/mortes-por-covid-19-no-mundo-podem-ser-o-dobro-do-estimado-segundo-estudo>, acesso em: 25 de maio de 2021.

¹⁴ Para mais detalhes sobre o Projeto de Extensão Universitária, aprovado e coordenado pela Profa. Dra. Nima I. Spigolon, juntamente com o Pós-Graduando, que vos fala, sugiro remissão a: Faculdade de Educação da Unicamp, disponível em: <https://fe-old.fe.unicamp.br/extensao/noticias/faculdade-de-educacao-e-contemplada-no-1o-edital-de-financiamento-a-pesquisa-sobre>. E ao site da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – ProEC, da Universidade Estadual de Campinas, disponível em: <https://www.proec.unicamp.br/noticias/proec-divulga-selecionados-no-1o-edital-de-pesquisa-em-extensao>. Acesso em 25 de maio de 2021.

nosso o único da FE-Unicamp, a ser contemplado com recursos financeiros, podemos ficar orgulhosos dessa conquista, pois em meio aos grandes cortes que às Ciências Humanas e Sociais, vêm sofrendo em nosso país, ser o único projeto da FE-Unicamp, é algo a que se deve comemorar muito.

Este projeto faz parte de um desdobramento, de meu projeto original de pesquisa de Mestrado, a qual alinha a Educação Popular como um movimento pedagógico e político originalmente latino-americano. Embora o movimento da Educação Popular tenha surgido antes, ele assumiu força nos anos 1960, nos contextos de resistência aos golpes de Estado e às ditaduras militares na América Latina. No Brasil, o movimento é marcado pela criação e desenvolvimento de novas experiências sociais que nos primórdios dos “Anos Sessenta” receberam denominações como: Movimento de Cultura Popular (MCP), Educação Popular (EP) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ele intitula-se como: “Diálogos entre pesquisa, extensão e sociedade - A Geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil¹⁵”, atualmente e foi concluído em julho de 2022.

Devido às atividades acadêmicas se tornarem on-line e mesmo os mais variados encontros científicos pelo Brasil e pelo mundo, neste contexto de atividades, on-lines consegui participar de mais de 140 eventos científicos nacionais e mesmo internacionais, pelo Brasil e pela América latina, ao redor das temáticas da Educação, Educação Popular, Políticas Públicas, Psicologia Social, Educação Social, sendo eles, Congressos, Simpósios, Rodas de Conversas, Mesas Dialógicas, Mesas Redondas, Cursos de Extensão, dentre muitos outros, para deste memorial destaco o curso internacional indicado pelo Professor Adriano Nogueira, “Estado, Política y Democracia en América Latina¹⁶, pela La Universidad Metropolitana de la Educación y el Trabajo (Argentina)”, este curso contou com grandes nomes que dialogam com as temáticas diretamente ligadas a desta pesquisa, sendo eles Pepe Mujica, Dilma Rousseff, Alberto Fernández, Manuela D’Ávila, dentre muitos outros nomes de ministros ex-presidentes de países latino-Americanos, destaco também o curso Paulo Freire e a Educação Popular, ministrado por Carlos Rodrigues Brandão no Instituto Paulo freire e o curso Paulo Freire o Educador do

¹⁵ O referido projeto, surge com a prerrogativa de criar condições para por/com intermédio da pesquisa ampliar o conhecimento das características presentes nos projetos de extensão universitária de modo geral no Brasil e, de modo específico na UNICAMP, orientados por princípios da Educação Popular que são elementos fundantes de interação e de vinculação com a sociedade, bem como a intervenção e transformação social. Alinham-se também estudar/pesquisar a extensão como lugar, tempo e espaço de potencialização da Educação Popular e vice-versa e as práticas inovadoras capazes de integrar ensino-extensão, de elaborar Políticas Públicas para a extensão universitária e articular a universidade-sociedade. Destarte ainda busca registrar memórias, sistematizar experiências e mapear contribuições no campo da Educação Popular por meio das narrativas orais e escritas e da análise das produções literárias e acadêmicas de educadores populares ainda vivos que participaram da Geração de 1960 ou são influenciados por ela no seu trabalho político-pedagógico.

¹⁶ Disponível em <https://americalatina.global/CursoInternacional/>

Mundo, pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

Apresentação da Pesquisa

Os auspícios de nossa contemporaneidade que decorrem dos fatos que estão sendo demonstrados pelo mundo, e pelas nuances vividas e vivenciadas em nosso país e também em nossa América Latina, a cada dia mais remete-nos, como vivemos em um frágil e complexo processo democrático Latino-Americano, essas dificuldades nos atravessam e nos assolam desde o descobrimento de nosso país e de nosso continente Latino. Concomitante a isso ainda sofremos, pois vivemos os resquícios de uma dura manipulação e submissão sofridas pela classe popular, que generalizadamente os governos direitistas transvestem como democracia, ou processo democrático, voltamos a viver uma espécie de sobreposição ou melhor imposição das culturas populares e latinas, pelas culturas ditas civilizadas pelo mundo civilizado oriental.

Eclode no Brasil a partir da década de 1960, importantes movimentos sociais, de cultura popular e de educação popular, que ficaram marcados na memória do povo brasileiro, esses movimentos carregavam em seu bojo, características de processos de emancipação humana, lutas de classe, lutas contra a opressão política e social, contra o analfabetismo, contra o poder exercido pela classe hegemônica dominante, contra o poder do opressor sobre os oprimidos. Estes movimentos eram conhecidos como Movimentos de Cultura Popular (MCP 1960), Educação Popular (EP 1961), Movimentos de Educação de Base (MEB 1961), Ação Popular (AC 1962), Centro Popular de Cultura (CPC 1962), e antes deles como precursores podemos encontrar, a União Nacional dos Estudantes¹⁷ (UNE 1937), a Juventude Universitária Católica¹⁸ (JUC 1950), Juventude Estudantil Católica (1950).

No início dos “Anos Sessenta”, o que emerge são os Movimentos de Cultura Popular, que irão abarcar a Alfabetização Popular, a ideia central desses movimentos era a de Cultura Popular, e que posteriormente veio a se tornar como conhecemos hoje de Educação Popular (BRANDÃO, 2009), Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido (1994), nos mostra que: “Se a direção racional de tal processo já é política, então conscientizar é politizar. E a cultura popular se traduz por política popular, não a cultura do povo, sem política do povo” (FREIRE,

¹⁷ No dia 11 de agosto de 1937, na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, o então Conselho Nacional de Estudantes conseguiu consolidar o grande projeto, almejado anteriormente algumas vezes, de criar a entidade máxima dos estudantes. Reunidos durante o encontro, os jovens batizaram a entidade como União Nacional dos Estudantes. Desde então, a UNE passou a se organizar em congressos anuais e a buscar articulação com outras forças progressistas da sociedade. O primeiro presidente oficial da entidade foi o gaúcho Valdir Borges, eleito em 1939. Disponível em: <https://www.une.org.br/memoria/historia/>

¹⁸ A partir de 1960, entretanto, a JUC e a JEC, começaram a sofrer um processo de radicalização e mudanças, assim engajando-se nas lutas pela transformação da sociedade, vinculando-se a esses movimentos insurgentes e emergentes oriundos da década de 1960.

1994, p. 11). Assim, entre a geração dos Educadores Populares de 1960 e a atualidade, a presente pesquisa procurará fazer interagir por intermédio do resgate e da rememoração, a Cultura e a Educação, ou em termos mais próximos, à Cultura Popular e à Educação Popular.

Ainda neste contexto a pesquisa propõe como objetivo geral: recuperar as memórias, experiências vividas e vivenciadas pelos principais atores individuais e coletivos reunidos ao redor do que veio a ser a Educação Popular no Brasil e na América Latina, estabelecendo assim um resgate histórico da ontologia e gênese da Educação Popular.

Nos referimos ao trato ontológico¹⁹ da pesquisa a partir da perspectiva estabelecida por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido (1994), enquanto “vocação ontológica”, histórica do ser humano, na busca constante de “ser mais”, o “ser mais”, em Paulo Freire entendido como a busca constante para o processo de humaniza o das pessoas que sofrem constantemente com as mazelas opressoras instauradas pelo sistema social vigente. Diante disso Freire (1994) nos ensina que no processo ontológico do “ser mais”:

Constatar esta preocupa o implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumaniza o, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica.   também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constata o, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humaniza o. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humaniza o e desumaniza o, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, são a primeira nos parece ser o que chamamos de voca o dos homens. Voca o negada, mas também afirmada na própria nega o. Voca o negada na injustiça, na explora o, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recupera o de sua humanidade roubada. A desumaniza o, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam,   distor o da voca o do ser mais.   distor o possível na história, mas não voca o histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumaniza o   voca o histórica dos homens nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude c nica ou de total desespero. A luta pela humaniza o, pelo trabalho livre, pela desaliena o, pela afirma o dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significa o. Esta somente   possível porque a desumaniza o, mesmo que um fato concreto na história, não  , porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 1994, p. 19)

Além disso não temos como apontar um único problema de pesquisa específico, mas questões problematizadoras sobre o tema tais como: Onde e quando nasce a Educa o Popular? Quais as suas gêneses? Na América Latina? No Brasil? Como os Educadores e Educadoras Populares da gera o de 1960 contribuíram para a dissemina o político-pedagógica da Educa o Popular pela América Latina?

¹⁹ Sobre essa pesquisa de caráter ontológico a partir da filosofia e práxis de Paulo Freire, achamos válidos ao leitor a consulta a esse importante artigo intitulado: Ontologia, epistemologia e axiologia em Pedagogia do Oprimido. Educa o em Perspectiva, Viçosa, MG, v. 9, n. 3, p. 538–552, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7157>. Acesso em: 7 ago. 2021.

Os principais referenciais teóricos desta pesquisa são os próprios pioneiros²⁰, Educadores Populares da década de 1960, ou Educadores que foram influenciados por eles, os que viveram e disseminaram por toda América Latina o que cunharam juntos como as bases epistemológicas da Educação Popular²¹, podemos destacar entre eles, Paulo Freire (1989), Carlos Rodrigues Brandão (1986), Osmar Fávero (1983), Oscar Jara (2020), Adriano Nogueira (1989), Maria Clarisse Vieira (2006), Vera e Zeca Barreto (1992), dentre outros.

Propomos, uma análise de suas principais contribuições históricas e ontológicas das bases epistemológicas da Educação Popular, além de entrevistas com os Educadores Populares que ainda estão vivos. Para tal empreitada utilizar-se-á a pesquisa de cunho teórico bibliográfica e também qualitativa, recuperando o que já foi produzido através de um sólido referencial teórico, produzindo assim contribuições ao contexto da Educação Popular pelo Brasil e pela América Latina, enfatizando a importância dos direitos sociais, educacionais públicos duramente conquistados pela classe popular trabalhadora.

Quando escolhemos as bases epistemológicas da pesquisa “Orientadora e Orientando”, procuramos por pautar-nos, sob a concepção de Educação Popular Freireana, por um olhar crítico, mas que também respeita a subjetividade²² dos sujeitos pesquisados, um olhar emancipador e humanizado da realidade social vigente. Atualmente existem várias formas e nomenclaturas que são associadas à Educação Popular e é importante saber de qual delas estamos falando, neste contexto podemos encontrar em Brandão (1982) como: educação não formal, educação de base, educação aberta, educação de adultos, extra-escolar, educação a distância, educação continuada, educação de adultos, educação permanente, educação social, educação participativa, educação de jovens e adultos, educação integral, educação fundamental, dentre outras.

Para o Professor e Educador Popular Colombiano Alfonso Torres Carrillo (2011), há um núcleo comum constitutivo de bases que podemos encontrar nas variadas concepções de educação popular existentes:

Uma leitura crítica da ordem social vigente e um questionamento sobre o papel integrador que faz parte da educação formal; Uma intencionalidade política emancipadora frente à ordem social imperante; Um propósito de contribuir ao

²⁰ Para um aprofundamento geral ao tema sugiro remissão a Tese de Doutorado: PAULO, F. S. Pioneiros e Pioneiras da educação popular freireana e a universidade. 2018.268 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

²¹ Remissão a Jara, O. A Educação Popular Latino-Americana: História e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo. Ação Educativa/CEAAL/ENFOC, 2020.

²² Inspirado nos processos de subjetividades em Carrillo (2004), em: “La categoría de subjetividad está estrechamente relacionada com los procesos culturales de construcción de sentido, de pertenencia e identificación colectiva, dado que involucra un conjunto de normas, valores, creencias, lenguajes y formas de aprehender el mundo, conscientes e inconscientes, físicas, intelectuales, afectivas y eróticas, desde los cuales los sujetos elaboran su experiencia existencial, su propios sentidos de vida”. (CARRILLO, 2004, p. 38).

fortalecimento dos setores dominados como sujeito histórico, capaz de protagonizar a mudança social; Uma convicção que pela educação é possível contribuir ao êxito desta intencionalidade, atuando sobre a subjetividade popular; Um afã por generalizar e empregar metodologias educativas dialógicas, participativas e ativas (CARRILLO, 2011, p. 14, apud APOLUCENO DE OLIVEIRA; LOBATO DOS SANTOS, 2017, p. 12).

Segundo Nogueira em entrevista a Paulo Freire (1989) a definição primeira de Educação Popular é “Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica [...]. Em uma primeira ‘definição’ eu a aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política” (p. 19). Nesse sentido, para os autores a educação é uma prática política: política e educação se mesclam e se misturam em um processo contínuo de aprendizado e transformação social. (NOGUEIRA; FREIRE, 1989)

Para Torres (2001), a educação popular nasce da análise política e social, perpassada pelas condições encontradas na vida dos pobres, das comunidades ribeirinhas, dos camponeses, de seus problemas mais visíveis como a má nutrição, do desemprego, das enfermidades, dos que precisam de educação. Já para Carrillo (2009, p. 11) a educação popular Freireana assim como “A obra de Paulo Freire ocupa um lugar central e é um referencial imprescindível ao processo de reconstrução do pensamento emancipador”. E para Streck (2014), a Educação Popular por intermédio do Educador Popular acontece quando, “O educador popular é aquele que possibilita as mudanças na realidade, promovendo rupturas e propiciando condições para que o sujeito possa construir sua própria cidadania” (STRECK, 2014, p. 87).

Outrossim falaremos daqui por diante sempre com o olhar e viés da concepção de Educação Popular de cunho Freireano. Ainda neste sentido definiremos e avançaremos em seus caminhos epistemológicos, conceituando-a, através da definição de Educação Popular presente no documento do CEAAL²³ intitulado: Educación Popular para una Democracia com Ciudadanía y Equidad:

A Educação Popular constitui uma prática referida ao fazer e ao saber das organizações populares, que busca fortalecê-la enquanto sujeitos coletivos, e assim, contribuir através de sua ação-reflexão ao necessário fortalecimento da sociedade civil e das transformações requeridas, tanto para a construção democrática de nossos países, como para o desenvolvimento econômico com justiça social. (CEAAL, 1994,

²³ El CEAAL, como Movimiento latinoamericana de Educación Popular, busca contribuir a la integración de América Latina y El Caribe desde los Pueblos, es un Movimiento de Educación Popular, integrado por 140 entidades y personas entre las que se encuentran diversas organizaciones de la sociedad civil, redes, sindicatos, universidades, colectivos y educadores populares. Constituida desde octubre de 1982, con presencia en 21 países de América Latina y Caribe. Nuestra membresía desarrolla acciones de educación popular en múltiples campos del desarrollo social y con una gran diversidad de sujetos sociales. Nos afirmamos como una corriente del Pensamiento Crítico desde la Educación Popular en América Latina y uno de los polos dinámicos de la sociedad civil en América Latina y El Caribe. Estamos constituidos por una gran diversidad de experiencias, capacidades y potencialidades que expresan una riqueza activa en cada país, que podría ser fortalecida en una dinámica de aportes latinoamericanos. Disponible em: <http://ceaal.org/v3/acerca-de-ceaal/>

p. 73)

O estudioso e pesquisador Latino-Americano Mário Garcés (2009) diz que a Educação Popular, a partir dos anos 1960, relaciona-se com as contribuições de uma nova forma de educação libertadora ou problematizadora, em sentido Freireano, ela foi posta em prática para favorecer o protagonismo histórico dos oprimidos e que não sem intenção, Paulo Freire (1994), intitulou a maior obra da sua vida como Pedagogia do Oprimido. Ainda nesse contexto Mário Garcés (2009), salienta que o popular da “educação popular”, desde os anos 1960, optava exatamente pela promoção de práticas educativas “libertadoras”, para o desenvolvimento de sujeitos coletivos e populares, capazes de constituírem-se em protagonistas das necessárias mudanças sociais e políticas a favor da justiça, da igualdade e do desenvolvimento requeridos por nossas sociedades.

Para o CEAAL, (1994) os papéis e tarefas da Educação Popular dependem dos contextos, das conjunturas e dos sujeitos. Portanto, é difícil falar dos limites da Educação Popular e de papéis únicos, pois a Educação Popular se relaciona com inúmeras conjunturas variáveis, nas quais deve-se garantir seu caráter democrático e pedagógico.

Para (JARA, 2009, p. 238), os princípios que norteiam a concepção de Educação Popular Freireana são as premissas:

- a) Capazes de romper com a ordem social que impera e que nos é imposta como única possibilidade histórica (o modelo de globalização neoliberal);
- b) Capazes de imaginar, propor e criar novos espaços e relações no nosso ambiente local, no nosso país, na nossa região e nas instâncias internacionais;
- c) Capazes de questionar os estereótipos e padrões ideológicos e de valor vigentes como verdades absolutas (o individualismo, a competência, o mercado como regulador das relações humanas);
- d) Capazes de desenvolver nossas potencialidades racionais, emocionais e espirituais como homens e como mulheres, superando a socialização de gênero patriarcal e machista e construindo novas relações de poder na vida cotidiana e no sistema social;
- e) Capazes de aprender, desaprender e reaprender permanentemente (apropriando-se de uma capacidade de pensar e de uma propedêutica e metodologia, mais do que de conteúdos terminados);
- f) Capazes de suscitar uma disposição vital solidária com o entorno social e com o meio ambiente como expressão e hábitos cotidianos;
- g) Capazes de se afirmarem como pessoas autônomas, ao mesmo tempo que como

seres dialógicos, na busca e na construção coletiva. (JARA, 2009, p. 238)

Já os pesquisadores e educadores, Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção (2009) em seu livro, *Cultura Rebelde: Escritos sobre Educação Popular de ontem e agora* nos apresentam essa concepção de Educação Popular Freireana como sendo:

a) Uma concepção fundamentada em um referencial teórico-metodológico que parte da vivência e da prática concreta dos sujeitos para desvelar a conjuntura, os aspectos culturais e estruturais, na perspectiva de recriar o conhecimento e a ação transformadora;

b) Exige uma coerência entre a concepção teórico- metodológica e o posicionamento político-pedagógico: a intencionalidade de construir a autonomia e emancipação dos sujeitos;

c) Os sujeitos populares são reconhecidos como protagonistas do seu aprendizado e de sua emancipação – a aprendizagem é compreendida como processo e não como produto ou resultado;

d) O diálogo e o conflito são constitutivos do processo de aprendizagem, que deve se pautar e construir valores éticos, democráticos e emancipatórios.

Brandão (1982), continua pontuando que a Educação Popular a que pretende libertar o homem deve ser um instrumento que sirva ao trabalho político que semeia esta liberdade. Ela é a educação que busca o compromisso de servir à prática política dos subalternos, como um espaço a serviço de pensar e instrumentalizar esta própria prática. “Portanto, a Educação Popular não deve possuir um projeto pedagógico próprio, definido nos gabinetes do educador. Deve ser apenas uma das dimensões didáticas do trabalho popular de esclarecer o seu próprio trabalho no dia a dia de quem afinal o realiza.” (BRANDÃO, 1982, p. 21)

Ainda para Brandão e Assumpção (2009), essa compreensão, de que a educação popular é uma concepção de educação Freireana, evidencia que esta possui uma “causa” e uma intencionalidade, a construção da autonomia dos sujeitos oprimidos. Entendido então sob que concepção de educação desenvolveremos nossa pesquisa, procuramos traçar um marco cronológico para conseguirmos teorizar nossa pesquisa, no qual compreende a premissa do sonho libertário, a esperança de união dos povos latino-americanos, que desaguou na Revolução Cubana de 1953-1959, avançaremos então, nossas reflexões até final do ano de 1964 com o início da ditadura militar brasileira.

Devidamente amparados em nosso referencial teórico e na concepção de Educação Popular Freireana, postulamos nossos processos de entrevistas à quatro grandes nomes e teóricos aos quais apresento-lhes: Carlos Rodrigues Brandão; Oscar Jara; Osmar Fávero e Maria

Clarisse Vieira, contaremos também com outros grandes nomes relacionados a essa temática como Paulo Freire e Adriano Nogueira, ancorando as bases epistemológicas da pesquisa.

Carlos Rodrigues Brandão²⁴, nascido no Rio de Janeiro em 14 de Abril de 1940, é Psicólogo de formação mas Professor e Educador Popular por amor e por essência, Antropólogo e Militante Social, que no ano de 2020 comemora 60 anos como Professor, durante sua trajetória acadêmica foi professor universitário em diversas instituições públicas do Brasil e do mundo, sendo elas Universidade Nacional de Brasília-UNB, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp a qual ainda é Professor colaborador nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Antropologia Social, Universidad de Santiago de Compostela - USC - Espanha, Universidade de Perúgia – UPPER - Itália. Atuou em diversas frentes de militância em Movimentos Sociais do Brasil²⁵, como na Juventude Universitária Católica (JUC), Ação Popular (AP), movimentos estes de caráter cristão, Movimento de Educação de Base-MEB, Educação Popular EP, Movimento de Cultura Popular-MCP, Centro Ecumênico de Documentação e Informação-CEDI.

²⁴ Existe uma segunda forma de apresentação mais dinâmica, que difere substancialmente dos padrões estabelecidos do currículo lattes, e que Brandão adorou quando fez no processo de nossas entrevistas: “Carlos Rodrigues Brandão mestre amigo, caminhante, escalador de montanhas, plantador de árvores, semeador de sonhos, inéditos viáveis e utopias. Idealizou e sonhou um sonho coletivo, único e plural que desaguou na querida e rara Rosa dos Ventos nas montanhas do Sul de Minas Gerais, na Educação Popular fez, faz, vive e viveu a história presente, as memórias do passado e as esperanças do futuro, participou dos Movimentos de Cultura Popular e de Educação de Base na década de 1960, por uma goiana se apaixonou e teve dois filhos, viveu, esperançou e lutou o bom combate ao ódio, à opressão e repressão da Ditadura Militar de 1964, andarihou pelo Brasil e por toda América Latina, pelo mundo espalhando as sementes e os frutos, plantados por Paulo Freire. Exercitou na Educação sua base seu refúgio de amor e de esperança no povo e para o Povo, na Teologia da Libertação se ancorou para acolher e solidificar seu “saber social” de amor ao povo e por uma América Latina livre e unida por um ideal Freireano de “ser-mais”. Da Antropologia e sua Cultura Popular fez seu escudo, seu alicerce e seus caminhos, escreveu sobre os Deuses do Povo, sobre o Festim dos Bruxos, falou da Magia e de seus Mistérios, da religião e do Folclore Brasileiro, do Campesinato Goiano, dos Sacerdotes da Viola, da Folia de Santo Reis, das comunidades tradicionais, dos Peões, Pretos e Congos, e dos Caipiras de São Paulo. O menino de Copacabana agora é Mestre, é Doutor em tudo e em nada como ele mesmo gosta de dizer, é rio que corre nas montanhas do Vale da Pedra Branca, é passarinho que voa, e é montanha que no céu encontra a paz”. Homenagem de César Ferreira da Silva escrita em uma manhã de chuva no Sul de Minas Gerais em 13 de dezembro de 2021.

²⁵ Para mais detalhes sobre esses movimentos sugiro remissão a: "Enraizamento de Esperança": As bases teóricas do movimento de Educação de Base em Goiás-Maria Emília Castro Rodrigues-2008. Tese de Doutorado. 315 f.



Imagem 1: Fonte - Do Pesquisador – Carlos Rodrigues Brandão em seu escritório no sítio Rosa dos Ventos – Caldas/MG

Oscar Jara é um Sociólogo Peruano, Professor e Educador Popular que há mais de 30 anos vive na Costa Rica. Trabalha em organizações latino americanas relacionadas com a educação popular, como a Red Alforja e no Conselho de Educação de Popular da América Latina e do Caribe – CEAAL. Desde os anos 1970, percorre a América Latina difundindo o pensamento e práxis de Paulo Freire. Em 2017 defende uma importante tese no Doutorado Latino-Americano de Educação da Universidade da Costa Rica, intitulada: Educación y Cambio Social: Interpretación crítica de las contribuciones ético-políticas y pedagógicas de la educación popular latinoamericana. Desta importante tese surge o livro: A educação popular latinoamericana: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos, que é uma das bases centrais desta pesquisa.

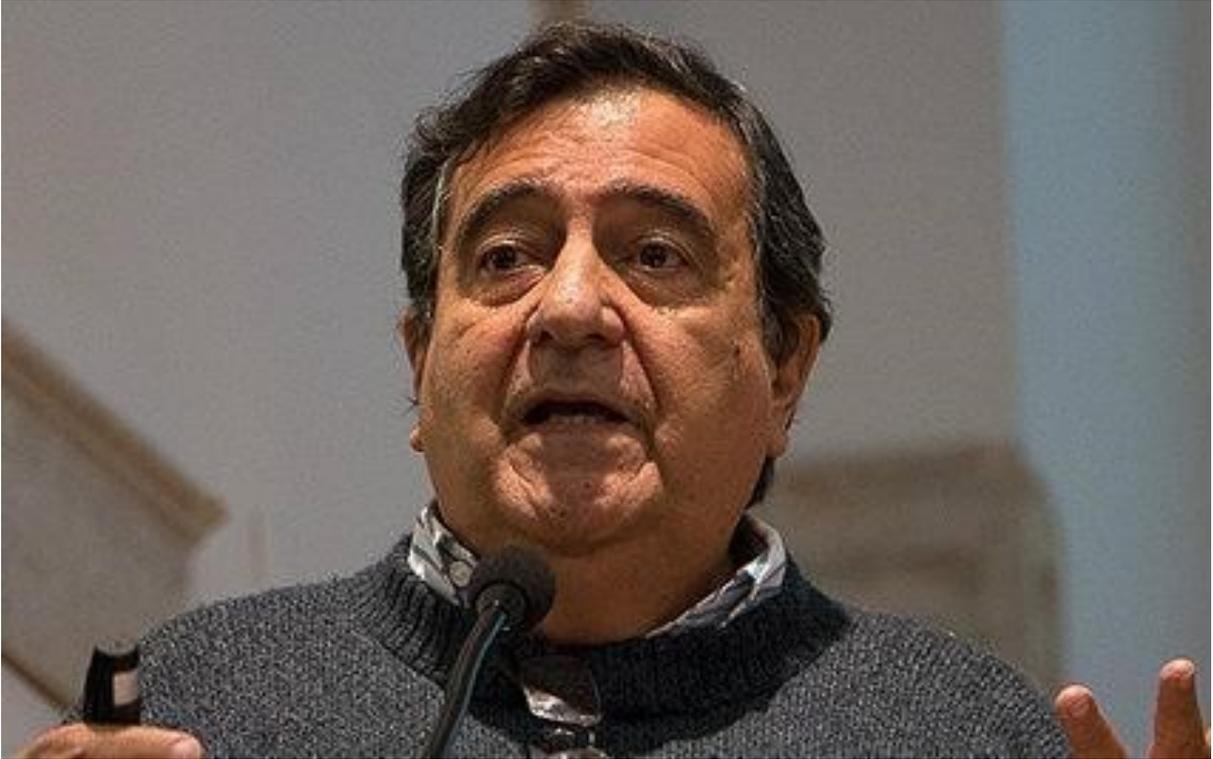


Imagem 2: Fonte - Reportagem por Surcos Digital.com. Disponível em: <https://surcosdigital.com/educador-popular-oscar-jara-recibe-doctorado-honoris-causa-en-brasil/>

Osmar Fávero nasceu em 09 de fevereiro de 1933, em São Paulo. Formou-se em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1960. Depois, fez Especialização em alfabetização, e Mestrado em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo pesquisado a Educação de Adultos em projetos rurais. Finalizou o curso em 1973. No ano de 1984, concluiu o Doutorado em Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo defendido sua tese intitulada: Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961-1966). Viveu e trabalhou no Movimento de Educação de Base (MEB), chegando a ser seu coordenador Nacional²⁶. Ingressou na Juventude Universitária Católica (JUC), em 1957, período em que cursava matemática e trabalhava num escritório de contabilidade. Seu ingresso na JUC foi a convite para que pudesse trabalhar na coordenação nacional: eu ganhava para ser coordenador, para implantar núcleos. Em 1960, deixei a JUC, foi quando terminei o curso de matemática. Saí da JUC e fiquei só na Ação Católica (Entrevista

²⁶ Remissão a Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Educação Popular-Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021. Verbetes: Osmar Fávero, por Fernanda Paulo (2021).

cedida em agosto de 2015 para PAULO, 2018).



Imagem 3: Fonte - Fórum EJA. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/node/2976>

Maria Clarisse Vieira é professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. É Pedagoga com mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Coordenadora do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (Genpex - UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de jovens e adultos, formação de educadores na EJA e memória da educação popular. Além disso, é escritora de livros e artigos científicos, publicados no Brasil e internacionalmente na grande área das ciências humanas e sociais.



Imagem 4: Fonte – Do Pesquisador – cedida do arquivo pessoal da professora Maria Clárisse Vieira

No primeiro capítulo abordaremos um panorama histórico da Educação Popular, da América Latina e do Brasil, apresentaremos suas bases epistemológicas acompanhadas por suas ontologias e gêneses latino-americanas. Lançaremos mão a partir de nosso referencial a qual fizemos um mapeamento teórico profundo circunscritos aos autores em, Oscar Jara (2020), Carlos Rodrigues Brandão (1986), Paulo Freire (1989) Adriano Nogueira (2020), dentre outros, os percursos históricos que deram origem à educação popular²⁷ e aos seus movimentos de cultura popular, rememoraremos as bases que antecedem o início do que viemos a chamar por educação popular, passando pelos períodos de independência na América Latina²⁸ nos séculos

²⁷ Remissão ao texto: Quando a Pedagogia tornou-se “do oprimido”. Quando a Educação tornou-se “popular” (BRANDÃO et al., 2015). Para pensarmos os diferentes percursos do surgimento da educação popular pela América Latina.

²⁸ Nos ancoraremos em grande medida para esses momentos históricos do surgimento da educação popular em Carlos Rodrigues Brandão (1989; 1995; 2001), Fernanda Paulo (2018), Oscar Jara (1984; 2020) e Nima Spigolon (2009; 2014). A partir de Oscar Jara (2020) partiremos de seu livro *Educación Popular Latinoamericana. Historia y Claves Éticas, Políticas y Pedagógicas*, Chile, 2020. Para contextualizarmos grandes momentos deste capítulo da dissertação e também com o mesmo livro na edição Brasileira.

XIX e XX, tomaremos como marco referencial inicial para toda pesquisa, o importante período da Revolução Cubana de 1953-1959, que por muitos pesquisadores foi a faísca de esperança, o sonho libertário, por uma América latina unida sob as premissas do que veio se tornar como Educação Popular Latino-Americana.

No segundo capítulo transpassaremos fronteiras Latinas e concentramos nossas reflexões em relação aos movimentos sociais brasileiros da década de 1960, mais especificamente em relação à Educação Popular no Brasil mediada pelos educadores populares da década de 1960, movimentos estes insurgentes nascidos sob as influências e reflexos da Educação Popular, nesse período se populariza como grande expoente e disseminador da perspectiva pedagógica da Educação Popular Paulo Freire. Traremos de volta à luz a importância, da rememoração, das memórias de nossos professores entrevistados que compõem nosso referencial teórico, que vivenciaram e/ou fizeram parte da fundação desses movimentos tais como, União Nacional dos Estudantes (UNE 1937), Movimentos de Cultura Popular (MCP 1960), Educação Popular (EP 1961), Movimentos de Educação de Base (MEB 1961), Ação Popular (AC 1962), Centro Popular de Cultura (CPC 1962), Juventude Universitária Católica (JUC 1950), Juventude Estudantil Católica (1950), dentre outros, que marcaram esse período de inéditos viáveis, de um sonho do passado e de uma utopia de futuro.

No terceiro capítulo nos ateremos a apresentação dialética e dialógica em relação às entrevistas realizadas com os Educadores Populares: Carlos Rodrigues Brandão, Osmar Fávero, Oscar Jara e Maria Clarisse Vieira que atualmente são nossos grandes expoentes ainda vivos, oriundos dessa geração e/ou inspirados por ela, que fizeram parte da criação e disseminação da perspectiva pedagógica da Educação Popular Freireana pela América Latina. Reconstruiremos através das perguntas realizadas, suas principais memórias, vivências e experiências, que percorrem e marcam a vinda de uma nova geração de Educadores Populares Brasileiros e Latino-Americanos. A interlocução entre essas falas contemplará momentos inéditos, apresentando histórias do período compreendido entre 1953 a 1964, surgimento, disseminação e desenvolvimento da Educação Popular no Brasil e no continente Latino-Americano.

No quarto capítulo apresentaremos nossas considerações finais, ou nossas (in)conclusões no sentido Freireano, nossas reflexões e inflexões sobre a temática da pesquisa, nossas impressões, resultados, dificuldades e avanços, encontrados no processo da pesquisa, nossas relações com os materiais inéditos e como conseguimos trazê-los de volta à vida. Vislumbraremos as cenas dos próximos capítulos da pesquisa e do pesquisador nos quadros de um possível Doutorado, dando continuidade ao marco referencial de 1965 em diante, agora

marcado pelo sangrento período de ditadura militar no Brasil. Lançaremos mão de nossas utopias e inéditos viáveis, de batalhas que possamos travar juntos em prol de uma sociedade onde não seja tão difícil amar.

Metodologia

Considerando os objetivos propostos e descritos na apresentação dessa pesquisa, realizamos esta investigação, ancorados aos preceitos da metodologia qualitativa, da rememoração pessoal, coletiva e histórica de nossos referencias teóricos, além de entrevistas com alguns dos sujeitos/professores Educadores Populares foco da pesquisa, ainda nesta perspectiva optamos pela investigação bibliográfica devido o sentido ontológico e histórico que a proposta da pesquisa concebe.

Durante a investigação realizada, levantamos e analisamos uma bibliografia relacionada à rememoração, a história das lutas populares, das classes opressoras sobre as classes oprimidas, à memória dos movimentos populares de educação, espalhados pela América Latina, dando ênfase aos que estão diretamente ligados aos educadores populares, focos da pesquisa, suas práticas de educação popular com sentido Freireano no contexto Brasileiro e Latino Americano entre os anos de 1953 e 1964 do século passado, todavia na perspectiva desse recorte temporal, poderemos realizar algumas relações pontuais com outros períodos históricos relevantes ao processo da pesquisa. Spigolon (2016, p. 256), acena da direção para qual nos norteamos, “Apenas quero assinalar que, hoje, ele continua se orientando a partir da concepção freireana de inacabado, incompleto e não inconcluso”, assim como pontua Spigolon essa pesquisa, segue seu caminho no vislumbre da busca desta transformação, do não acabamento e da não extinção, das buscas pelas memórias e das rememorações dos Professores Educadores Populares da geração de 1960.

Destarte, nos percursos da pesquisa, além da profunda revisão bibliográfica realizada e da sistematização de ideias, de memórias e reflexões acerca das experiências vividas e vivenciadas pelos professores educadores populares pelo Brasil e por toda América Latina, aprofundamos nossas investigações através da realização de “quatro” entrevistas inéditas, gentilmente concedidas a este pesquisador, sobre a temática ao redor da Educação Popular Brasileira e Latino-americana, a partir disso e por “um conjunto coerente e orientado” (BOURDIEU, 1998, p. 184), realizamos às transcrições, análises epistemológicas e metodológicas, para trazer de volta a luz, “O escrito e o não dito, o silêncio, os ruídos e as angústias buscam lugares de escuta”, (SPIGOLON, 2016, p. 258), Mazza e Zamboni, apontam que, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido e isto

impacta sobremaneira o ofício do professor (MAZZA; ZAMBONI, 2015, p. 33), assim como Mazza e Zamboni (2015), temos o impacto representado por essas memórias, experiências e lembranças por eles vividas pela América Latina afora.

A partir dessas possibilidades analíticas, sobre os aspectos ontológicos, das bases da Educação Popular e de suas gêneses populares, podemos pensar que “Às vezes, por ir mais rápido não se faz história e aqui o que se busca fazer é história porque é isso que fica, quando formos embora.” Elza Freire²⁹ (apud ORNELAS, 1987, tradução nossa), e também que “A delicada e difícil questão a refletir sobre a memória não reside naquilo que é possível rememorar, mas em saber lidar com o silêncio, a lembrança, o esquecimento.” (SPIGOLON, 2016, p. 258), neste mesmo contexto podemos identificar em Freire e Guimarães (2002, p. 35) que “fazer memórias é um pouco recriar o que foi feito”.

Em nossos percursos da pesquisa, uma grande questão central era o cuidado a ser tomado com essas memórias, o silêncio delas que na verdade, não era uma forma de esquecimento, mas um fenômeno individual, coletivo, social, submetido a flutuações e mudanças constantes (POLLAK, 1989; 1992). Cuidado no tratamento do alinhavado do passado, presente e futuro, como arte e expressões de memórias, do coletivo ao individual, e por todas suas experiências sensíveis. (LARROSA, 1996; 2002) e para Minayo (2011, p. 06) assim como nós, “Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Outrossim, no que tange a investigação qualitativa das entrevistas, esta pesquisa pretende adotar como pressuposto teórico-metodológico a Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey (2010). Para o autor, ao destacar o caráter construtivo-interpretativo da pesquisa, busca-se enfatizar que o conhecimento é uma produção humana em constante construção. Essa premissa metodológica é definida como o "caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta.” (REY. G., 2010, p. 5).

Quanto às entrevistas e suas viabilidades, estaremos trabalhando com fontes primárias, inéditas, gentilmente concedidas ao pesquisador, todas suas realizações seguem seguramente amparadas e resguardadas pelo Comitê de Ética³⁰ da Universidade Estadual de

²⁹ Remissão a SPIGOLON, N. I. (2009). *Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz educação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

³⁰ Projeto registrado e aprovado conforme parecer consubstanciado nº 4.372.165. Comitê de Ética, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no Apêndice desta Dissertação.

Campinas. A partir das discussões e da metodologia escolhida, estabelecemos a utilização de entrevistas com prévio roteiro, a qual denominadas por entrevistas semiestruturadas, a qual podem combinar perguntas abertas, com perguntas direcionadas aos objetivos da pesquisa. (QUEIROZ, 1985). Para esse tipo de entrevista, o pesquisador pode apalavrar assuntos aos quais estabeleceu em seu horizonte de pesquisa, neste contexto essa proposta de entrevista estabelece relações dialéticas e dialógicas, dando maior liberdade subjetiva ao entrevistado, para tanto facilitará a verbalização nas narrativas trazendo de volta a luz o que se esqueceu no tempo. (QUEIROZ, 1985). Mas também nos atemos a utilização de entrevistas já respondidas por esses mesmos, sujeitos focos da pesquisa, algumas delas em formato audiovisual e disponibilizadas em veículos de comunicação como o YouTube, artigos acadêmicos, institutos de pesquisa de educação³¹ e outras respondidas e divulgadas em sites de cunho científico³².

Inicialmente havíamos projetado para a pesquisa a realização de quatro ou cinco entrevistas, ao redor dos Professores Educadores Populares do Brasil e da América Latina. Desta maneira, poderíamos abranger olhares internos e externos ao Brasil, e ao continente Latino-Americano, porém com os auspícios da pandemia iniciada no ano de 2020, isso tornou-se inviável, devido às medidas de saúde sanitárias estabelecidas pelo Organização Mundial de Saúde (OMS), e pelos protocolos sanitários adotados pelos países Latino-Americanos a qual realizaríamos o deslocamento, levamos em conta também que nossos professores focos da pesquisa, encontram em idade avançada, com média maior de 70 anos, sendo assim primamos pelo bom senso e respeito à saúde pública individual e de seu coletivo familiar, no entanto eles gentilmente se disponibilizaram por estarem realizando essas entrevistas de forma virtual, e foi assim que o fizemos, concebendo então a realização de quatro entrevistas inéditas, dos quais participaram Carlos Rodrigues Brandão, Oscar Jara, Osmar Fávero e Maria Clarisse Vieira.

Nosso cuidado no trato aos referenciais bibliográficos, nos levaram para Gil (2002), que nos diz que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002, p. 45). E em Jara (2020), a qual entende que o contexto teórico, o conjunto de conceitos, categorias e conhecimentos com os quais fundamentamos nossa prática educativa, com os quais definimos seus objetivos, suas prioridades e seus procedimentos, nossa concepção de educação, nossa visão do contexto, nossas afirmações sobre o sentido do trabalho que realizamos, a fundamentação teórica da metodologia que utilizamos, a definição de nosso papel no processo da pesquisa, e o dos outros

³¹ Remissão ao Instituto Paulo Freire, disponível em: <https://www.paulofreire.org/>

³² Remissão a <https://seer.ufrgs.br/revext/article/view/90999>.

atores no processo educativo.

Em relação ao procedimento de pesquisa bibliográfica, que, por muitas vezes, vem aparecendo como revisão da literatura ou revisão bibliográfica, é muito importante compreender, que a pesquisa bibliográfica já contempla também aspectos da revisão de literatura, como afirma Lima e Miotto (2007), no seguinte trecho:

Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimento de busca por soluções atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 38)

Sendo assim, a “Pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (GIL apud LIMA; MIOTTO, 2007, p. 40). Definidos os parâmetros metodológicos, obedecer-se-á, ao primeiro pressuposto da pesquisa bibliográfica, procedendo com a leitura do material construído no levantamento bibliográfico, que de acordo com Lima e Miotto (2007), versa como:

No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência (LIMA; MIOTTO, 2007, p.41)

Portanto, a pesquisa bibliográfica e qualitativa, com cunhos inéditos, memorialísticos, e ontológicos da Educação Popular Brasileira e Latino-Americana, estão totalmente alinhados aos objetivos do presente vislumbre epistemológico desta pesquisa, permitindo assim obter total ancoramento teórico, para podermos vislumbrar os caminhos a serem percorridos na busca por respostas de tais inquietações apresentadas com o tema: Educação Popular na América Latina – Percursos de Educadoras e Educadores Populares da Geração de 1960 no Brasil. Certo que os teóricos apresentados darão sustentação tal para tamanha empreitada, precisamos sempre vislumbrar que a educação é uma porta para enfrentarmos, as desigualdades sociais vivenciadas pela sociedade em nossa atualidade, e ela é a forma concreta e universal para uma sociedade melhor.

CAPÍTULO 1 - Em Torno da Educação Popular: América Latina e Brasil

1.1 - Algumas considerações e antecedentes ao redor da Educação Popular

Eu sou apenas um rapaz latino-americano
 Sem dinheiro no banco sem parentes importantes
 E vindo do interior
 Mas trago de cabeça uma canção do rádio
 Em que um antigo compositor baiano me dizia
 Tudo é divino tudo é maravilhoso
 Tenho ouvido muitos discos conversado com pessoas
 Caminhado meu caminho
 Papo, som, dentro da noite
 E não tenho um amigo sequer
 Que ainda acredite nisso não
 Tudo muda
 E com toda razão
 Mas sei que tudo é proibido
 Aliás, eu queria dizer
 Que tudo é permitido até beijar você no escuro do cinema
 Quando ninguém nos vê
 Mas sei que...
 Poesia e música...Rapaz Latino-Americano
 Belchior-Alucinação-1976

No decurso do espaço e do tempo, contemplamos os percursos da Educação Popular, como algo difícil de se datar, de encontrar sua criação, ontologia e gênese, mas sim vislumbramos através de suas características como uma Educação Popular que rompe o espaço e tempo, tornando-se metaforicamente uma educação atemporal, ao longo do percurso histórico de nossa América Latina³³, no vislumbre desta atemporalidade encontramos algumas nuances e características, a partir de pesquisadores Latino-Americanos, que já tratavam da temática Educação, com os princípios e com as características do que viemos a conhecer mais tarde na década de 1960, como “Educação Popular”, essas características nos instigaram e ao mesmo tempo nos ancoram para trazer de volta a luz, o passado, a história que jaz esquecida, mas em um tempo nem tão distante assim. “Essa retomada histórica se faz necessária, pois a compreensão global de como se deu essa linha histórica nos ajuda a olhar o presente.” (NOGUEIRA, 2020, p. 42)

Ainda em Nogueira (2020, p. 42), “A Educação Popular traz em sua história um acumulado de práticas diversas tanto quanto foram diversos os movimentos sociais na América Latina desde os anos de 1950.” Podemos retomar a história através do depoimento de Moacir Gadotti (2006), onde ele nos mostra que até a segunda guerra mundial, no plano internacional,

³³ Remissão a Fernanda dos Santos Paulo (2018); Nima Spigolon (2009; 2014); Débora Mazza (2004; 2018) Maria Emília de Castro Rodrigues (2008); Maria Clarisse Vieira (2006); Vanilda Paiva (1987). Todas importantes professoras e pesquisadoras brasileiras ao redor da temática Educação Popular, História da Educação no Brasil e na América Latina, Educação de Adultos.

a Educação Popular era concebida como a extensão da educação formal para todos.

“É difícil datar com exatidão a educação popular, educação em movimentos. Estamos acostumados (fomos acostumados) a pensar educação como um compêndio, ou como um conjunto de conteúdos seriados e aplicados por uma metodologia.” (NOGUEIRA, 2020, p. 14), assim como Oscar Jara nos diz que “La educación popular no es un fenómeno reciente”, (1984, p. 5). Ele também assinala que:

Essas práticas têm antecedentes em nossa região que remontam ao século XIX, mas se desenvolvem com particular força a partir da década de sessenta do século passado, tendo seu período de maior expansão na década de oitenta, sempre vinculada aos processos e movimentos sociais e políticos do continente, assim como aos debates e propostas teóricas e ideológicas que os animam. (JARA, 2020, p. 24)

Carlos Rodrigues Brandão (2002), ao encontro do que disse Jara (2020), apresenta que a Educação Popular é um fenômeno que advém de diferentes nuances, e por isso seu significado pode variar conforme seu tempo histórico, neste contexto segundo Moacir Gadotti (1998), a Educação Popular nasceu na América Latina, através do calor das lutas populares, cujas sementes cresceram em numerosos grupos e organizações, unindo conscientização e organização popular e teve como principal expoente, Paulo Freire como disseminador de uma concepção libertadora de Educação Popular.

Assim como em Gadotti (1998), Oscar Jara (2020), Fávero (2001; 2006), Brandão (2002), Nogueira (2020), concebem que a o uso do termo “Educação Popular” surgiu na América Latina logo depois de sua independência, como um componente da constituição de nossas nascentes republicanas, na qual carregava em seu bojo a busca e a criação de modelos educativos proporcionais à nova realidade republicana, em confrontação/descontentamento pela população com os paradigmas coloniais de educação e que, por sua vez, refletiam a busca de uma pedagogia produzida desde os desafios e as circunstâncias de nossa região.

Para tal, a opção metodológica a qual trataremos neste capítulo será relacionada com as gêneses, origens da Educação Popular a partir da América Latina e do Brasil, ancoradas em grande medida nos referenciais³⁴ já apresentados e também em outros. Neste contexto elucidando essa menção histórica, João Bosco Pinto (1984, p. 17) nos apresenta que “No existe um significado universal para la expresión Educación Popular; su significado deberá ser precisado a partir de sus implicaciones y determinaciones políticas”. Assim como não existe um significado universal para o termo Educação Popular, é imprescindível a rememoração

³⁴ Ancoragem em Oscar Jara (1984, 2020); Adriano Nogueira (1989, 2020); Carlos Rodrigues Brandão (2002, 2009, 2015); Moacir Gadotti (1998); Fávero (2001; 2006).

histórica de seus antecedentes, pois através deles poderemos nos situar melhor no tempo e no espaço latino-americano a qual foi gestado o termo da Educação Popular.

Há de se ter um cuidado histórico com a temática ao redor na educação, Nogueira (2020), assinala que é através dela que encontramos às bases que sustentam a sociedade desde os séculos passados, é na educação que transcende gerações Latinas e mesmo Europeias, que destacaremos o exemplo desse cuidado com a boa educação a qual pode ser observada no discurso sobre La Educación Popular do conselheiro real de Pedro Campomanes, edicion de La Casa Real de Espana, 1774. Nogueira (2020), destaca que mesmo naquele tempo esta obra foi gratuitamente distribuída nas Villas Mayores, nas Guildas e Asociaciones de Oficios e propugna la “educación y civilidad al mestizaje de los bárbaros de las Colonias para sacarles de su condición colonial”. (NOGUEIRA, 2020, p. 13)

Para Nogueira (2020, p. 13) “En América, no habria que buscar modelos afuera. Em Ella, em su suelo, em sus rios, em su multiculturalidad y em La multiethnicidad de las poblaciones pré-colombinas está su horizonte histórico. Em América o inventamos o erramos!”. Esta é uma reflexão de Simón Rodríguez, em busca de Luces y Virtudes sociales para as Sociedades Americanas, foi publicada em Chile, 1840, depois em Lima, 1842 e Caracas, em várias Ediciones Del Congreso de La República³⁵.

Na luz do horizonte histórico e no trato ontológico trazido de volta a vida por Nogueira (2020), cabe a nós também darmos vida novamente a alguns dos expoentes históricos que cunharam algumas das premissas e principais características, que perpassam os caminhos, as encruzilhadas, do que mais tarde viemos a conhecer como Educação Popular.

Sobre esses percursos ontológicos de gêneses, bases históricas do que veio a se tornar a Educação Popular existem alguns nomes que podemos identificar historicamente como precursores ao tema e/ou trabalharam com princípios e características dele, como³⁶: Simón Rodríguez e Andrés Bello, da Venezuela; Nísia Floresta, Anísio Teixeira e Maria Lacerda de Moura, do Brasil; José Pedro Varela, do Uruguai; José Martí, de Cuba; Ruben Darío, da Nicarágua; Gabriela Mistral, do Chile; José Vasconcelos, do México, Joaquim Nabuco, Manuel

³⁵ Ancoramos essas reflexões em um artigo de Adriano Salmar Nogueira e Taveira, recém publicado no Livro: Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Um caleidoscópio de possibilidades. 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

³⁶ Para mais detalhes sobre essas fontes históricas dos precursores do que veio a se tornar Educação Popular, sugiro remissão a Antologia organizada pelo professor Danilo Streck intitulada por: STRECK, D. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana – Uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. E ao livro recém publicado por Adriano Nogueira já citado anteriormente.

Bonfim, Sandino, Juan Baptista Alberdi, entre outros.

Jara (2020) aponta que a respeito dessa época, é bastante comum que, entre os precursores da Educação Popular em nossa região da América Latina, esteja Simón Rodríguez (1771-1854) – que foi professor e mentor de Simón Bolívar, em Caracas na Venezuela, que, como ele, viu a Educação Popular³⁷ como um esforço que deve estar destinado a toda a população e como um dever político do Estado como, um meio de transformação de um tipo de sociedade para criar outra, a sociedade republicana.

É muito importante trazer à luz as ideias de Simón Rodríguez, pois ele era um pensador fora de seu tempo, considerado por muitos como um visionário, que resolve confrontar os dogmas até então instituídos, pelo domínio Espanhol em seu país e na América Latina³⁸, neste contexto, nos ancorando novamente em Jara (2020), Simón Rodríguez, já lutava alinhando seus princípios aos da Educação Popular.

Por isso se propõe a educação dos pobres, dos descamisados, dos negros e dos índios, formá-los como cidadãos, proporcionando-lhes os instrumentos para ascender na escala social, alcançando lugares dirigentes... transmitir-lhes saberes socialmente úteis e valiosos para que fossem a base de uma sociedade próspera, industrial. (JARA, 2020, p. 67)

De acordo com Marco Raúl Mejía (2006) ele afirma que se reconhecemos que nosso pai é Freire como grande nome disseminador da Educação Popular pelo mundo, o nosso avô é Simón Rodríguez, professor de Simón Bolívar, que estabeleceu, no começo do século XIX, as bases da Educação Popular na América Latina, que no momento precisava e que, então, foi proposta para alguns dos países das repúblicas Latino-Americanas.

É interessante pensar, e ao mesmo tempo conseguir encontrar um processo lógico ao redor desse espaço e tempo que decorrem aos dos séculos XVII e XVIII, tal qual encontra em Simón Rodríguez como um dos precursores do termo Educação Popular, (SCHLINDWEIN, 2020, p. 37) salienta que “já em sua época encontrava problemas com a polissemia e com a diversidade de quefazeres referentes ao termo” e podemos encontrar na íntegra que Simón Rodríguez (1916, p. 171) nos diz que “El proyecto de Educación Popular tiene la desgracia de

³⁷ Sem educação popular não haverá verdadeira sociedade! Ensinem, e terão quem saiba. Eduquem, e terão quem faça. (Simón Rodríguez, s/d)

³⁸ Em cada país se poderá identificar também antecedentes particulares, como é o caso no Chile da Sociedade da Igualdade, fundada em 1850 por Francisco Bilbao e Santiago Arcos, como organização política inspirada nos ideais das revoluções europeias em 1848, em que os setores populares e intelectuais uniram esforços para estabelecer alianças sociais e políticas e buscaram formar uma escola de propaganda e de educação do proletariado chileno. Por outra parte, em um trabalho de maior aprofundamento, poder-se-ia identificar traços de educação popular provenientes da experiência histórica de nossos povos originários, como os maias, astecas ou incas antes da conquista espanhola e, inclusive, em ações colonizadoras, com as de Vasco de Quiroga, no México, e as reduções jesuíticas na povoação Guarani, entre outras. (JARA, 2020, p. 67)

parecerse á lo que, en varias partes, se ha emprendido con este nombre y se practica, bajo diferentes formas, con un corto número de individuos, sobre todo en las grandes capitales”. Schlindwein (2020, p. 37) esclarece que, neste contexto as concepções de educação popular, já se apresentavam naquele período através de uma acirrada disputa de sentidos e significados atribuídos à educação, voltada no olhar as classes populares, que continuam pelo século XIX e se fortalece no século XX.

Segundo Alfonso Torres Carrillo em sua obra “Educación Popular, trayectoria y actualidad.”. Há um importante marco nas gêneses da Educação Popular através do qual Simón Rodríguez, já apontava que:

La excepción a lo anterior la establecen personajes como el pedagogo rousseauiano venezolano Simón Rodríguez y su discípulo Simón Bolívar, quienes ven en la educación de las masas populares una condición para formar ciudadanos y una garantía para la democratización de las jóvenes repúblicas hispano-americanas. (CARRILLO, 2011, p. 28)

Assim como Simón Rodríguez, pensava fora dos padrões estabelecidos da época há também outro importante precursor responsável por disseminar processos e características envoltas a Educação Popular, José Martí (1853-1895), foi um escritor, poeta, jornalista e diplomata Cubano, além de grande defensor da educação científica, técnica, através da formação ética e política do povo e para o povo, Streck (2010), explana que José Martí, cria às premissas daquilo que pode ser chamado de pedagogia Latino-Americana, e que posteriormente ganha forma e corpo nos movimentos de Educação Popular espalhados por toda América Latina.

Para contextualizar essas nuances descritas por Danilo Streck (2010), Carrillo (2011, p. 28) diz que “Más adelante, otros dirigentes sociales y políticos revolucionarios y latinoamericanistas, como José Martí, realizaron contribuciones en el mismo sentido emancipador. O pensamento político-pedagógico martiniano coloca como base e fundamento à proposta de uma pedagogia verdadeiramente Latino-Americana, valorizando as virtudes, éticas, e cívicas, como premissa singular para que o povo possa tornar-se verdadeiramente uma nação grande e forte, nesse contexto podemos perceber seu pensamento revolucionário emancipatório desde o século XVIII em “A prova de cada civilização humana está na espécie de homem e mulher que produz (MARTÍ, 2007, p. 64).

Segundo Jara (2020), José Martí³⁹, mesmo sem mencionar o termo “Educação

³⁹ Remissão à STRECK, D., 2010, p. 135-136.

Popular”, faz se importante destacar que sua contribuição aos “fundamentos de uma pedagogia latino-americana”, reluz devido a sua valorização das virtudes éticas e cívicas tais como: liberdades, honra, justiça, criatividade, dignidade e amor, os quais deveriam ser cultivados não apenas no espaço escolar; lutando por uma educação enraizada em nossa América, que parta da realidade cultural e social do povo e o forme para ser capaz de conhecer e transformar essa realidade.

Segundo Carrillo (2011, p. 28) apud Adriana Puigross (1987) destaca, “Que desde la colonia se usó la expresión “educación popular” como instrucción elemental dirigida a las capas pobres y sectores dominados. Para la Ilustración europea, y sus expresiones en América Latina, la educación popular consistía en instruir a los pobres para convertirlos en ciudadanos. Esta incorporación de los pobres a la “civilización” no sólo se hizo por medio de la escuela sino también a través del servicio militar, las misiones, etcétera.”, mesmo com essa incorporação da camada popular, dos setores dominados Carrillo (2011) e a autora Puigross (1987) esclarece que neste tempo “Em todos os casos, o povo é destinatário passivo de um discurso pedagógico construído por outros, pois a elite ilustrada o percebe como “ignorante”, carente de iniciativas autônomas, e incapaz de construir projetos globais” (CARRILLO, 2011, p. 28, tradução nossa).

Já em um período mais próximo ao que temos nos dias de hoje Carrillo (2011), nos mostra que através de alguns movimentos populistas gestados entre as décadas de 1940 e 1950, procuram construir uma educação com cunho democrático e nacionalista, a qual exalta em suas bases a cultura popular e a criatividade do povo, vejamos na integra:

Simultáneamente, los movimientos populistas de las décadas de 1940 y 1950 procuraron darle a la educación un carácter nacionalista y democrático, exaltando las culturas populares autóctonas y la capacidad creativa del pueblo. José Domingo Perón em Argentina, Víctor Raúl Haya de la Torre y el APRA en el Perú, Lázaro Cárdenas en México y Jorge Eliécer Gaitán en Colombia, vieron en la educación y la cultura un espacio adecuado para el desarrollo de sus movimientos. No hay que olvidar que es durante un gobierno no populista, el de João Goulart, cuando Paulo Freire inicia sus experiencias de educación liberadora en Brasil. (CARRILLO, 2011, p. 29)

Com esse marco referencial ancorados em Carrillo (2011), construímos então, alguns percursos, que nos levam agora para enveredarmos nas concepções/caminhos e conceitos históricos da Educação Popular na América Latina, e aos contextos mais próximos de nossa atual realidade, nesses caminhos Latinos encontramos o Professor Adriano Nogueira, (2020, p. 14), amigo e ex-assessor pedagógico de Paulo Freire que nos diz que a “Educação Popular, E.P. é compatível com a diversidade e com a convivência entre diferentes linguagens e culturas”.

Ainda ressalta que no contexto Latino-Americano, as concepções que vão surgindo compreendem as múltiplas correntes e tendências. No final da década de 50 a educação libertadora veio sendo formulada por Paulo Freire. (NOGUEIRA, 2020, p. 43). É através dessa compatibilidade que lançaremos mão para nossas próximas reflexões, a qual teceremos nossa atenção nos percursos construídos na América Latina, tendo em Paulo Freire, que nesse momento histórico da década de 1950, surge com um dos principais nomes, a qual trabalhará e difundirá por toda América Latina e pelo mundo os ideais emancipatórios, que embasam suas pedagogias⁴⁰, como a do oprimido, da esperança, da autonomia, da conscientização, da libertação intelectual e social, da pergunta, do diálogo, da indignação, dos sonhos possíveis, do compromisso, da educação popular.

1.2 - Educação Popular na América Latina

Sólo con una ardiente paciencia
conquistaremos la espléndida ciudad que
dará luz, justicia y dignidad a todos los
hombres. Así la poesía na habrá cantado
em vano.
Pablo Neruda

Ancorado em Jara (2020), nossa opção metodológica parte do marco referencial Latino- Americano a partir da Revolução Cubana (1953-1959), a revolução Cubana é considerada por muitos pesquisadores Latino-Americanos⁴¹, como a centelha, uma das bases históricas, do sonho libertário e visionário, de uma nação socialista unida, e de uma América Latina livre da guerra, da desigualdade social, da fome, e principalmente da opressão imposta pelos Estados Unidos⁴². A Revolução Cubana é antecedente⁴³ a Paulo Freire (1994), no entanto

⁴⁰ Para mais detalhes e aprofundamento sobre as pedagogias de Paulo Freire, sugiro remissão ao artigo: Pedagogia Latino-Americana e as Contribuições de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, publicado no livro: Educação popular e pesquisas participativas. Andrerika Vieira Lima Silva, Fernanda dos Santos Paulo, Mônica Tessaro (organizadoras). 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. E ao artigo de José Eustáquio Romão, intitulado: Pedagogias de Paulo Freire, Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 2, p. 8-22, jul./dez. 2008.

⁴¹ Ancoragem em Jara (2020); Brandão (1986); Paulo (2018); Betto (2014); Freire (1994); Nogueira (2020).

⁴² Os desdobramentos da situação em Cuba fizeram com que a ação norte-americana sobre a América Latina se tornasse mais agressiva. A aproximação de Cuba com a União Soviética era considerada pelos Estados Unidos como um precedente perigoso para o continente. Antes da Revolução Cubana, os Estados Unidos haviam procurado criar um caminho para intervir diplomática e economicamente na América Latina por meio da Operação Pan-Americana. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/militar.htm>, acesso em: 25 de junho de 2021.

⁴³ Em entrevista a Federação Única dos Petroleiros em março de 2014, Frei Betto, recobre um importante momento/marco histórico da Revolução Cubana, destacando que desde de seu início ela carregava em seu bojo os ideais visionários da Educação Popular. “A Revolução Cubana é anterior a Paulo Freire, mas sem sabê-lo adotou a metodologia que Paulo Freire sistematizou. Quando Fidel chega no desembarque do Granma e tem mais gente que fuzis, e se encontra com muitas dificuldades, ele fez um trabalho de educação popular com os camponeses. Isso é o que criou o Exército Rebelde e permitiu a vitória da Revolução. Paulo Freire não inventou do nada. Ele

já carregava em seu bojo, os princípios, as características, das lutas político-sociais, sobre a dominação dos opressores contra os oprimidos⁴⁴ lançaremos as bases do que a partir da década de 1960 com a Revolução de Cuba, veio a ser disseminada por todo continente Latino-Americano como Educação Popular, todavia não vislumbraremos tomá-la, como único marco existente, pois a pluralidade e a complexidade da busca histórica poderá nos levar a encontrarmos outros momentos iniciais, ou marcos referenciais de mesmo cunho político e social.

Segunda Oscar Jara (2020, p. 79) “O processo revolucionário cubano, desde então, uniu a conquista do acesso universal e gratuito à educação escolarizada em todos os níveis do sistema, garantido pelo Estado, com o projeto de construção de uma sociedade⁴⁵ socialista”, neste contexto podemos compreender que é a partir de Cuba e do que ela representou para a América Latina que podemos romper com os dogmas até então impostos pelo sistema capitalista vigente.

A Revolução Cubana abriu um novo período histórico-político na América Latina ao demonstrar que era possível romper o esquema de dominação colonial que se impôs aos nossos países desde a conquista espanhola e que o modelo de desenvolvimento capitalista republicano havia deixado intocado. Mas, além disso, significou uma demonstração de que era possível pensar a partir da realidade específica da América Latina um projeto distinto de sociedade pautado na busca de justiça social e de autodeterminação, questionando os esquemas populistas e paternalistas com os quais os governos tentaram dissimular nas décadas anteriores as crescentes tensões econômicas, sociais e políticas criadas pelo modelo dominante. (JARA, 2020, p. 78-79)

Fizemos um mapeamento teórico profundo circunscrito à autores Brasileiros e Latino-Americanos, que apontam conceitualmente, ideais para esse movimento pendular ao redor da Cultura Latina e da Educação Popular, nesse movimento pendular procuramos resgatar conceitos já perdidos, histórias vividas no processo de Educação Popular na América Latina, como sonho, utopia e inédito viável, entendemos que a rememoração faz parte de um processo

escolheu a história das práticas políticas da história humana. A Revolução Cubana adotou o método de Paulo Freire antes que existisse. Freire fez uma sistematização do conhecimento anterior da história das práticas de trabalho com os povos, sobretudo, do conhecimento das práticas sociais do Brasil – das ligas camponesas, do trabalho que fez de alfabetização, dos movimentos populares. Por aí veio a matéria-prima de sua metodologia pedagógica.” Frei Betto, disponível em: <https://fup.org.br/ultimas-noticias/item/12136-a-revolucao-e-sobretudo-um-processo-de-futuro-afirma-frei-betto-em-entrevista-sobre-a-metodologia-da-educacao-popular>. Acesso em 25 de junho de 2021.

⁴⁴ Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, realça de forma muito nítida essas relações de opressão em: “A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.” FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

⁴⁵ Isso visto como um direito social fundamental, marcado pela busca de responder às necessidades políticas, sociais, ideológicas e econômicas de seu projeto. (JARA, 2020, p. 78).

coletivo, plural, dinâmico, dialético e dialógico, na qual resgata fatos, momentos históricos, memórias vivas marcadas no tempo e no espaço de um povo que carrega em seu bojo, as marcas pelas lutas para conseguir o pão de cada dia, pelos direitos sociais, por educação a todas as classes populares, para poder viver em um País e em um continente livre do ódio e da opressão.

Paulo Freire (1994, p. 19) na *Pedagogia do Oprimido*, dedica seu livro “Aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”, retrata claramente a importância, dessas lutas político-sociais, e por elas descobrem que é na união dos povos que podemos ser mais fortes, para defendermos nosso estado, nossa nação da classe opressora. E é nessa direção que caminharemos neste capítulo, com o olhar de Paulo Freire ao horizonte, com a força da classe popular oprimida, que tem sede por justiça social, que luta pela esperança, pela amorosidade como potência de transformação social, pela esperança, pela vida.

Brandão e Assumpção (2009), no livro *Cultura Rebelde: Escritos de Educação Popular de Ontem e Agora*, recobrem um período histórico muito importante para Educação Popular na América Latina, nesta obra destacam que “A história da educação dirigida às classes populares na América Latina não é linear.” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, p. 39). Em um primeiro momento, a educação, com e para o povo, pode ser um movimento emergente e contestador. E para Brandão e Assumpção (2009, p. 39), “Em outro momento, pode substituir, como uma forma de poder no interior de um campo político de trabalho pedagógico, formas e instituições anteriores, tornando-se uma nova forma hegemônica e consagrada”.

A partir da década de 1960, nasce uma nova geração de Educadores Populares, influenciados por esses movimentos insurgentes espalhados na América Latina, nesta nova geração temos Paulo Freire⁴⁶ (1989) como grande precursor e disseminador na Educação Popular, Brandão (1986), Fávero (2001), Nogueira (1989), Jara (2020), dentre outros, a partir dessa geração encontramos na história da Educação Popular na América Latina, seus sentidos e significados aos quais validam suas premissas, características, concepções, em um processo circular envolto a disseminação de sua práxis educativa.

Para a pesquisadora Conceição Paulo (2009), “Os antecedentes históricos da Educação Popular remontam, principalmente, ao final do século XIX, início do século XX, desenvolvendo-se, particularmente, no começo dos anos de 1960” (PALUDO, 2009, p. 55), e é

⁴⁶ Paulo Freire é considerado por seus camaradas Educadores Populares e por sua geração posterior como o nome que mais difundiu o termo, pensamento e práxis político-pedagógica da educação popular na América Latina e no mundo. *Ancoragem em Brandão* (1986). O que é Educação Popular 3ª ed. São Paulo, editora Brasiliense, 1986.

a partir da década de 1960 em diante que a Educação Popular continuará sendo apresentada como um resultado de transformações sociais da história Latino-Americana, estando ela, vinculada aos processos socioculturais e políticos do continente, ao ideário de Paulo Freire, da Teologia da Libertação, das teorias do desenvolvimento e da teoria da dependência, do referencial marxista e das experiências revolucionárias ocorridas no mundo e também na América Latina. (PALUDO, 2009).

A Educação Popular nasce ao redor da realização de críticas⁴⁷ político-sociais e educacionais ao sistema vigente da época, neste contexto elencamos embasados em Brandão e Assumpção (2009), algumas das principais proposições sobre as quais ela se origina:

Constitui passo a passo (“aos tropeços”, dirão os seus críticos) uma nova teoria, não apenas de educação, mas das relações que, considerando-a a partir da cultura, estabelecem novas articulações entre a sua prática e um trabalho político progressivamente popular das trocas entre o ser humano e a sociedade, e de condições de transformação das estruturas opressoras desta pelo trabalho libertador daquele. Fundou não apenas um novo método de trabalho “com o povo” por meio da educação, mas toda uma nova educação libertadora, por meio do trabalho do/com o povo sobre ela – este é o sentido em que a educação popular projeta transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular. Definiu a educação como instrumento político de conscientização e politização, por meio da construção de um novo saber, ao invés de ser apenas um meio de transferência seletiva, a sujeitos e grupos populares, este é o sentido em que ela se propõe como uma ampla ação cultural para a liberdade a partir da prática pedagógica no momento de encontro entre educadores-educandos e educandos-educadores. Afasta-se de ser tão somente uma atividade “de sala de aula”, de “escolarização popular”, e busca alternativas de realizar-se em todas as situações de práticas críticas e criativas entre agentes educadores “comprometidos” e sujeitos populares “organizados”, ou em processo de organização de classe. (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 29-30)

É importante destacarmos um primeiro elemento, a relação ao resgate da Educação Popular na América Latina, sua relação estabelecida entre os seus momentos históricos existentes, dialogicamente na interface popular de suas fases. Isto é, a relação entre a centralidade da intencionalidade da Educação Popular, o movimento ou direcionalidade do projeto hegemônico na América Latina, e a direcionalidade do movimento do popular, suas lutas e intencionalidades políticas que ocorrem a partir de 1960. (PALUDO, 2009).

Um segundo elemento importante é a apresentação da “Educação Popular, ao mesmo tempo como prática e como uma teoria, isto é, como uma concepção educativa”. (PALUDO, 2009, p. 55). Ainda em Paludo (2009), a pesquisadora traz como prática no ato de educar em, “Como prática, a Educação Popular é vinculada ao ato de educar, a uma multiplicidade de ações ou práticas educativas plurais, com diferentes características e bastante diversas, orientadas, entretanto, por uma intencionalidade transformadora.” (PALUDO, 2009,

⁴⁷ Sugiro remissão ao Livro: Educação como prática da liberdade, de Paulo Freire (1967).

p. 55), já em sua concepção teórica à apresenta como pedagogia, vejamos: “Como teoria, a Educação Popular é resgatada como uma pedagogia, como uma Teoria da Educação, que está sempre em processo de revisão e (re)elaboração e que se alimenta da reflexão sobre o ato de educar visando (re)orientá-lo.” (PALUDO, 2009, p. 55).

Destarte, a Educação Popular em sua visão Antropológica insere o ser humano no centro social de sua história, como sujeito construtor de aprendizados coletivos e mesmo individuais, neste contexto pode ser resgatado o papel das próprias classes populares na relação dialética e dialógica dos processos de transformação social, para colher êxitos como agentes de organização e protagonização política contra as pressões hegemônicas estabelecidas pelos sistemas capitalistas⁴⁸ vigentes. (PALUDO, 2009; FÁVERO, 1983; JARA, 2020). Quanto à dimensão política nos processos de Educação Popular na América Latina a partir dos anos de 1960, Paludo (2009) e Fávero (1983), afirmam que existem um vínculo ou uma organicidade da Educação Popular com os sujeitos, grupos, comunidades de base, classe populares, organizações e movimentos populares de cunho social, além de articulações e redes sociais democráticas, visando à construção de sujeitos, à construção do poder popular e à

⁴⁸ A concepção que hegemoniza é a que emana do FMI, do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (tem por trás o G8 – os países mais ricos do mundo – entre eles os Estados Unidos). Sabe-se que o projeto pensado e implementado por estes organismos internacionais e pelo G8 é o neoliberalismo, e sabe-se que ele significa: perda de soberania, desconstituição de direitos, desemprego, aumento da pobreza. Na educação, este projeto se desdobra no entendimento da Educação Popular como educação dos pobres. A política é a de privatização da educação. A educação deixa de ser direito e vira mercadoria que se compra e vende no mercado. A educação pública se restringe à educação básica para os pobres, realizada em parceria com a sociedade civil. Há a descentralização interna nos países e centralização em nível global da formulação da política, da concepção de educação, do monitoramento e do financiamento da educação. A educação é vista como investimento que gera incremento dos indivíduos no mundo do trabalho e melhora a qualidade de vida – aumento da produtividade. O mercado dita a demanda e pauta o projeto pedagógico. Há uma adequação da concepção e da prática educativa às demandas do novo padrão de acumulação capitalista. Esta prática educativa visa à formação de um homem polivalente, flexível na capacidade de trabalhar abstratamente, que saiba trabalhar de forma participativa e se expressa na pedagogia da qualidade total. A outra concepção é a que emana da Família das Nações Unidas (ONU). Esta concepção entende a Educação Popular como educação para a mudança. Tem sua formulação mais acabada a partir da Conferência de Educação para Todos (Tailândia, 1990). Trabalha com uma concepção ampla de educação: educação formal (escolarização – ênfase na educação básica), educação infantil, educação de jovens e adultos, educação profissional. Resgata o conceito de educação permanente e de educação para toda a vida. A ONU faz uma articulação da educação com o paradigma do desenvolvimento humano, isto é, desenvolvimento centrado na qualidade de vida para que possa haver desenvolvimento sustentado e desenvolvimento econômico com equidade. O bem-estar é o objeto das ações educativas que devem ser complementadas por outras políticas públicas (saúde, moradia, trabalho) para que exista desenvolvimento humano. A educação é centrada nas necessidades básicas de aprendizagem: instrumentos, conteúdos, habilidades e valores. A aprendizagem deve estar a serviço da qualidade de vida – parceria entre Estado e sociedade. Recupera o papel do Estado nas políticas públicas e estabelece uma relação entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano – propõe que a educação contribua para erradicar a pobreza por meio do desenvolvimento sustentável. Esta concepção, embora busque resgatar o papel das políticas públicas e a dimensão do direito do povo à educação, se vincula a uma proposta de mudança ou de melhoria do capitalismo. Embora crítica ao neoliberalismo, não faz uma crítica radical a esse projeto. Não propõe a mudança nas estruturas, buscando, somente, tornar o capitalismo humanizado ou humanizar o capitalismo (PALUDO, 2001). Em complementação a essas questões é muito importante a leitura do texto de José Rivero M. que analisa “El Cambio Educativo en America Latina”, em Jornada Latino-Americana y Caribeña de Ecumenismo, Celedec, 2003.

transformação da sociedade.

Apresentadas algumas premissas e origens, concepções teóricas e práticas, embasadas na América Latina a luz de pesquisadores e Educadores Populares como, Paludo (2009), Brandão e Assumpção (2009), do Colombiano Alfonso Torres Carrillo (2011), que é um dos expoentes mais recentes dessa nova geração, a qual acha, assim como nós, importante destacar conceitualmente algumas definições de Educação Popular na América Latina, mesmo que elas tenham sido gestadas em diferentes momentos no continente Latino, todavia destaca que através destes diferentes olhares conceituais, podemos distinguir um núcleo de elementos construtivos, explícitos e implícitos, que possibilitam essas conceitualizações, no dinamismo e na práxis educativa, para Carrillo (2011) esses elementos em comum são:

Una lectura crítica del orden social vigente y un cuestionamiento al papel integrador que ha jugado allí la educación formal; Una intencionalidad política emancipadora frente al orden social imperante; El propósito de contribuir al fortalecimiento de los sectores dominados como sujeto histórico, capaz de protagonizar el cambio social; Una convicción que desde la educación es posible contribuir al logro de esa intencionalidad, actuando sobre la subjetividad popular; Un afán por generar y emplear metodologías educativas dialógicas, participativas y activas. (CARRILLO, 2011, p. 19)

As definições que achamos importantes destacar ancoradas em Carrillo (2011, p. 19) são:

- “Entendemos por Educación Popular un proceso colectivo mediante el cual los sectores populares llegan a convertirse en sujeto histórico gestor y protagonista de un proyecto liberador que encarne sus propios intereses de clase” (PERESSON, MARIÑO Y CENDALES, 1983).
- “La Educación Popular es una práctica social que se lleva a cabo en el mundo popular con la intencionalidad de apoyar la construcción del movimiento popular a partir de las condiciones objetivas de los sectores populares.” (CARRILLO, 1986).
- “La Educación Popular es una modalidad de educación que procura que los sectores sociales tomen conciencia de la realidad y fomenten la organización y la participación popular.” (GARCÍA-HUIDOBRO, 1988).
- “La Educación Popular se define como una práctica social que trabaja, principalmente, en el ámbito del conocimiento, con intencionalidad, objetivos políticos, cuáles son los de contribuir a una sociedad nueva que responda a los intereses y aspiraciones de los sectores populares” (OSORIO, 1990).

Nos atemos a estas conceitualizações para justificarmos⁴⁹ teoricamente os significados, premissas e o surgimento no tempo, no espaço, na história da Educação Popular na América Latina, encontrando perdida a origem/primeira vez que aparece nos anos de 1960 o termo Educação Popular, Jara (2020) aponta que foi com Carlos Rodrigues Brandão e sua equipe. Vejamos na íntegra essa proposição, “Podemos afirmar que foi essa equipe incentivada por Carlos Rodrigues Brandão, o principal responsável por passar a denominar a corrente da educação libertadora de Educação Popular.” (JARA, 2020, p. 102). É importante destacar que essa pesquisa rigorosa, ontológica e histórica de Oscar Jara (2020), foi realizada em seu processo de doutoramento intitulada como: *Educación y Cambio Social: interpretación crítica de las contribuciones ético-políticas y pedagógicas de la educación popular latinoamericana*, defendida no Doutorado Latino-Americano de Educação da Universidade da Costa Rica, no ano 2017.

Mas antes disso Oscar Jara, juntamente com uma equipe de expoentes, grandes pesquisadores ao redor da Educação Popular no Brasil e na América Latina, começaram esse diálogo via e-mail⁵⁰. Carlos Brandão (2015), Jara (2020) lembram que na época Brandão estava vinculado ao CEI – Centro Ecumênico de Informação, é neste mesmo período da década de 1960, Brandão realizava viagens clandestinas pela América Latina, levando as ideias de cultura popular, sobre o método de alfabetização de Paulo Freire, e os sentidos e significados que propunham uma educação verdadeiramente com cunho popular. Neste período, o CEI estava interligado ao ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina⁵¹, através destes contatos Brandão,

⁴⁹ O que justifica a educação popular é o fato de que o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar o seu próprio saber. Estamos em presença de atividades de educação popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculando a aquisição de um saber (que pode ser muito particular ou específico) com um projeto social transformador. A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. Pelo que foi exposto antes, o fato é que se a educação popular pode ser entendida como uma atividade específica (não é toda ação assistencial, de trabalho social ou de política educativa) ela, por outro lado, não requer ser realizada no interior do sistema educativo formal, separada do conjunto de práticas sociais dos indivíduos. Muito ao contrário, a educação popular vem sendo desenvolvida no interior de práticas sociais e políticas e é aí precisamente onde podem residir a sua força e a sua incidência. (*La Educación Popular Hoy en Chile: Elementos para Definirla*, ECO, Educación y Comunicación, Santiago de Chile, 1988 – sin indicación de autor, p. 9, apud BRANDÃO, ASSUMPCÃO, 2009, p. 30-31)

⁵⁰ Nos diálogos estabelecidos via e-mails ao redor da pesquisa de Jara (2017), estavam presentes Carlos Brandão, Osmar Fávero, Camila Teo, Danilo Streck, Marco Raúl Mejía, Eymard Vasconcelos, Moacir Gadotti, Fernanda Paulo, Balduino Andreola, Norma Michi, Marcos Arruda, e Gaudêncio Frigotto (BRANDÃO, 2015; PAULO, 2018).

⁵¹ No marco dessa vinculação entre Teologia da Libertação e Educação Popular, constituiu-se uma aliança entre católicos e protestantes em torno do projeto ISAL: Igreja e Sociedade na América Latina, de caráter latino-americano, fundado em 1961, com sede no Uruguai e representantes em vários países, o qual, junto à reflexão teológica ecumênica da revista *Cristianismo e sociedade* vinculada à editora Terra Nova, constitui um programa de “Educação para a justiça social” que, inclusive, pensaram em algum momento que Paulo Freire poderia assessorar. (JARA, 2020, p. 100-101). A história detalhada do ISAL, narrada por quem foi seu diretor executivo, Julio de Santa Ana, se encontra em: <http://www.trilce.com.uy/pdf/forjando04.pdf>. (JARA, 2020, p. 100).

constituiu uma longa rede de contatos com diferentes grupos ecumênicos na América-Latina, e sempre esses grupos o procuravam para formações ao redor da educação popular.

Segundo Schindwein (2020), foi através destas discussões realizadas nas viagens, das experiências ao redor da educação popular no altiplano equatoriano à grande Buenos Aires e do cerrado goiano à costa desértica de Lima, que nasceu o material, que desembocou no livro conhecido como “Educación Popular y proceso de concientización”⁵², sendo os créditos desta publicação atribuídos ao Uruguaio Júlio Barreiro⁵³, e que foi divulgado inicialmente nos países de língua espanhola. Brandão (2015), ainda nesse contexto traz de volta a memória que, “Lembro que quando em nome do CEDI fizemos aquele rosário de viagens pela América Latina, começando por Buenos Aires em 1969, espalhando as ideias de Paulo Freire, a expressão "educação popular" já era corriqueira. E ela está no título do livro de Júlio Barreiro (BRANDÃO et al., 2015, p. 32).

Para a educadora Popular Fernanda Paulo (2018, p. 101) a qual participou das conversas, sobre a origem, ao “tema-termo-temática” central ao redor da Educação Popular, ela revela em sua tese a pergunta chave feita por Oscar Jara via e-mail no ano de 2015:

En fin, el asunto es que quiero saber A PARTIR DE CUÁNDO aparece el uso del término "Educación Popular". Freire no lo utiliza sino mucho más tarde, cuando dialoga o responde a entrevistas, pero aún no encuentro cuándo él usó este termino en sus obras... habla de pedagogía liberadora, pedagogía del diálogo, pedagogía de la autonomía, pedagogía de la esperanza... pero ¿cuándo usa "Educación Popular"? Le pregunté a Nita que me buscara cuándo Paulo lo usó por primera vez y no encontró muchas pistas...En un trabajo tuyo (me he leído muchos), tu mencionabas que sobre los orígenes de la EP había un libro de Celso de Rui Beigiesel "Estado y Educación Popular" y el de Vanilda "Educación de Adultos y Educación Popular", ambos de 1973-74...Pero antes, tenemos el famoso "Educación popular: su dimensión política" de Julio Barreiro (que alguna vez entendí que me dijiste que lo habías escrito tú, pero que salió con su nombre... ¿es así?), que es como de 1972... luego, aparecen los "cuadernos de educacao popular" de Nova.. y el primero que encuentro, en 1970 los "cuadernos de educación popular" de Quimantú, hechos por Marta Harnecker...(hay un antecedente de Mariátegui que habla que la "Universidad Popular González Prada" de 1923, era un espacio de "educación popular"..) a ¿Qué piensas tú?. ¿¿CUÁNDO Y QUIEN COMIENZA A USAR EL CONCEPTO "EDUCACIÓN POPULAR" ??¿es en Brasil? ¿viene del MEB? ¿viene del MCP?.. ¿es en Chile?... (JARA, 2015; PAULO, 2018, p. 101)

⁵² Jara (2020), aponta que a mesma equipe de Carlos Brandão produziu um folheto menor que reitera seu enfoque fundamental e que se difundiu profusamente por vários países em espanhol: s/a: Educación Popular, su dimensión política.

⁵³ O conjunto de textos de Carlos Rodrigues Brandão e da equipe formada por Beatriz Costa, Jeter Ramalho, Elter Maciel e outros, foi publicado com esse título, e por razões de segurança, dada a situação de ditadura no Brasil, o professor uruguaio Julio Barreiro colocou seu nome para a edição feita pela Siglo XXI em Buenos Aires em 1974. Muito recentemente (agosto 2015), Brandão fez referência a esse assunto público no artigo “Quando a pedagogia tornou-se ‘do oprimido’ e quando a educação tornou-se ‘popular’, escrito a partir de uma motivação produzida pela pesquisa dessa tese sobre o panorama histórico da educação popular e sobre o surgimento desse conceito. (JARA, 2020, p. 101)

Ainda em Paulo (2018), o livro ao redor da Educação Popular e Conscientização, de Júlio Barreiro e também podemos considerar de “Carlos Rodrigues Brandão”, publicado originalmente em 1974/1978, é a obra que, “No meu entendimento, melhor definiu o que seria Educação Popular entre as décadas de 1960 e 1970” (PAULO, 2018, p. 184), nesse mesmo contexto podemos entender e apontar através das premissas desta obra que:

1º - “É trabalho político da prática pedagógica.” (BRANDÃO, 1981, p. 8);

2º - “Garantia de que a educação popular supera na prática os próprios manuais nascidos de suas dúvidas, e onde ela aprendeu, por um momento, a recomeçar.” (BRANDÃO, 1981, p. 9);

3º - Reconhecimento de que há “diversos e possíveis modelos de educação popular” (BARREIRO, 1980, p. 11);

4º - O trabalho de Educação Popular relacionado aos processos de conscientização. (BARREIRO, 1980);

5º - [...] compreendemos que a chamada Educação Popular é um instrumento político significativo, ou não é mais do que uma denominação enganosa dada a novas formas e sistemas propugnados pelas classes dominantes para perpetuar ou aprofundar, se ainda é possível, a alienação dos nossos povos.” (BARREIRO, 1980, p. 13);

Para Fernanda Paulo (2018) a qual aponta na pesquisa realizada em sua tese de Doutorado, que esse livro escrito por Brandão porem assinado por Júlio Barreiro, tem o poder de sintetizar bem o pensamento e a posição política desse sentido da Educação Popular entre as décadas de 1960 e 1970. Devido ao caráter de formação e a proposta da obra, pode-se entender que essa síntese vai para além dos limites fronteiriços do país de origem do autor, ou mesmo “dos autores”. Nos processos de conscientização apontados do livro de Brandão, mas assinado por Barreiro (1980), entendemos a Educação Popular como fonte fundamental, para uma ação política transformadora, na contramão da posição do sistema político-social, que até então imperava nas classes oprimidas na América Latina.

Percebemos então que através de Barreiro (1980), que podemos compreender melhor os processos e as bases que cunharam, o verdadeiro sentido, gênese, do que se originou através de Brandão (2015), como Educação Popular, a partir dessa contextualização avancemos então:

O denominador comum entre todas as posições de Educação Popular tidas como relevantes é a oposição entre as propostas educativas da ideologia das classes

dominantes e a busca de uma verdadeira ciência das classes dominadas, que possa servir com maior eficácia para a sua tradução em formas de uma ação política transformadora. (BARREIRO, 1980, p. 15)

Ainda neste sentido:

Dialeticamente, a não realização, como projeto social, por agora, dos conteúdos dessa cultura popular subjacente, serve para colocar em evidência a prática da violência das classes dominantes, como quem revelasse antecipadamente a imagem de uma sociedade caduca que se nega à própria história, ao mesmo tempo em que reprime, castiga, tortura, explora, mente. Aquela não realização momentânea dos projetos de uma sociedade é, então, a antecipação de um futuro que se terá que conquistar palmo a palmo, com muito sacrifício e luta e cujo preço em vidas, em bens e em novos valores será tanto menos sanguinário quanto maior seja o nível de conscientização sobre os processos históricos que se encaminham naquela direção. A Educação Popular que busca esta conscientização não está inventando, pois, nada de novo, mas apenas se apoia nos elementos próprios daquela antecipação. Dito de outra maneira, a própria vida de nossos povos está exigindo uma autêntica Educação Popular. E uma autêntica Educação Popular estará tornando mais rica a vida de nossos povos na medida em que finalmente resulte em verdadeiros processos de conscientização (BARREIRO, 1980, p. 15).

Brandão (2015), contextualizado em Barreiro (1980), discorre acerca dos diferentes entendimentos da Educação Popular. Para ele, “Como instrumento político significativo, a Educação Popular parte do ‘mínimo possível de ação’ das classes populares, tomando como seu material pedagógico inicial esta própria ação possível e os interesses espontâneos que ela reflete.” (BARREIRO, 1980, p. 13). Ainda Brandão (2015), as propostas de Educação Popular eram vistas como um longo processo de alfabetização de cunho politizado em nosso país, e para tanto foi capaz de promover uma abordagem política e cultural transformadora.

Paulo (2018), apresenta neste sentido que Brandão: “Aqui, o autor, um dos pioneiros da Educação Popular, tece sua argumentação a partir da classe dominada e dominante e das lutas que se deve travar contra os setores sociais (inimigos) que oprimem, castigam e esmagam a classe popular.” (PAULO, 2018, p. 184).

Ainda neste contexto e no entendimento de Brandão (2015), para Paulo (2018), afirma em sua pesquisa, que existe uma forma potente de exigência pelo atual sistema social, por uma autêntica Educação Popular, a qual está associada aos processos de conscientização e à “busca de uma verdadeira ciência das classes dominadas, que possa servir com maior eficácia para a sua tradução em formas de uma ação política transformadora.” (BARREIRO, 1980, p. 15).

Como podemos perceber na citação anterior de Barreiro (1980), os processos de Educação Popular como política transformação devem apoiar-se em todas possibilidades de sua existência, para poder levar as classes oprimidas, o poder de sua transformação social, neste

contexto para Barreiro:

A Educação Popular aproveita e deve aproveitar todas as oportunidades para criar atitudes e comportamentos capazes de conduzir a níveis superiores de atuação política na organização do povo em torno aos seus interesses, imediatos ou não, mas que sirvam, ao mesmo tempo - seja uns ou outros — para provocar o seu sentido crítico, autônomo, criativo. (BARREIRO, 1980, p. 13-14).

Nesse vislumbre podemos contemplar que os estudos apresentados até aqui mostram-nos um acumulado histórico de experiências em torno da temática desta dissertação e a outros intelectuais da Educação Popular, além de Paulo Freire, compõem o quadro teórico das Pedagogias Latino-Americanas (PAULO, 2018). Segundo Fernanda Paulo “Na Educação Popular há um crescente debate sobre o pensamento pedagógico na/da América Latina. Observamos que muitas literaturas utilizam Freire e Brandão como principais intelectuais da/na Educação Popular.” (PAULO, 2020, p. 32). Neste contexto Paulo (2018), ainda aponta que na América Latina “O educador mais conhecido entre nós é o Paulo Freire (1921-1997), cujas contribuições para a Educação Popular discutem uma pedagogia do oprimido, ou seja, decolonial. (PAULO, 2020, p. 32).

Os saberes populares e os intelectuais Latino-Americanos ainda estão muito invisibilizados, mas de certa forma já possuem algum reconhecimento internacional por conta das experiências político-pedagógicas desenvolvidas por pesquisadores da Educação Popular, e algumas delas são a Pesquisa Participante⁵⁴; Pesquisa Ação Participativa⁵⁵; Sistematização de Experiências⁵⁶. Existe um importante livro chamado “Fontes da Pedagogia Latino Americana - Uma Antologia”, organizado por Danilo R. Streck⁵⁷, nesta obra é possível encontrar vários autores que contribuem para os estudos sobre a Educação Popular na América Latina, neste contexto podemos destacar alguns sendo: Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Félix Varela, Orlando

⁵⁴ Remissão a Carlos Rodrigues Brandão em Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁵⁵ Remissão ao sociólogo colombiano Orlando Fals-Borda que é o fundador da PAP na América Latina a partir de trabalhos com camponeses colombianos. Ver em FALS-BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante – considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular in: Pesquisa Participante Carlos Rodrigues Brandão (organização), Editora Brasiliense, São Paulo, 1981. Ver também FALS-BORDA, Orlando. Para rehacer el conocimiento (1981). E para maior aprofundamento em: La Investigación Acción en convergências disciplinares. Conferencia para recibir el premio Malinowsky de la Society for Applied Anthropology y el premio Oxfam-América Martin Diskin de la Latin American Studies Association (LASA). Borrador. Agosto, 2007.

⁵⁶ Para aprofundamento da temática sugiro remissão das publicações de Oscar Jara (1994; 2007; 2018): Sistematização de Experiências: aprender a dialogar com os processos. CIDAC: Rio de Janeiro, janeiro de 2007.; Presentación. La sistematización de experiencias: práctica y teoría para otros mundos posibles – 1ed. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano - CINDE, 2018.; Para sistematizar experiencias: una propuesta teórica y práctica / Oscar Jara H. -- 1. ed.- San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones, ALFORJA, 1994.

⁵⁷ Esta é uma importante obra, pois remonta a história, recoberta pelos mais importantes pesquisadores e autores ao redor a grande área da Educação Popular Latino Americana, para mais detalhes consultar: STRECK, D. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana – Uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Fals Borda, Andrés Bello, José Martí, José Pedro Varela, Manuel Bomfim, Ernesto Che Guevara, José Carlos Mariátegui, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Franz Fanon, Nísia Floresta, Simón Rodríguez, entre outros.

Em Paulo (2018), é possível identificarmos alguns autores que utilizaram, ao longo da história na América Latina, a expressão Educação Popular e seus significados perdidos ao longo do tempo, do espaço e do pensamento teórico de cada autor. Destaco que inspirado em Spigolon (2014) e em Paulo (2018), remontaremos e atualizaremos ao longo da história da Educação Popular na América Latina alguns sentidos e significados e características do Popular; da Cultura Popular; e da Educação Popular, em autores que antecedem a geração da década de 1960, e de outros oriundos dessa nova geração inspirada a partir da década 1960 em diante⁵⁸, essa identificação é fator imprescindível para esta pesquisa, pois possibilita e reinventa, os novos sentidos e significados, em relação ao resgate da ontologia e gênese da Educação Popular na América-Latina sob a ótica de pesquisadores já consagrados e de novos pesquisadores influenciados por essa geração inspirada nos anos de 1960 em diante:

Mapeamento Histórico do Termo “Popular/Cultura Popular” e “Educação Popular” na América Latina

Sujeitos da América Latina que fizeram uso do termo Popular/Cultura Popular e/ou Educação Popular ⁵⁹	Sentidos, Significados e Características a partir do termo Popular/Cultura Popular e Educação Popular
Simón Rodríguez 1771-1854 Nascimento: 28 de outubro de 1769 Falecimento: 28 de fevereiro de 1854	Sistema Latino Americano de ensino escolar, Sociedade republicana através da educação, projeto de Educação Popular para além dos modelos vigentes com objetivo da transformação social.
Andrés Bello 1781-1865 Nascimento: 29 de novembro de 1781 Falecimento: 15 de outubro de 1865	O popular está associado ao acesso à educação e não, estritamente, correlacionado às discussões a respeito do projeto de sociedade.
Nísia Floresta 1810-1885 Nascimento: 12 de outubro de 1810 Falecimento: 24 de abril de 1885	Educação feminina, pioneira da inserção popular de mulheres na escola, lutas pelo direito da mesma educação oferecida aos homens.

⁵⁸ Destaco que este mapeamento não tem a finalidade de apontar quem foi/ou é Educador Popular, mas sim identificar ao longo da história alguns Intelectuais-Pesquisadores que trabalharam e/ou desenvolveram pesquisas ao redor da Educação Popular na América Latina, e/ou se apropriaram do termo “Popular/Cultura Popular e Educação Popular” para praxis pedagógicas de suas atividades.

⁵⁹ Algumas datas, ainda não foram possíveis de serem encontradas, todavia o processo da pesquisa é contínuo, e no decorrer da mesma, iremos atualizando as informações, porém as datas que a pesquisa por ventura não consiga encontrar assinaremos como s/d. Além disso, decidimos preservar na integralidade as informações obtidas, por meio do contato com as fontes da pesquisa.

<p>José Martí 1853-1895</p> <p>Nascimento: 28 de janeiro de 1853</p> <p>Falecimento: 19 de maio de 1895</p>	<p>Humanização em uma perspectiva emancipatória para os direitos dos povos da América Latina, pautando-se nas lutas e na sua participação ativa enquanto sujeito popular de direitos.</p>
<p>Manoel Bonfim 1868-1932</p> <p>Nascimento: 8 de agosto de 1868</p> <p>Falecimento: 21 de abril de 1932</p>	<p>Compreende o termo popular como salvação e direito social da população.</p>
<p>Antônio Arruda Carneiro Leão 1887- 1966</p> <p>Nascimento: 2 de julho de 1887</p> <p>Falecimento: 31 de outubro de 1966</p>	<p>O termo popular insere-se através da luta pelo processo de escolarização e no desenvolvimento nacional da população que se encontra vinculado a um projeto de instrução popular cristã, defendendo o ensino religioso como parte integrante e obrigatória da escola popular.</p>
<p>José Carlos Mariátegui 1894-1930</p> <p>Nascimento: 14 de junho de 1894</p> <p>Falecimento: 16 de abril de 1930</p>	<p>Acredita que é através da revolução universitária popular, estando alinhada às transformações da sociedade e da emergência de produção de conhecimentos originais, que a sociedade conseguirá a garantia de direitos populares.</p>
<p>Anísio Teixeira 1900-1971</p> <p>Nascimento: 22 de julho de 1900</p> <p>Falecimento: 11 de março de 1971</p>	<p>Democratização da Educação no contexto de um projeto de desenvolvimento para o país, não basta ter escola para todos e sim é preciso que todos aprendam.</p>
<p>Leopoldo Zea 1912-2004</p> <p>Nascimento: 30 de junho de 1912</p> <p>Falecimento: 8 de junho de 2004</p>	<p>Arcabouço pedagógico da Educação Popular na América Latina, emancipação popular da pátria americana.</p>
<p>Hernani Maria Fiori 1914-1985</p> <p>Nascimento: 17 de março de 1914</p> <p>Falecimento: 04 de abril de 1985</p>	<p>A Educação Popular como projeto emancipador e de crítica à sociedade capitalista contemporânea, a educação como alternativa para a construção da emancipação social e da soberania popular democrática.</p>
<p>Elza Freire 1916-1986</p> <p>Nascimento: 18 de junho de 1916</p> <p>Falecimento: 24 de outubro de 1986</p>	<p>Criação de práticas político-pedagógicas para Educação Popular e de Adultos na América Latina, amorosidade como ato de ensinar e de aprender, educação conscientizadora, libertadora e transformadora como potência para emancipação humana.</p>
<p>Florestan Fernandes 1920-1995</p> <p>Nascimento: 22 de julho de 1920</p> <p>Falecimento: 10 de agosto de 1995</p>	<p>Pensamento Sociológico Educacional e Latino Americano, tendo o rigor da produção científica como ideal de uma sociedade mais justa e democrática. Manifestação popular das camadas populares como atributo para mudança social.</p>
<p>Paulo Freire 1921-1997</p> <p>Nascimento: 19 de setembro de 1921</p> <p>Falecimento: 02 de maio de 1997</p>	<p>O popular a partir da realidade vivida na relação oprimido e opressor. Pedagogias libertárias para emancipação popular e humana no projeto de sociedade a partir da autonomia intelectual, social e coletiva. Educação a partir do amor e da amorosidade como potência de transformação</p>

	social.
Darcy Ribeiro 1922-1997 Nascimento: 26 de outubro de 1922 Falecimento: 17 de fevereiro de 1997	Educação verdadeiramente popular como ponte entre o cidadão, o estado para a democracia, utopia de transformação social pela educação e manifestação popular, educação e universidade popular na América Latina.
Orlando Fals Borda 1925-2008 Nascimento: 11 de julho de 1925 Falecimento: 12 de agosto de 2008	Pesquisa Ação Participativa, como potência e como metodologia de transformação popular humanizante na América Latina, paradigmas alternativos como método de pesquisa e de transformação social humanitária.
Ernesto Che Guevara de La Serna 1929-1967 Nascimento: 14 de junho de 1928 Falecimento: 09 de outubro de 1967	O popular como luta, resistência e libertação da América Latina, sonho de liberdade popular, direitos igualitários para todos, projeto social de transformação humana socialista, luta armada como resistência contra opressão social.
Balduino Antônio Andreola 1932 – Atual Nascimento: 11 de maio/junho de 1932 Fonte do Pesquisador: Eu nasci em Fazenda Souza, hoje 7º distrito de Caxias do Sul. Quando eu nasci, em 1932, pertencia ao 7º distrito do Município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, cuja sede era Vila Seca. Meu aniversário é, oficialmente, no dia 11 de junho. Assim está em minha Certidão. Sou o primeiro de 11 filhos de João Ângelo Andreola e Thereza Gubert Andreola. de famílias de pequenos agricultores, quando eu tinha mais de 40 anos, um dia minha mãe me disse: "Balduino", tu não nasceste em junho, mas em maio, e teu pai te registrou em junho. As coisas eram difíceis. Tinha que fazer vários quilômetros a cavalo, perdendo dia na agricultura.	A Educação Popular e política como caminho de transformação humana, e para a participação e emancipação cidadã, através de um olhar sob a perspectiva da pedagogia do coração. A repressão não matou os sonhos do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, como não matou a multidão dos sonhos dos quais estava nascendo o Brasil novo dos anos 60. Os ditadores da América Latina pensaram no exílio como forma de jogar ao vento os sonhos dos povos do continente. Os sonhos não são punhados de cinza. O vento não os leva. Eles são trigo. O exílio foi semeadura. Resgatemos a história, porque os tempos são de colheita (ANDREOLA, 1988, p. 46).
Osmar Fávero 1933 – Atual Nascimento: 09 de fevereiro de 1933 Fonte do Pesquisador: Minha data de nascimento é 09-02-1933. Tenho 88 anos bem vividos!	O Popular como Cultura e a Cultura como Popular, movimentos sociais brasileiros de transformação social, Educação Popular e Educação de Adultos, Alfabetização Popular e Universidade popular.
Celso de Rui Beisiegel 1935 – 2017 Nascimento: 21 de agosto de 1935 Falecimento: 25 de novembro de 2017	A Educação Popular está associada aos movimentos civis e de lutas pela democratização do ensino brasileiro, através das relações entre o Estado, a sociedade civil e a educação das classes populares no país.
Miguel Gonzalez Arroyo 1935 – Atual Nascimento: s/d	A educação se faz na interação entre professores e professores, alunos e alunos, e professores e estudantes. A educação popular, cultura escolar, gestão escolar, educação básica e currículo, como ferramentas de transformação da realidade social. A pedagogia como diálogo com a realidade dos alunos e professores especialmente, nas áreas mais vulneráveis da população. A Educação Popular como pedagogia de transformação social e

	concepção político-pedagógica no currículo e nas formações de professores da EJA.
Carlos Rodrigues Brandão 1940 – Atual Nascimento: 14 de abril de 1940	Educação Popular transformadora como projeto Latino Americano de emancipação humana. Educação e Cultura Popular, Educação Ambiental e Social, Economia de Solidária, Pedagogia da Rosa dos Ventos, Educação Popular como Cultura para a soberania Popular.
Boaventura de Sousa Santos 1940 – Atual Nascimento: 15 de novembro de 1940	Potencial da Educação Popular como forma de conscientização das classes trabalhadoras e operárias nas lutas pelos direitos humanos, políticos e sociais, Educação Popular intercultural, como possibilidade para "Aumentar a consciência de incompletude cultural é uma das tarefas prévias à construção de uma concepção emancipadora e multicultural dos direitos humanos" (SANTOS, 2006, p. 446). "Temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza" (SANTOS, 2006, p. 462).
Moacir Gadotti 1941- Atual Nascimento: 01 de outubro de 1941	Educação Popular como justiça social cidadã, pautada na luta contra os discursos hegemônicos e neocolonizadores.
Vanilda Paiva 1943 - Atual Nascimento: 22 de junho de 1943	A Educação Popular é aquela que é apresentada como gratuita e universal destinada às camadas populares. A Educação Popular tem por tarefa contribuir na modificação das estruturas sociais.
Chico Mendes 1944 -1988 Nascimento: 15 de dezembro de 1944 Falecimento: 22 de dezembro de 1988	Movimentos Sociais Populares como prática educativa aos povos da Floresta, defesa político-social da opressão do capitalismo selvagem, a importância da floresta e de seus habitantes como responsabilidade popular e social.
Danilo Romeu Streck 1948 - Atual Nascimento: 11 de maio de 1948	O educador popular através da educação popular é aquele que possibilita as mudanças na realidade, promovendo rupturas e propiciando condições para que o sujeito possa construir sua própria cidadania. A educação popular acontece por intermédio do educador popular que é visto como aquele que valoriza e incentiva a participação de todos, oferecendo um movimento pedagógico a partir da experiência cotidiana.
Oscar Jara 1949 – Atual Nascimento: 10 de dezembro de 1949	Educação Popular através da Sistematização de Experiências em comunidades na América Latina. O Popular como pedagogia Latino Americana é um projeto de transformação social. História e fundamentos éticos políticos e pedagógicos da Educação Popular na América Latina. O “popular” faz referência a um processo que busca superar as relações de domínio, de opressão, de discriminação,

	de exploração, de desigualdade e exclusão. Visto positivamente, é todo processo que busca construir relações equitativas, justas, respeitosas da diversidade e da igualdade de direitos.
<p>Marco Raúl Mejía Jiménez 1952 – Atual</p> <p>Nascimento: 12 de agosto de 1952</p> <p>Fonte do Pesquisador: Nasci em Palermo (Antioquia), Colômbia em 12 de agosto de 1952.</p>	<p>Hoy tenemos que decir que la educación popular es una propuesta para toda la sociedad, para todas las educaciones y es uno de los principales procesos que se configuran hoy como campo en disputa en el momento en el cual el capitalismo cognitivo intenta arrasar y construir la tercera homogenización, la de la educación, que va a intentar consumir el cierre de las dos anteriores: la homogeneización biótica a través de la cual controló la naturaleza y la cultural, que realizó un proyecto y una narrativa única para explicar el mundo construido desde occidente y que se visualizó en los procesos del eurocentrismo (MEJÍA, p. 3, 2021)</p>
<p>Mario Garcés Durán 1952- Atual</p> <p>Nascimento: 11 de dezembro de 1952</p>	<p>O popular da “educação popular”, desde os anos 1960, optava exatamente pela promoção de práticas educativas “libertadoras”, para o desenvolvimento de sujeitos coletivos e populares, capazes de constituírem-se em protagonistas das necessárias mudanças sociais e políticas a favor da justiça, da igualdade e do desenvolvimento requeridos por nossas sociedades.</p>
<p>Adriano Nogueira 1953 – Atual</p> <p>Nascimento: 25 de abril de 1953</p>	<p>Educação Popular Comunitária na América Latina. A Educação Popular em Saúde Pública como garantia de direitos socialmente conquistados, Extensão Universitária como projeto social de Educação Popular, e Universidade Popular Freireana.</p>
<p>Leôncio Soares 1956 - Atual</p> <p>Nascimento: 05 de setembro de 1956</p>	<p>Educação Popular e Cultura Popular como forma e metodologia político-pedagógica para a alfabetização social de Jovens e Adultos na EJA, “especificidades da EJA”, articulação com os ideários da Educação Popular para a formação de professores da EJA, a importância das atividades desenvolvidas pela EJA enquanto política Pública de acesso à educação emancipadora sob a ótica da Educação Popular Freireana.</p>
<p>Conceição Paludo 1956 – Atual</p> <p>Nascimento: 07 de dezembro de 1956</p>	<p>O Campo Popular, embora nem sempre de forma explícita nos textos, decorre de um pressuposto de análise da realidade que compreende a sua dinâmica como sendo posta em movimento pela inter-relação entre uma quantidade significativa de forças que são políticas e culturais e se articulam conformando campos sociais, que sempre guardam relação com a esfera da economia. Estes campos possuem visões sociais de mundo que orientam tanto as teorizações da realidade, quanto às ações. (PALUDO, 2009, p.</p>

	45)
<p>Alfonso Torres Carrillo 1961 – Atual</p> <p>Nascimento: 03 de maio de 1961</p> <p>Fonte do Pesquisador: Día de la Chakana andina y de la Cruz cristiana.</p>	<p>História da Educação Popular na América Latina. A atualidade do termo Popular como necessidade no combate, e na luta contra a opressão dos povos Latino Americanos. Transformação Social e Popular como projeto da América Latina unida.</p>
<p>Débora Mazza 1963 - Atual</p> <p>Nascimento: 25 de abril de 1963</p>	<p>Cultura são todas as formas de pensar, agir e sentir, materiais e imateriais, que envolvem os agenciamentos humanos, não humanos e o meio ambiente. A linguagem, os signos, os símbolos, os artefatos, a música, a dança, a culinária, a arquitetura, a vestimenta, o sentimento, as formas de manifestação do afeto, as escolhas sexuais, as orientações religiosas, o senso estético, ético e moral, as relações de parentesco, o sentimento de honra etc... As práticas educativas (escolares e não escolares) estão imersas no oceano da cultura que envolve os seres sociais nas suas tensas relações com as demais formas de vida e o meio circundante. Cultura popular são as práticas culturais produzidas, reproduzidas, traduzidas e transformadas pelos grupos, classes e coletivos não hegemônicos, muitas vezes, excluídos, desassistidos, discriminados, dominados e explorados.</p>
<p>Valéria Oliveira de Vasconcelos 1963 – Atual</p> <p>Nascimento: 22 de novembro de 1963</p> <p>Fonte do Pesquisador: Nasci no dia 22 de novembro de 1963, numa rua que terminava em mata na cidade de São Paulo.</p>	<p>A Educação Popular, para mim, apoiada em meus referenciais de cabeceira, como Freire e Brandão, mais que uma práxis educativa é uma maneira de ver e viver o mundo. É aquela trilha que se percorre como caçadores de nós mesmas/os para chegar ao outro, à outra, tomado/a como referência. É a busca por descobrir o melhor de nós e contribuir para que as pessoas com quem convivemos/trabalhamos/pesquisamos também encontrem o melhor de si mesmas. Por fim, é ter o passado como horizonte, ensinando-nos o que nos faz ser quem somos para, em comunhão, intervir na construção de um presente com mais coerência, justiça, boniteza podendo, assim, Ser Mais.</p>
<p>Nima I. Spigolon 1971 – Atual</p> <p>Nascimento: 07 de agosto de 1971</p>	<p>Educação Popular realizada através da Pedagogia da Convivência: essa pedagogia tem como referência o pensar, o fazer, o falar e o sentir. Ela parte do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação que, por sua natureza, requer respeito e coerência. Ou seja, é através dessa convivência e dos ‘saberes diferentes’ que o conhecimento é compartilhado, mediante o ensinar-aprender, pautado na amorosidade, criticidade e principalmente na conscientização.</p>

<p>Fernanda dos Santos Paulo 1980 – Atual Nascimento: 05 de abril de 1980</p>	<p>Educação Popular como luta engajada como fundamento ontológico, estando imbricada pelas dimensões ético-políticas, estéticas, sociais, pedagógicas, filosóficas e antropológicas. Na História da Educação Popular nem todos os sentidos do popular são libertadores. Por isso usei e uso Educação Popular Freiriana/Emancipadora como transformação social. Específico a Educação Popular na América Latina, as influências dos Movimentos sociais brasileiros e sujeitos envolvidos. Um ponto importante é a luta pela garantia de direitos da população (a partir dos anos 50), alfabetização comunitária e popular (60 em diante), entre outros temas.</p>
<p>Ivo Dickmann 1980- Atual Nascimento: 25 de setembro de 1980</p>	<p>A Educação Popular é uma ação político-pedagógica planejada e contra hegemônica ao sistema social capitalista, que tem como objetivo desvelar a realidade e construir conhecimento para qualificar a intervenção social, tomando como ponto de partida o contexto concreto dos envolvidos no processo, numa perspectiva dialógica intersubjetiva.</p>
<p>Ivanio Dickmann 1980 - Atual Nascimento: 25 de setembro de 1980</p>	<p>A Educação Popular é a expressão pedagógica do meio do povo. Uma pedagogia que se faz na história em contraponto à educação bancária que oprime e desumaniza. A Educação Popular é, portanto, a pedagogia na contramão, construindo na luta, os caminhos da libertação através de uma práxis educativa dialógica e pronunciadora de um novo mundo e um novo modo de viver, que precisam ser ensinados e aprendidos.</p>

Fonte: Elaboração do Pesquisador: 2021 – 2022

A partir desta linha do tempo/mapeamento reconstruída sobre o céu da história da Educação Popular na América Latina foi possível identificar diferentes sentidos, significados, característica que ao longo de sua história foram atribuídas ao termo Popular-Cultura Popular e/ou Educação Popular, todavia temos ao horizonte um percurso certo que ainda não conseguimos contemplar todos autores seja no âmbito do Brasil e mesmo na América Latina, que em algum momento de suas histórias enquanto pesquisadores, professores, militantes, camponeses, dentre outros, trabalharam com essa temática, outrossim destacamos que esta linha do tempo terá continuidade pois os processos de pesquisas não suscitam findar-se ao longo desta dissertação, pois eles marcam no corpo e na alma deste pesquisador, o desejo, anseio e aspiração, para cada vez mais enveredar-se nos caminhos que atravessam a Educação Popular pela América Latina.

No meio do decurso que tange a construção do mapeamento do termo

Popular/Cultura Popular e seus sentidos, características e significados ao longo da história da Educação Popular na América Latina, como pôde apontar a tabela anterior, aconteceu por intermédio deste pesquisador um outro diálogo, sendo ele paralelo entre os professores “Educadores Populares” focos destas pesquisa: “Oscar Jara, Carlos Rodrigues Brandão e Osmar Fávero”, onde, por meio desses diálogos foi identificado a necessidade de trazer a esta pesquisa alguns nomes importantes de “Mulheres Educadoras Populares Latinas”, que trabalharam de alguma forma com a Educação Popular na América Latina. Pelo desfecho desses diálogos foi produzido um outro mapeamento dessas importantes mulheres, as quais destacamos novamente por meio de uma nova planilha⁶⁰.

Mapeamento das Mulheres Educadoras Populares da América Latina

Mulheres Educadoras Populares Latinas	País
Adriana Puigross	Argentina
Claudia Korol	Argentina
Graciela Bustillos	México
Giulia Tamayo	Peru (fundadora do centro Flora Tristan)
Izabel Hernández	Argentina
Laura Vargas	Costa Rica
Lola Cendales	Colômbia
Marcela Gajardo	Chile
María de la Luz Morgan	Trabalhando no Chile e no Perú
Maria Tereza Sirvent	Argentina
Marina Ampudia	Argentina
Nélida Céspedes	Perú
Norma Michi	Argentina
Pilar Ubilla	Uruguay
Rocío Lombera	México
Rocío Rosero	Ecuador

⁶⁰ Foi preservada a grafia original percorrida nas trocas de e-mails pelos professores, pesquisadores Educadores Populares: “Oscar Jara, Carlos Rodrigues Brandão e Osmar Fávero”, onde optou-se por trazer a este mapeamento algumas localidades e instituições trabalhadas na forma como foi transcrita originalmente nos e-mails por eles, mantendo assim o ineditismo e a originalidade do mapeamento.

Rosa Maria Torres	Equador
Rosa Paredes	Venezuela
Sylvia Schmelkes	México
Teresa Quiroz	Chile
Vera Gianotten	Holandesa que vivia no Perú
Virginia Guzmán	Perú
Virgínia Vargas	Perú

Fonte: Elaboração do Pesquisador: 2021 – 2022

Discorrer sobre a Educação Popular na América Latina é uma tarefa complexa, devido a grandiosidade e generosidade a qual ela foi disseminada nesse continente, todavia a partir da década de 1960, e a disseminação cultural de sua práxis, inspiradas principalmente a partir de uma pedagogia libertadora Freireana, seguia embalada pelos movimentos de cultura popular das classes trabalhadoras na América Latina, neste contexto a Educação Popular ganha potência enquanto veículo de transformação social, pois em seu bojo carregava e fornecia a população necessitada um vasto alcance em seu Campo Popular⁶¹. Os campos populares de Educação Popular, segundo Paludo (2009), constituíram-se como movimentos contra hegemônicos⁶² devido às opressões sofridas na época, e orientaram-se pelas utopias⁶³ de transformação social latino americanas, às quais foram atribuídas as mais diversas denominações, tais como: projeto histórico; projeto libertador; novo contrato social; nova sociedade; sociedade justa, democrática, participativa e solidária; projeto alternativo de

⁶¹ O Campo Popular, embora nem sempre de forma explícita nos textos, decorre de um pressuposto de análise da realidade que compreende a sua dinâmica como sendo posta em movimento pela inter-relação entre uma quantidade significativa de forças que são políticas e culturais e se articulam conformando campos sociais, que sempre guardam relação com a esfera da economia. Estes campos possuem visões sociais de mundo que orientam tanto as teorizações da realidade, quanto às ações. (PALUDO, 2009, p. 45)

⁶² Entendendo por “hegemônicos” a relação direta de lutas pelas classes populares trabalhadoras na América Latina, em relação a libertação e liberdade político-pedagógica de pensar sem sofrer influência da classe opressora.

⁶³ Inspirado em Paulo Freire em a utopia através do processo de conscientização: "A conscientização está evidentemente ligada a utopia, implica utopia. Quanto mais conscientizados nos tornarmos mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixamos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação" remissão em Paulo FREIRE. Conscientização. Teoria e prática da libertação. São Paulo. Cortez & Moraes. 1979. E também é interessante olhar o vislumbre de utopia através de José Martí (2007, p. 45), em: “As utopias são a negação da negação, pois criticam o sombrio, negando o negativo da realidade; descobrem a realidade como processo dinâmico e contraditório, porém sempre em andamento. As utopias, neste contexto, projetam capacidade transformadora e se comprometem com o transformar o mundo e mudar a vida”.

sociedade; sociedade sem oprimidos e sem opressores; sociedade socialista.

No advento das manifestações sociais, democráticas, político-pedagógicas dos campos populares, de seus sonhos e utopias em prol de uma transformação social na América Latina, achamos importante apresentar uma visão de mudança de paradigmas políticos sociais, de um sonho por um inédito viável comunitário em:

Natural é interpretar a realidade. Extraordinário é formular métodos para transformá-la. Natural é ter consciência social. Extraordinário é desenvolver a consciência política. Natural é cooperar em todos os sentidos. Extraordinário é forjar e desenvolver novos seres humanos. Natural é fazer pressão. Extraordinário é criar referências permanentes no tempo e no espaço. Natural é a convivência social. Extraordinário é desenvolver valores. Natural é alfabetizar. Extraordinário é educar transformando. Natural é tomar decisões. Extraordinário é implementar princípios que dão sustentação às decisões. Natural é criar instâncias e fazer parte delas. Extraordinário é exercer direção coletiva. Natural é formular normas para manter a ordem. Extraordinário é a disciplina consciente. Natural é apegar-se a ídolos. Extraordinário é constituir símbolos e desenvolver a mística BOGO (1999), apud (PALUDO, 2009, p. 41).

No livro *Teoria e Prática em Educação Popular*, Freire e Nogueira (1989) apresentam, que a educação popular é um esforço de mobilização, organização e capacidade que o campo popular em intermédio com as classes populares tem por sempre terem que se reinventar; além de capacitação científica e técnica a qual sempre buscam. Neste sentido Freire e Nogueira (1989) esclarecem que uma proposta de trabalho pautada nos processos de educação popular implica um poder que leva à transformação social. “O conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular, mas esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática” (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 25),

Assim como pautados em Paludo (2009) e Freire e Nogueira (1989), é importante contextualizar no tempo histórico através da América Latina que o Campo Popular, ao longo do decurso da década de 1960, sofre inúmeras influências sociais em sua formação, Ahlert (2016) apud Conceição Paludo (2009), nos mostra claramente esses processos em:

A formação destes campos, assim como a formação do movimento de Educação Popular, a partir de meados de 1960, sofreu diversas influências, como a do Concílio Vaticano II; dos documentos de Medellín e da proposta da Teologia da Libertação; do ideário de Paulo Freire; das experiências da Revolução Cubana e da Nicaraguense; dos processos do Chile, do México e de outros em curso no Continente; da teoria do desenvolvimento e da teoria da dependência. Além destes, havia a Revolução Soviética e, posteriormente, a Chinesa e o pensamento marxista que animavam o fortalecimento da sociedade civil latino-americana e, no seu interior, um forte movimento, no sentido da construção da organização popular autônoma, com consciência de classe e imbuída do desejo de construção do poder popular. (AHLERT, 2016, p. 421-422, apud PALUDO, 2009, p. 46).

Nestes campos populares, como fica claro na apresentação anterior de Paludo

(2009), não eram homogêneos, eles dividiam-se em diferentes correntes teóricas de pensamento, é não era raro acontecerem conflitos ideológicos entre si, todavia eles agregavam parcelas significativas das classes populares, intelectuais comprometidos, militantes, ativistas, personalidades da época, como as diversas organizações das Igrejas, as organizações dos trabalhadores, os diversos movimentos populares, os partidos políticos e, também, o que se caracterizou como Centros de Educação Popular, que mais tarde, nas décadas seguintes a 1960, passaram a se chamar de ONGs⁶⁴. Estas desempenharam e ainda desempenham, um papel significativo no que se denominou de Movimento de Educação Popular. (PALUDO, 2009).

Brandão (2009) se nos campos populares e se em algum momento do passado na história da Educação Popular que atravessou a América latina, foi suposto que haveria diferenças cruciais entre alguns destes antigos e novos Centros de Educação Popular, agora estamos um pouco mais sensíveis, em nossa realidade para buscar, em nome dos ideais irreduzíveis de justiça, igualdade social, paz e solidariedade, o que possa haver de fecundamente convergente entre todos eles.

Os Centros de Educação Popular (CEP), têm muitas contribuições para nossa sociedade Latina, e para Brandão (2009), eles merecem ser lembrados pois, nunca antes os sujeitos das classes populares, os homens do campo, os povos indígenas, foram tão convidados a participarem de sua atuação na sociedade, sendo agentes de sua própria passagem nesta terra, sendo convidados a exercerem seus direitos econômicos e sociais, sendo responsáveis pelo agenciamento de sua própria história, mas ainda neste contexto ressalta que, há muito com o que se caminhar e evoluir para garantia e continuidade de seus direitos, mas já é um começo.

A partir desses movimentos de Educação Popular, e de acordo com as preposições anteriores em Paludo (2009), fica claro para Oscar Jara que: “Os povos no nosso continente latino-americano transitam entre a angústia e a esperança, por múltiplos caminhos de busca que se debatem na tensão entre se adaptar às novas condições e transformá-las”. (JARA, 2009, p. 234). A Educação Popular em suas gêneses e em sua atualidade, carrega em si, um poder fantástico que é sempre o potencial de se transformar, de se reinventar⁶⁵, de adaptar-se aos mais

⁶⁴ O surgimento das ONGs (Organizações não Governamentais), marca um importante avanço no acolhimento às classes populares após a década de 1960 no Brasil, mais tarde, muitas ONGs de cunho social trabalharam com seus processos de Alfabetização de Adultos inspiradas no Método Revolucionário de alfabetização de Paulo Freire acontecido em 1963 na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte, estado do Nordeste Brasileiro.

⁶⁵ É interessante colocar em evidência o “(Re)inventar em Freire”, Carlos Rodrigues Brandão (2018) em entrevista ao Professor Dr. Paulo Roberto Padilha que é atualmente o Coordenador Geral da EaD Freireana/Unifreire, conta a história de quando juntos perguntaram a Paulo Freire que gostariam de fundar um instituto em seu nome, e Paulo Freire depois de ficar em silêncio, carinhosamente responde: “Só se for para me reinventarem sempre”, e foi aí, no ano de 1991, que se deu a fundação do Instituto Paulo Freire na cidade de São Paulo/SP, que é um dos mais

diferentes contextos aos quais encontra-se inserida, nos processos de Educação Popular, acontecidos da América Latina ao longo de sua história e mais precisamente a partir da década de 1960, não foi diferente e Jara (2009), assinala que a Educação Popular na América Latina é, ao mesmo tempo, um fenômeno sociocultural e uma concepção de educação libertadora, que tem o poder de promover sócio culturalmente transformações sociais ao longo de sua história. Nesse contexto ele destaca que “Como fenômeno sociocultural, a Educação Popular faz referência a uma multiplicidade de práticas com características diversas e complexas, que têm em comum uma intencionalidade transformadora.” (JARA, 2009, p. 235).

Diante destas manifestações apresentadas no decorrer do tempo, do espaço e da história ao redor da Educação Popular na América Latina, as possibilidades de se vislumbrar novos processos de Educação Popular, ou mesmo continuar com os já existentes, são uma possibilidade para garantia de direitos duramente conquistados pelas classes populares no em nosso continente Latino. Brandão (2009), evidencia bem que:

As propostas atuais de projetos de Educação Popular, de Educação e Direitos Humanos, de Educação para a Paz, um apelo à democratização da cultura associado a um desejo de realização social dos direitos de cidadania estendidos a todas as categorias de pessoas, por igual, não parecem possuir a mesma qualidade de aposta no poder de organização e de transformação do povo, a partir de seu próprio trabalho político. Um trabalho de reinvenção do poder, capaz de construir na história uma sociedade plenamente solidária, onde à cultura cabe um duplo papel. O de ser, durante o processo de sua construção, uma instância crítica de democratização efetiva de símbolos, de valores e de significados da vida social. O de ser, em sua completa realização, a própria evidência simbólica da comunicação livre e igualitária entre todas as pessoas. (BRANDÃO, 2009, p. 257)

O que podemos encontrar como característica aos processos e com as possibilidades de mudança social pautadas na Educação Popular para nossa América Latina inspiradas em Brandão (2009), é o que Pedro Pontual (2009, p. 98) denomina e acredita como “Nova cultura Política”, nos processos de emancipação e garantia de direitos sociais dos povos Latino-Americanos, e que é através que dessa nova cultura política que poderemos romper com a lógica neoliberal predominante, para ele: “Há uma lógica, historicamente predominante, na relação da população com o Estado, impregnada de apatia, clientelismo, submissão, populismo, cooptação e outros tantos efeitos perversos desta herança cultural.” (PONTUAL, 2009, p. 98). E neste contexto ainda destaca que na América Latina, “As experiências em curso têm demonstrado que não é suficiente a criação dos espaços e canais de participação, sendo necessário criar as condições para que esta participação ocorra de fato, capacitando os diversos atores (da

importantes centros de pesquisa no pensamento e da práxis do Educador Popular, Paulo Freire no Brasil e no Mundo.

sociedade civil e do Estado) para o exercício de uma nova prática de gestão pública democrática.” (PONTUAL, 2009, p. 98).

Inspirado então nos apontamentos ao redor da Educação Popular na América Latina, e ancorados, nas preposições apresentadas ao longo dos processos dissertativos da pesquisa, em Pontual (2009), Brandão (1981, 2009, 2015), Paludo (2009), Jara (2009, 2020), Freire e Nogueira (1989, 2020) e Paulo (2018, 2020), estamos diante da possibilidade e do ensejo para nossa uma nova proposta Latino-Americana, de justiça social, soberania popular e liberdade democrática, no que inspirado em José Martí (2007), em “Nuestra Nueva América⁶⁶”, apresento através das palavras de Pedro Pontual (2009) essa nova e ousada proposta de pedagogia a partir da “Nova cultura Política” como sendo:

- Ela é metodologicamente deliberativa, ou seja, ela deve proporcionar a possibilidade efetiva do exercício de decidir sobre os assuntos públicos na cidade;
- Ela deve estimular práticas de co-gestão (entre governo e comunidade local), desenvolvendo a atitude de co-responsabilidade e a prática de parceria entre os atores locais na resolução de problemas e construção de alternativas para o futuro dos municípios;
- Ela é uma pedagogia do público, da construção do sentido do comum, a partir da construção de esferas públicas transparentes e democráticas, em que se exercita a deliberação a partir de critérios objetivos, compartilhados e impessoais;
- Ela se realiza no próprio exercício da cidadania ativa, desenvolvendo a consciência de que tomar conta da sua e da nossa cidade é um direito (que inclui a co-responsabilidade) e que, quando ele é exercido, as coisas acontecem;
- Ela busca formar cidadãos autônomos e críticos, com capacidades comunicativas e argumentativas para participar de instituições da sociedade civil, para exercer associativamente o controle sobre governos e resolver pacificamente e democraticamente os

⁶⁶ Inspiração e conceituação teóricas pautadas em (Jara, 2009, p. 238) e (IBAÑEZ, 2001), em : Construir um novo paradigma educacional supõe fazer uma opção epistemológica que nos permita pensar nos desafios globais da “nossa América” (JOSÉ MARTÍ), recuperando da “visão dos vencidos”(LEOPOLDO ZEA) a força que emerge de um continente “infinito para criação” (J. MARIA ARGUEDAS), onde o realismo mágico é parte do cotidiano” (G. GÁRCIA MÁRQUEZ) e que tem a possibilidade de imaginar um projeto de sociedade que não seja “nem imitação nem cópia, mas criação heroica” (J. CARLOS MARIÁTEGUI). Definitivamente, uma ruptura epistemológica e uma afirmação política que supõe “optar pelo povo como sujeito” (J. LUIS REBELLATO), capaz de construir “a história como possibilidade... porque não somos simplesmente objeto da história, mas igualmente seus sujeitos” (PAULO FREIRE). Uma ética solidária, um novo mundo possível no atual contexto, apenas tem sentido e viabilidade a partir dos excluídos, os quais poderiam assumir “a responsabilidade planetária dirigida, não à sobrevivência da espécie, mas à consecução de uma vida realmente humana, radicalizando a democracia na sociedade mundial” (IBAÑEZ, 2001). IBAÑEZ, A., Pensando desde Latinoamérica-ensayos sobre Modernidad, Democracia y Utopía. México: Universidad de Guadalajara. 2001.

conflitos;

- Ela instrumentaliza os atores da sociedade civil e dos governos para novas formas de exercício do poder em que a transparência das ações, a capacidade de ouvir, dialogar, reconhecer legitimidade no outro são atitudes indispensáveis;

- Ela propicia a apropriação de conhecimentos técnico-políticos que ampliam a capacidade dos cidadãos de atuarem como agentes na definição e gestão das políticas públicas;

- Ela amplia os conhecimentos sobre o território (bairro/cidade/região) e seus diversos elementos de identidade, facilitando a ação integrada das políticas públicas e a participação e controle dos cidadãos sobre as mesmas;

- Ela desenvolve a autoestima, as capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal e assim cria motivação pessoal para participação em ações coletivas;

- Ela desenvolve os valores de solidariedade, justiça, união, respeito ao outro, tolerância, humildade, esperança, abertura ao novo, disponibilidade à mudança como elementos de uma ética universal que deve estar na base das ações de educação para a cidadania. (PONTUAL, 2009, p. 98-99).

Caminhamos sob paradoxos atuais na América Latina, e ao mesmo tempo em que se ampliaram os processos de democratização e consciência cidadã, cresceu a pobreza e a desigualdade, ampliou-se o desemprego e a precarização do trabalho e vem se deteriorando o tecido social. (PONTUAL, 2009). Todavia se nossa América Latina, trabalhar unida sob a condução de bons governantes⁶⁷, e ancorada nos princípios éticos, políticos sociais, humanitários, como foi proposta na nova cultura política, teremos no horizonte uma faísca de esperança na crença e na união das classes populares Latino-Americanas. Essas condições e explanações colocam e apontam a urgência do debate sobre a qualidade de nossas democracias, de nossos governantes, do papel do Estado como mantenedor de garantia dos direitos civis da população, direitos culturais, direitos ambientais, direitos políticos e sociais, e não menos importante dos direitos econômicos trabalhistas, sobre a responsabilidade governamental, particularmente na ajuda e no trabalho unido com os movimentos sociais Latino-Americanos.

⁶⁷ Inspiração carregada de sonhos, utopias e verdades apresentadas em José Martí (1984). “[...] não é o que sabe como governa o alemão ou o francês, mas o que sabe de que elementos é composto seu país e como pode ir guiando-os em conjunto para chegar, por métodos e instituições nascidas do próprio país, àquele estágio desejável em que cada homem conhece a abundância que a natureza dispõe para todos e dela também desfruta. O governo há de nascer do país. A forma de governo há de concordar com a constituição própria do país. Imita-se muito e a salvação está em criar. Criar é a palavra de passe para esta geração.” (MARTÍ, 1984). Martí, José. Nuestra América en las entrañas del monstruo. La Habana: CEM. 1984.

Apesar disso tudo vislumbremos com esperança, como amor, e com luta por uma educação que seja verdadeiramente libertadora como Paulo Freire nos ensinou em: “Não é que a educação libertadora produza por si mesma a mudança social... mas, não haverá mudança social sem a educação libertadora” (FREIRE, 1994, p. 78), neste horizontes de esperança pensemos como José Martí (1881), nessa linda poesia.

Em volta da estrela, em uma bandeira nova, deixemos esta fórmula de amor triunfante: com todos e para o bem de todos. É o meu sonho, o sonho de todos: as palavras são noivas que esperam; haveremos de erguer a justiça tão alto quanto as palmeiras.
Escrito por José Martí, em 26 de novembro de 1881.

1.3 - Educação Popular, Cultura Popular e Movimentos de Cultura Popular no Brasil

Libres son los que crean, no los que copian,
y libres los que piensan, no los que
obedecen. Enseñar es enseñar a dudar.
Eduardo Galeano en “Os Filhos dos Dias”

A Cultura Popular⁶⁸ e os movimentos de Cultura Popular no Brasil, são envoltos por um grande processo histórico, coletivo, plural, popular, e mesmo subjetivo, em suas constituições, em seu desenvolvimento ao longo de sua trajetória no Brasil, neste momento do texto reviveremos alguns destes acontecimentos, tendo sempre ao horizonte a década de 1960, e as perspectivas políticas sociais da época, a qual ela encontrava-se envolvida, traremos de volta a luz, alguns de seus principais momentos, seus sentidos e significados que ao longo de sua trajetória, estabelecendo diálogos com autores como Carlos Rodrigues Brandão (1986; 2001; 2018) e Osmar Fávero (1983; 2001; 2006) que fizeram parte deste movimentos.

Também trabalharemos com um documento inédito de Carlos Rodrigues Brandão (2018), ao redor da Cultura Popular e dos Movimentos de Cultura Popular, que generosamente foi cedido para a feitura desta pesquisa, este documento intitula-se, “*História da Educação Popular: Construção e o papel da Cultura Popular*” e foi escrito no ano de 2018, através deste

⁶⁸ Criado em 1961, por intelectuais como Paulo Freire, Paulo Rosas, Abelardo da Hora, Germano Coelho e outros, o MCP de Recife teve a virtude de colocar a educação dentro de um movimento social profundo como expressão da cultura; é a primeira vez que se trata a cultura popular não como folclore, mas como forma típica de vida e expressão do povo. Em segundo lugar, passa a trabalhar o processo educativo a partir da cultura popular e inova o material didático, com a publicação, em 1962, do Livro de leitura para adultos de Norma Coelho e Josina Godoy, inspirado na cartilha das brigadas de alfabetização de Cuba. São instaladas praças de cultura e criados centros de cultura, que traziam as expressões populares típicas do Nordeste, como bumba-meu-boi, festa de São João, reisado, pastorinhas. Recife viveu um período de enorme efervescência, em todas as artes: pintura, escultura, cerâmica, teatro, música, cinema. (FÁVERO, 2008, p. 8)

documento de Brandão (2018), estabeleceremos um diálogo com o livro organizado por Osmar Fávero (1983; 2001), que contém documentos originais⁶⁹ datados no tempo e no espaço da década de 1960, este importante livro intitula-se, “*Cultura Popular e Educação Popular: Memórias dos anos Sessenta*”, e é considerado por Brandão (2018), como uma das mais importantes referências que temos nos dias de hoje, que remontam e rememoram os principais acontecimentos ao redor da Cultura Popular e da Educação Popular na década de 1960, a partir deste contexto histórico também dialogaremos como Paiva (1987), Manfredi (1978), e com outros pesquisadores da época.

É importante destacar a necessidade do resgate histórico da Cultura Popular⁷⁰ (CP), e de seus Movimentos de Cultura Popular os (MCPs), pois como veremos no próximo momento da dissertação foi através da Cultura Popular e dos Movimentos de Cultura Popular no Brasil, que surgiram as primeiras experiências de Educação Popular. “As experiências de cultura popular subordinam a ideia de “desenvolvimento” à de “história”. Elas pensam a história como o lugar cujo horizonte é o reconhecimento entre pessoas, grupos humanos, povos e nações, e cujo horizonte é a “libertação” de todos, em todos os Planos.” (BRANDÃO, 2018, p, 8).

A Cultura Popular e os Movimentos de Cultura Popular tiveram e desenvolveram um papel importantíssimo na década de 1960, para o que mais adiante veio a ser conhecido como Educação Popular (FÁVERO, 2001), neste contexto Brandão (1986), corrobora afirmando que sem os Movimentos de Cultura Popular, dificilmente a Educação Popular tornaria-se um movimento de dimensões continentais como o fez.

Para Brandão (2018), as concepções de Cultura do homem em relação a seu mundo são muito importantes, como um ser produtor de cultura em um mundo que se encontra em constante transformação, e neste trecho do documento inédito ele nos apresenta que:

O que caracteriza o homem é ser ele o produtor da cultura que, transformando materialmente o mundo em que ele vive, o recria, o reproduz como um ser humano. É o mesmo que dizer que criando cultura, nós, os humanos, passamos de indivíduos biológicos (como um macaco é) para pessoas culturais (como o macaco não é). Vimos que a cultura abarca tudo o que o homem e o trabalho humano realizam no mundo, ao transformarem a natureza e atribuírem significados ao que fazem e ao próprio ato criador de fazer, de criar, de transformar. O processo social de criação de cultura é o que atribui ao homem a possibilidade de afirmar-se como um ser de consciência. Como um alguém que sabe (como o macaco sabe) e que sabe que sabe (como o macaco não sabe). Como um sujeito que habita de modo singular a sociedade, que é

⁶⁹ Alguns destes documentos estavam mimeografados, esquecidos, perdidos no tempo, e foram recuperados, redescobertos por Osmar Fávero, trazendo-os de volta à vida em 1983, ano da publicação da primeira edição do Livro. “*Cultura Popular e Educação Popular: Memórias dos anos Sessenta*”, publicação feita pela editora Graal.

⁷⁰ Quando nos referimos ao termo “Cultura Popular” ao longo desta dissertação, estamos ancorados teoricamente em (BRANDÃO, 1977; 1986; 2018; FÁVERO, 1983; 2001; FREIRE, 1967; 1994; WANDERLEY, 1980; 1984)

também um habitante de uma história. (BRANDÃO, 2018, p. 2)

Em relação ao que Brandão (2018) apresentou, Osmar Fávero (2001), reitera e retrata bem essas questões em documentos datados da década de 1960⁷¹, vejamos na íntegra:

- O homem estando no mundo estabelece relação com a natureza, a compreende e desenvolve um trabalho de transformação desse mundo. Nesse sentido é que ele cria outro mundo, o mundo da cultura, do qual por sua posição de criador ele é sujeito e é como sujeito que ele deve participar do mundo da cultura da natureza⁷².

- Cultura é tudo o que o homem agrega à natureza; tudo o que não está inscrito no determinismo da natureza e que nela é incluído pela ação humana. Distinguem-se na cultura seus produtos: instrumentos, linguagem, ciência, a vida em sociedade e os modos de agir e pensar comuns a uma determinada sociedade, que tornam possível a essa sociedade a criação da cultura⁷³.

- A distinção entre dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em sua sociedade e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para com as relações e comunicações dos homens. A cultura como agregação que o homem faz a um mundo que não foi construído por ele. A cultura como resultado de seu esforço criador e recriador⁷⁴.

É muito rico o que esses documentos da época trazem, pois realçam e revivem o que a muito tempo estava perdido na história do Brasil, o delineamento e os apontamentos do conceito de “Cultura Popular”, percorridos através destes documentos nos sustentarão nos momentos seguintes das proposições que estão sendo apresentadas. E também neste contexto avançaremos situando e apontando através de outros pesquisadores da época como (MARQUES, 2008; BRANDÃO, 1995; PAIVA, 1987; FÁVERO, 2001). Então os vejamos novamente na íntegra:

- Não se trata de teorizar sobre a cultura em geral, mas de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la.⁷⁵

- Para que não se transforme em cultura para os trabalhadores, a cultura popular

⁷¹ Remissão a obra: Cultura Popular e Educação Popular: Memórias dos anos Sessenta, 2001, editora Graal.

⁷² Fragmento do documento feito pelo “Centro Popular de Cultura de Belo Horizonte”. 1963, p. 83, contido na obra: Cultura Popular e Educação Popular: Memórias dos anos Sessenta, 2001, editora Graal.

⁷³ MEB. Cultura popular: Notas para um Estudo. 1965, p. 78. Obra já citada.

⁷⁴ Paulo Freire, Conscientização e Alfabetização - Uma nova Visão do Processo. 1963, p. 116. Obra já citada.

⁷⁵ Ação Popular, Cultura Popular, Documento de orientação de ações políticas aos militantes. 1963, p. 23. Obra já citada.

necessita ser uma totalidade que reúna dialeticamente dois polos distintos e as vezes antagônicos: integrar os interesses imediatos do trabalhador individual com o interesse profundo e objetivo da classe trabalhadora e, nessa mesma dialética, unir os interesses particulares da classe trabalhadora com os interesses gerais de todo o povo. A cultura popular somente é totalidade quando se transforma em um processo que permita a livre expansão desta complexa rede em que se articulam, em interseções ricas e variadas, motivos subjetivos e possibilidades objetivas, propósitos de grupos e paixões individuais, meios disponíveis e finalidades ambicionadas. Em uma palavra, a cultura popular deve ser a expressão cultural da luta política das massas, entendendo-se por essa luta algo que é feito por homens concretos, ao longo de suas vidas concretas.⁷⁶

- O movimento de cultura popular surge no Brasil como reivindicação para opor-se ao tipo de cultura que serve somente à classe dominante. É, por sua vez, um movimento que elabora com o povo (e não para o povo) uma cultura autêntica e livre. O movimento de cultura popular se apresenta como um processo de elaboração e formação de uma autêntica e livre cultura nacional e, por isto mesmo, como uma luta constante de integração do homem brasileiro a nosso processo histórico, em busca da libertação econômica, social, política e cultural do povo. É, portanto, um movimento, por sua vez, de elaboração e de libertação.⁷⁷

- Cultura popular é todo processo de democratização da cultura que visa neutralizar o distanciamento, o desnível ‘anormal’ e antinatural entre as duas culturas através da abertura a todos os homens - independentemente de raças, credo, cor, classe, profissão, origem, etc... de todos os canais de comunicação... Fazer Cultura Popular é, assim, democratizar a cultura. É antes de tudo um ato de amor... Podemos então definir educação em termos de nossas análises anteriores: a instrumentalização do homem pela democratização da cultura.⁷⁸

Entendamos então alguns processos conceituais que atravessam a Cultura Popular e os movimentos de Cultura Popular no Brasil. Segundo a pesquisadora Marques (2008), em sua reflexão sobre a Cultura Popular destaca que: “A cultura popular entendida como o trabalho com ou a partir de manifestações culturais, isto é, em seu sentido restrito, esteve ligada à cultura como dimensão da sociabilidade humana.” (MARQUES, 2008, p. 46), ela continua e afirma que a cultura popular, está diretamente relacionada como construto social popular, encontros

⁷⁶ Carlos Estevam, A questão da Educação Popular, Cultura Popular e Educação Popular. 1965. p. 40-41. Obra já citada.

⁷⁷ Centro Popular de Cultura de Belo Horizonte, O que é Cultura Popular, Cultura Popular e Educação Popular. 1963 p. 85. Obra já citada.

⁷⁸ Jarbas Maciel, Fundamentos teóricos do sistema Paulo Freire de educação, Cultura Popular e Educação Popular. 1963, p 143-144.

entre consciências de diferentes mundos e ela, significou, um esforço teórico-prático de jovens da classe média para compreender e impulsionar a emergência das classes trabalhadoras na política brasileira. (MARQUES, 2008).

Para ela, "A cultura popular como destinada às classes populares é consenso entre os movimentos de cultura e educação popular. O dissenso aparece em relação ao lugar que essas ocupam na produção cultural, sobretudo o lugar da arte produzida pelas classes populares." (MARQUES, 2008, p. 48), neste contexto encontramos em Brandão (1995), que faz um balanço sobre os movimentos de cultura popular, apontando uma importante questão desta época, onde a década de 1960 foi o primeiro momento na história brasileira em que jovens reivindicaram ser possível alterar uma dimensão da sociabilidade humana, a cultura, através do trabalho pedagógico. Fica nítido ao longo deste percurso histórico que ele está carregado de processos controversos onde existem diferentes definições de cultura popular. (MARQUES, 2008; BRANDÃO, 1995). Segundo Brandão (1995) e Marques (2008), ao longo da história Cultura Popular ela ganha três sentidos e significados principais sendo eles: tudo aquilo que vinha do povo ou para o povo; uma forma de expressão do processo de conscientização e da consciência revolucionária; um sentido para romper com o anti-povo e para tornar tudo aquilo que era genuinamente nacional como popular e social.

Segundo a historiadora da Educação Popular, Professora Vanilda Paiva (1987) apud, (SCHLINDWEIN; CATINI, 2021), destaca que nesse momento político-social da década de 1960, o que se buscava eram, diálogos, métodos e justificações, para a conceituação de Cultura Popular no Brasil, para romper-se com as manipulações das massas populares, impostas pelo sistema social vigente. (PAIVA, 1987).

Nessa busca de métodos e em sua justificação, refletiam-se as divergências políticas e ideológicas entre os grupos. Discutia-se o conceito de cultura popular, o papel da arte e da alfabetização, bem como a ênfase que cada uma delas deveria merecer e, finalmente, o problema da diretividade ou não-diretividade dos métodos, por trás do qual colocava-se a questão da manipulação das massas. Entretanto, apesar das divergências, os grupos influíram metodologicamente uns sobre os outros, e estas influências recíprocas provocaram diversos processos de revisão nos movimentos. (PAIVA, 1987, p. 231, apud SCHLINDWEIN; CATINI, 2021, p. 11)

Nos termos em que procuravam se identificar como um novo tipo de movimento social, os MCPs acreditavam que eles nada gerariam e gestariam sozinhos. (BRANDÃO, 2002; 2018), e "Ao contrário, eles deveriam participar de um esforço comum, junto com outros grupos comprometidos e com os movimentos populares, dos processos de conscientização e mobilização dos subalternos". (BRANDÃO, 2018, p. 11).

Neste contexto, Cultura Popular pouco a pouco se define como a prática de uma

relação de compromissos e de alianças entre movimentos de cultura popular e movimentos populares, através da cultura. (BRANDÃO, 2018; FÁVERO, 2001; MARQUES, 2008). Muitas das proposições constituídas através dos processos de Cultura Popular e também como veremos adiante nos grupos de Movimentos de Cultura Popular na década de 60, tinham uma abrangência gigantesca da qual eram incorporaram em seu bojo, a constituição de núcleos populares, revitalização do folclore popular, publicações de materiais político-sociais, realização de festivais culturais, alfabetização sobretudo a de adultos. (BRANDÃO, 2002).

Destarte, assim como apresentado nas proposições anteriores os movimentos de caráter educativo populares, dialogam profundamente com diferentes conceitos, ideias e expressões ligadas à cultura popular brasileira, e que posteriormente se tornaram muito fortes para o desenvolvimento dos MCPs⁷⁹ no Brasil.

O Brasil neste momento de 1960, ampliava e desenvolvia novas organizações de cunho popular e também nessa fluidez surgiam as iniciativas de caráter educativo relacionando-se aos Movimentos de Cultura Popular. Contextualizando esses momentos de historicidade legitimamente brasileiros, vale destacar brevemente algumas dessas organizações de cunho popular que influenciaram direta e indiretamente o que se tornaria a educação popular no Brasil e nas décadas seguintes na América Latina. Nessa perspectiva, Carlos Rodrigues Brandão (2002; 2015; 2018), Osmar Fávero (2001; 2006), Paiva (1987), Manfredi (1978) e Marques (2008), destacam que no Brasil do início dos anos 60, mais especificamente na cidade de Recife, estado de Pernambuco, esses quatro movimentos ligados à promoção da Cultura Popular surgem, sendo eles: Movimento de Cultura Popular (MCP), Serviço de Extensão Cultural (SEC), Centros Populares de Cultura (CPC), Movimento de Educação de Base (MEB), mas tinham atividades pouco expressivas na camada de juventude, mas que posteriormente ganham força com a chegada de Paulo Freire, e se espalham pelo Brasil e nas décadas depois na América Latina.

As reformas sociais, pautadas nas lutas populares, por alfabetização e pela garantia e para as conquistas de direitos da população, são inspiradas nos trabalhos dos Movimentos de Cultura Popular, advindos da região Nordeste do Brasil, e vão influenciar a implementação das reformas de base do governo de João Goulart, nos anos de 1962 e 1963, neste contexto do país, tendo as reformas em discussão, seus ideais se aprofundam, e começa aí então, uma maior

⁷⁹ Movimentos de Cultura Popular, para contextualização desses movimentos e seus avanços no tempo de na história do Brasil, sugiro remissão ao texto de Aída Bezerra e Rute Rios intitulado: La negociación: una relación pedagógica, publicado en Cultura y Política en Educación Popular: Anke Van Dam, Sergio Martime e Gerhard Peter, Edição, Cesó Paperbach n. 22, 1995, La Haia, p. 21-68.

articulação nacional dos principais Movimentos de Cultura Popular que estavam surgindo nesta época:

A CNBB tinha uma crescente participação nos movimentos sociais. Entre os atores políticos, se alinhavam ainda: a UNE, a CGT, os Sindicatos Rurais, as Ligas Camponesas, os movimentos de alfabetização e cultura popular ("De pé no chão também se aprende a ler", CPC, MEB, o Método Paulo Freire, MCP, etc.). A JUC tinha uma presença militante em muitas dessas frentes. Noutra pólo atuavam: o IBAD, o IPES, a Aliança para o Progresso, o Movimento pelo Rearmamento Moral, etc. (COSTA; COSTA; JACCOUD, 1986, p. 119 – 120).

Estamos nos primeiros anos da “década dos sessenta”. Em Angicos Paulo Freire e sua equipe de Pernambuco iniciam no sertão do Rio Grande do Norte⁸⁰ uma primeira inovadora experiência de alfabetização que traria fundamentos de teoria e prática ao que anos mais tarde veio a se chamar educação popular. Por esta mesma, e por uma nova proposta a respeito de ações sociais através da cultura e, de maneira especial, da cultura popular surge no Brasil e se difunde por toda a América Latina os Movimentos de Cultura Popular (BRANDÃO, 2018). No começo dos anos da década de 1960, no Brasil e, “Mais tarde, em vários outros países da América Latina, os movimentos de cultura popular pensaram uma Filosofia da História ali, onde outras organizações devotadas à educação e à mudança social pensaram uma Sociologia do Desenvolvimento.” (BRANDÃO, 2018, p. 2)

Os projetos dos MCPs no Brasil inspirados no nordeste brasileiro, pretendiam ir mais além do que uma simples “democratização da cultura” ou de uma “ilustração” de pessoas, grupos e classes populares através de programas especiais de educação ou de “cultura para o povo” (BRANDÃO, 2018). Para Brandão (2018, p. 1) “A proposta de um “trabalho de cultura popular” representou uma das expressões mais radicais de interação entre profissionais e intelectuais saídos das universidades e de outros centros de “cultura erudita” e pessoas das classes trabalhadoras e seus mundos de vida, de trabalho e de criação cultural.”. Nestes tempos

⁸⁰ É importante destacar nesse contexto histórico que quando Paulo Freire inicia sua campanha de alfabetização em Angicos, foi através do trabalho e da supervisão pedagógica de sua esposa Elza Freire, que se deram as fichas de cultura, as palavras geradoras, o conhecimento da realidade social dos alfabetizandos, a qual foi um material central, neste processo metodológico de alfabetização que posteriormente foi ganhar o mundo, como um sistema de alfabetização Paulo Freire, primeiramente nas Américas, depois Europa e em África, nos países recém independentes de colônias Portuguesas “Zâmbia, Tanzânia, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde”, Elza Freire foi uma figura primordial nesses processos de alfabetização de adultos tendo inspirado Paulo Freire em muitos momentos de sua carreira, é importante destacar também que o método de alfabetização de adultos proposto por Freire, foi inspirado nos processos pedagógicos de alfabetização com crianças, a partir das experiências de quando sua esposa Elza Freire foi professora e alfabetizadora na educação infantil em Recife, experiência essa que o próprio Freire diz que faltou em sua constituição enquanto professor. Paulo Freire sempre em seus livros destaca que Elza foi chave central para o desenvolvimento e criação de suas pedagogias e práxis educativas. Para mais detalhes aprofundados sugiro remissão a: SPIGOLON, N. I. (2009). Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz educação. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. E a: SPIGOLON, N. I. As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

o Brasil vivia uma espécie de sobreposição de culturas, onde o atual sistema de governo, que já vinha sem inovações à anos e através dessa estagnação, o que imperava era o poder da “classe dita superior/opressora⁸¹”, e sua cultura era tentada ser imposta sobre a população, levemos em conta que nesse momento do país uma grande parcela da população vivia as sobras do analfabetismo⁸².

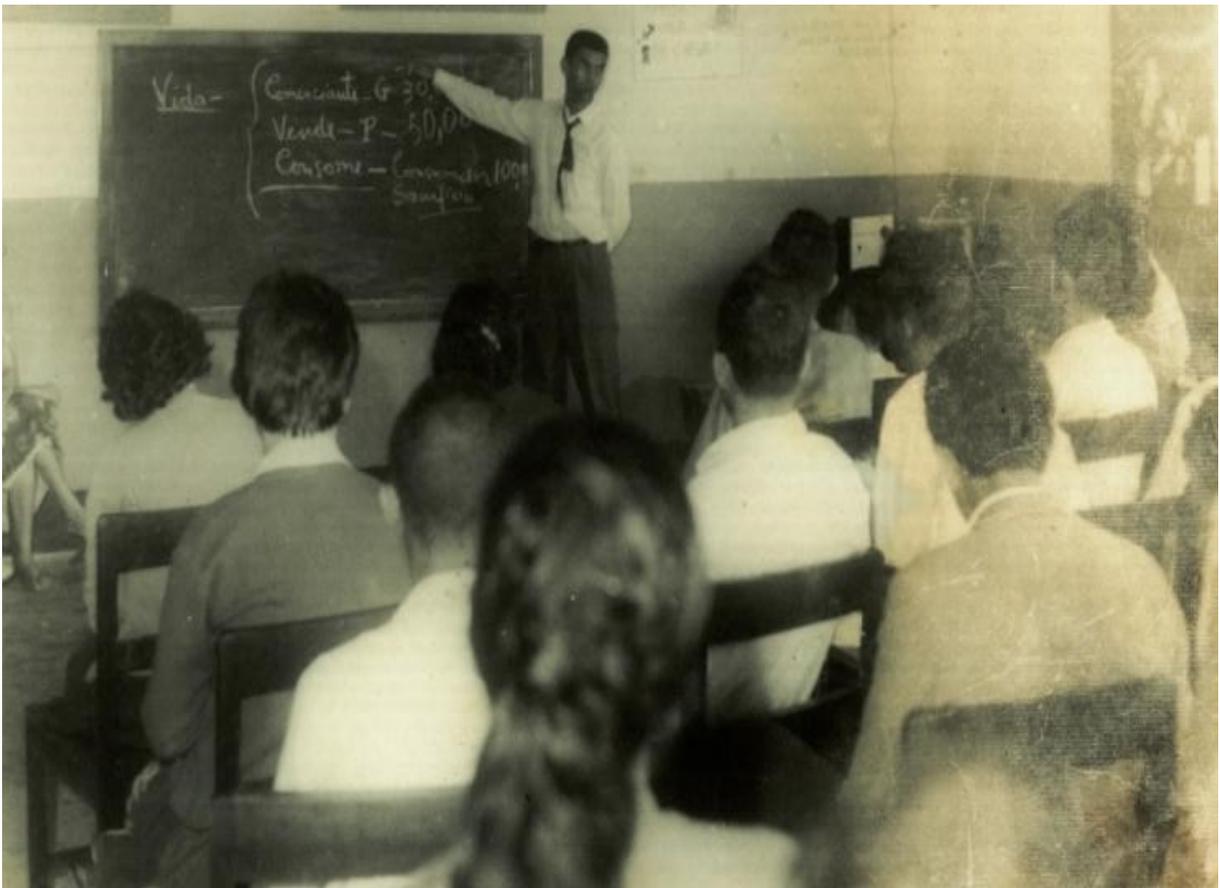


Imagem 5: Fonte - Memorial da Democracia – Aula promovida pelo MEB, estando engajado juntos os MCPs do Nordeste

⁸¹ Pensemos para este “termo superior/opressora” o que está contido no contexto de classe opressora em Paulo Freire (1994), na Pedagogia do Oprimido.

⁸² “Nessa altura descobri que o analfabetismo era uma castração dos homens e das mulheres. Uma proibição que a sociedade organizada impunha às classes populares” (FREIRE, 1994, p. 85). Segundo dados do IBGE (1965) da época, no início dos anos 60 a taxa de pessoas analfabetas no Brasil com 15 anos ou mais era de 30,48%, em uma população de pouco mais de 70 milhões. Segundo a metodologia do censo realizado em 1960, foram consideradas alfabetizadas quem conseguisse ler e escrever um bilhete simples em qualquer idioma. (SCHLINDWEIN, 2020, p. 63). Já para o Educador Popular e Pesquisador Freireano Afonso Celso Scocuglia. Na região Nordeste, com seus 59,8% de analfabetos, a proporção de novos eleitores “conscientizados” duplicaria nas eleições presidenciais marcadas para 1965. Além do mais, no Nordeste havia um candidato natural à presidência (ou à vice) ou, no mínimo, um forte cabo eleitoral das “esquerdas”: Miguel Arraes. Por outro lado, havia camponeses organizados em conflito com proprietários rurais, além da crescente participação política, nas maiores cidades nordestinas, de sindicatos operários, bem como de estudantes universitários e secundaristas. Ademais, havia uma inspiração maior: Cuba, assustadora para os Estados Unidos, que desembarcaram milhares de “técnicos” no Nordeste do Brasil nos anos sessenta, onde “havia uma revolução à cubana” em gestação e impunha-se combatê-la” (SCOCUGLIA, 1999).

Para a professora e Educadora Popular Goiana, Maria Emília de Castro Rodrigues, “A escolha da proposta do sistema Paulo Freire que seria utilizada em todo o Brasil, pelo PNA, deu-se após intenso debate entre os diversos movimentos de cultura popular, que acolheram o sistema Freireano como o carro chefe desse processo de alfabetização a ser implementado no país.” (RODRIGUES, 2008, p. 147).

Manfredi (1978), chama a atenção apresentando o porquê do medo dos atuais governantes em fortalecer os processos de alfabetização do País. “Em uma sociedade desigual, na qual o voto dos analfabetos era proibido, a mobilização em prol da alfabetização do povo poderia garantir aos líderes populistas a ampliação do eleitorado, aumentando assim as bases de sustentação de seu poder” (MANFREDI, 1978, p. 26), e por esses processos de conscientização da população através da alfabetização e da cultura popular que era o foco dos MCPs, “O objetivo principal era a conscientização dos trabalhadores através da alfabetização e educação de base” (MARQUES, 2008, p. 42).

Além dos objetivos apontados até este momento, vale destacar aqui, o que mais uma vez a professora Maria Emília de Castro Rodrigues (2008), destaca situando que a partir desse contexto político do país na década de 1960, aconteceu uma união através do ideário comum de toda militância social ao redor dos Movimentos de Cultura Popular e neles estavam os movimentos: da Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Feminina Católica (JFC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Movimento de Educação de Base (MEB), União Nacional dos Estudantes (UNE), e agora neste contexto também os da Ação Popular (AC).

É importante destacar que, o que unia estes militantes dos vários movimentos era um projeto maior de uma sociedade mais justa e mais humana, um projeto de revolução, em que a exploração de uns sobre os outros desaparecesse, e no seu lugar fosse implantado o socialismo humanista cristão, e para isso os militantes da AP uniram-se à classe trabalhadora e a alguns movimentos da época, entre eles o MEB para viabilizar este projeto. (RODRIGUES, 2008, p. 110)

De acordo com os documentos dos MCPs originários nos anos de 1960 em diante (FÁVERO, 2001; BRANDÃO, 2002), eles demonstram que o poder simbólico de uma cultura dominante/erudita, como o que lhe é culturalmente imposto e com o que ele consegue representar de seu, traduz a sua condição de objeto (BRANDÃO, 2018; FÁVERO, 2001), e também se traduz, “Como uma cultura dominada e alienada, ela não expressa para os subalternos a realidade social através dos valores de uma ideologia autônoma de classe. Ela é uma cultura do povo, sem chegar a ser uma cultura para o povo (BRANDÃO, 2018, p. 5-6). Brandão (2018) e Fávero (2001; 2006), chamam atenção, e dizem que esse é um ponto muito

importante nesta relação entre dominação e opressão/erudição e que aos Movimentos de Cultura Popular do Brasil lutaram bravamente sobre essas dominações, e neste contexto Brandão (2018), destaca essa atenção em:

De muitos modos e através de muitos artifícios de comunicação e de inculcação de ideias, realiza-se um trabalho contínuo de bloqueio e cooptação de todas as “manifestações populares” que possam vir a expressar a sua condição de classe e um horizonte histórico popular. O domínio da cultura erudita sobre a popular é ativo: mobiliza recursos, canais, meios, pessoas especializadas, grupos de controle, de propaganda, de educação, recupera técnicas, inova, amplia e testa a sua estratégia; absorve, esvazia, retraduz, invade domínios e formas de expressão cultural do povo. (BRANDÃO, 2018, p. 6).

É muito interessante estudar, as concepções históricas de Brandão (2018), pois além de sua humildade, nas narrativas, e por ter vivido esse período na pele nos anos 60, ele em dias atuais, ousa “correr o risco”, nas palavras do próprio Brandão (2018, p. 6), de reinventar e rever os próprios conceitos e mesmo os conceitos da época, transpassando no horizonte do tempo e do espaço nos documentos históricos destacados em Fávero (2001), novas formas para se ver os a Cultura Popular (CP) e os seus Movimentos de Cultura Popular MCPs do Brasil, primeiramente vejamos na íntegra o que ele disse: “Vejamos como as ideias mais decisivas dos MCPs dos anos 60, no Brasil, poderiam ser ampliadas, mesmo que por um momento corramos o risco de nos afastar do pensamento de seus documentos originais.” (BRANDÃO, 2018, p. 6). Agora destacaremos essas novas formulações aos quais considero revolucionárias, pensando no tempo histórico de nossos dias:

- Em uma sociedade igualitária e regida por princípios de justiça e fraternidade, a diferença entre culturas é um bem;
- A pluralidade correspondente à presença de diversos grupos étnicos e mesmo nacionais, à diversidade de suas regiões e à associação entre tudo isto e a variedade de vocações e estilos de vida e de representação da experiência particular de um grupo ou povo no curso da realização de sua vida, é desejável;
- Mesmo um dos indicadores mais fiéis de um estado cultural de liberdade de criação, a partir de diferenças culturais negadoras de diversidades sociais. É em nome disto que se defende na América Latina o direito a que todos os povos indígenas mantenham a plenitude de suas próprias experiências culturais em todos os seus planos, da língua à religião, o que desautoriza qualquer tipo de prática cultural homogeneizadora, mesmo quando em nome de sua “integração à comunidade nacional”, mesmo quando em nome da produção de uma “genuína cultura nacional”;

- Outra coisa é a desigualdade cultural decorrente de estruturas e processos de imposição de valores, de negação do direito à expressão cultural de povos, de grupos e de etnias minoritários ou dominados social e culturalmente. Na sociedade desigual uma posição estrutural entre formas sociais de participação na criação, na partilha e no consumo da cultura é o que explica a própria cultura popular;

- Uma cultura popular “alienada” (o termo era bastante comum na época) é negadora de uma vocação de direitos humanos em um duplo sentido. Primeiro, ela resulta de uma imposição de conhecimentos, valores e códigos de relacionamentos interpessoais de classes e grupos hegemônicos sobre outros, traduzindo a própria relação social de desigualdade, e também o poder de uma classe em impor a outras e a outros grupos de seu meio, visões de mundo e expressões de identidade que não são criações suas e não expressam a sua própria experiência no mundo; segundo, mesmo uma boa parte daquilo que se pode considerar como criação cultural popular, aquilo que os sujeitos subalternos conseguem criar através de suas próprias experiências no mundo, reflete a sua condição subordinada. É seu, mas não traduz a sua liberdade. É “próprio”, mas não reflete a integridade de sua experiência, pois ela é privada de autonomia;

- Livre, uma cultura popular emancipada abandonaria os resquícios de sua anterior visão arcaica e fatalista da história dos povos e do destino das pessoas, regida por uma prisão ao passado e um temor do futuro. Ao invés de se apresentar como o tempo da realização de fatalidades determinadas em algum momento do passado e alheias ao poder das pessoas, o futuro se rerepresentaria como o lugar do acontecimento;

- Como o inesperado, mas construível território de uma realização assumida, voluntária e solidária dos homens em seu mundo. O domínio da própria tradição popular deveria ser então estabelecido sobre outros novos termos. Pois a não ser nos grupos e momentos mais radicais, não se tinha em mente a desqualificação do folclore e das tradições populares, mas a sua requalificação de sentidos e de valores. Algo que realizasse a passagem da contingência à consciência. O trânsito daquilo que as pessoas do povo criam e vivem para repetir nos gestos do presente os significados subalternos do passado, em direção a algo que por se tornar a consciência autônoma de seu poder criador, seja para ele mesmo o eixo da sua possibilidade de ele agir culturalmente como um agente histórico de transformação.⁸³

⁸³ Trechos contidos em: História da Educação Popular: Construção e o papel da Cultura Popular. Rosa dos Ventos, 2018. p. 6 -7 e 12. (documento inédito cedido ao pesquisador)

Inspirado em grande medida no documento inédito de Carlos Rodrigues Brandão (2018), gentilmente cedido a este pesquisador; nos documentos originais trazidos de volta a vida na coleção publicada em (2001) por Osmar Fávero, e nos pesquisadores referenciados ao longo dessa trajetória, foi que procuramos apontar alguns percursos históricos, sentidos, significados e conceitos da Cultura Popular (CP) e dos Movimentos de Cultura Popular (MCPs) do Brasil na década de 1960, em momento algum buscamos findar as proposições apresentadas, visto que a quantidade de material histórico contido no tempo e no espaço iniciado na década de 1960 é gigantesca, mas sim procuramos trazer um paralelo inicial do que veio a ser a Cultura Popular e os Movimentos de Cultura Popular do Brasil, para assim conseguirmos avançar na pesquisa, adentrando agora com mais propriedade a Educação Popular no Brasil.

CAPÍTULO 2 - (Re)construindo percursos, utopias, inéditos viáveis: O Movimento de Educação de Base – MEB do Brasil

2.1 - O sonho do passado e a utopia do futuro: Às raízes do MEB

La memoria guardará lo que vale. La memoria sabe más de mí que yo; y ella no pierde lo que merece ser salvada.
Eduardo Galeano en *Días y noches de Amor y Guerra*.

As memórias presentes nos processos Culturais da história do Brasil, trazem-nos um emaranhado de sonhos, de lutas, e de esperança por um futuro melhor, o povo brasileiro é/são os “portadores de tradição” (THOMPSON, 1992, p. 51), tradições essas que atravessam o espaço-tempo de forma não linear, às raízes culturais brasileiras estão entrelaçadas em grande medida sob os auspícios da influência da Igreja Católica desde o seu descobrimento no século XV, e é através dela que iniciaremos nossas reflexões. No decorrer deste capítulo, apresentaremos algumas nuances e influências que permearam a criação, desenvolvimento e disseminação de um dos movimentos mais importantes relacionados à Educação Popular e a Educação de Adultos do Brasil: o Movimento de Educação de Base – MEB.

Desde o Brasil colônia a Igreja Católica, juntamente com seu império Monarca, caminhou conjuntamente com as propostas constituídas pelo Estado, mesmo com as dificuldades impostas pelo Marquês de Pombal, atravessou um período de distanciamento de poder constituído pelo estado no início do Brasil republicano. “Quando o Estado deixou de exercer sua tutela sobre o catolicismo brasileiro, estabeleceu-se um controle maior de Roma e aprofundou-se a romanização por influência ideológica das congregações religiosas.” (RODRIGUES, 2008, p. 31), em um contexto agora já “Republicano” desde o golpe de 15 de novembro de 1889 com o Marechal Deodoro da Fonseca, podemos notar que, “Dos anos 1920 aos anos 1960 o pensamento eclesial da Igreja Católica sofreu uma grande transformação.” (RODRIGUES, 2008, p. 31).

Para a pesquisadora Rodrigues (2008), foi desde 1903 que os católicos em âmbito internacional instalaram a Ação Católica (AC), que se estendeu para o mundo, ligando-se à democracia e agrupando-se às massas. (RODRIGUES, 2008), e foi através do Papa Pio XI no decorrer de seu pontificado compreendido pelos anos de 1922 a 1939, que se ocorreram os maiores incentivos ao apostolado leigo, sendo assim enviados cartas e recomendações a bispos de vários países, com vistas à criação de movimentos leigos, compondo em conjunto a Ação Católica. (RODRIGUES, 2008).

Segundo Rodrigues (2008), foi através de Dom Sebastião Leme por meio da

publicação, em 1923 com o livro *Ação Catholica*, a qual tinha instruções para a organização e funcionamento de Comissões Permanentes da Confederação Católica no estado do Rio de Janeiro. Aos moldes da Ação Católica (AC), internacional⁸⁴ surgidos em 1924, e com a Juventude Operária Católica (JOC), enquanto primeiro grande passo da Ação Católica (AC), que era voltado para os trabalhos realizados com leigos⁸⁵ em pequenos núcleos de lideranças comunitárias, sendo que, com o fim do Estado Novo, e com os Círculos Operários (CO), perdendo influência, mesmo dentro da Igreja Católica, cada vez mais o trabalho passou a ser realizado pela Juventude Operária Católica (JOC) e pela Ação Católica Operária (ACO), para os operários adultos. (RODRIGUES, 2008). No ano de 1928 foi criada em Recife, a União dos Moços Católicos (UMC) e em 1932, a Juventude Feminina Católica (JFC). (RODRIGUES, 2008). “Em 1930 surgiu no Rio a Ação Universitária Católica, estes movimentos estenderam-se por algumas capitais do Brasil, mas eram experiências esparsas e desarticuladas, que recebiam o nome de Ação Católica⁸⁶, assim como outras atividades pastorais, confundindo suas ações.” (RODRIGUES, 2008, p. 36).

É importante mencionar que:

Os primeiros Estatutos Gerais da Ação Católica Brasileira, elaborados sob o modelo da Ação Católica Italiana e aprovados pelas congregações romanas, obedeciam aos critérios de sexo e idade: Homens da Ação Católica; Liga Feminina de Ação Católica; Juventude Católica Brasileira; e JFC. Estes estatutos admitiam a existência da Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Estudantil Católica Feminina e da JUC, que posteriormente, juntamente com a JOC – agia sobre a opinião pública através da imprensa e informação – passariam a funcionar independentemente da Juventude Católica Brasileira. (RODRIGUES, 2008, p. 36).

Nos anos de 1930 em diante, a Igreja Católica no Brasil, agora já em uma nova etapa do pensamento cristão, e diante da crise de legitimidade do Estado oligárquico liberal, começou a absorver o populismo e o desenvolvimentismo nacionalista, num processo lento de transição para o nacionalismo católico, buscando o reconhecimento, pelo Estado, da Igreja Católica⁸⁷ como religião oficial do povo brasileiro e em âmbito nacional, em troca do apoio

⁸⁴ Que seguiam os moldes da Ação Católica Italiana.

⁸⁵ Neste contexto, leigo passou a ter um papel significativo na Igreja Católica. As ideologias e a religião europeia, sobretudo de Roma, (RODRIGUES, 2008), demonstram que “[...] influenciaram as posições no Brasil e a Igreja perdera a iniciativa para o Estado e para outros grupos da sociedade” (BEOZZO, 1986, p. 275).

⁸⁶ Buscando sua reafirmação esta Igreja abriu espaço para movimentos leigos, entre eles, no Brasil, com vistas a demarcar um campo próprio da AC, em 1935, Dom Sebastião Leme criou, oficialmente, a Ação Católica Brasileira, a qual era difundida em âmbitos nacionais, através do uso do termo Ação Católica (AC). (RODRIGUES, 2008).

⁸⁷ Até esse período a perspectiva eclesiológica que havia, tomava a Igreja como uma instituição de salvação individual, desvinculada do aspecto social; a qual passa a conviver com outra, a de tomar a Igreja como Corpo Místico de Cristo, acentuando seu aspecto comunitário, e privilegiando as atividades educacionais às elites, fornecendo-lhes valores evangélicos, sob o pressuposto que estas os estenderiam às camadas populares; nos anos 1950/1960, a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) e os Movimentos da Ação Católica Brasileira, retomam a concepção anterior e acrescentam a esta, a noção de Igreja como participação na comunhão da santíssima trindade, cuja missão recupera a perspectiva cristã de transformação histórica da sociedade. Houve

desta ao poder político-estatal. (RODRIGUES, 2008).

Para que o Estado assegurasse os “direitos da Igreja”, esta optou pela educação das elites, sendo assim criado no de 1932 o “Instituto Católico de Estudos Superiores”, e a Confederação Católica Brasileira de Educação (1933) e a Universidade Católica (1942). (RODRIGUES, 2008). Estas instituições atuaram de forma unida e organizada com fins de pressionar o governo da época. Outrossim também constituiu, em 1932, a LEC (Liga Eleitoral Católica) enquanto instrumento de pressão católica, os Círculos Operários (CO), e a Ação Católica (AC). Com o advento das eleições em 1933 a LEC demonstra grande força como um organismo eclesiástico suprapartidário, vejamos alguns de seus objetivos:

A LEC era um organismo eclesiástico suprapartidário. Tinha como objetivos: 1º - instruir, congregar, alistar o eleitorado católico; 2º - assegurar aos candidatos dos diferentes partidos a sua aprovação pela Igreja e, portanto, o voto dos fiéis, mediante a aceitação por parte dos mesmos candidatos, dos princípios sociais católicos e o compromisso de defendê-los na Assembleia Constituinte. [...] a maioria dos deputados eleitos girava na órbita da LEC... A atuação direta da Igreja, através de um mecanismo de pressão como a LEC, a vitória esmagadora que ela conseguiu, as possíveis repercussões do “voto dirigido” dos católicos, tudo isso assustou o governo, os políticos e os coronéis (LUSTOSA, 1977, p. 68-69).

Com a força da Igreja Católica restaurada, ela encontrava-se sob uma posição privilegiada em relação ao Estado, ela foi oficialmente reconhecida pelos representantes governamentais e passou a preencher e exercer algumas funções que eram de dever do Estado, ainda neste contexto ela dava apoio a ele, sobretudo no que tange ao setor trabalhista, através dos Círculos Operários (CO), e por meio deles apoia o Estado, em troca deste apoio o mesmo deveria retribuir quando a Igreja o pedisse.

Os Círculos Operários espalharam-se por todo o Brasil e representavam a Igreja de forma direta nas instituições e nos movimentos da época. Neste caminho, o governo apontou para criação e organização de sindicatos como órgão em colaboração com o poder público, reprimindo as pretensões de uma direção autônoma da classe operária e dos movimentos operários de esquerda, num quadro de lutas de classes. (RODRIGUES, 2008).

Como já apresentado neste período, a Igreja Católica estava lotada de privilégios, sobretudo no campo educacional, direcionando os mesmos, a propostas educacionais diretamente ligadas às elites da classe média Brasileira, deste momento em diante surge no Brasil por meio dos “Movimentos Liberais”, uma nova forma de pensar a educação, levantando assim uma bandeira de luta em prol da escola pública, laica e gratuita. Surgia então um movimento de educadores e intelectuais liberais brasileiros, lançando assim em 1932, o

ainda uma concepção que perpassou também os anos 1960, mas que contou com poucos adeptos, porém bastante atuantes na Igreja, foi a de simbiose entre Igreja e sociedade civil. (RODRIGUES, 2008, p. 32),

“Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova⁸⁸”, que cobrava do Estado seu papel mantenedor enquanto instituição popular, que tinha por obrigação a garantia dos direitos educacionais da população, primando por uma educação pública e democrática. Em contraposição a este movimento liberal a Igreja criou em 1933 a Confederação Católica de Educação (CCE), para defender seus interesses.

É interessante esse movimento dialético entre a Igreja Católica em relação ao Estado nesse período, pois, por mais que um tentasse exercer de alguma forma “poder sobre o outro”, eles de alguma forma sempre estavam à mercê da influência exercido um sobre o outro, e com esse processo dialético acabaram por ter que se aproximar novamente, seja por necessidade, ou mesmo por não ter opção. Pode ser notado esse movimento no trecho a seguir:

O projeto populista acabou facilitando uma reconciliação da Igreja com o Estado e com as classes dominantes: enfraquecidas as oligarquias agrárias, amenizaram-se os ataques antiliberais por parte da Igreja e os discursos anticlericais por parte da burguesia dos liberais. O projeto populista de Vargas precisava do auxílio da Igreja, ou pelo menos, não a ter como inimiga, uma vez que representava quase toda a população brasileira que se declarava católica. (KOLLING, 2000, p. 111)

Com a força obtida por meio da Constituição estabelecida em 16 de julho de 1934, o Estado e a Igreja Católica, tiveram que passar a conviver com o poder de sindicatos e associações populares, esse fato se deu, através por meio do artigo 120, que reconhecia os sindicatos e associações, assegurando-lhes a pluralidade e a autonomia – quanto ao ensino religioso em que o artigo 153 previa: o ensino religioso como matéria obrigatória nas escolas públicas de ensino primário, secundário, profissional e normal, de frequência facultativa. (RODRIGUES, 2008; KOLLING, 2000). Nos anos seguintes em 12 de maio de 1941, através do decreto Federal nº 7164, reconhecia-se os Círculos Operários (CO), como: “[...] como órgão técnico e de assessoramento do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tornando-se, se não formalmente, pelo menos na prática, uma agência governamental no meio operário” (BEOZZO, 1986, p. 315).

⁸⁸ O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Lourenço Filho, um dos signatários do Manifesto redigido por Fernando de Azevedo, o texto foi assinado por 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento tornou-se o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O movimento reformador foi alvo da crítica forte e continuada da Igreja Católica, que naquela conjuntura era forte concorrente do Estado na expectativa de educar a população, e tinha sob seu controle a propriedade e a orientação de parcela expressiva das escolas da rede privada. Fonte: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Escrito por Helena Bomeny. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>. Acesso em 22 de julho de 2021.

Com o advento da segunda Guerra Mundial, e com o fortalecimento comunista crescente⁸⁹ na Europa, Ásia e América Central, a Igreja Católica enfrentava, graves e novos problemas que possibilitaram o questionamento sobre o significado religioso do homem e deste no mundo. (RODRIGUES, 2008). A Igreja Católica então passou a enxergar a necessidade de superação da miséria e do empobrecimento do povo⁹⁰. Neste novo contexto de mudanças sociais, vivenciadas no mundo devido à sombra negra da Guerra, a Igreja Católica em âmbito mundial, estabelece novas propostas de mudanças sociais, estabelecendo novas formas de se olhar com amor e dignidade às camadas populares, resgatando assim seus princípios Cristãos de base. Com as mazelas provocadas pelo capitalismo, setores da Igreja Católica, agora já sob alguma influência da Teologia da Libertação, que se espalhava pela América Latina, fizeram com que grupos Católicos organizados iniciassem um deslocamento filosófico Cristão.

Neste contexto já começavam a organizar-se os ideais da Teologia da Libertação que na década de 50 e 60, passou a ser difundida através das: “Transformações sofridas pela Igreja Católica Romana ao longo do século XX e, principalmente na sua segunda metade, quando vários setores do clero na América Latina passaram a identificar-se com as causas das esquerdas do continente e com a questão do homem pobre. Dessa metamorfose, brotou o ideal de libertação das classes empobrecidas e das nações latino-americanas. Desenvolveram uma nova reflexão teológica voltada para os anseios e necessidades desse homem e dessa sociedade: a Teologia da Libertação. Tal reflexão, nascida a partir de uma nova práxis do clero, dialogava com as novas concepções políticas, cada vez mais radicalizantes, que surgiam no continente, animadas pelo mito da revolução e pelo mito do foco, após a vitória de Fidel Castro, em 1959. E também com a elaboração da teoria da Dependência, que pressupunha a ruptura com os grandes centros financeiros do mundo capitalista como a única forma de libertar a América Latina da condição de opressão na qual se encontrava. Dialogava ainda, com os novos posicionamentos da Santa Sé, a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, mas, sobretudo, das encíclicas de João XXIII e Paulo VI, *Pacem in Terris* e *Populorum Progressio*, respectivamente. As novas posições geraram muitos conflitos e impasses, tanto no interior da Igreja Católica quanto nas sociedades latino-americanas, tornando-se a Teologia da Libertação (TL) objeto de muitos ataques, mas também, de muitas disputas. No Brasil, assumiu função ideológica hegemônica na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e foi fundamental na constituição das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).” (SILVA, 2006, p. 11)

No sentido de resgatar e reestruturar uma nova aproximação junto às camadas populares, sejam elas rurais em sua grande maioria e urbanas⁹¹, desenvolvendo assim novas

⁸⁹ A expansão do comunismo na Europa Central, na China e em Cuba, que influenciou sobremaneira a América Latina, asfixiada por suas estruturas semifeudais; a posição da América Latina que carecia imensamente de padres e estes, em sua maioria, eram estrangeiros ou saídos da classe privilegiada; a passagem a partir de 1930 da transformação da estrutura agrária-rural para industrial-urbana que rompeu com os meios de transmissão religiosa; e, com o assentamento urbano dos proletariados em contexto de miséria, estes se tornavam cada vez mais pagãos. (RODRIGUES, 2008, p. 33-34),

⁹⁰ Na América Latina isso aconteceu posteriormente através do processo de aproximação do povo, teve seu auge com a declaração da opção da Igreja pelos pobres, em 1979, no documento de Medellín e Puebla. (RODRIGUES, 2008).

⁹¹ Vale destacar que nesse período tanto o Brasil, como em outros países da América Latina, vivenciava um grande êxodo rural, para as cidades grandes, essas pessoas vinham para as cidades em busca de melhores condições de

práticas que indicariam uma aliança que se tornaria forte e efetiva com o povo, principalmente dos trabalhadores camponeses e urbanos, nascia aí as sementes do MEB.

A Igreja Católica, que no campo educacional por meio do episcopado e congregações religiosas, empreendia uma vasta atuação junto às elites, contraditoriamente, a partir do estímulo das Encíclicas da Doutrina Social Católica, por meio da Ação Católica – que via esta ação educativa até então realizada muito de acordo com o projeto do governo, de caráter elitista e não promovendo efetivamente a democratização do ensino – começou a dar maior atenção aos movimentos populares emergentes (e em especial à educação popular); bem como a lutar pela manutenção do ensino religioso nas escolas públicas de nível primário, colegial e secundário (haja vista que os liberais a ele se opunham) e a combater a ameaça do comunismo. (RODRIGUES, 2008, p. 35)

Com as mudanças sociais ocorrendo neste período, sobretudo às de cunho econômico, os camponeses e as pessoas vindas para as cidades grandes para se tornarem trabalhadores urbanos, as novas propostas filosóficas da Igreja Católica, por meio da reformulação da tomada de consciência, aproximava a realidade do povo brasileiro ao da América Latina, começava-se então, pensar a necessidade de descristianização da população, todavia ainda haviam aqueles que lutavam por ela, podemos perceber essas movimentações em estudiosos cristãos da época. “A gravidade foi demonstrada pelas reflexões e pelos trabalhos de sociólogos religiosos, de pastores, e de missionários” (BEOZZO, 1986, p. 269).

Com todo essa situação vivenciada pelas mudanças nos rumos nas diretrizes da Igreja Católica no Brasil, a mesma por meio da Ação Católica Brasileira (ACB), vislumbra a criação de um Conselho Nacional para programar ações específicas para a JUC do Brasil, absorvendo e penetrando fundo em movimentos libertários que estavam presentes desde as décadas de 1950 e 1960 no Brasil e na América Latina, elaborando assim práticas de pastorais de cunho libertário e teológico, que adiante seriam as bases da Teologia da Libertação. A Ação Católica Brasileira (ACB), por meio da JEC, JOC e JUC, engajou-se no meio social, o que contribuiu para conscientização dos seus membros. (RODRIGUES, 2008). “A JEC e a JUC, enquanto movimentos estudantis, ganharam maior consistência, definindo melhor seu campo de ação, método, temas de estudos e organização, realizando, em 1950, a Semana Interamericana de JEC e JUC, na linha de Ação Católica especializada.” (RODRIGUES, 2008, p. 40).

Foi por meio das novas lideranças nacionais, em grande medida através dos líderes da JUC⁹² e do JOC, que aconteceu uma nova reestruturação do próprio episcopado brasileiro.

vida, emprego, alfabetização, comida para suas famílias, em busca de um sonho de viver de forma mais digna e humana.

⁹² A partir da criação deste Conselho a JUC ganhou maior consistência, definiu melhor seu campo de ação, método, temas de estudo e organização. Foi criada uma equipe nacional, que coordenava o movimento em todo o Brasil,

“Com a fundação da ACB especializada, um projeto começou a germinar desde 1949, o sonho de haver um órgão que reunisse, sob uma liderança, os bispos brasileiros, de forma a auxiliá-los a enfrentar os complexos e numerosos problemas.” (RODRIGUES, 2008, p. 40).

Neste mesmo período entre às décadas de 1940 a 1950, já aconteciam reuniões regionais⁹³ de Bispos, muitas dessas reuniões fora dos olhares da atual “Ação Católica Brasileira”, através do qual esses Bispos primavam pela reorganização da hierarquização das propostas até então estabelecidas pela Igreja Católica, e foi por meio dessas reuniões que foi fundada a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Mas para o pesquisador Jadir de Moraes Pessoa (1999), a Ação Católica Brasileira (ACB) contribuiu efetivamente para a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), desta maneira em 14 de outubro de 1952, com a participação de Bispos, padres, religiosos e leigos engajados, nasce em uma de suas reuniões a CNBB.

Diante do posicionamento da Igreja frente às questões sociais que coadunava com os interesses do Governo Juscelino Kubitschek – marcados pela ideologia do desenvolvimentismo e vendo na educação uma das formas de resolver os problemas do subdesenvolvimento –, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, o governo estabeleceu uma aliança com a Igreja Católica, com vistas a acelerar a industrialização do país e o desenvolvimento cultural e científico do povo, especialmente nas regiões subdesenvolvidas. Inicialmente a cooperação existente entre a Igreja e o Governo, buscava soluções para o desenvolvimento do Nordeste, atendendo especialmente ao homem do campo para prepará-lo para assumir seu papel no processo de desenvolvimento do país, apontando para uma atuação que favorecia ao controle e manipulação das massas com vistas à manutenção do sistema social e político vigente. (RODRIGUES, 2008, p. 68)

Com as mudanças político-sociais do período final da década de 1950 e início de 1960, a CNBB, estabelecendo diálogos com integrantes do governo, pensam propostas metodológicas para romper com o analfabetismo no Brasil sobretudo nas zonas rurais do Norte, Nordeste, Centro Oeste e no Norte de Minas Brasileiro, e é através desta investigação que encontram os trabalhos desenvolvidos pelo Padre e Guerrilheiro Colombiano Camilo Torres nas Escolas Radiofônicas em Sutatenza na Colômbia. Para Brandão (2020), “Uma referência de origens, em boa medida da ideia de alfabetização em distantes “zonas rurais”, foi inspirada em uma experiência antecedente, originada em Sutatenza, na Colômbia.” (BRANDÃO, 2020,

foram se constituindo as Equipes Regionais, para oferecer maior unidade e assistência às Equipes Diocesanas e Equipes de Base. Estas equipes eram constituídas de um padre- assistente, dirigentes e militantes. Na Semana Iteamericana da JEC e JUC, ficou estabelecido que anualmente realizariam um Conselho Nacional, para programar as linhas de ação da JUC e auxiliar nos trabalhos da coordenação nacional. (RODRIGUES, 2008, p. 39-40).

⁹³ A regionalização da Ação Católica Brasileira é outra medida de caráter organizativo de singular importância para a futura organização da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Além de chamar a atenção da Igreja do Brasil para a realidade de cada região, com suas características e desafios peculiares, permitiu que se percebesse a compatibilidade da descentralização da organização pastoral com a unidade de visão e de decisões nas questões fundamentais de interesse nacional (PARKER, 1995, p. 289).

p. 7), ele ainda continua e diz que, “Camilo Torres, o sacerdote católico que se fez guerrilheiro e foi assassinado, chegou a escrever um pequeno trabalho sobre esta iniciativa colombiana pioneira⁹⁴” (BRANDÃO, 2020, p. 7).

Avançando nesta linha de reflexão, foi por meio da apresentação de um estudo realizado por Frei Gil Bonfim que era da ordem Franciscana, no ano de 1955, que foi levantada a possibilidade de se levar alfabetização as comunidades rurais distantes:

Frei Gil Bonfim apresentou, em 1955, às autoridades eclesiásticas um estudo para a implantação de uma rede de emissoras católicas no Brasil, visando à catequese e à educação popular. O frade franciscano inspirou-se na experiência do monsenhor José Joaquín Salcedo que criou, em 1947, a Acción Cultural Popular (ACPO) e a Rádio Sutatenza, na Colômbia. Com apoio governamental, financiamento norte-americano e cobertura da UNESCO, a ACPO tinha 7.500 escolas radiofônicas em 533 paróquias colombianas. (FÁVERO, 2006, p. 35).

Após a descoberta das experiências desenvolvidas pela Acción Cultural Popular (ACPO), na Colômbia desde o ano 1947, e de outra no Brasil no estado do Rio de Janeiro, por meio do curso de alfabetização organizado pelo professor Geraldo Januzzi em 1956, trabalhando com a alfabetização de jovens e adultos nas idades de 14 e 30 anos, pela rádio Clube de Valença⁹⁵ e contou com 168 alunos inscritos. Com a descoberta dessas experiências exitosas, foi desenvolvido um plano de alfabetização de adultos e de cultura popular por meio de uma cadeia de estações de rádios para 27 municípios do Nordeste do país, com recepção organizada. (BAUMWORCEL, 2008).

Segundo a autora Baumworcel (2008), um dos argumentos utilizados para implantação das escolas radiofônicas, era o baixo custo investido, no entanto atingiriam mais pessoas e necessitariam de menos profissionais. Ela ainda aponta que “Entre as preocupações, a qualidade da recepção, com atenção para a localização dos rádio-postos⁹⁶ (núcleos de recepção) e para o funcionamento de aparelhos sintonizados exclusivamente nas emissoras do sistema”. (BAUMWORCEL, 2008, p. 6). Logo no ano seguinte em 20 de maio de 1957, o professor João Ribas Costa⁹⁷ apresentaria, a pedido do Ministério da Educação, o projeto do

⁹⁴ Este trabalho posteriormente foi publicado em 1961 em parceria com Berta Corredor Rodríguez, e pode ser encontrado pelo nome: Las escuelas radiofônicas de Sutatenza-Colômbia, Evaluación sociológica de los resultados.

⁹⁵ Esta também é uma experiência pioneira na alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil, e contou com a alfabetização de 168 pessoas através de trabalhos desenvolvidos por intermédio de atividades Radiofônicas, para mais detalhes sugiro remissão há: COSTA, João Ribas. Educação fundamental pelo rádio: alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos e recepção organizada. São Paulo: Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1956.

⁹⁶ De acordo com o plano, os postos de recepção seriam confiados a monitores – pessoas de ambos os sexos, com um mínimo de conhecimentos, que auxiliariam a tarefa do professor-locutor, a título de colaboração gratuita. (COSTA, 1956, p. 45).

⁹⁷ A ideia era fazer uma grande cadeia de emissoras de onda média, sem fins lucrativos, em algumas áreas do Nordeste,

Sistema Rádio Educativo Nacional – SIRENA. Este projeto foi “Oficialmente instalado em junho de 1958 com onze emissoras transmitindo cursos básicos que eram gravados em discos, denominados na época como LP (long-play), para distribuição nacional.” (BAUMWORCEL, 2008, p. 6).

É importante destacar que, dentro das propostas do Sistema Rádio Educativo Nacional – SIRENA em 1958, Costa (1956) já chamava de “universalidade da influência”, destacando os benefícios de sua proposta metodológica por meio da rádio. “Enquanto o sistema escolar comum só atinge os adultos que se matricularem e forem assíduos, a atividade do Sistema Rádio Educativo se estende a todos quantos forem capazes de ouvir, inclusive, portanto, os não matriculados e, até os próprios cegos.” (COSTA, 1956, p. 47).

Outrossim, contextualizamos, através do olhar do Professor Osmar Fávero que:

Muitas emissoras católicas tinham convênio com o SIRENA para transmitir os programas e criavam as escolas radiofônicas distribuindo os aparelhos receptores pelos párocos, que escolhiam os monitores. Muitas dessas emissoras vieram a integrar o MEB, que se organizou rompendo com a experiência do SIRENA, criticada pela centralização da produção das aulas e pela inadequação às necessidades da população rural (FÁVERO, 2006, p. 37).

No Nordeste brasileiro a ideia sobre escolas radiofônicas não era nenhuma novidade nos anos finais da década 50, isto posto que, elas estavam relacionadas em parte a experiências organizadas por um grupo de padres na cidade de Natal-RN, essa organização logo se tornaria conhecida como o “Movimento de Natal” que era coordenada por Dom Eugênio de Araújo Sales, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal. Este pequeno grupo de seis padres da arquidiocese de Natal, no final do ano de 1959 e início de 1960, tiveram a brilhante ideia de se reunirem algumas vezes durante o mês, para estudar, pensar e refletir sobre a atual situação do Nordeste brasileiro e de forma mais específica da cidade de Natal, e sempre se indagavam por meio da seguinte questão: como podemos servir melhor à Igreja e ao nosso rebanho?, com essas indagações, foi identificado a necessidade de alfabetização popular, sobretudo a de adultos, neste contexto então começaram a surgir em forma de pequenos movimentos que se transformaram em um grande conglomerado de ações algumas experiências de cunho alfabetizatório para as pessoas necessitadas, por meio de escolas radiofônicas.

Outro movimento que acontece de forma inovadora no Nordeste do Brasil, e que veio a trabalhar com a alfabetização de adultos por meio de escolas Radiofônicas, aconteceu no Estado do Sergipe, com experiências primeiras na capital Aracaju, por meio do Sistema de

preferencialmente nas regiões com alta densidade demográfica, onde as estações eram raras. (ANDRELO, 2012, p. 7).

Rádio Educativo de Sergipe (SIRESE), o qual foi instalado pela diocese de Aracaju por iniciativa do atual Arcebispo Dom. José Vicente Távora. “O SIRESE dispunha de um complexo sistema de rádio educativo regional, com um centro de execução, um centro de treinamento, uma estação transmissora e uma rede de escolas radiofônicas sob a responsabilidade da diocese de Aracaju.” (IPEA/IPLAN, 1976, p. 24)



Imagem 6: Fonte - Memorial da Democracia – Dom. José Vicente Távora - Arcebispo da época 1963 em Aracaju – Sergipe

Neste mesmo contexto vale destacar que foram através das experiências desenvolvidas na cidade de Natal/RN, por meio do movimento dos Padres de Natal, e pelas atividades do Sistema de Rádio Educativo de Sergipe (SIRESE) de Aracaju, e de tantos outros, movimentos espalhados pela Colômbia e pelo Brasil, ligados às escolas Radiofônicas, que foram encontrados os processos filosóficos embrionários do Movimento de Educação de Base – MEB no Brasil.

As escolas radiofônicas da diocese de Natal, onde D. Eugênio Sales era o administrador apostólico, existiam desde 1957. O Sistema Rádio Educativo de Sergipe (SIRESE), instalado pela diocese de Aracaju por iniciativa do arcebispo D. José Vicente Távora, também precedeu a criação do MEB. (BAUMWORCEL, 2008, p. 6).

As mudanças político-sociais, aclamadas pela população no final da década de 1950

e início de 1960, marcam significativamente aspectos fundamentais na história dos movimentos sociais no país. (FARIAS, 2017). “Havia formas de organização dos trabalhadores no campo como as Ligas Camponesas de Pernambuco bem como a politização cada vez mais crescente da União Nacional dos Estudantes (UNE), ambos radicalizando mais à esquerda da política.” (FARIAS, 2017, p. 2). O Atual governo de João Goulart buscava aproximar-se com algumas das forças políticas no país como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), as Ligas Camponesas, a frente parlamentar Nacionalista, o movimento sindical representado pela CGT, militares como sargentos do exército, marinheiros e fuzileiros da Marinha, entre outros grupos, uma vez que as pressões internas e externas eram cada vez maiores. (FARIAS, 2017). Ainda neste contexto vemos que o grande propósito do governo de João Goulart (1961 a 1964) era tentar implantar as reformas de base, no entanto para os grupos mais de esquerda estes propósitos formavam apenas uma etapa da revolução proposta para o Brasil na época.

Para a professora e historiadora Sara Oliveira Farias (2017), foi por meio das experiências nas escolas radiofônicas no Brasil, do surgimento dos Movimentos de Cultura Popular (MCPs) e de Educação Popular no Nordeste, que podemos encontrar na década de 1960, grandes mudanças de cunho político-social, que beneficiavam as populações, sobretudo às vindas do meio rural. “Aliado às experiências com as escolas radiofônicas, pode-se pensar no cenário de mudança com o surgimento dos movimentos de cultura e educação popular que de certa forma ajudaram a impulsionar a Igreja para que esta se aproxima-se dos problemas do mundo atual.” (FARIAS, 2017, p. 2). Nesse sentido, o crescimento dos movimentos populares no final dos anos de 1950 e no início de 1960, foram fundamentais, para encorajar a inovação do trabalho pastoral da Igreja Católica, e para formação da CNBB, entre os pobres, os trabalhadores, e a população menos favorecida.

Por meio do II Encontro dos Bispos do Nordeste que foi realizado em Natal-RN, em maio de 1959, “[...] com a cooperação e assistência de numerosas autoridades federais, estaduais, municipais e autárquicas” (II ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE, 1959, p. 05). “Neste encontro, após três dias de orações, estudos e discussões, os presentes chegaram a conclusões e sugestões, que perpassavam desde o compromisso com o povo do Nordeste, o apoio à Operação Nordeste, no seio da Operação Pan-Americana,” (RODRIGUES, 2008, p. 69), e também olhavam para a necessidade de formação de “[...] líderes, especializados em modernas técnicas de organização comunitária, tais como promoção do cooperativismo, do serviço de extensão rural e de outros processos de educação de base” (II ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE, 1959, p. 18),

Ainda buscavam alicerce nas autoridades governamentais que apoiariam os planos

empreendidos desde o I Encontro e que iam muito bem, aqueles em andamento, os em vias de funcionamento e os planos em dificuldade de funcionamento, além de indicarem sugestões referentes à “Educação de Base e Promoção Operária”. (RODRIGUES, 2008). Dentre essas sugestões para a educação de base que se propunha, podemos destacar:

- Estabelecimento de medidas de financiamento para um programa de Educação de Base através de Escolas Radiofônicas para o Nordeste.
- Programa de Educação de Base através de Escolas Radiofônicas em Sergipe.
- Programa de Educação de Base no Norte do Estado de Alagoas através de escolas radiofônicas, missão rural e centro de treinamento (II ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE, 1959, p. 28).

Por meio dessas sugestões também apontaram outras relacionadas à “Estrutura agrária”, “Agricultura e abastecimento”, “Saúde, maternidade e infância” e “Migrações internas”. (RODRIGUES, 2008, p. 69). “O documento foi entregue ao Presidente da República e logo em seguida, as recomendações do II Encontro foram transformadas em 30 decretos, assinados pelo Presidente em 7 de julho de 1959, no Palácio das Laranjeiras.” (RODRIGUES, 2008, p. 69). Naquele contexto de efervescência ao final do encontro o atual Presidente da República, além de congratular com os Bispos e Arcebispos do Nordeste, “[...] exaltou [...] o papel da Igreja [...] que caminha sempre de encontro às necessidades do povo, objetivando seu bem estar econômico e social” (II ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE, 1959, p. 05).

Como os acordos firmados nesse governo foram concretizados e os programas de Educação de Base, através de escolas radiofônicas estabelecidos inicialmente no Nordeste. (RODRIGUES, 2008). Nasce então em 21 de março de 1961, por meio do Decreto nº 50.370/1961, o Movimento de Educação de Base – MEB no Brasil, que compunha parte de um programa de educação de base nacional, a qual adotava medidas necessárias à execução através de Escolas radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do País, sendo empreendidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Na ocasião do decreto contou com a presença do Presidente da República “Jânio Quadros⁹⁸” e foi apoiado por órgãos federais, estaduais, mediante a cessão de funcionários. Para cumprimento do decreto, foi assinado no mesmo dia um convênio entre o Ministério da Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dando estabilidade, visibilidade e segurança para a constituição nacional de seu movimento. Assim então nasceu o maior Movimento de Educação de Base do País e de todos os tempos.

⁹⁸ Jânio Quadros governou o Brasil por um curto período de tempo, compreendido entre 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961, data de sua renúncia.

2.2 - Movimento de Educação Base – MEB Nacional

Quem me dera ter iluminação
 Para também em versos apresentar
 Do MEB sua história e vocação
 Trata-se de tesouro a resgatar
 Memorial de nossa missão
 De tantos irmãos alfabetizar

O MEB feliz, se reapresenta
 Retomando sua pedagogia;
 Em convite cidadão se assenta
 Aplicando sadia filosofia
 Comunidades vivas apascenta
 Dos Pobres acolhendo sabedoria

Aproveitamos nos próximos anos
 Riqueza encontrada na memória
 Recomendada por bravos mebianos
 E penhor seguro de grande vitória
 É hora de valorizar o cotidiano
 E reconstruir marcante história

Desejo a todos bom aproveitamento
 Desta velha e sempre nova cartilha
 Em todos provocará contentamento
 E será de grande valia para a partilha
 Fica o convite a você que se junte a
 nós nesse momento
 Para continuar a construir esta maravilha

Augusto Alves da Rocha
 Presidente do MEB
 MEB - 40 Anos

Início esse momento do texto, através desse convite poético feito pelo Presidente do MEB, Augusto Alves da Rocha, esta poesia em forma de cordel, está contida na apresentação do livro “História do MEB – Movimento de Educação de Base⁹⁹”, e ela narra de forma poética os caminhos e percursos do MEB desde suas bases inspiradoras em Sutatenza na Colômbia, até os trabalhos desenvolvidos no Brasil, sobretudo no Nordeste do País. No profundo processo investigativo da pesquisa foi possível encontrar documentos raros datados no tempo e no espaço da década de 1960 e em seus anos seguintes, além de conseguirmos ter acesso de forma mais específica a alguns documentos e histórias do MEB-Goiás, gentilmente cedidos a este pesquisador pelo Professor Carlos Rodrigues Brandão, como nosso processo de investigação compreende um espaço cronológico até o ano 1964, período em que o Movimentos de Educação de Base – MEB, desenvolve e lapida suas atividades por todo Brasil, foi identificado que em

⁹⁹ Sugiro conhecer a história contada através de literatura de cordel neste livro, para mais detalhes consultar: MEB, Movimento de Educação de Base. História do MEB – Movimento de Educação de Base. Brasília, ed. do MEB-Abaré, março de 2003.

alguns momentos narrados por esse texto a necessidade de avançar no tempo cronológico da pesquisa, construindo um processo dialético e dialógico, para que fosse melhor contextualizado os documentos apresentados, no entanto sem perder no horizonte nosso marco referencial da pesquisa que vai até o ano de 1964 com a instauração da ditadura militar no Brasil.

Inspirado então em poesia e cordel, nos documentos resgatados nos processos da pesquisa, avancemos pelos caminhos pedagógicos da constituição do Movimento de Educação de Base – MEB no Brasil. O MEB foi criado em 21 de março de 1961, pelo decreto Presidencial nº 50.370/1961, no Governo de Jânio Quadros, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para aplicar no Brasil um programa de educação de base, através da instauração de escolas Radiofônicas por todo país. Em sua criação estava presente o Presidente da República, além de autoridades Federais, Estaduais e Municipais da época, além disso contava com financiamento do Governo Federal e Estadual para gerir a administração e execução de suas atividades pedagógicas de base, tendo em seu corpo profissional funcionários pagos através desses recursos governamentais. Por meio de sua criação foi prevista a colaboração entre ministérios do governo federal, sendo um deles o Ministério de Viação e Obras Públicas, que na época era responsável pela concessão dos canais de radiodifusão no país, essa parceria visava agilizar os processos de desenvolvimento e ampliação das emissoras católicas trabalhadas por meio da CNBB. Com a publicação do decreto criador do MEB, também foi assinado um importante convênio de parcerias entre o Ministério da Educação e Cultura¹⁰⁰, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹⁰¹, e outros ministérios

¹⁰⁰ “[...] especialmente pela Campanha Nacional de Educação Rural, pela Campanha Nacional de Educação de Adultos, pela Campanha Nacional de Merenda Escolar, pela Campanha de Erradicação do Analfabetismo e pelo Sistema Rádio educativo Nacional” (MEB, 1961, p. 07), convênio este que foi assinado em 21/03/1961.

¹⁰¹ Luiz Eduardo Wanderley (1984) apud Rodrigues (2008) apontou cinco motivos que teriam levado a Igreja a propor a colaboração com o Estado, quais sejam: o primeiro, contido na carta de D. José Távora a Jânio Quadros, que se refere à deliberação do II Encontro dos Bispos do Nordeste, de obter financiamento público ou custeio para empreender os programas da Igreja, sugerindo a possibilidade de realizar um amplo programa de educação popular, pautado nas experiências rádio educativas em andamento. Um segundo, a preocupação da Igreja com o meio rural brasileiro expressa na Declaração da Comissão Central da CNBB, em 1961, diante dos desequilíbrios provocados pela priorização da industrialização no país em detrimento do campo. Preocupação reforçada pela encíclica *Mater et Magistra*, que apontou sugestões bem concretas sobre a política econômica adequada ao meio rural e sua integração ao desenvolvimento nacional; bem como a necessidade de opor-se à expansão do comunismo no campo. Outro motivo, é que o MEB asseguraria prestígio e influência a muitos bispos, devido à posse de uma estação de rádio, sendo que vários deles tinham a intenção de utilizar os programas de educação de base para evangelizar e para instrução religiosa. O que ocorreu em vários sistemas e foi a base de muitos conflitos internos entre aqueles que viam o MEB como um programa de evangelização e aqueles que o viam como espaço educativo, frente ao alto índice de analfabetismo do Brasil. O quarto motivo se refere à possibilidade de os bispos beneficiarem-se de facilidades para obterem a concessão de canais radiofônicos para as emissoras, bem como ajuda financeira para aquisição e manutenção de equipamentos. Por último, a opção dos leigos que atuavam nas Igrejas, os quais anteviram a possibilidade de uma ação em grande escala, no MEB, que concretizaria o engajamento social proposto nos meios especializados da Ação Católica. O MEB representou a primeira dimensão profissional da Ação Católica, na EDA, em âmbito nacional. (RODRIGUES, 2008, p. 127)

públicos¹⁰², resguardando seu papel pedagógico nacional, sendo concedida assim estabilidade financeira, visibilidade nacional e segurança para a constituição nacional de suas atividades.

Inicialmente os trabalhos desenvolvidos pelo MEB, teriam duração de cinco anos, e dentro deste período deveriam ser instaladas, no primeiro ano de suas atividades cerca de 15 mil escolas radiofônicas no Brasil, e elas seriam aumentadas progressivamente de acordo com os recursos investidos. No entanto a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), colocou à disposição do governo federal sua rede de emissoras filiadas à Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), comprometendo-se em aplicar de forma adequada os recursos recebidos dos governos Federais e Estaduais, além de mobilizar voluntários para atuar nas escolas radiofônicas como monitores treinados e em comunidades como líderes de alfabetização, fazendo assim a ligação direta entre as comunidades trabalhadas e a coordenação geral do MEB.

Nas origens do MEB, encontram-se as experiências de educação pela rádio realizadas pelos bispos brasileiros, sobretudo no Estado do Rio Grande do Norte e em Sergipe/Aracaju nos anos de 1950 em diante, Dom. José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, a partir da experiência realizada por Dom. Eugênio Sales em Natal, o qual foi inspirado por meio das atividades desenvolvidas pela “Acción Cultural Popular” da Igreja Católica em Sutatenza na Colômbia com o Padre e Guerrilheiro Camilo Torres em 1947, e de sua própria iniciativa em Sergipe, enviou comunicado à Presidência da República, em nome da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sobre uma proposta de criação de um amplo programa para ministrar aulas de alfabetização através da educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País, por meio de emissões radiofônicas especiais com recepção organizada de radiodifusão.

Além disso é importante destacar que o MEB sofre de forma ampla grandes influências em suas propostas pedagógicas de alfabetização de base, através das experiências realizadas por meio da Educação Popular iniciadas no Nordeste Brasileiro, mas também de outros sistemas da época como do governo do estado federal brasileiro com a da Campanha Nacional de Adultos e Adolescentes (1945), Campanha Nacional de Educação Rural (1952), do Sistema de Rádio Educativo Nacional - SIRENA (1958), intermediado pela recém criada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pelo Serviço Arquidiocesano de Radiodifusão de Natal (1958) com Dom. Eugênio Sales, pelo Sistema Rádio Educativo de Sergipe/Aracaju (1959) com Dom. José Vicente Távora, por meio das experiências

¹⁰² Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde (convênio assinado em 06/10/1961), Ministério da Aeronáutica, Ministério de Viação e Obras Públicas, entre outros órgãos-cooperadores. (MEB, 1961, p. 35)

importantíssimas inicialmente trazidas pelas novas propostas de Cultura Popular no Brasil e depois pelos Movimentos de Cultura Popular (MCPs) de Recife (1960), da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” iniciada em Natal (1961), sendo elas conduzidas pelos governos do Rio Grande do Norte e do Recife, com os quais dialogavam sistematicamente com as propostas de esquerda frequentes na época.

Adiante o Movimento de Educação de Base – MEB, será fortemente influenciado pelas propostas de militância da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1961, pela Ação Católica do Brasil (ACB) – 1961, com as experiências aplicadas pelos Centros Populares de Cultura (CPCs) (1961-1962) do Nordeste, além das atividades desenvolvidas por Paulo Freire e Elza Freire na cidade de Angicos através do Método de Alfabetização/Sistema de Alfabetização de Paulo Freire (1962/1963).

Estas experiências tinham como eixo norteador orientações internacionais pautadas no conceito de desenvolvimento, tido como uma decorrência da evolução natural da sociedade, que tomava o progresso das nações desenvolvidas como um padrão a ser alcançado. Além disso, a melhoria do nível de vida da população era visto em estreita dependência do esforço de superação dos problemas locais – pela tomada de consciência dos mesmos e ações concretas para evitar endemias, erradicação de práticas agrícolas depredatórias e do analfabetismo etc. – através da educação de base. (RODRIGUES, 2008, p. 118)

Por ter absorvido fortes influências dos movimentos apresentados, agora o MEB, estava com suas propostas de atividades devidamente estruturadas para assim implementar seus objetivos e sua metodologia pedagógica de alfabetização e também de conscientização popular, dentre seus objetivos podemos destacar:

a) Executar naqueles estados, programas intensivos de alfabetização, formação moral e cívica, educação sanitária, iniciação profissional, sobretudo agrícola, e promoção social;

b) Suscitar, em torno de cada escola radiofônica, a organização da comunidade, despertando-lhe o espírito de iniciativa e preparando-a para as indispensáveis reformas de base, como a da estrutura agrária do País;

c) Velar pelo desenvolvimento espiritual do povo, preparando-o para o indispensável soerguimento econômico das regiões subdesenvolvidas e ajudando-o a defender-se de ideologias incompatíveis com o espírito cristão da nacionalidade (FÁVERO, 2006, p. 56).



Imagem 7: Fonte - Memorial da Democracia – Aula do MEB no Nordeste em 1963

O MEB começa a estruturar suas equipes Nacionais e Regionais, e mesmo a treiná-las para a execução de suas atividades pedagógicas, nas mais diferentes regiões do País, os pesquisadores Spigolon e Silva (2021), apresentam as atividades desenvolvidas pelo MEB da seguinte forma:

As atividades do MEB tinham como unidade básica de organização o sistema - composto de professores, supervisores, locutores e pessoal de apoio - encarregados da preparação dos programas e sua execução através da emissora da diocese local e do contato com as classes de aula. No funcionamento das escolas radiofônicas, estavam presentes os monitores, colaboradores voluntários do movimento, escolhidos na própria comunidade, treinados pelo MEB e encarregados de provocar discussões sobre o assunto da aula transmitida pelo rádio, de acompanhar as atividades e estimular os educandos para o estudo. Todos vinculados ao sistema, que atuava em uma área geográfica determinada, podendo existir vários sistemas num mesmo estado. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 143)

Com os objetivos já fixados em suas propostas estruturadas, o MEB neste momento busca solidificar seu sistema de escolas Radiofônicas, nos quais eram compreendidos pelas(os):

a) Equipes locais, constituídas junto a uma emissora, em geral de propriedade da Igreja e sob responsabilidade do bispo diocesano, formada por supervisores, responsáveis pela escolha e treinamento dos monitores e pelo funcionamento das escolas, e professores-locutores, encarregados da produção e emissão de aulas e outros programas educativos. Antes de iniciarem o trabalho, os monitores dessa equipe serão treinados e selecionados pela Equipe Técnica Nacional do MEB. (FÁVERO, 2010)

b) Monitores, pessoas da comunidade, que desenvolviam trabalho voluntário e

gratuito na instalação da escola, matrícula dos alunos, controle de sua frequência, auxílio aos alunos para o aproveitamento das aulas radiofonizadas, aplicação de provas, envio de relatórios mensais sobre o andamento da escola. Fixava-se como requisito mínimo que soubessem ler e escrever e demonstrassem capacidade para seguir as instruções das aulas radiofonizadas. Eram treinados para suas funções e apoiados pelos supervisores, inclusive nos trabalhos comunitários, devendo ter, para isso, liderança efetiva ou potencial. (FÁVERO, 2010)

c) Escolas radiofônicas, funcionando em escolas isoladas, salas paroquiais, sede de fazendas, barracões construídos para esse fim ou nas casas dos próprios monitores, conforme a tradição das escolas de "professores leigos", com instalações pobres: mesa e bancos de madeira rústica. (FÁVERO, 2010)

Para as tarefas de alfabetização naquele momento de 1961, os primeiros instrumentos do MEB eram por demais tímidos. (FÁVERO, 2010). “O conteúdo da educação de base, tal como sintetizado em seus primeiros documentos, era impossível de ser desenvolvido nos limites da escola radiofônica, mesmo contando-se com a grande penetração do rádio no meio rural.” (FÁVERO, 2010, p. 3). Ainda segundo o autor “O programa corria o risco de ser mais uma campanha de alfabetização – o que justificaria por si só o apoio do Estado – e um novo meio de catequese – o que satisfaria aos bispos e ao clero.” (FÁVERO, 2010, p. 3), outrossim naquele contexto com as aulas sobre saúde e associativismo, e a divulgação de procedimentos técnicos relativos à agricultura e iniciativas junto às comunidades completariam um programa de massa. (FÁVERO, 2010).

Com a satisfação dos Bispos e do Clero, e agora também do Estado na difusão da ideologia da ordem e da segurança, acenando para a diminuição das desigualdades econômicas e sociais através do desenvolvimento da população em grande medida analfabeta, e com a possibilidade de exercer seu direito ao voto¹⁰³. (FÁVERO, 2010). E neste contexto, “Objetivando a educação das massas para as “reformas de base” e para que elas próprias se defendessem de "ideologias estranhas", operava a Igreja no sentido de manter a hegemonia do poder dominante.” (FÁVERO, 2010, p. 3).

Para elucidar melhor as atividades desenvolvidas pelo Movimento de Educação de Base - MEB, será apresentado ao longo deste Capítulo uma série de documentos da época, através do qual sintetizam e trazem de volta a vida o momento de surgimento do MEB, os

¹⁰³ [...] exatamente porque, formando novos eleitores, poderia modificar o equilíbrio eleitoral dos municípios e enfraquecer os chefes políticos locais. Estes preferiam ensinar seus correligionários a ‘ferrar’ o nome e alistá-los eleitores do que se expor a um programa que abria suas portas a todos e trazia novas ideias, criando possibilidades para o fortalecimento das dissidências oligárquicas locais ou para a penetração de novas ideias vindas da cidade (PAIVA, 1987, p.182).

objetivos e as atividades de alfabetização desenvolvidas pelas Escolas Radiofônicas e pelo MEB na década de 1960.

A seguir será apresentado o termo aditivo contendo “duas páginas” relacionadas ao convênio celebrado no dia 21 de março de 1961 entre o Ministério da Educação e Cultura e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para que o Movimento de Educação de Base – MEB, executasse o programa de educação de base nas áreas subdesenvolvidas do país, visando ao cumprimento do decreto nº 50370 de 17 de julho de 1963.

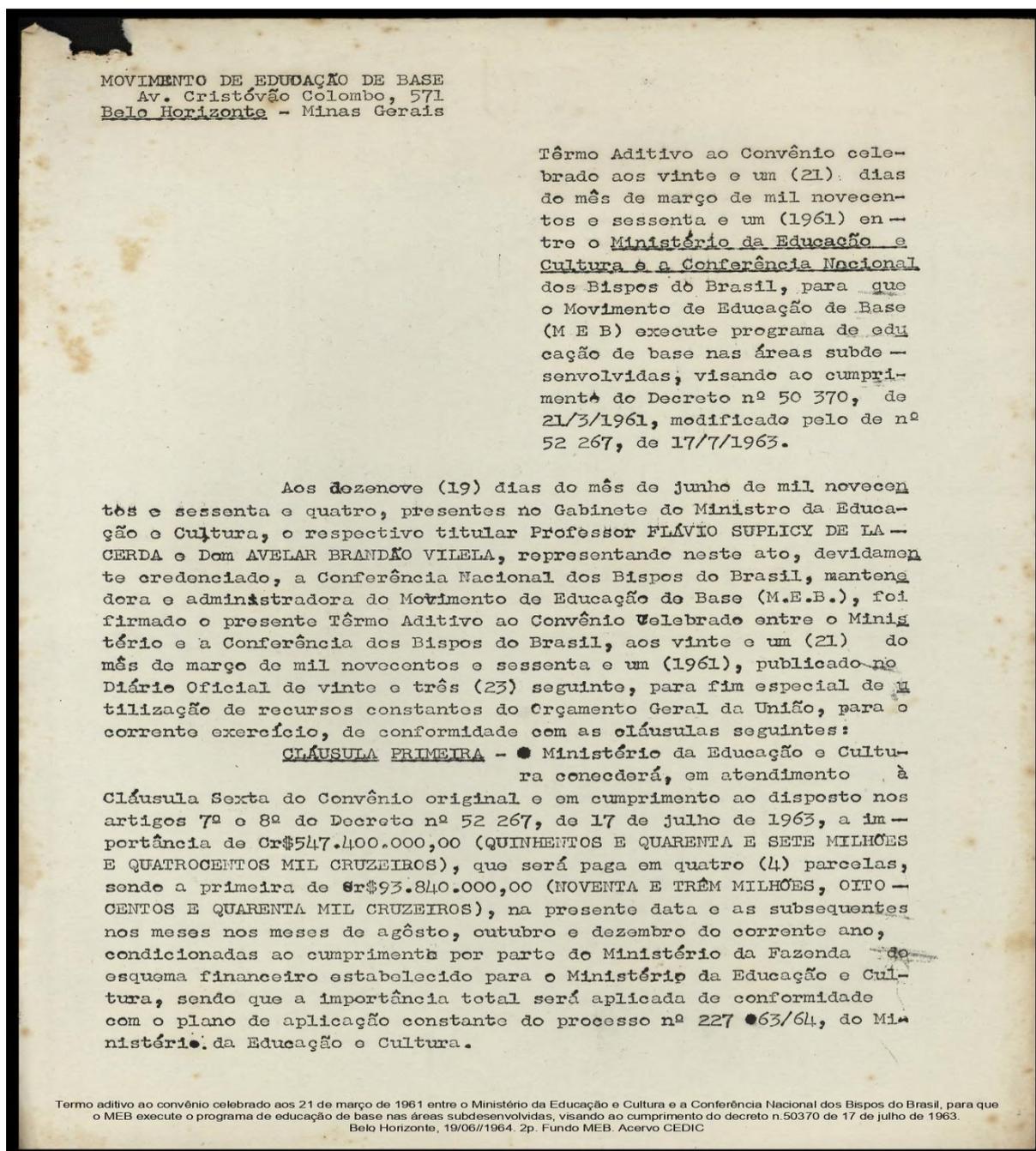


Imagem 8: Fonte – Acervo - CEDIC/PUC-SP - Convênio entre o Governo Federal e o MEB documento de 1963

CLÁUSULA SEGUNDA - A despesa decorrente do presente Termo Aditivo, na importância de Cr\$547 400 000,00 (QUINHENTOS E QUARENTA E SETE MILHÕES E QUATROCENTOS MIL CRUZEIROS), correrá à conta dos recursos consignados à Unidade Orçamentária dezesseis (16) - Departamento Nacional de Educação, e se classifica na Verba três, zero.zero.zero. (3.0.00) - Desenvolvimento Econômico e Social, Consignação três.um.zero.zero (3.1.00) - Serviços em Regime Especial de Financiamento, Subconsignação três.um.zero.sete (3.1.07) - Fundo Nacional do Ensino Primário, item um (1) - Plano Trienal de Educação, Inciso quatro A - (4-A) - Movimento de Educação de Base (M.E.B.) etc. do sub-anexo quatro (4) - Poder Executivo, artigo quarto (4º) da Lei nº 4 295, de 16 de dezembro de mil novecentos e sessenta e três (1963), cujo crédito foi automaticamente distribuído ao Tesouro Nacional.

CLÁUSULA TERCEIRA - O Ministério da Educação e Cultura poderá fiscalizar, por intermédio dos seus órgãos próprios ou de representantes especialmente designados e credenciados, a execução do programa de educação de base a cargo do M.E.B., relativamente à aplicação dos recursos a que se refere o presente Termo Aditivo bem como acompanhará o desenvolvimento dos programas educacionais.

CLÁUSULA QUARTA - O presente Termo Aditivo terá vigência a partir da data de sua assinatura.

CLÁUSULA QUINTA - Permanecem em vigor todas as demais cláusulas do Convênio original e não modificadas pelo Decreto nº... 52 267, de 1963, e presente Termo Aditivo.

E, por estarem acordes, lavrou-se este Termo Aditivo, que vai assinado pelas partes interessadas e pelas testemunhas abaixo.

Brasília, 19 de junho de 1964.

as. FLÁVIO SUPLICY DE LACERDA

as. Dom AVELAR BRANDÃO VILELA

TESTEMUNHAS:

ass: Jucundino Furtado
ass: Francisco Monteiro Filho

Cra/..

Termo aditivo ao convênio celebrado aos 21 de março de 1961 entre o Ministério da Educação e Cultura e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que o MEB execute o programa de educação de base nas áreas subdesenvolvidas, visando ao cumprimento do decreto n.50370 de 17 de julho de 1963.
Belo Horizonte, 19/06/1964. 2p. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Imagens 9: Fonte - Acervo - CEDIC/PUC-SP - Convênio entre o Governo Federal e o MEB documento de 1963

No documento seguinte do MEB - Pernambuco, podemos notar uma ficha de matrícula de alunos, juntamente com o monitor responsável pela classe, além da profissão "agricultor" assinada por todos alunos, estado civil, e religião sendo assinada predominante como "católica".

M A T R Í C U L A

Movimento de Educação de Base

PERNAMBUCO

1963 Mês Agosto

Paranambuco Estado Pernambuco

Monitor Manuel Abiquiel da Silva

Profissão	Estado Civil	Religião	Data da matrícula	Observação
Agricultor	Casado	Catolico	27-8-63	
"	Solturo	"	"	
"	Solturo	"	"	
"	Casado	"	"	
"	Solturo	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	"	"	"	
"	Casado	"	"	
"	Solturo	"	"	
"	"	"	"	
"	Casado	"	"	
"			"	

Série Folha de Frequência. Pernambuco, 1963
Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Imagem 10: Fonte – Acervo - CEDIC/PUC-SP – Ficha de Matrícula dos alunos do MEB - documento de 1963

Adiante será apresentado um controle de frequência dos educandos, assim como descrito por Fávero (2010) anteriormente nas atividades desenvolvidas pelas escolas radiofônicas do MEB.

FOLHA DE FREQUÊNCIA		Escolas Radiofônicas do Movimento PERNAMBUCO												
		MONITOR	LOCALIDADE											
N.º de Ordem	NOME													
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	José Pereira da Silva													
2	Dionísio Monteiro da Rocha													
3	Valdeci Bernardo da Silva													
4	Maria Rocha da Silva													
5	Teresa Rocha da Silva													
6	Lindenabete Rocha da Silva													
7	João Alves dos Santos													
8	Teresa Maria de Jesus													
9	Nelson Monteiro da Rocha													
10	José Jacinto da Silva													
11	Antônio Virgínia de Araújo													
12	Clair Araújo Cavalcante													
13	José Henrique Correia													
14	José Araújo Cavalcante													
15	José Ribeiro da Silva													
16	Dary Calisto Fausto													
17	Manoel Fumens da Silva													
18	João Pinheiro Dupre													
19	Waldina Bernardo da Silva													
20	Sergio Alves Barbosa													
21	Joaquim Antônio da Silva													
22	João Antônio da Silva													
23	Moisés Suant da Silva													
24	Raimundo Virgínia de Araújo													
25	José Virgínia de Araújo													
26	Leonardo Fumo da Silva													
27	Alcena Bernardo da Silva													
28	José Cavalcante da Costa													
29	José Ferreira da Silva													
30	Maria Glória da Silva													
31														
32														
33														
34														
35														
36														
37														
38														
39														
40														

TOTAIS

Série Folha de Frequência. Pernambuco, 1963

Fundo MEB. Acervo CEDIC. 1968. Novos

Imagem 11: Fonte – Acervo - CEDIC/PUC-SP – Folha de frequência dos alunos do MEB - documento de 1963

Com a estruturação básica de constituição do MEB ele retornava em grandes linhas o conceito tradicional de educação e desenvolvimento de base trazido pela UNESCO¹⁰⁴ para o Brasil, sendo assim justificado pela Igreja Católica como exigência de sua ação evangelizadora junto às massas populares por meio da retomada de consciência da miséria do povo e da necessidade de sua superação de consciência social. (FÁVERO, 2010). O MEB, buscava colocar à disposição das escolas radiofônicas instaladas nas comunidades rurais, aos monitores/professores, toda sua estrutura física adquirida através dos recursos Federais e Estaduais como: cartilhas e livros de leitura, quadro de giz, rádio-cativo, lampião de querosene, dentre outros. O Professor Osmar Fávero coordenador Nacional do MEB da época aponta que:

O MEB forneceria quadro de giz, rádio-cativo (a pilhas e sintonizado apenas na estação que transmitia as aulas e os programas educativos) e lampião de querosene, cartilhas e livros de leitura. As emissões eram feitas no começo da noite e as escolas funcionavam em horário adequado à população rural. Esperava-se que os alunos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – não só aprendessem a ler, escrever e contar, e assimilassem as noções da educação de base, mas também, sob a liderança do monitor, concretizassem essa educação executando tarefas diversas na comunidade: campanhas de filtro, fossa, vacinação, registro civil etc. Esperava-se ainda que se comprometessem com outros trabalhos de desenvolvimento comunitário: organização de clubes, grupos de representação ou organizações de classe. (FÁVERO, 2010, p. 2)

A Igreja Católica por meio da CNBB, em sua realização aos trabalhos educativos de base, voltados para jovens, mas também a adultos, buscava ampliar sua ação educativa alicerçada nas experiências constituídas até então pelos outros movimentos populares e pela UNESCO, preocupavam-se com o meio rural brasileiro - face dos desequilíbrios criados pelas prioridades e facilidades dadas à industrialização, agregando aí a necessidade de se opor ao comunismo, ardente em Cuba, buscavam o prestígio e influência para muitos bispos, além da utilização de programas para evangelização e instrução religiosa, para muitos leigos da época essa era a possibilidade de concretização de um engajamento social estimulado na ação e fé católicas. (WANDERLEY, 1984).

Com o processo educativo desenvolvido pelo MEB, voltado para o desenvolvimento pedagógico da população analfabeta do país, inicialmente, pautado nas ações da concepção de educação de base veiculadas a UNESCO, na concepção de humanismo integral e social, inspirados em Jacques Maritain (1962) a qual buscava superar a visão materialista da formação do homem em todas suas dimensões. (SPIGOLON; SILVA, 2021). É importante detalhar de forma mais específica a definição de Educação de Base a qual o MEB, inspirou suas

¹⁰⁴ Conceito de desenvolvimento assumido pela UNESCO que, além de parcial e centrado numa visão a-histórica da realidade, tinha como agravante o fato de, ao explicitar a relação entre a educação de base e o nível de desenvolvimento da população, apontar o analfabetismo como expressão mais aguda do atraso das regiões subdesenvolvidas do país. Concepção essa amplamente aceita pelos governantes e o grupo industrial-urbano da sociedade, que justificava a necessidade da EDA. (RODRIGUES, 2008, p. 118)

atividades pedagógicas, para isso apresentaremos duas definições ao olhar de Fávero (2002; 2006).

Entende-se por educação de base ou educação fundamental o mínimo de educação geral que tem por objeto ajudar as crianças, os adolescentes e os adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma ideia exata de seus deveres e direitos individuais e cívicos e a participarem eficazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem. Essa educação é chamada educação de base porque se destina a proporcionar aos indivíduos e às comunidades o mínimo de conhecimentos teóricos e técnicos indispensáveis a um nível de vida compatível com a dignidade humana e com os ideais democráticos, e porque, sem ela, as atividades dos serviços especializados (médicos, sociais, agrícolas) não seriam plenamente eficazes. (FÁVERO, 2002, p. 144)

Entende-se como educação de base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios populares de participação, integrados em uma autêntica cultura popular, que leve a uma ação transformadora. Concomitantemente, deve propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro. (FÁVERO, 2006, p. 80)

Além da Educação de Base, as atividades do MEB estavam ancoradas na superação por meio da “[...] cultural social, política, religiosa, e que visava a formação para a cidadania e para a conscientização das lideranças frente aos problemas sociais, considerando-se não apenas o nível de aprendizagem, mas as mudanças de atitudes e comportamento da própria comunidade”. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 143)

Para o pesquisador Beisiegel (1974) foi através do “[...] âmbito de um projeto de desenvolvimento do Brasil nos anos de 1960, que se afirmava comprometido com a persistência da sociedade capitalista, criavam-se condições propícias à atuação de grupos virtual, ou de fato já orientada para a mudança do sistema”. (1974, p. 161). Para o Estado Federal da União da época, os interesses das parcerias desenvolvidas com o Movimento de Educação de Base do MEB no Brasil, está pautado em alguns eixos que norteavam esses interesses como:

Uma estratégia de política populista, visando ampliar o contingente eleitoral; Enfrentamento à forte influência da oligarquia rural sobre a população do campo, principalmente na região nordestina onde esta influência era bastante expressiva; uma tentativa de responder aos apelos da UNESCO, e de educadores nacionais para realização de campanhas de alfabetização e uma estratégia de controlar ideologicamente e organizacionalmente as massas rurais que sofriam influência direta de grupos de esquerda. (WANDERLEY, 1984, p. 49)

Vale destacar que o Brasil neste período, vivenciava, conforme aponta o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1960, altos índices de analfabetismo adulto, concentrado nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste: em torno de 61,6%, com variação de 39,7% nas regiões Norte e Centro-Oeste. Desta maneira, a partir de 1960, por um lado, a expansão e a implantação das escolas Radiofônicas por meio do

Movimento de Educação de Base - MEB, e, por outro, o analfabetismo como problema educacional social e político, evidenciam o contexto nacional da época relacionados à implementação de programas como Plano Nacional de Alfabetização (PNA), da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e a efervescência dos movimentos de Educação Popular¹⁰⁵ e Cultura Popular que surgem em todo o Nordeste. (SPIGOLON; SILVA, 2021)

No final de 1961, as estruturas do MEB eram sólidas e bem definidas, o conselho diretor Nacional tinha sede no Rio de Janeiro e era composto por oito bispos. Tinham funções diretivas e reguladoras, e eram responsáveis pela mediação entre a CNBB e o governo federal. (SPIGOLON; SILVA, 2021). Segundo Brandão (1977, p. 36) progressivamente, “O MEB transportou o melhor de sua prática para uma presença direta nas bases e para a organização de trabalhos sócio-políticos nas comunidades”. Os integrantes das comunidades por meio das escolas radiofônicas¹⁰⁶, tinham vínculos com setores sociais heterogêneos como: bispos, padres, freiras, movimentos católicos, especialmente da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC), intelectuais, políticos, militantes partidários, trabalhadores do campo, funcionários públicos, estudantes secundaristas e universitários, e também organizações políticas como a Ação Católica Popular. (SPIGOLON; SILVA, 2021).

Para Andrade e Santos (2009) o Movimento de Educação de Base reorientou suas ideologias e práticas de alfabetização, apresentando como preocupação a vinculação entre educação e conscientização política social. Para os autores a valorização da cultura popular e da educação popular, também é uma prática incentivada ao redor de uma nova proposta de intervenção pedagógica denominada animação popular. (ANDRADE; SANTOS, 2009). Ainda destacam que a Animação Popular vai: A animação popular vai atuar em duas frentes de ação: no desenvolvimento das comunidades, através do apoio às iniciativas de organização comunitária, produtiva, cultural e do processo de politização das comunidades; e no processo de sindicalização rural. (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 133).

Segundo Andrade e Santos (2009), de uma proposta inicial de educação radiofônica de jovens e adultos no Nordeste, o Movimento de Educação de Base MEB, foi sendo desafiado

¹⁰⁵ Ainda que esta educação popular tenha sido implementada para a camada popular – aqui entendida no seu sentido plural. (RODRIGUES, 2008, p. 122), pois compreendia desde o “[...] operariado industrial, a classe trabalhadora em geral, os desempregados, subempregados, o campesinato, os indígenas, os funcionários, os profissionais e alguns setores da pequena burguesia” (WANDERLEY, 1980, p. 64)

¹⁰⁶ Carlos Rodrigues Brandão traz uma reflexão muito interessante, através do qual aponta as experiências nas escolas Radiofônicas do MEB no Brasil como sendo as pioneiras nas atividades de educação a distância, vejamos sua fala: Hoje, quando os velhos “rádios de pilha Philips” utilizados nas “escolas radiofônicas do MEB” constituem uma rara “peça de museu”, e quando os recursos eletrônicos estendem imensamente os espaços sociais alcançados, assim como os meios efetivos de associar som-e-imagem, e criar uma quase real “presença virtual”, parece-nos justo trazer à lembrança uma experiência pioneira... à distância. (BRANDÃO, 2020, p. 4)

a avançar em sua práxis pedagógica, a partir do contato direto com as condições, valores e interesses dos diferentes grupos e comunidades. Ainda segundo os autores, “Sua ideologia foi sendo gestada, ou melhor, foi sendo colocada em prova para responder aos desafios colocados pela realidade dos educandos.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 133). O MEB neste contexto começa a mudar seu foco e a expandir seus objetivos políticos sociais pelo Brasil, a partir disso podemos notar que, “Ocorreu uma transformação de um programa de educação fundamental ‘para o povo’ em um movimento de educação com o povo”. (BRANDÃO, 1977, p. 37). Esta redefinição metodológica do MEB, por meio de novas práticas educativas, vai configurando como uma original experiência de alfabetização popular, enquanto uma educação que valoriza a cultura e os interesses das classes populares. (ANDRADE; SANTOS, 2009)

Segundo Carlos Brandão (2020), os programas radiofônicos do MEB alfabetizaram milhares de homens e mulheres do mundo rural. “E o lograram fazendo interagirem: a alfabetização, a educação conscientizadora (palavra central em Paulo Freire e entre nós), a arte, a saúde, a vida comunitária e a formação para ações culturais de teor político.” (BRANDÃO, 2020, p. 8). No ano de 1962 depois de dois anos de trabalhos pedagógicos do MEB já iniciados, e com uma proposta rigorosa de implementação já superada, aconteceu o 1º Encontro Nacional de Coordenadores do MEB, através do qual a liderança reviu os trabalhos realizados, sistematizou e, sobretudo, fundamentou sua prática. “Em consequência, redefiniu seus objetivos e sua metodologia de ação, integrando-os em nova postura ideológica e ombreando-se com os outros movimentos de cultura popular criados no período, com os quais passou a dialogar.” (FÁVERO, 2010, p. 3).

Foi a partir desse 1º Encontro Nacional que o MEB passou a assumir como seu objetivo geral: “Considerando as dimensões totais do homem e utilizando todos os processos autênticos de conscientização, contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento do povo brasileiro, numa perspectiva de autopromoção que leve a uma transformação de mentalidades e estruturas” (FÁVERO, 2006, p. 80).



Imagem 12: Fonte - Memorial da Democracia – Reestruturação e Ampliação do MEB no Nordeste e no Brasil

Com essa nova redefinição, o MEB assumiu nova visão de realidade, a partir de determinado conceito de homem e determinada concepção de história. (FÁVERO, 2010). “Para tanto, foi decisiva a atuação de Pe. Henrique de Lima Vaz, S. J., que havia desenvolvido vários cursos para a Juventude Universitária Católica (JUC) e assessorado a criação da Ação Popular (AP), também no início dos anos de 1960.” (FÁVERO, 2010, p. 3).

Padre Vaz (1960) desenvolve dois temas essenciais para se entender as mudanças do Movimento do MEB sendo eles:

a) O problema da ideologia na cultura moderna, destacando a influência do Cristianismo no aparecimento da "civilização das ideologias" e situando a verdade cristã em face do pluralismo ideológico;

b) A consciência histórica como característica fundamental da história e da dialética

fundada na comunicação de consciências (VAZ, 1960).

Para Fávero (2010), foi por meio de Padre Vaz que essa transformação se afigurava urgente, e para atingir esse objetivo, propunha-se a fazer um trabalho de educação de base que passaria a consistir em:

A alfabetização e iniciação em conhecimentos que se traduzam no comportamento prático de cada homem e da comunidade, no que se refere à saúde e à alimentação (higiene); ao modo de viver (habitação, família, comunidade); às relações com os semelhantes (associativismo); ao trabalho (informação profissional); ao crescimento espiritual; b) conscientização do povo, levando-o a descobrir o valor próprio de cada homem; despertar para os seus próprios problemas e provocar uma mudança de situação; buscar soluções, caminhando por seus próprios pés; assumir responsabilidades de soerguimento de suas comunidades; c) animação de grupos de representação, promoção e pressão; d) valorização da cultura popular, pesquisando, aproveitando e divulgando as riquezas culturais próprias do povo. (FÁVERO, 2006, p. 80)

Com a nova reestruturação no horizonte, o MEB vinha desde 1961 ampliando suas atividades pedagógicas, estabelecendo mais 11 sistemas de atuação em sete estados do Brasil, alguns estados, entretanto, contavam com uma equipe estadual especialmente treinada, que coordenava as atividades dos diversos sistemas. (SPIGOLON; SILVA, 2021). “Até 1963, os quadros seriam compostos, majoritariamente, por leigos que operavam em 59 sistemas com quase 7.500 escolas e 180 mil alunos, utilizando 25 radiotransmissores em 15 estados, a maioria na região Nordeste. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 143)

Para Brandão (2020), foi por meio dessa nova reestruturação de (1962) que o MEB avançou sua atividade por todo Brasil, onde esteve presente em:

O MEB esteve presente, entre 1961 e 1966, em quinhentos municípios de catorze estados e no território de Rondônia. Em 1963, mantinha em funcionamento 7.353 escolas radiofônicas sintonizadas nas 29 emissoras católicas que tinham audiência de oito milhões de pessoas e que irradiavam as aulas no início da noite. Nos cinco primeiros anos, alfabetizou diretamente, com auxílio dos monitores, 320 mil alunos matriculados na área rural. Tinha uma equipe de 500 pessoas e um Secretariado Nacional com 50 pessoas (BRANDÃO, 2020, p. 8-9)

Já em 1963, com o êxito das experiências desenvolvidos por Paulo Freire e Elza Freire em Angicos/RN, o MEB vai receber forte influência do método de alfabetização de Paulo Freire, dos CPCs, bem a aproximação de integrantes da Igreja Católica simpáticos à Teologia da Libertação, direcionando suas propostas pedagógicas nas comunidades camponesas em que atuava, com a finalidade de considerar no processo de alfabetização a valorização do universo cultural do homem do campo, incentivando sua organização em sindicatos rurais. (ANDRADE; SANTOS, 2009). Neste contexto, os autores destacam que, “O Método de Alfabetização de Paulo Freire vai influenciar a proposta do MEB, na medida em que propunha promover a vinculação entre educação e conscientização política dos indivíduos, através dos temas

geradores.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 134). Além disso ainda corroboram deixando claro que:

Esses temas seriam retirados do diagnóstico da realidade na qual a prática se desenvolveria. A humanização seria uma característica fundamental deste processo, pois a identificação do educador com a situação de “opressão” vivenciada pelos trabalhadores seria condição para produzir um ensino crítico e reflexivo sobre a realidade social, em contraposição a um ensino “bancário”. (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 134).

Para os Spigolon e Silva (2021), foi através da inspiração do Método Paulo Freire, acontecido nos quadros do Movimento de Educação de Base - MEB, a integração da prática social com a política entre os agentes e os núcleos organizadores do MEB. Desta maneira, na dinâmica do trabalho, emergem os processos de conscientização que conduzem para uma prática transformadora. (SPIGOLON; SILVA, 2021). Ainda segundo os mesmos, é por via da “Prática que ao mesmo tempo problematizava os temas da realidade brasileira, da cultura/cultura popular, da política, realizava a reflexão crítica dos objetivos, métodos e técnicas do MEB frente às questões sociais – como estava e como deveria ser. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 144). Desta forma, foi através desta prática problematizadora e conscientizadora que o Método Paulo Freire se difundiu em todo o país.

Para Brandão (2020), a inovadora versatilidade do Movimento de Educação de Base, teoricamente sempre muito próxima ao pensamento pedagógico e da Práxis de Paulo Freire, poderia ser avaliada pela diversidade de profissionais que constituíam a “Equipe Nacional do MEB”, por exemplo no estado no Rio de Janeiro. (BRANDÃO, 2020). “Ela envolvia duas pedagogas, uma psicóloga, um filósofo, um antropólogo, um sociólogo, um cientista político, uma assistente social, um matemático (Osmar Fávero) e uma farmacêutica (Vera Jaccoud).” (BRANDÃO, 2020, p. 8). “Em dezembro de 1963 ingressou no “Setor de Animação” popular um jovem estudante de psicologia e militante da Juventude Universitária Católica.” (BRANDÃO, 2020, p. 8), foi aqui então que Carlos Rodrigues Brandão ingressou no MEB.

Neste momento do texto voltaremos nossa atenção às experiências do MEB – Goiás, através do qual Carlos Rodrigues Brandão e sua esposa Maria Alice Marins Brandão¹⁰⁷-

¹⁰⁷ Maria Alice Martins de Araújo, nasceu em 07 de junho de 1936, em Mossâmedes - antiga Aldeia de São José de Mossâmedes, município brasileiro do interior do estado de Goiás, Região Centro-Oeste do país. Participou da Juventude Universitária Católica, quando estudante. Formou-se em Letras Neo-Latinas, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Maria Alice, vinculou-se a trabalhos com Educação Popular e com os movimentos sociais, atuando sobretudo com a alfabetização de adultos, juntamente com um grupo de estudantes ou recém-formados. Aqui, caracteriza a sua inserção no MEB, onde desenvolvia atividades de coordenação e sistematização de cursos, treinamentos e oficinas no Estado de Goiás. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 126), vale também destacar que, “A Juventude Universitária Católica (JUC) e o Movimento de Educação de Base (MEB) foram os cenários em que Maria Alice e Carlos, ela em Goiás e ele no Rio de Janeiro, se conheceram. Carlos Rodrigues Brandão

Coordenadora do MEB na época, desenvolveram muitas atividades de alfabetização popular por meio das escolas radiofônicas. Nas pesquisas de Castro (1992) na década de 1960 cerca de 70% da população do estado de Goiás vivia e trabalhava no meio rural, por meio da realidade vivida pela população e com a alta taxa de analfabetismo na época, o MEB-Goiás teve seu início em 1961, tendo como referência as experiências das Escolas Radiofônicas de Aracaju e Natal. Como o Bispo Dom Fernando Gomes já conhecia as atividades de alfabetização do MEB no Nordeste, resolveu implantá-las no estado de Goiás, e envia algumas pessoas para conhecerem melhor essas atividades.

O bispo Dom Fernando Gomes dos Santos conheceu a experiência da região Nordeste e sugeriu que o estado de Goiás participasse do I Seminário de Educação de Base, em Aracaju, para conhecer as experiências e avaliar a possibilidade de criar um trabalho semelhante em Goiás. Maria Helena de Souza e Maria Isabel Ramos Jubé (Isa) foram para o Seminário. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 105)

Conhecendo as iniciativas do MEB no Nordeste a articulação do MEB-Goiás foi sendo construída, por meio de encontros e formação, denominados na época de treinamento. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019). Para os pesquisadores, “Dom Fernando preservou o desejo de criar um sistema de Escola Radiofônica na Arquidiocese de Goiânia, sob o argumento de proporcionar à população do meio rural o acesso à cultura universal.” (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 105-106), este ato de perseverança foi registrado nas palavras de Peixoto Filho (1985) como, “[...] Você já imaginou lá no fundo do sertão, o sertanezinho, lá no ranquinho dele, e de repente a gente explicar para ele quem foi Beethoven e ele ouvir a Nona Sinfonia.” (PEIXOTO FILHO, 1985, p. 55). Realmente seria lindo que todos os sertanejos de Goiás pudessem ter acesso a uma nova proposta de Cultura por meio da música, e ouvir novos estilos musicais, sejam desde a erudição de Beethoven, a quem eles quisessem ouvir.

Neste contexto então em março de 1961, segundo a Revista da Arquidiocese (1961), através de uma aula inaugural, foi lançado o Sistema Educativo Tele Radiofônico de Goiás – (SETERGO), que passou a compor a Rede de Escolas Radiofônicas sob a coordenação nacional do MEB, nascendo então o Movimento de Educação de Base – MEB de Goiás. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019). Neste mesmo ano (1961), aconteceu os treinamentos das equipes do “SETERGO”, o qual compunham a equipe Estadual de Supervisores para implementar as

militava junto ao Movimento de Cultura Popular e profissionalmente trabalhava no MEB. Conheceram-se no Rio de Janeiro, em um dos encontros nacionais do MEB. Esse trabalho conjunto, centrado na educação, marcaria a vida pessoal e profissional dos dois. Em 13 de janeiro de 1966, Maria Alice Martins de Araújo casou-se com Carlos Rodrigues Brandão, passando a assinar Maria Alice Brandão. Dessa união nasceram um filho e uma filha; dois netos e uma neta. André nasceu em Goiânia em 6 de janeiro de 1968 e Luciana nasceu também em Goiânia em 9 de março de 1970.” (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 128)

atividades do MEB em Goiás, neste contexto a Professora Maria Emília, uma das maiores estudiosas do MEB-Goiás de nossa época destaca que:

Funcionários públicos e pessoas advindas de universidades, coordenada, inicialmente, por Maria Helena de Souza, que já havia sido escolhida por D. Fernando Gomes dos Santos. A Gaudência assumiu a parte administrativa. Nas palavras de Isa (entrevista, 17/08/2006): “[...] dentro das informações do pessoal que batalhava mais na Igreja [...], ele D. Fernando reuniu a primeira equipe” (RODRIGUES, 2008, p. 159).

Com as visitas a campo e os estudos realizados, a equipe do MEB começou a trabalhar com os dados da realidade dos trabalhadores rurais, principalmente a partir do final de 1962 e início de 1963. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019). No entanto foi por meio do I Encontro Nacional de Coordenadores, ocorrido em 1962, bem como o ingresso de novas pessoas na Equipe do MEB-Goiás, que suas concepções, valores e práticas se alteraram significativamente, passando a ter por base o pensamento de Paulo Freire e sua perspectiva de pedagogia emancipatória, popular. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019).

“Essa forma de educar, tanto para educadores/as como para trabalhadores/as, transformou ambos, pois passou a construir conhecimentos e formação de consciências críticas, capazes de transformar o mundo em que viviam.” (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 106). No ano de 1962/1963, através do MEB Nacional, no MEB-Goiás, aconteceram mudanças radicais, da qual participaram as coordenadoras de Goiás¹⁰⁸, as professoras, as supervisoras, monitoras populares e também seus alunos.

“No início de 1963, parte da equipe de leigos que compunha o MEB-Goiás era de militantes da Juventude Universitária Católica (JUC), com experiência em atividades de educação e cultura popular desenvolvidas nos espaços do movimento estudantil.” (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 107). Nesse ano de 1963 o MEB-Goiás desenvolvia suas atividades com aulas radiofônicas transmitidas pela Rádio Difusora de Goiânia, nesta época o rádio, em si mesmo, exerce verdadeiro fascínio como meio de comunicação na área rural e desempenhando um papel social muito importante no processo educativo de trabalhadores rurais. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019).

Vale destacar que esse instrumento de alfabetização por vias do rádio recriado pela equipe do MEB de Goiás, incluindo outros recursos metodológicos tais como, músicas, avisos, recados, convites, crônicas, peças de teatro, mensagens, e até cantorias populares de Folias de

¹⁰⁸ Uma característica do MEB Goiás, foi sempre possuir em sua equipe coordenadora uma grande maioria de mulheres, tais como apontado em: Uma das características do MEB-GOIÁS, coordenado por Maria Alice Martins de Araújo (depois, Martins Brandão), foi o fato de que aquela era a "equipe mais feminina" de todo MEB. De fato, foram mulheres engajadas e comprometidas com a educação popular e as causas sociais: Maria Alice, Alda Borges (depois exilada no Chile), Aparecida (militante da AP, depois exilada na França, e morta de doença infecciosa na África), Gaudência, Nazira, Isa, Pérola, Waldenora, Darcy. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 126)

Santos Reis acontecidas nos bairros rurais vizinhos. Além disso, assim como no MEB-Nacional o MEB-Goiás, pautava sua perspectiva pedagógica na alfabetização de adultos (EDA), inspirados nos valores do ser humano apresentadas pela UNESCO, tal como apontam os pesquisadores:

O MEB-Goiás iniciou seu trabalho valendo-se da realidade, estabelecendo contato direto com a comunidade e discutindo, criticamente, os problemas locais. Seus valores, visão de mundo, conceitos e práticas foram pautados na educação de base da Unesco. A perspectiva culturalista de educação era muito presente, em especial na educação de adultos (EDA), à época: o processo de ensino de conhecimentos sistematizados era organizado na ótica da classe dominante e apropriado por “alguns mais capazes” econômica e intelectualmente, como dádiva às pessoas analfabetas, e não como um direito de acesso de todos aos saberes historicamente produzidos pela humanidade. Contudo, a educação de adultos nesse período passou a questionar essa perspectiva de mão única, fomentando então um processo de ensino e aprendizagem de mão dupla, no qual professores/as, supervisores/as, educadores/as populares e educandos/as ensinavam e aprendiam. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 107).

Com as discussões que aconteceram no I Encontro Nacional de Coordenadores de 1962, marcaram profundamente a segunda fase do MEB-Goiás, iniciada no começo 1963 do quando, além das reflexões a partir dos estudos e deliberações do Encontro Nacional de Coordenadores, aconteceu um segundo treinamento da Equipe Central em Goiás, treinamento esse que proporcionou uma compreensão da sociedade brasileira no plano filosófico e político, bem como reflexões que apontaram para propostas e soluções para as mudanças pretendidas em Goiás, e estas se desdobraram entre outras ações, no curso de treinamento de monitores, no congresso de monitores e na prática político-pedagógica foi empreendida no MEB-Goiás a partir de 1963 em diante. (RODRIGUES, 2008).

Através da narrativa de Maria Alice Brandão¹⁰⁹, que era coordenadora do MEB-Goiás em 1963, depois de voltar do I Encontro Nacional de Coordenadores, poderemos notar como era a realidade vivida pelo MEB naquele tempo. Mais uma vez a Professora Rodrigues (2008) que era amiga de Maria Alice Brandão, nos mostra uma importante narrativa, por meio de uma entrevista em concedida a ela no ano de 2006, evidenciando que, após sua volta a Goiás, depois das mudanças propostas no I Encontro Nacional de Coordenadores e do “[...] crescente número de escolas, de solicitações, a gente não dava mais conta, só aquele grupinho supervisionar [...] todas as escolas, fazer os programas, fazer tudo. Resolvemos aumentar a equipe.” (RODRIGUES, 2008, p. 191). Ela ainda continua e destaca que depois das mudanças

¹⁰⁹ Maria Alice Martins de Araújo após o casamento com Carlos Rodrigues Brandão assume juridicamente o sobrenome do marido passando a assinar Maria Alice Martins Brandão. Todavia, aqui a opção é manter Maria Alice Brandão - nome com o qual ela se identifica nos depoimentos para pesquisas e outras fontes acessadas. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 128)

propostas, “Em 1963 foi realizado um treinamento para ampliação da Equipe Central do MEB-Goiás, e logo em seguida um curso para os monitores, sob nova perspectiva.” (RODRIGUES, 2008, p. 191). E segundo Maria Alice Brandão, esse foi um treinamento de sacudir as estruturas, e um grande conhecimento da verdadeira realidade Brasileira.

[...] foi um treinamento de sacudir as estruturas, porque foi aquele banho de realidade brasileira, [...] que abriu a cabeça da gente [...] de que isso era uma coisa que tinha de ser feito pelo povo, que tinha de partir deles [...]. E aí que a gente sacou que [...]: eles saberiam dizer quais eram as necessidades deles e não a gente dizer quais eram as necessidades deles e tentar levar soluções; eles é que tinham que descobrir suas próprias necessidades, descobrir como fazer pra suprir essas necessidades, e aí poderiam ir até às últimas consequências, porque iam descobrir quais as causas que os estavam levando eles a serem assim tão pobres, tão necessitados, tão injustiçados”. (RODRIGUES, 2008, p. 191).

Já sobre grande influência das ideias de Paulo Freire e da experiência acontecida em Angicos o MEB-Goiás, recebem por meio do MEB-Nacional, uma formação das pessoas que ampliaram e reforçaram a Equipe Central do MEB-Goiás, ocorreu então, durante o segundo treinamento do MEB, realizado em Goiânia, na Associação do Pequeno Trabalhador Agrícola Goiás, no início de março de 1963, com a participação de Vera Jaccoud, Osmar Fávero e Lourdinha, membros da Coordenação Nacional e dos integrantes da Equipe Central do MEB-Goiás. (RODRIGUES, 2008). Reformulações associadas ao revolucionário Método de Alfabetização desenvolvido por Paulo Freire e sua equipe no Recife.

Segundo Carlos Brandão (2020), o MEB alfabetizava através de um exitoso programa de alfabetização e pós-alfabetização inspirado em Paulo Freire, sendo suas aulas emitidas desde uma “equipe central”, em Goiânia até as comunidades rurais. “As aulas eram “recebidas” por um “rádio cativo” em pequeninas escolas de roça. Eram dirigidas a um “monitor”, homem ou mulher alfabetizados e treinados para trabalharem diretamente com as/os alfabetizandos.” (BRANDÃO, 2020, p. 10), ele ainda pontua que os treinamentos dos monitores, constituíam uma das atividades mais essenciais e pedagogicamente preparadas no MEB. “Pois eram eles, em suas comunidades, os verdadeiros educadores do MEB”. (BRANDÃO, 2020, p. 10).

Adiante será apresentado alguns dos poucos e raros registros das aulas por meio do Rádio e de seus monitores nas comunidades do interior do MEB-Goiás.

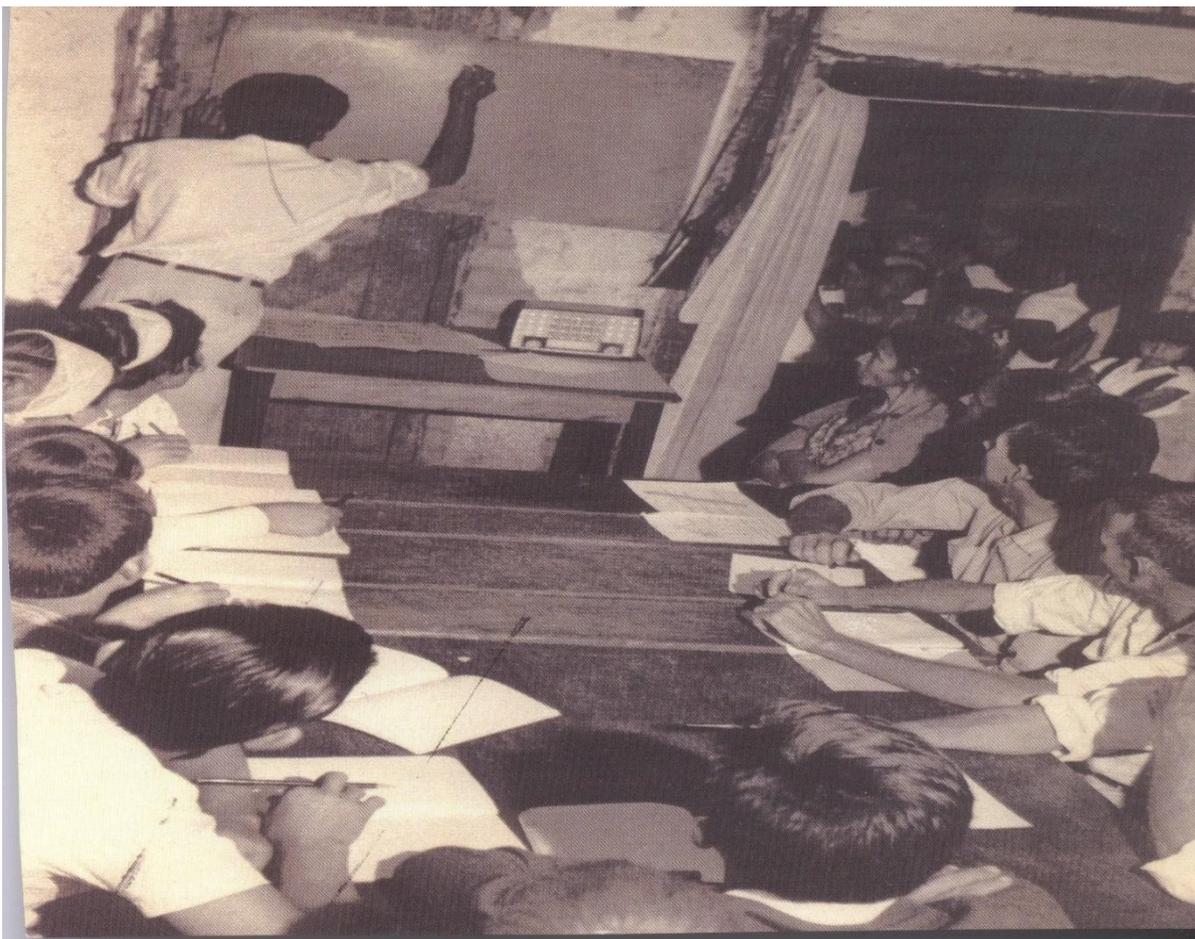


Imagem 13: Fonte – Acervo pessoal de Carlos Rodrigues Brandão - cedido ao Pesquisador – Aula do MEB - Goiás

Segundo Carlos Brandão (2020) ao narrar uma aula do MEB Goiás, essa é, “Uma das poucas fotos de aulas de alfabetização em comunidades rurais de Goiás e “salvas das fogueiras” em que milhares de documentos foram destruídos durante os governos militares.” (BRANDÃO, 2020, p. 10). Ele ainda narra que pode ser notado, “A precária “lousa” e, na mesa, um os “radinhos de pilha Philips”, por onde as aulas chegavam ao monitor e a alfabetizandas/os desde a “Equipe Central” em Goiânia.” (BRANDÃO, 2020, p. 17).

Para Brandão (2020), segundo a metodologia inspirada em Paulo Freire, de forma dialógica, caso algum aluno quisesse, poderia se dirigir ao quadro para escrever o que havia aprendido. Ainda neste contexto ele diz que:

Se a turma sentisse vontade, o que restasse do tempo de uma “aula” poderia ser aproveitado para que cada um, cada uma escrevesse ou “desenhasse” as palavras que quisesse, desde o seu lugar no círculo. Os educandos deveriam ser incentivados a escreverem em casa todas as palavras que fossem capazes de formar, sejam elas iguais ou não às que foram formadas em sala de aula. “Na experiência do MEB-Goiás, os educandos recebiam para cada palavra uma pequena folha, que reproduzia em parte o trabalho feito, e sugeria novos exercícios.” (BRANDÃO, 2020, p. 17)

Outrossim, com o passar das aulas os alunos poderiam ir montando o seu próprio

material de estudo pessoal, com as folhas, fichas recebidas, as folhas em que escreveram as suas palavras, ou os seus desenhos, mais tarde, suas anotações e assim por diante. (BRANDÃO, 2020).



Imagem 14: Fonte – Acervo - CEDIC/PUC-SP – Fachada de uma Escola Radiofônica do MEB - Monitores e alunos - documento de 1963

Nesta foto podemos encontrar, monitores e alunos à espera do início da aula, além de apresentar a fachada e uma de uma das escolas radiofônicas do MEB. Vale destacar que para a instalação das escolas Radiofônicas era feito um estudo de área, realizado pelos supervisores, assim sendo escolhido o local em que poderá funcionar a escola radiofônica, seria realizado o treinamento do monitor, o monitor também deverá movimentar a comunidade na preparação do local escolhido.

O trabalho educativo deve ser comunitário, desta forma todo o povo deve colaborar nesta preparação, eles devem sentir que a escola é da comunidade. Para que o monitor conseguir isso, é preciso que ele se encontre aberto para a ideia de trabalho em equipe, saiba promover e coordenar uma reunião, saiba solicitar o empréstimo de uma mesa, o conserto de um banco, a

instalação do quadro, em síntese, para se instalar uma escola radiofônica, é preciso o seguintes materiais: um local adequado; mesas ou carteiras; cadeiras ou bancos; receptor; quadro, giz e apagador; lampiões (quando não houver iluminação elétrica); folhas de matrícula e de frequência; livros de leitura, cadernos, lápis, borracha. “O MEB tem fornecido sempre o receptor cativo, com as primeiras quatro pilhas, os livros de leitura, as folhas de matrícula e de frequência. Atualmente, fornece também o quadro, o lampião, o fio e as castanhas para a antena.” “MEB: O MONITOR, 1963, p. 17.”

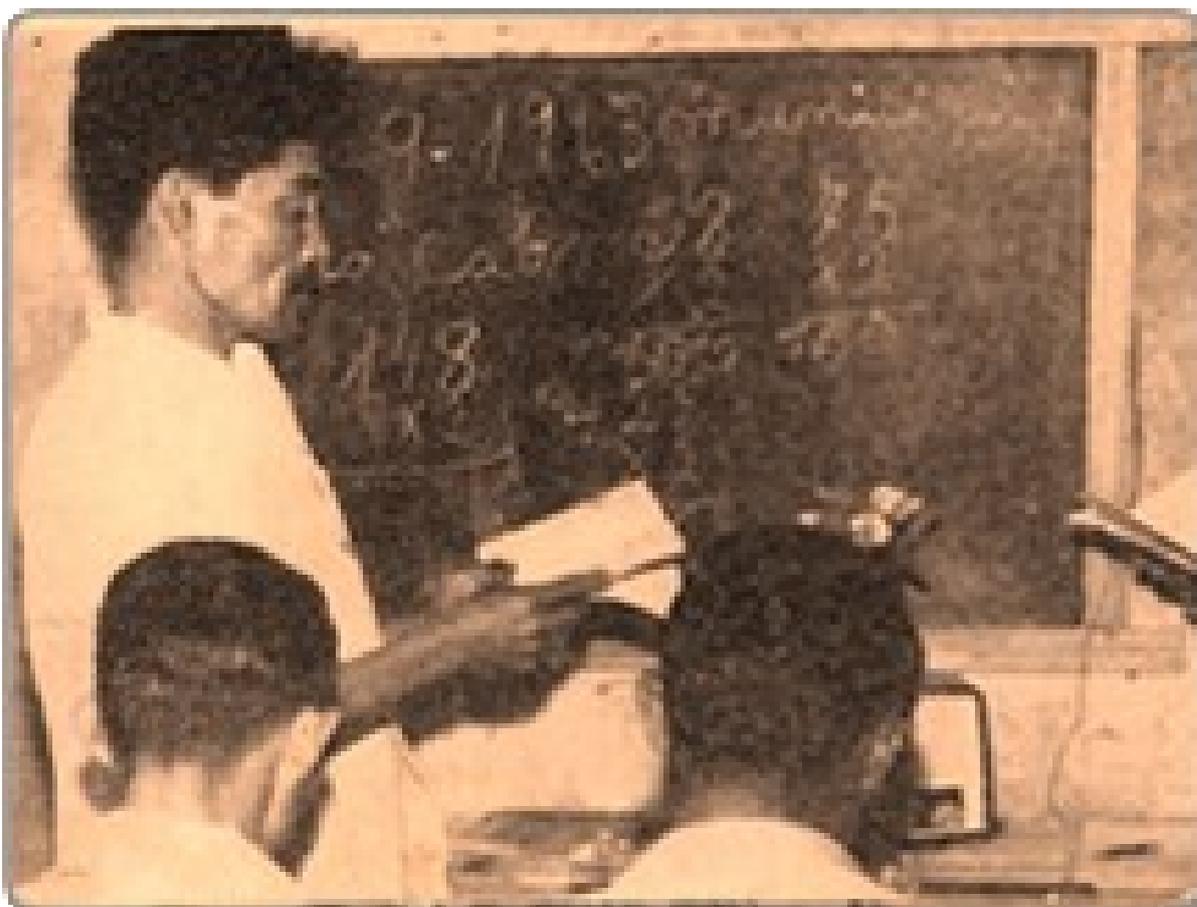


Imagem 15: Fonte – Acervo - CEDIC/PUC-SP - Aula do MEB – Goiás - documento de 1963

Esta imagem mostra um dos monitores do MEB-Goiás, desenvolvendo sua aula por meio do programa Radiofônico. Para Osmar Fávero (2004), o monitor exercia um papel muito importante no processo de alfabetização da época, onde o rádio deixou de ser o principal elo e a atuação do monitor ganhou mais importância na ligação entre a escola e a coordenação do sistema. Ainda segundo Fávero (2004) o monitor seria um integrante da comunidade que muitas vezes exercia o papel de professor sem nenhuma remuneração, e eles sim eram os verdadeiros alfabetizadores e a base do MEB.

Integrante da comunidade e sem remuneração, o monitor inicialmente era “nomeado”,

mas depois escolhido pelos próprios camponeses. A forma como liderava as discussões sobre os temas da aula radiofônica poderia vir a contribuir para que as visões das bases exercessem influência nos diversos níveis de direção do sistema educativo. Experiência matriz da animação popular, Goiás passou a fazer o planejamento da programação radiofônica com os líderes rurais, com os próprios monitores. Era um movimento de mão dupla, os monitores organizavam os diálogos com os alunos nas escolas radiofônicas do interior, gravavam, pois nessa época o MEB e o CPC de Goiás trabalhavam juntos, e depois reproduziam estes diálogos no estúdio quando iam visitar a emissora católica na capital. (FÁVERO, 2004, p. 85)

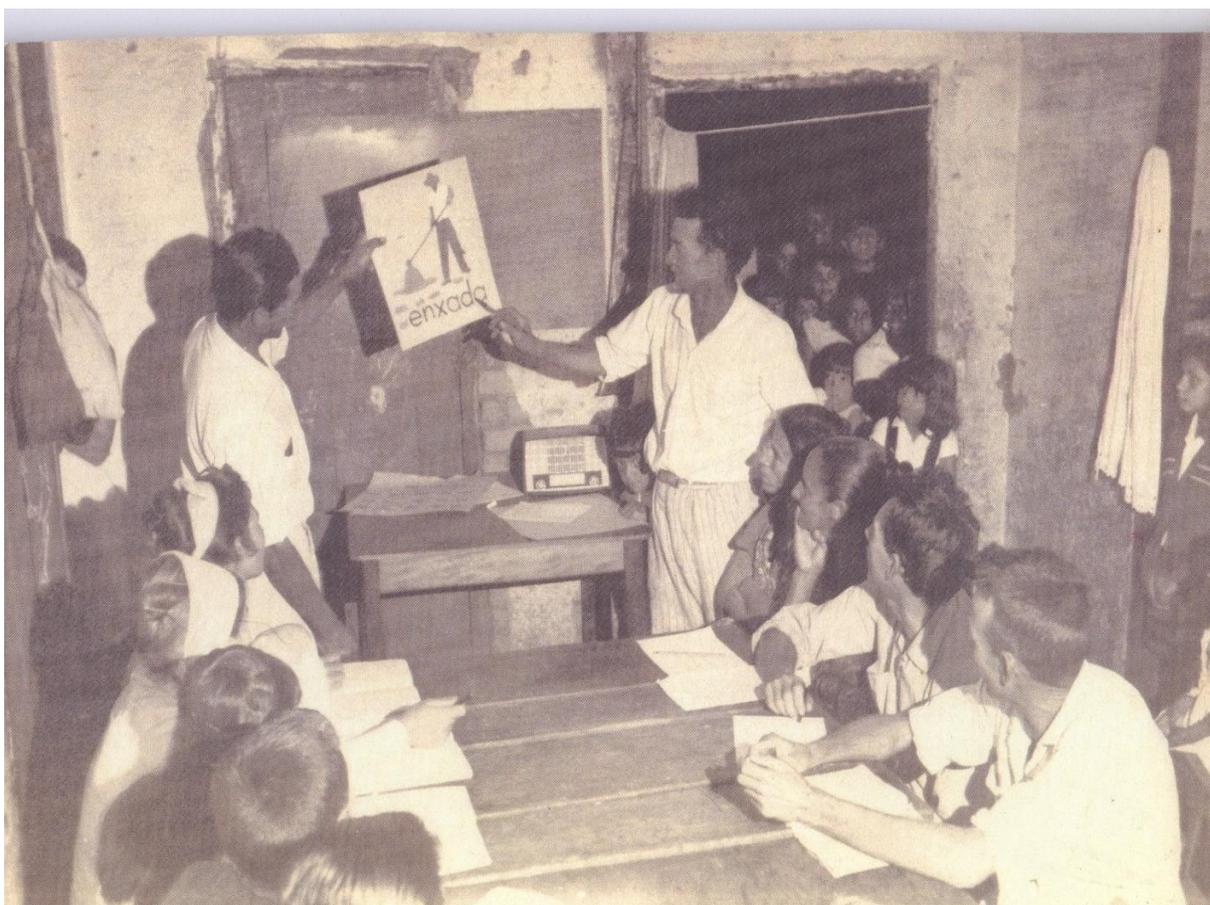


Imagem 16: Fonte – Acervo pessoal de Carlos Rodrigues Brandão - cedido ao Pesquisador – Aula do MEB – Goiás

Neste retrato pode-se notar os alunos vindo à frente, tentando realizar a construção dos fonemas de uma palavra. Podemos notar outras pessoas, crianças, no corredor da pequena casa onde funcionava a escola, procurando “ver um pouquinho do que está acontecendo”. (BRANDÃO, 2020, p. 18). “Assim também, programas radiofônicos como o “Encontros com a Comunidade”, mesmo entre não alfabetizados eram muito ouvidos por várias outras pessoas das comunidades rurais.” (BRANDÃO, 2020, p. 18)

Segundo Brandão (2020), tanto para os alunos quanto para os monitores¹¹⁰ que

¹¹⁰ [...] fazer equipe com o monitor e colaborar com ele em todos os planos, dentro e fora da escola radiofônica, o monitor auxiliar poderia ser muito útil à comunidade, preparando com o monitor, os debates após a emissão, auxiliando-o nas emissões especiais e assim por diante. (MEB, 1963, p. 04)

também eram trabalhadores rurais, o trabalho de estar na sala de aula era muito custoso¹¹¹, pois a realidade vivenciada por eles era a do cabo da enxada, Brandão ainda destaca que “Para quem “cresceu no cabo da enxada” o trabalho de escrever com o lápis poder ser muito pesado e difícil” (BRANDÃO, 2020, p. 18). Desta maneira poderiam acontecer momentos dos quais os monitores estivessem capacitados a desenvolverem exercícios de coordenação motora, ajudando assim a comunidade onde atuassem.

No decorrer das aulas/reuniões, o monitor do MEB, por meio de seu círculo de cultura, realizaria um convite aos alfabetizandos para que os mesmos lessem as palavras que trabalharam para formar em suas casas. Segundo Brandão, “Quem quisesse poderia “vir à frente” e formaria no “cartaz da descoberta” as suas palavras. Quem quisesse, que as escrevesse para todos. Outros poderiam dizer as suas palavras, simplesmente” (BRANDÃO, 2020, p. 18). E o monitor-animador da aula escreveria as palavras no quadro negro, de acordo como eram pronunciadas pelos educandos do MEB. Brandão explica como o monitor pedagógico executava o processo de animação de seus alunos embasados no documento desenvolvido pela equipe do MEB-Goiás¹¹²: Benedito e Jovelina.

Esgotado o trabalho sobre uma palavra geradora, o animador poderia sugerir que se trabalhe sobre uma segunda. Ele procederia da mesma maneira e, de uma para a outra, certamente contaria com uma participação mais intensa e mais criativa dos educandos. De novo o grupo debateria o que a palavra geradora sugeriu. No caso de Goiás, a segunda palavra geradora é JOVELINA, que além de ser muito rica para a formação de outras palavras, sugeria uma outra pessoa, e quase sempre a associação a um casal de “gente da roça”: Benedito e Jovelina. (BRANDÃO, 2020, p. 18)

Para Brandão (2020) a equipe do MEB-Goiás em alguma medida inverteu¹¹³, a lógica do método Paulo Freire. “Ao invés de partir dos mais abstrato em direção ao mais concreto (um padrão culturalmente mais masculino, dedutivo e filosófico de se pensar), a

¹¹¹ Como aponta Maria Emília em: Por outro lado, considerando-se serem trabalhadores rurais que dependiam do seu trabalho para sua subsistência, deixar a roça ou os afazeres de trabalhador rural para participar dos cursos do MEB-Goiás, também era um complicador, ainda que sua atuação na comunidade e no MEB fosse considerado pelos próprios monitores um trabalho social importante. (RODRIGUES, 2008, p. 202)

¹¹² A Equipe do MEB-Goiás mantinha uma estreita e intensa correspondência com monitores e alfabetizandas. Não eram poucas as cartas escritas a mão por pessoas, que viviam através delas a felicidade de “agora eu já sei ler e escrever”. E não eram poucas as mulheres, bem mais do que os homens, dos sertões de Goiás, que dirigiam as suas cartas a uma “Querida Equipe Central”, como se de uma pessoa se tratasse. Pois com frequência era assim que uma das integrantes da Equipe de educadoras do MEB se dirigia genericamente às pessoas, pelo rádio: “aqui está falando com vocês a Equipe Central do MEB”. (BRANDÃO, 2020, p. 22)

¹¹³ Como o próprio Brandão justifica em: Sabemos que o próprio Paulo Freire considerava o seu “método” uma proposta original aberta a modificações que o adaptassem a cada cenário em que seria trabalhado. Desde as experiências pioneiras no Nordeste e, depois, em São Paulo, ele convidava educadores-alfabetizadores a tomarem a sua proposta como um instrumento pedagógico de alfabetização a ser recriado para uso em diferentes contextos. Apenas propostas fundamentais, como a circularidade dos espaços e das relações entre as pessoas; a vocação do diálogo ao longo de todo o processo; o caráter formativo em termos de uma aprendizagem “conscientizadora e transformadora”. Uma das frases mais repetidas em Paulo Freire era a de que a sua proposta de educação desde a alfabetização deveria desaguar em um aprendizado de “ler as palavras e ler o mundo”. (BRANDÃO, 2020, p. 11)

apresentação das imagens começava por figuras de um casal de camponeses: BENEDITO e JOVELINA¹¹⁴.” (BRANDÃO, 2020, p. 11). Assim, nas palavras do próprio Brandão, “Eles eram apresentados em seus rostos. Eram duas pessoas muito semelhantes à maioria dos alfabetizando, em suas comunidades rurais. Seus dois nomes eram bem populares em Goiás. E eram ótimos para serem desdobrados como palavras geradoras.” (BRANDÃO, 2020, p. 11).

Segundo Brandão assim o “Método Paulo Freire de Goiás, partia de uma situação cotidiana e concreta da vida de um casal de camponeses e, indutivamente, passo a passo chegava ao mais abstrato: a ideia de cultura e do ser humano como criador de cultura.” (BRANDÃO, 2020, p. 11). Ele ainda indaga então “Teriam as educadoras do MEB-Goiás feito com os educadores (com uma única mulher, Aurenice Cardoso) o mesmo que Marx teria feito com Hegel?” (BRANDÃO, 2020, p. 11).

Esta indagação de Brandão (2020), suscitou neste pesquisador investigar a importância das mulheres “intelectuais/pesquisadoras, professoras alfabetizadoras do MEB-Goiás e do Brasil”, e por meio dos processos de investigação sobre essa questão, foi constituída uma linda ciranda de e-mails entre mim, com os professores pesquisadores da época que atuaram no MEB-Goiás e no MEB-Nacional, Carlos Rodrigues Brandão e Osmar Fávero, e como resultado dessa série de e-mails investigativos, podemos trazer de volta a vida não somente mulheres Educadoras Populares que trabalharam no MEB-Goiás, mas sim de todo Brasil inteiro. A seguir será apresentado o resultado dessa investigação por meio de duas tabelas organizadas, através do qual preservou informações originais contidas por meio dos e-mails, como equipes/instituições trabalhadas, local do estado de residência, além disso a mesma foi e será constantemente complementada ao longo do processo da pesquisa, e nas pesquisas vindouras, pois trata-se de apenas um “levantamento representativo” dessas importantes Educadoras Populares e Pesquisadoras sobre Educação Popular no Brasil, não querendo em momento algum esgotar as fontes e nomes apresentados, pois trata-se somente de fontes que conseguimos ter acesso ao longo do processo da pesquisa.

¹¹⁴ Não temos pretensão aqui de aprofundar nesse novo método desenvolvido pela equipe do MEB-Goiás, mas sim trazer de forma contextualizada sua utilização e aproximação com as ideias de Paulo Freire, para mais detalhes sobre BENEDITO e JOVELINA, sugiro remissão aos trabalhos de: Carlos Rodrigues Brandão, “BENEDITO E JOVELINA” lembranças de quando a internet era o rádio de pilha e de quando a educação popular vinha através de escolas radiofônicas. Disponível em <http://www.apartilhadavida.com.br>. e RODRIGUES, Maria Emília Castro.; ROCHA, Juliano Guerra; VALDEZ, Diane. Benedito e Jovelina: A história da alfabetização de trabalhadores rurais em goiás nos anos sessenta (século XX), Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf, v. 1, n. 11, p. 100-123, 2019. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/rabalf/article/view>. PDF.

Mapeamento das Educadoras Populares do MEB-Goiás e do Brasil

Educadoras Populares/Intelectuais	Equipe - Estado - País
Aída Bezerra	MEB/NOVA-Brasil
Alda Maria Borges Cunha	MEB/Goiás - Brasil
Aparecida Siqueira	MEB/Goiás - Brasil
Aurenice Cardoso	1ª equipe de Paulo Freire - Brasil
Beatriz Bebiano Costa	CEDI/NOVA-Brasil
Darcy Costa	MEB/Goiás - Brasil
Eliete Santiago	MEB/Recife-Brasil
Elizabeth Hermano (Betinha)	MEB/Goiás - Brasil
Elza Falckembach	Brasil
Elza Maia Costa Freire	Recife - Brasil
Gaudência	MEB/Goiás - Brasil
Isa Guerra	Ceplar - João Pessoa/PB - Brasil
Iveline Lage	Ceplar - João Pessoa/PB - Brasil
Maria Alice Martins Brandão	MEB/Goiás - Brasil
Maria das Dores Porto	Brasil
Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero	MEB/Nacional - Brasil
Maria de Nazaré de Castro Gomes	MEB/São Luís - Brasil
Maria Helena de Souza	MEB/Goiás - Brasil
Maria Isabel Ramos Jubé (Isa)	MEB/Goiás - Brasil
Maria Joana	MEB/Goiás - Brasil
Maria José de Oliveira	MEB/Aracaju - Brasil
Maria José Santos	MEB/Sergipe - Brasil
Maria Salete van der Poel	Ceplar - Campina Grande/PB - Brasil
Maria Zélia Alves	MEB/Recife - Brasil
Marlúria Ferreira	Brasil
Moema Viezzer	Brasil
Nazira Fátima Elias	MEB/Goiás - Brasil
Nazira Vargas	MEB/Natal - Brasil
Nely de Souza Dantas	MEB/Goiás - Brasil
Pérola Campos	MEB/Goiás - Brasil
Regina Rocha	NOVA/Rio de Janeiro - Brasil
Rosiska Darcy de Oliveira	IDAC-Brasil
Ruth Vieira	MEB/Bahia - Brasil
Sáfira Bezerra Amman	MEB/Natal - Brasil
Silvia Manfredi	Cadernos do CEDES/Rio de Janeiro - Brasil
Valeria Rezende	João Pessoa - Brasil

Vera Barreto	MEB-Brasil
Vera Jaccoud	Coordenadora do MEB - Brasil
Waldenora Carvalho	MEB/Goiás - Brasil
Zélia Faria	Brasil

Fonte: Elaboração do Pesquisador: 2021 – 2022

Apresentamos desta maneira um novo Mapeamento dos quais separamos as mulheres pesquisadoras da Educação Popular no Brasil, das mulheres Educadoras Populares dos MEBs Goiás e Nacional.

Mapeamento das Pesquisadoras sobre Educação Popular no Brasil

Ana Lucia Souza de Freitas	Rio Grande do Sul - Brasil
Ana Maria Freitas	Brasil
Ângela Biz Antunes	Brasil
Beatriz Cannabrava	São Paulo - Brasil
Cheron Moretti	Brasil
Conceição Paludo	Porto Alegre - Brasil
Débora Mazza	Campinas/SP - Brasil
Fernanda dos Santos Paulo	Rio Grande do Sul - Brasil
Isabela Camini	MST - Brasil
Kattia de Jesus Amin Athayde Figueiredo	Brasília-Brasil
Liana Borges	Rio Grande do Sul - Brasil
Lilian Cristina Prado Contreira	São Paulo - Brasil
Maria Clarisse Vieira	Brasília - Brasil
Maria Emília de Castro Rodrigues	Goiás - Brasil
Maria Tereza Goudard	Brasil
Marli Pinto Ancassuerd	São Paulo/Brasil
Nima I. Spigolon	Ituiutaba/MG - Brasil
Rosely Caldart	Brasil
Valéria Oliveira de Vasconcelos	São Carlos/SP-Brasil
Vanilda Paiva	Brasil

Fonte: Elaboração do Pesquisador: 2021 – 2022

Uma das mais importantes pesquisadoras do MEB-Goiás, “Maria Emília de Castro Rodrigues” em sua Tese de Doutorado defendida em agosto de 2008, destaca que na Equipe Central do MEB-Goiás, até o ano 1963, o percentual era de 100% de mulheres que trabalhavam como Educadoras Populares e com a entrada do Francisco e do Odilon esse percentual foi para 89% de mulheres e 11% de homens. (RODRIGUES, 2008) “É importante destacar que os

membros do MEB-Goiás, ali estavam em função de acreditarem numa possibilidade de mudança do Brasil, de condições de vida melhor para todos, e que poderiam contribuir para essa transformação” (RODRIGUES, 2008, p. 197).

Vale destacar aqui a potência feminina e importância dessas mulheres professoras Educadoras Populares, pois sem elas como já nos disse Brandão (2020), o MEB-Goiás, não teria se desenvolvido e ampliado suas atividades por todo o estado de Goiás como o fez. Uma curiosidade de uma das mulheres mais importantes do MEB-Goiás, a coordenadora da época Maria Alice Brandão é que além de coordenar o MEB-Goiás, ela também coordenou o MEB-Mato Grosso, pois o mesmo ainda não tinha sua coordenação própria, o que podemos entender que as atividades desenvolvidas no MEB-Mato Grosso, foram em grande medida inspiradas nas atividades realizadas por Maria Alice Brandão e sua Equipe no MEB-Goiás.

Os pesquisadores Spigolon e Silva (2021), ao narrarem trechos das atividades realizadas por Maria Alice Brandão¹¹⁵ e equipe no MEB-Goiás sobre forte inspiração do Método Paulo Freire, destacam a importância da equipe mais feminina de todo MEB-Nacional, que teve por meio dos processos de alfabetização de Adultos (EDA) seu grande foco pedagógico.

A equipe do MEB-Goiás, majoritariamente formada por mulheres e por ela coordenado, recriou o “Método Paulo Freire”, adaptando-o ao mundo rural e camponês de Goiás, e para a alfabetização através de escolas radiofônicas. Durante um longo período, Maria Alice coordenou ao mesmo tempo a equipe do MEB-Mato Grosso, que não possuía ainda coordenação própria. Ou seja, a equipe que compunha o MEB-Mato Grosso foi formada e treinada pela equipe do MEB-Goiás. Deram à experiência realizada o nome de “Benedito e Jovelina¹¹⁶”, pois este era o nome do casal de lavradores com cujas imagens e palavras as primeiras aulas eram enviadas pelo rádio a um “monitor”, responsável pelo trabalho local de alfabetização com adultos. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 126-127)

No início do ano de 1964 as atividades desenvolvidas pelo MEB em âmbito Nacional, despertavam em uma série de líderes militares de oposição, os quais já articulavam o Golpe que ocorreria em 1 de abril de 1964, indícios que os materiais e a metodologia utilizadas pelo MEB, continham materiais subversivos de cunho Comunista, pois grande parte de suas atividades atuais estavam pautadas nos ideais de Paulo Freire¹¹⁷. O MEB estava sendo vigiado

¹¹⁵ Em Goiás, sob a coordenação de Maria Alice, a equipe do MEB criou um trabalho direto com camponeses chamado “Encontros com a comunidade”, além de operar através de centenas de escolas radiofônicas, algumas a mais de 500 km de distância de Goiânia. Maria Alice esteve na coordenação do MEB-Goiás de 1961 a 1966, até quando, dois anos após o golpe de 1964 que depôs o governo João Goulart e instaurou a ditadura militar no Brasil, encerrou de modo drástico as atividades do MEB-Goiás e de vários outros Estados da Federação. (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 127)

¹¹⁶ Remissão ao livro “O que é o Método Paulo Freire” (BRANDÃO, 1981).

¹¹⁷ Uma das frases mais repetidas em Paulo Freire era a de que a sua proposta de educação desde a alfabetização deveria desaguar em um aprendizado de “ler as palavras e ler o mundo” (BRANDÃO, 2020, p. 11)

de perto por autoridades militares, perseguido e ameaçado, sobretudo em algumas regionais do MEB-Nordeste. “Em janeiro/fevereiro de 1964, como uma metafórica antecipação do golpe militar, um livro de leituras para a alfabetização através das escolas radiofônicas do MEB foi apreendido pela polícia do Rio de Janeiro.” (BRANDÃO, 2020, p. 6), ainda segundo Brandão (2020), além de preso o livro foi levado para uma delegacia, no entanto não era somente um livro conhecido como “Viver é Lutar”, mas sim também outros três livretos de acompanhamento pedagógico que faziam parte do conjunto Viver é Lutar¹¹⁸.

Relacionando a mesma contextualização feita por Brandão (2020) no início de 1964, Fávero (2010), destaca que a apreensão do livro de leitura “Viver é Lutar”, em fevereiro de 1964, pela política do atual Governador da época, no antigo estado da Guanabara/RJ, Carlos Lacerda. “Acirrou as discussões sobre as opções tomadas pelo Movimento” (FÁVERO, 2010, p. 5). Em seguida o golpe militar de abril de 1964 cortou a perspectiva política, que desencadeou uma onda de denúncias e repressão policiaesca por parte do Estado.” (FÁVERO, 2010, p. 5). Ainda destaca que “Assim como aguçando o controle ideológico da hierarquia católica sobre o MEB, com o rompimento de sua coordenação nacional.” (FÁVERO, 2010, p. 5).

Osmar Fávero narra em entrevista a pesquisadora Baumworcel (2008), alguns momentos deste acontecimento, podemos ver na íntegra, o que narra um dos coordenadores do MEB-Nacional da época.

Além disso, uma parte dos exemplares da primeira cartilha impressa, Viver é Lutar, que ligava alfabetização e conscientização partindo de situações reais da vida dos camponeses, havia sido apreendida ainda na gráfica pela polícia do governador da Guanabara, Carlos Lacerda, Viver é lutar sintetizava a ideologia do MEB: Eu vivo e luto, Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar, (primeira lição da cartilha). A décima oitava lição traz o trecho: A lei diz que todos devem ir à escola. A lei diz: mas não existe escolas para todos. Xavier e sua mulher decidiram abrir uma escola em sua casa. Com a ajuda de outros abriram uma escola radiofônica” (BAUMWORCEL, 2008, p. 3).

Mesmo o Movimento de Educação de Base - MEB sendo uma instituição vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ele foi fortemente vigiado pelas autoridades militares a partir de abril de 1964 com o golpe da ditadura militar, vale destacar que algumas sedes regionais, sobretudo no Nordeste do Brasil, foram invadidas e algumas Educadoras Populares levadas para interrogatórios, acontecendo assim repressões político-sociais, envolvendo prisões e até mesmo sessões de tortura, que recaíram sobre os camponeses e monitores presos. (BRANDÃO, 2020). Na mesma entrevista citada anteriormente Fávero,

¹¹⁸ No tópico seguinte deste capítulo será dado ênfase a esse conjunto de livros que conhecemos como “Viver é Lutar”.

discorre que:

Houveram pouquíssimas prisões de profissionais do MEB. No entanto, muitos monitores, líderes rurais e diretores de sindicatos foram presos depois de 1964. O ex-coordenador do MEB lembrou a prisão, depois do golpe, da professora-locutora Maria José, que ao iniciar a aula, na Rádio Educadora de Sergipe disse: até ontem a gente viu as contas de subtrair, que são as contas do pobre, hoje nós vamos começar a estudar as contas dos ricos, que são as de multiplicar. (FÁVERO, 2010, p. 10)

Para Spigolon e Silva (2021) e Fávero (2010), foi a partir de 1964 e, de modo mais ostensivo de 1966 em diante, que os mais representativos sistemas de educação de base do Nordeste e do Centro-Oeste foram fechados, restando assim poucos sistemas locais do MEB, que regrediram a propostas pedagógicas um pouco distantes de uma educação popular de cunho Freireano. Segundo Spigolon (2014), em virtude da intervenção do governo militar em 1964, registrou-se a invasão das sedes regionais e locais do MEB-Nacional e Estadual, pelas forças policiais. Preventivamente, como aconteceu em Goiás, acervos com materiais pedagógicos foram queimados ou enterrados. Em outras sedes estaduais foram apreendidos por órgãos de segurança nacional e, inclusive, educadoras do MEB foram levadas para interrogatório policial, algumas presas e torturadas.

Segundo Brandão (2020), nos dias seguintes após o golpe militar de 1964, instituições de educação suspeitas foram obrigadas a destruírem grandes quantidades de material supostamente “subversivo” e uma delas foi o Movimento de Educação de Base-MEB. Ainda reflete¹¹⁹ que se olharmos de um modo mais específico, no caso o próprio MEB-Goiás destruiu uma grande quantidade de documentos pedagógicos no pós-Golpe, onde por vários dias, “Boa parte de todo o material pedagógico existente na sede da “equipe-central” foi levado ao fundo de quintais e devidamente queimado.” (BRANDÃO, 2020, p. 6), além disso, “Uma irrecoverável quantidade deste material eram rolos de fitas de gravador com aulas e outros programas da “escola radiofônica”. O mesmo acontece em vários outros estados da Federação.” (BRANDÃO, 2020, p. 6).

Para Spigolon e Silva (2021), no contexto de instauração de ditadura militar no Brasil, o Brasil vivenciou longos momentos de violência, opressão e manifestações de poder autoritário e ditatorial, que interromperam o trabalho que vinha sendo realizado em boa parte do País. Na tentativa de coibir ideias e práticas pedagógicas com fundamento em Paulo Freire,

¹¹⁹ No novembro do ano de 2019 em entrevista a esse pesquisador no sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, Brandão contextualiza de forma muito clara as atrocidades vivenciadas por Maria Alice e sua equipe no MEB-Goiás, onde relata: Que antes de o MEB-Goiás ser oficialmente encerrado, a equipe do MEB-Goiás coordenada por Maria Alice, passou dias e dias queimando em fundos de quintais todo o material de anos de trabalho, que poderia ser considerado subversivo e apreendido. Centenas de fitas gravadas, milhares de programas de cada ala radiofônica e um mundo de cartas entre camponeses e o pessoal da equipe. (BRANDÃO, 2019)

e entre outros educadores, cientistas sociais e artistas da época, foram reiteradas as ameaças e até mesmo atentados a movimentos, inclusive com uso de prisões arbitrárias, torturas, exílios e até mesmo assassinatos, eram tempos de obscurantismo no país. Destacam também que no contexto do MEB-Goiás “Uma das educadoras do MEB e companheira de trabalhos de Maria Alice precisou exilar-se com o marido no Chile, durante anos. Uma outra foi exilada para a França e poucos anos mais tarde faleceu de uma enfermidade contraída enquanto trabalhava na África.” (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 128). Neste mesmo contexto de ditadura é importante destacar que o próprio Paulo Freire com Elza Freire e seus cinco filhos se somaram ao contingente de exilados brasileiros. (SPIGOLON, 2014).

No âmbito nacional, no horizonte negro de 1964, tendo Paulo Freire como um dos grandes mártires da ditadura no país, devido sua tentativa em implantar um grande programa Nacional de Alfabetização de Adultos, inspirado nos ideais Cubanos, o golpe militar de abril de 1964 encerra todas as possibilidades de realização desse revolucionário método, que com certeza tiraria o Brasil de seu maior problema da época o “analfabetismo”.

Nima Spigolon (2014) aponta que em virtude da intervenção do governo militar de 1964, foi registrado muitas invasões as sedes do MEB pelo país, algumas até por tanques do exército, outras foram duramente fechadas e tiveram seus acervos queimados ou apreendidos, momentos de violência, opressão e manifestações de poder autoritário e ditatorial, interromperam o trabalho que vinha sendo realizado pelo MEB, e na tentativa de coibir ideias e práticas, se fez por meio de atentados a movimentos e eliminação de sujeitos pertencentes a eles, como uma demonstração de força e poder.

Brandão (2020), traz uma interessante curiosidade a respeito do Método de Paulo Freire na época dito como “Comunista” através do qual nos revela que:

Como um outro dado de memória, lembramos que não apenas os “rádios de pilha do MEB”, mas um outro instrumento, agora não-sonoro, mas visual, também é hoje uma preciosa “peça de museu”. Estabelecidos os primeiros esboços da grande “Campanha Nacional”, Paulo Freire e sua equipe foram incumbidos de iniciar o complexo processo de sua implantação. Dado que o “método” começava com a projeção de imagens com as “fichas de cultura”, e como em imensa maioria os espaços sociais da “Campanha” seriam comunidades rurais e, em muitos casos, locais sem eletricidade, foram pensados “projetores de transparências” movidos a querosene. Não havia deles no Brasil. Foram detectados nos EUA, mas a um alto custo. E foram encontrados na Polônia, bastante mais baratos. Os primeiros foram comprados pelo Governo Brasileiro e chegaram ao Brasil. Antes do começo da Campanha houve o Golpe Militar de Abril de 1964. Todo o material foi apreendido. E então nos lembramos de uma cena, quando Sandra Cavalcanti, em um programa da TV Tupi, denunciava o “caráter comunista” da Campanha. E como uma das provas exibida diante das câmeras um dos projetores, “vindos da Polônia, um dos países da Cortina de Ferro”. (BRANDÃO, 2020, p. 5)

No final do ano 1964 e início de 1965, mesmo com todas às pressões e, sobretudo,

da insegurança das verbas federais, e cedendo em alguns pontos, o Movimento de Educação de Base - MEB conseguiu sobreviver, redefinindo suas aulas e seus programas radiofônicos, também organizou outro conjunto didático, o qual foi nomeado como “MUTIRÃO”, pelo qual o conceito de “conscientização” foi substituído pelo de “cooperação”. (FÁVERO, 2010). Com todas essas mudanças o MEB foi se lapidando e se adaptando a sua nova realidade e “[...] transportou o melhor de sua prática para uma presença direta nas bases e para a organização de trabalhos sócio-políticos nas comunidades” (BRANDÃO, 1977, p. 36).

Com essas mudanças no horizonte o MEB teve que adaptar seus materiais didáticos a nova realidade e concomitante a essas mudanças foi substituindo o conceito de educação de base, inspirados pela UNESCO, para um novo conceito a qual denominou como “animação popular”. Segundo Fávero (2002) a animação popular¹²⁰ era uma forma de ação direta com as comunidades rurais, tendo em vista a crítica da situação por elas vivida, e a superação de seus problemas políticos sociais imediatos, em concepção de desenvolvimento integrado com as comunidades sobretudo as rurais. Além disso, "A animação popular vai atuar em duas frentes de ação: no desenvolvimento das comunidades, através do apoio às iniciativas de organização comunitária, produtiva, cultural e do processo de politização das comunidades; e no processo de sindicalização rural." (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 133)

Os livros de leitura foram muito criticados, por terem substituído o forte conceito de conscientização pelo de cooperação, traduzido pela palavra mutirão. Embora ainda guarde alguma semelhança com a concepção do Viver é lutar, sofreram evidente autocensura, no que diz respeito à linguagem e ao conteúdo político. Resguardando-se a importância e o significado ímpar do Viver é Lutar, esse segundo conjunto didático, – principalmente pelo Programa 1965, que propõe a globalização das aulas, pela redação mais cuidada e em linguagem mais acessível dos temas de fundamentação, e também pelas Notas sobre os objetivos, a programação e sobre o desenvolvimento das escolas radiofônicas – revela o grau de amadurecimento do MEB sobre seu principal instrumento de ação no período: o sistema radioeducativo. Ao mesmo tempo, a partir das experiências realizadas no Maranhão (treinamentos) e em Goiás (encontros), sistematizava um modo de ação direta nas comunidades, designada como animação popular. (FÁVERO, 2002, p. 196)

Essa perspectiva permitiu-lhe original prática de participação popular, sendo duramente interrompida pelo agravamento dos processos de ditadura da ditadura militar, após 1968.

[...] um processo de estruturação de comunidades e organização de grupos, progressivamente assumido por seus próprios membros, a partir de seus elementos de liderança. A comunidade organiza-se em consequência da descoberta de seus valores

¹²⁰ Vera Jaccoud vivenciou in loco a experiência de Marrocos e juntamente com a equipe nacional do MEB teve acesso a teorizações de animação popular rural realizada em países africanos de língua francesa, no início dos anos 1960, bem como estudaram os relatórios do IRAM, em especial os relatórios relativos à experiência do Senegal – entre eles “[...] L’Animation rural ou Senegal: étude générale, orientations e résultats (Iram, 1960) e a comunicação L’Animation rurale (Goussault, 1964-1965), que toma por base o caso de Marrocos” (FÁVERO, 2006, p. 228).

e recursos frente a suas necessidades, em busca da superação de seus problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos e no sentido da afirmação de seus membros como sujeitos (MEB, 1965, p. 26).

Para melhor contextualização será apresentado um documento de reestruturação do MEB-Nacional, que compreende os anos de 1965 a 1971. Não pretendemos detalhar os contextos deste documento, mas sim mostrar as mudanças históricas ocasionadas pela instauração da ditadura militar de 1964.

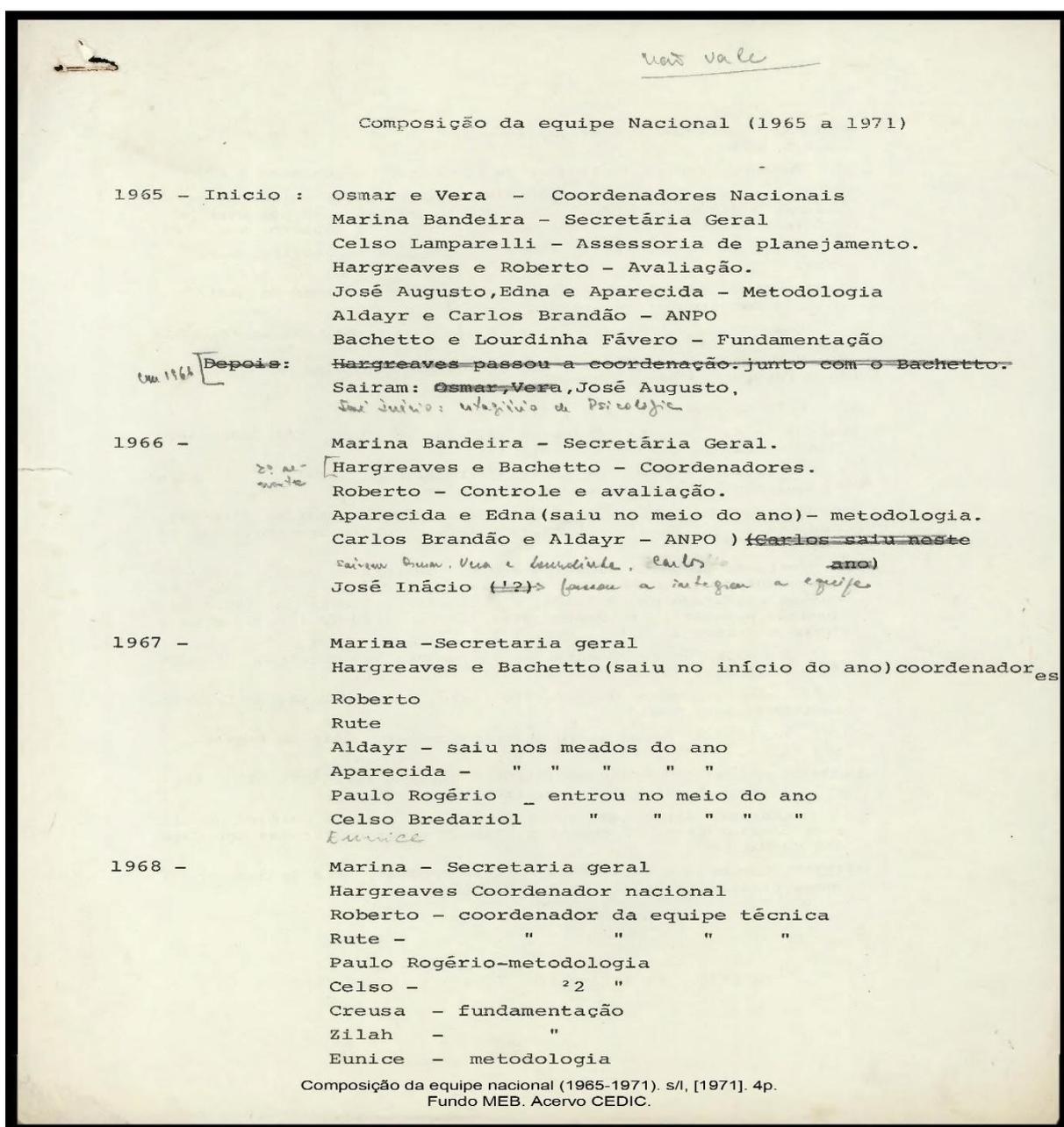


Imagem 17: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Documento de composição da equipe Nacional do MEB entre 1965-1971

1969 - Marina - Secretaria geral
 Hargreaves - coordenação nacional
 Roberto - coordenação da equipe nacional
 Rute - " " " "
 Zilah (saiu em maio)-fundamentação
 Creusa " "
 Paulo Rogerio - metodologia
 Celso (quando voltou do INCRA) metodologia
 Carmi - entrou em fevereiro -didática
 José Renato - pesquisa psico-social
 Dilmir - estudo de área
 Letícia - (entrou em setembro)
 Peixoto - entrou e saiu neste mesmo ano

1970- Marina - secretaria geral
 Hargreaves -coordenação nacional
 Roberto - coordenação da equipe técnica
 Dilmir - " " " "
 Rute - projeto didática
 Carmi " "
 Letícia - metodologia da ação educativa
 Luzelene - " " " "
 Dimas - avaliação
 Paulo Rogério - (saiu em junho) capacitação de pessoal
 Pedro Sergio - consultoria em D.O. (de junho a dezembro)
 José Renato - pesquisa psico-social

1971- Marina e depois Vicente Adamo - secretaria geral
 Hargreaves e depois Gilson-coordenação nacional
 Roberto e Dilmir- coordenação da equipe técnica
 Rute -metodologia
 Letícia- "
 Luzelene
 Carmi
 Aldayr
 Dimas
 Celso
 Benjamim _ permaneceram depois de setembro
 Monica " " " "
 Jorge Munhoz " " " "
 Composição da equipe nacional (1965-1971). s/l, [1971]. 4p.
 Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Imagem 18: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Documento de composição da equipe Nacional do MEB entre 1965-1971

Doc. diversos 1970

RESPONSÁVEIS PELA COORDENAÇÃO DOS SISTEMAS DE EDUCAÇÃO DE BASE

AMAZONAS

Regional Amazonas
João Carlos Ramalho.
Rua Getúlio Vargas, 142-s/202
Manaus - Amazonas

MEB/COARÍ (*)

Pe. Alírio Lima dos Santos
a/c. Pe. Redentoristas
Caixa Postal, 217
Manaus - Amazonas

MEB/MANAUS

Helena M^a Gonçalves Queiroz
Av. Joaquim Nabuco, 1.023
Manaus - Amazonas

MEB/TEFÉ

Protásio Lopes Pessoa
Rádio de Educação Rural
Tefé - Amazonas

P A R ÁMEB/BRAGANÇA

Ubiratan Pinheiro
Praça da Bandeira, s/nº
Bragança - Pará

MEB/CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

Convento dos Pe. Dominicanos
Conceição do Araguaia - Pará

MEB/SANTARÉM

Francisca do Rosário Carvalho
Travessa dos Mártires, 393
Santarém - Pará

(*) Telegrama: Rádio Educação Rural - Coarí - Amazonas

PIAUIMEB/TERESINA

Clóvis Agripino da Silva
Rua 13 de Maio, 432-S
Teresina - Piauí

CEARÁ

Equipe Estadual
Piera Brigatti
Caixa Postal, 247
Fortaleza - Ceará

MEB/CRATEÚS

Gonçalo Pereira Sampaio
Rua D. Pedro II, 383
Crateús - Ceará

MEB/CRATO

Edith Oliveira de Menezes
Rádio Educadora do Cariri
Rua Cel. Antonio Luiz, 1.068
Crato - Ceará

MEB/FORTALEZA

João Eudes Rodrigues Pinheiro
Caixa Postal, 247
Fortaleza - Ceará

MEB/LIMOEIRO DO NORTE

Maria Elenira de Freitas
Arcebispo
Limoeiro do Norte - Ceará

MEB/SOBRAL

Hermínia Liberato Fernandes
Arcebispo
Sobral - Ceará

Imagem 19: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Documento de composição da equipe Nacional do MEB entre 1965-1971

RIO GRANDE DO NORTEMEB/CAICÓ

Reinaldo Ricardo dos Santos
Rua Cel. Manoel Valle, 215
Caicó - Rio Grande do Norte

MEB/NATAL

José Candido Cavalcanti
Praça Pio X, 335
Natal - Rio Grande do Norte

MEB/MOSSORÓ

Maria Lúcia Leite Pinto
Praça Antonio Joaquim, 96
Mossoró - Rio Grande do Norte

SERGIPEMEB/ARACAJU

Elza Gomes Barreto
Rua Laranjeiras, 1.838
Aracaju - Sergipe

(*) Telegrama: Rádio Bom Jesús de Cuiabá

MEB/ESTÂNCIA

Liberalдина S.da Fonseca Souza
Instituto Diocesano
Pça. Jackson de Figueiredo, s/nº
Estância - Sergipe

MEB/PROPRIÁ

Hildete Cavalcanti Amaral
Rua Lopes Trovão, nº 3
Propriá - Sergipe

MATO GROSSOMEB/CUIABÁ (*)

Benedito Mário Pereira Leite
Caixa Postal, 511
Cuiabá - Mato Grosso

RONDÔNIAMEB/GUAJARÁ-MIRIM

Maria Ilmar dos Santos
Prelazia de Guajará-Mirim
Guajará-Mirim - Rondônia

MEMBROS DO C D N

D. José Vicente Távora - Arc. de Aracaju - SE - Presidente
D. José Maria Pires - Arc. de João Pessoa - PB - Vice-Presidente
D. Alberto Gaudêncio Ramos - Arc. de Belém - PA
D. Orlando Chaves - Arc. de Cuiabá - MT
D. Avelar Brandão Vilela - Arc. de Teresina - PI
D. José Freire Falcão - Bispo de Limoeiro do Norte - CE
D. José Costa Campos - Bispo de Valença - E. RIO
D. Joaquim de Lange - Bispo de Tefé - AM
D. Paulo Evaristo Arns - Bispo Auxiliar de São Paulo - SP.
Vago
Representante do Ministro da Educação

CONSELHO FISCALMembros Efetivos:

Prof. Condorcet Pereira Rezende
Dr. Euler de Lima
Dr. Walmyr Antonio Luiz

Membros Suplentes:

Frei Mathias Heleman
Dr. Antonio da Gama e Souza
Dr. Antonio Francisco Pereira

Podemos notar neste documento Osmar Fávero e Carlos Rodrigues Brandão, dois de nossos principais sujeitos foco desta pesquisa, Osmar Fávero como Coordenador Nacional e Carlos Rodrigues Brandão como parte da equipe Nacional, ficando até o ano de 1966, esse documento é muito importante pois além de trazer de volta os acontecimentos do Movimento de Educação de Base – MEB no pós ditadura militar de 1964, afirma por meio da história do Brasil, partes de como aconteceu um de seus mais importantes movimentos educacionais de todo século XXI, não deixando assim cair no esquecimento as atividades pedagógicas que mudaram o Brasil por meio da alfabetização de Adultos.

Segundo Brandão (2020), durante quatro anos antes da ditadura, e por mais quatro anos depois dela implantada no Brasil, o Movimento de Educação de Base do MEB, dedicou-se à alfabetização e à pós-alfabetização de homens e mulheres do mundo rural entre Minas Gerais, todos os estados do Nordeste, os do Centro-Oeste (fora Brasília) e de uma pequena franja de comunidades da Amazônia. “Durante 1966, no entanto, pela insegurança e pelas concessões feitas ao Governo pela hierarquia, os grandes sistemas de educação de base do Nordeste e do Centro-Oeste foram fechados, restando poucos sistemas locais, que regrediram a propostas primeiras.” (FÁVERO, 2010, p. 6). Brandão (2020) destaca que “Poucos anos mais tarde, uma maioria de bispos conservadores que assumiu a Conselho Episcopal do MEB destituiu de uma só vez toda a remanescente “Equipe do MEB-Nacional”, então coordenada por Vera Jaccoud e Osmar Fávero.” (BRANDÃO, 2020, p. 8)

Para Osmar Fávero (2010, p. 6) neste contexto ditatorial o MEB realizou “[...] um deslocamento importante em direção à Amazônia, mas com outras características. Algumas dessas experiências sobrevivem até hoje, mas com propostas de bases diocesanas e pequena coordenação nacional.” No entanto devido os ótimos trabalhos de alfabetização de adultos desenvolvidos, o Movimento de Educação de Base – MEB, como destaca a pesquisadora Mainwaring (2004), foi um dos poucos a sobreviver com a instauração da ditadura, ela assinala essa informação em: “[...] graças à proteção da Igreja, foi a única experiência de educação popular a sobreviver ao golpe. Contudo, a sobrevivência tinha um preço: o MEB foi obrigado a moderar suas atividades.” (MAINWARING, 2004, p. 89). Ela ainda contextualiza que “Mas o MEB pôde continuar as experiências progressistas na educação popular numa época em que isso era extremamente difícil.” (MAINWARING, 2004, p. 89)

Nos dias de hoje o MEB resiste e segue vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cuja coordenação pedagógica, o planejamento, o controle administrativo e a avaliação de resultados das ações são acompanhadas a partir de sua Equipe Nacional, com sede em Brasília. “As ações de mobilização social, de alfabetização de jovens e

adultos e de educação de base acontecem nos estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Distrito Federal e, também no Norte e Nordeste de Minas Gerais.” (SPIGOLON; SILVA, 2021, p. 144). Suas atividades acontecem por meio de parceria com o governo estadual e municipal, sendo que suas ações diretas relacionadas à Educação Popular são responsabilidade de equipes regionais em cada uma das unidades da federação.

2.3 - Inflexões e Reflexões ao redor dos livros “Viver é Lutar” e “Saber para Viver”

O povo tem fome e doença.
Por que tanta doença no povo?
O povo precisa de escola.
Precisa de casa e comida.
O povo precisa de trabalho.
É dura a vida do povo.
O povo quer mudar de vida?
O povo pode mudar de vida?

6 ° Lição da Cartilha “Viver é Lutar”

A cartilha¹²¹ escolar “Viver é Lutar” foi produzida nos primeiros anos de trabalho do MEB entre 1961-1963, com o intuito de alfabetizar os educandos jovens e adultos nos variados Sistemas Educativos Radiofônicos do Brasil, sobretudo do Nordeste brasileiro. “Viver é Lutar” é um elemento da cultura material escolar elaborado principalmente por “Professoras Mulheres Locutoras do MEB” a partir da realidade brasileira dos educandos jovens e adultos participantes dos Sistemas Educativos Radiofônicos do Brasil.

Desde as gênesis da criação do conjunto de alfabetização “Viver é Lutar”, foi pensado esse livro como um instrumento de alfabetização e conscientização na medida do possível, preparando assim jovens e adultos para se engajarem no processo de transformação da realidade social vigente. Desta forma esse livro deveria conter uma mensagem suficientemente forte para o momento político-social que o Brasil vivia na época. Um pequeno grupo de professoras nordestinas-locutoras radiofônicas do MEB, ficou encarregado dessa visionária tarefa, dentre elas estavam: Maria José de Oliveira, de (Aracajú), Maria Zélia Alves, do (Recife), Nazira Vargas¹²², de (Natal) e Maria de Nazaré de Castro Gomes, de (São Luís do Maranhão). Para o início da feitura deste livro, aconteceram duas reuniões, uma no começo de 1963 em Natal/RN e uma segunda em Aracaju/SE, na qual lideranças do MEB-Nacional

¹²¹ Trabalharemos com os termos “cartilha Viver é Lutar” e “livro Viver é Lutar”, pois as duas denominações aparecem de forma sistemática nos documentos e autores consultados, confluindo assim significado igual uma à outra.

¹²² Para aprofundamento teórico sobre essa importante Educadora Popular Nordestina, sugiro remissão a: SILVA, César Ferreira da; SPIGOLON, Nima, I. Nazira Vargas. In. Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Educação Popular - Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021.

fizeram-se presentes por meio de Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, dos frutos desta reunião ficou decidido que o coordenador geral deste projeto seria o próprio Osmar Fávero que também era da coordenação Nacional do MEB.

A proposta feita pelas mulheres do MEB, responsáveis pelo projeto, era elaborar um texto que partisse da realidade social da época, que provocasse de forma profunda uma redescoberta de valores, por meio dos princípios “homem, cultura, trabalho”, que gerasse inquietação diante dos problemas sociais vividos pelo país, em um conjunto de luta por justiça social, contendo uma visão de prosperidade que transcendesse a realidade da época. Cabe destacar aqui também a importante e exitosa figura que as mulheres professoras exercem, no processo de desenvolvimento da história da Educação no Brasil e de forma mais específica da Educação Popular no Brasil.

Por meio das atividades já desenvolvidas nas escolas radiofônicas do MEB, foi dada no ano de 1963 a prioridade de elaboração¹²³ da feitura de dois livros um para alfabetização denominado “Saber para Viver”¹²⁴, e outro para pós alfabetização denominado “Viver é Lutar”, devido a isso seria dada a prioridade pela elaboração de um livro que obtivesse em grande medida, os crivos da alfabetização e conscientização. “Seu título, Viver é Lutar, originou-se da frase que encerrava a primeira lição, só mais tarde foi lembrado que era um verso do poema Yuca Pirama, do poeta Menotti del Picchia”. (FÁVERO, 2001, p. 78). A experiência das idealizadoras, possibilitaram um livro criado a partir das experiências reais vivenciadas pelos camponeses, além de terem tido um cuidado minucioso com a escolha da linguagem e das situações, que muitas vezes foram ouvidas pelos próprios camponeses como sendo suas próprias histórias de vida.

Segundo Osmar Fávero (2001), durante a feitura do livro houve um fato muito curioso, onde eles estavam basicamente com a primeira parte do livro finalizada, quando Dom Vicente Távora, atual arcebispo de Aracaju e presidente do MEB na época, foi conhecer o instigante livro, onde após uma leitura atenta disse a todos da equipe que não aprovaria o livro, mas logo em seguida completa: “Como posso aprovar um livro de leitura para adultos do Nordeste, se ele não fala nenhuma vez de reforma agrária?” (FÁVERO, 2001, p. 79). Neste contexto, isso significou mais que uma aprovação para os membros da equipe, logo mais então

¹²³ A partir de 1963, o MEB decide-se pela elaboração de um material didático próprio, que se desdobrou em dois livros e leitura: um para alfabetização denominada “Saber para viver”, e outro para pós – alfabetização denominada “Viver é lutar”. Ambos foram construídos dentro da perspectiva da alfabetização – conscientização. As leituras dos livros eram as mesmas, a diferença estava apenas nos exercícios gramáticos e aplicações de leitura. (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 136)

¹²⁴ Em relação a esse livro foi encontrado pouco material de pesquisa, devido a isso iremos concentrar nossos esforços em grande medida no livro “Viver é Lutar.”

o livro foi complementado com mais duas lições sobre reforma agrária. No contexto de criação deste material vale apontar que “A fundamentação filosófica, baseada em textos complementares dos livros “Saber para viver” e “Viver é lutar,” destacavam a autonomia dos sujeitos, o trabalho e a crítica ao caráter exploratório deste, o direito à terra, entre outros temas que faziam o sujeito se reconhecer dono de sua história.” (FARIAS, 2017, p. 6).

Durante todo ano de 1963, os textos dos livros foram submetidos para apreciação dos coordenadores estaduais e dos Bispos do conselho diretor do MEB. Foram realizadas muitas revisões, e paralelamente a isso eram preparadas as partes gramaticais que conteriam as diferentes lições, foram escolhidas as fotos que as ilustrariam, sendo basicamente todas compradas de agências de educação e de revistas brasileiras da época. Ainda no processo de apreciação do texto, a CNBB por meio de Dom Helder diz que a aceitação dos livros por todos foi um difícil processo a ser obtido. Neste contexto a CNBB já estava consciente das dificuldades em realizar a aplicação e o entendimento dos livros por todos, devido a isso a equipe Nacional preparou mais três manuais “Justificação, Fundamentação e Mensagem”, para o uso das equipes de produção e supervisão do MEB.

Na justificação eram apresentados os dados e fatos relacionados à realidade brasileira, e os resultados de diferentes pesquisas sociais e econômicas com estatísticas de órgãos oficiais e mesmo internacionais de governos, explicitando uma perspectiva sócio econômica das situações desenvolvidas nas lições. “A intenção era oferecer elementos que permitissem ao educando uma justificação de todas as condições apresentadas nas lições da cartilha didática.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 137). Além disso, também podemos entender que a justificação era parte do documento que orientava os educadores com dados precisos de autoridades, cientistas, Eclesiastes de base, e que não poderiam ser contestados pelos alunos, assim, a veracidade dos fatos se faziam com maior firmeza. Desta maneira orientando e:

Mostrando aos educandos que as histórias explanadas nas lições não se fazem apenas na sua realidade local, mas em diversos lugares do nordeste brasileiro, e, com dados precisos, a veracidade dos fatos não será posta em dúvida nem por parte do povo desfavorecido, nem tão pouco da cúpula social, composta por burgueses, classe média, empresários. (SANTOS, 2014, p. 60)

O livro Justificação é a maior obra dos livros da coletânea do conjunto “Viver é Lutar”, contendo um total de cento e nove páginas, além de conter a maior diversidade de categorias e subcategorias temáticas, assim constituindo um o livro com um número vinte e três textos. Esses textos podem ser classificados em temáticas tidas com cunho “existencial”; de “Direitos Humanos e Sociais” e “Temas diversos Sociais”

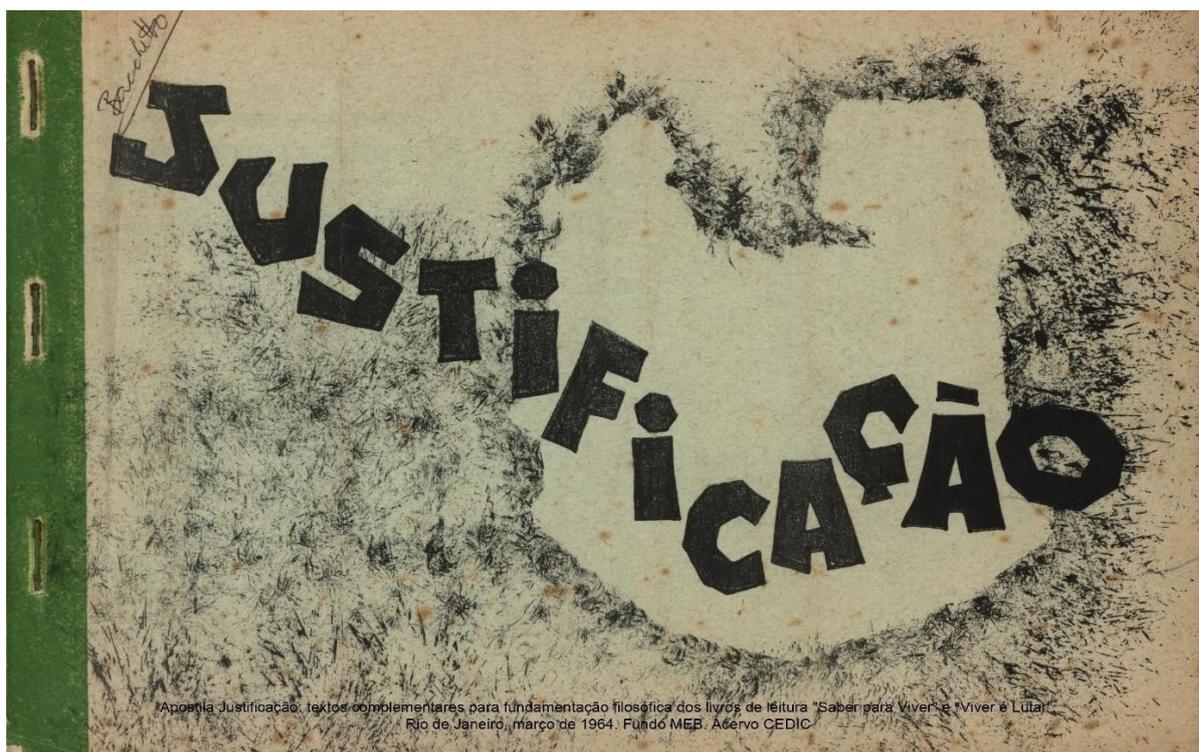


Imagem 21: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Capa do livro complementar “Justificação” - Impressão em 1964

Já na “Fundamentação” ela tinha um caráter mais filosófico e antropológico que explicava o conteúdo teórico das lições a serem aplicadas pelos monitores Educadores Populares. Para o pesquisador Wanderley (1984), ela visava responder como indagação principal de uma cartilha didática: O que é o homem? O que é o mundo para o homem? Que é o homem para o outro homem? E também, “Quais as condições em que se realizam atualmente no Brasil as relações entre os homens e entre os homens e a natureza? Quais os meios de superação das condições que impedem ou dificultam uma realização plena da pessoa humana.” (WANDERLEY, 1984, p. 503).

“Essas problemáticas eram discutidas em várias lições do livro, e desta forma os educadores precisavam ter o domínio desses conteúdos para que pudessem encaminhar o debate que trouxesse o fruto da conscientização das situações vivenciadas.” (SANTOS, 2014, p. 58). Desta maneira podemos notar que no livro da Fundamentação do conjunto Viver é Lutar, podem ser encontradas discussões teóricas e filosóficas, que contemplam a alfabetização de jovens e adultos, além dos temas tratados nas lições dos livros de leitura “Saber para Viver”, do livro de alfabetização, e do livro “Viver é Lutar”, que marcam de forma sistemática como sendo um livro de pós-alfabetização.

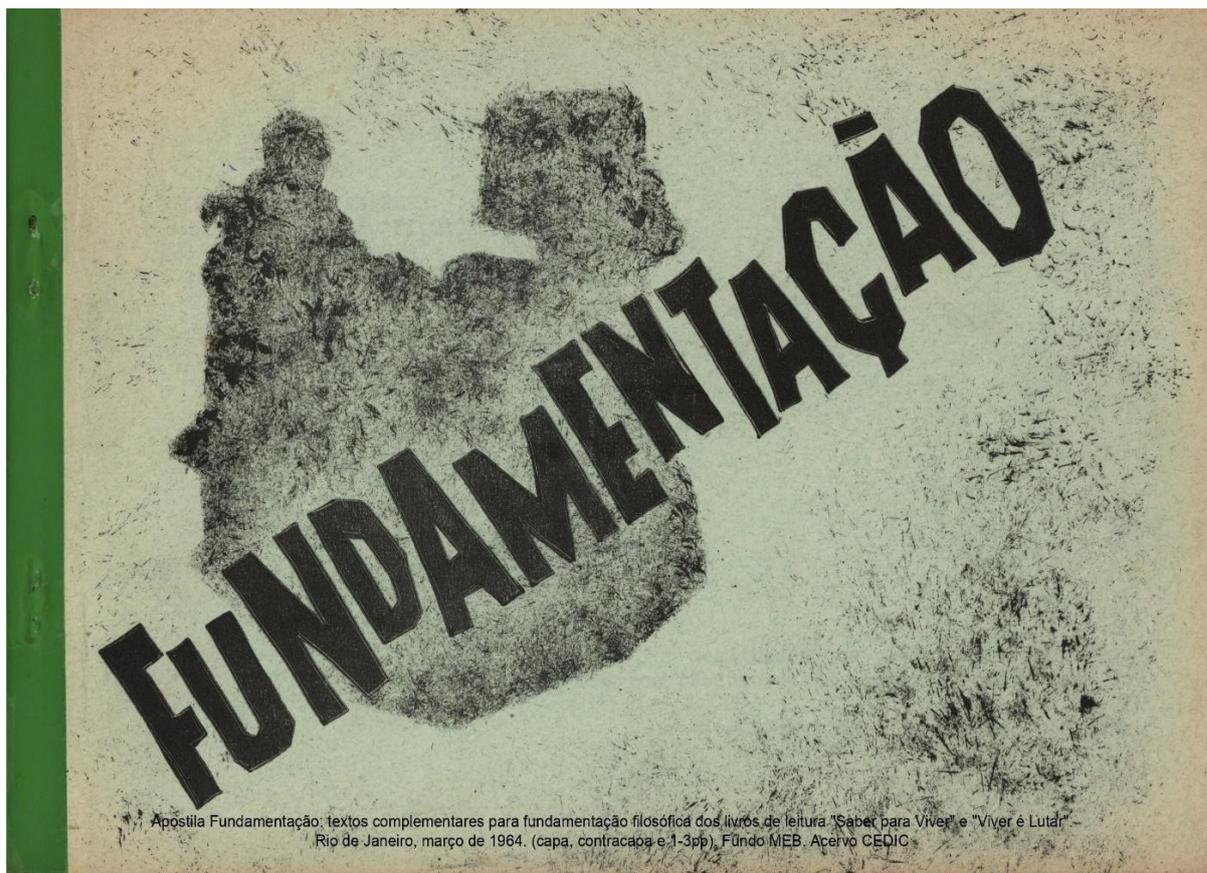


Imagem 22: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP - Capa do livro complementar “Fundamentação” - Impressão em 1964

Como por natureza o Movimento de Educação de Base do MEB, era filiado a Igreja Católica por meio da CNBB, foi elaborado o terceiro material de apoio, designado como “Mensagem”. O material de mensagem propunha para todos os alunos das escolas radiofônicas do Brasil a transmissão da “Boa nova de Cristo”, tendo como base mensagens evangélicas. Ela também sugeria aos católicos, programas de catequese, bem como os horários que eles poderiam ser transmitidos, todavia em horários diferentes das aulas ocorridas por meio das escolas radiofônicas. O Professor Osmar Fávero esclarece que o material denominado “Mensagem” foi “[...] efetivamente realizado em muitas comunidades e dioceses do Brasil” (FÁVERO, 2001, p. 79). “Assim esse caderno busca trazer uma mensagem cristã para os estudantes, através de planos que se organizam em grupo de aulas, com mensagens catequéticas ligadas aos textos das lições, como é apresentado na análise teórica do MEB (1964).” (SANTOS, 2014, p. 60).



Imagem 23: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP - Capa do livro complementar “Mensagem” - Impressão em 1964

É importante destacar que, esses três manuais eram destinados aos Educadores e Educadoras Populares, que os utilizariam como subsídios para explorar cada questão presente nas lições. (ANDRADE; SANTOS, 2009). Alguns outros manuais metodológicos como os de aritmética também estavam propostos de serem confeccionados pela coordenação Nacional do MEB, todavia não chegariam a serem elaborados e nem implementados. Assim os conjuntos de textos de leitura, bem como os exercícios e os manuais, formaram e ficaram conhecidos por compor o então “Conjunto Viver é Lutar¹²⁵”. Segundo Fávero (2006) no documento “MEB em 5 anos”, os livros “Saber para Viver” e “Viver é Lutar” foram fundamentais para a elaboração das aulas que eram preparadas pela equipe do MEB e aplicadas nas comunidades. Sendo assim

¹²⁵ O conjunto “Viver é lutar”, em especial a sua cartilha didática, significou de alguma forma uma síntese da caminhada do MEB. Representou, seja no formato e no conteúdo da cartilha, como também na sua repercussão, os aprendizados, avanços e tensões vivenciados no conjunto da ação educativa do MEB. A definição pela construção de um material didático se deu influenciada principalmente pela cobrança dos alunos e monitores em ter um material didático. Neste período há, por parte dos grupos de educação popular, uma postura de crítica e resistência quanto à utilização de cartilhas didáticas no processo de alfabetização sendo Paulo Freire é um dos críticos, sobre a utilização de livros didáticos, pois considerava uma forma de “educação bancária”, ou seja, distante da realidade do povo. Esta crítica tem sentido quando se observa que as cartilhas didáticas utilizados pelas Campanhas de Alfabetização do Estado brasileiro eram descontextualizadas, utilizavam uma linguagem infantilizada, tinham referências apenas do mundo urbano e estavam permeadas de moralismo e ufanismo cívico. (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 136)

consideradas como fundamentais para a existência de qualquer ser humano. Todavia, já no segundo livro de leitura de adultos, “Viver é Lutar”, por exemplo, as lições eram centralizadas nas palavras fundamentais que serviam de base para a compreensão do mundo, então as palavras como: “lutar, viver, trabalhar eram constantes nesses livros.” Essas palavras emitiam signos, por isso foram selecionadas para que o processo de alfabetização se constituísse em caminhos de lutas. Pode-se pensar que o MEB não se preocupava com a simples transmissão de aulas para a comunidade, mas sim o “MEB é uma globalidade de pessoas e objetivos numa obra educativa integrada.” (MEB em 5 anos, 1982, p. 25)



Imagem 24: Fonte – Memorial da Democracia “Instituto Lula” – Capa do livro “Viver é Lutar” – MEB Histórico

O Viver é Lutar em 1963, significava concretizar a visão e a conceituação daquela equipe formada inicialmente por Professoras do Nordeste e depois integrada pela equipe Nacional do MEB, que haviam desenvolvido algo realmente transformador sobre a educação de adultos naquela época. Podemos encontrar por meio de um documento da época essas proposições transformadoras às quais realizar-se-á uma releitura, da seguinte maneira: A educação visa, portanto, a ação. Ora, a ação humana tem requisitos essenciais. Em primeiro lugar, o homem age diante de um fato que é real para ele; é, portanto, imprescindível que ele tome consciência da realidade sobre a qual vai agir. Ao lado disso, o homem assume uma atitude diante dessa realidade, atitude que surge a partir da consciência. Para que a atitude se concretize em ação, o homem parte sempre dos meios que a cultura lhe oferece, sejam esses meios físicos,

verbais dentre outros, desta forma a organização didática de uma ação educativa não pode, portanto, deixar de situar-se nesses três planos: conscientizar, motivar atitudes, proporcionar instrumentos de ação. (MEB, *Viver é Lutar*, 1964)

No início de 1964, o conjunto *Viver é lutar*, foi preso pelo Governador da Guanabara Carlos Lacerda, essa cartilha vai obter uma representação de educação subversiva pelo regime ditatorial, pois em suas lições as representações de educação contextualizadas estão relacionadas à valorização dos sujeitos sobre a produção de conhecimentos relacionados à “luta”. (SPIGOLON; SILVA, 2021). A repercussão da apreensão do conjunto *Viver é lutar*, foi tão grande tendo destaque entre os maiores meios de comunicação da época, como artigos em jornais renomados, destacados representantes editorialistas da direita como “O Globo”, além de ter destaque entre as notícias do programa de Flávio Cavalcanti da TV Globo, foi reproduzido em vários jornais brasileiros, encartado em revista de grande circulação nacional e internacional, traduzido¹²⁶ e publicado para o castelhano, francês e italiano, além de chegar até a Alemanha tendo destaque em uma emissora televisiva de cunho católico, tendo em sua apresentação o título de destaque como: “*Viver é Lutar*, uma cartilha para trabalhadores rurais brasileiros que com frequência perguntam por quê?”

Segundo Fávero (2001), essa repercussão se deu em decorrência a apreensão policial de um texto elaborado por católicos pertencentes a um movimento diretamente ligado a CNBB, sendo assim acusada de imediato como uma “*Cartilha Comunista dos Bispos*”, ou também como divulgado na época com a “*Cartilha dos Bispos Vermelhos*”, eram momentos próximos ao Golpe de 1º de abril de 1964.

Os pesquisa Andrade e Santos (2009) destacam que: “Apesar de ter sido apreendida, a cartilha foi utilizada, durante o primeiro semestre de 1964 por algumas escolas radiofônicas, burlando o controle da polícia, e servindo como um importante material didático no processo de alfabetização.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 138), eles ainda continuam e esclarecem, que logo após a apreensão da cartilha pela Ditadura, o bispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, o qual era o presidente nacional do MEB, enviou em 10 de março de 1964, significativa carta com depoimento ao delegado, responsável pelo processo de apreensão, ressaltando o caráter pedagógico e propositivo da cartilha. (ANDRADE; SANTOS, 2009). Apresentaremos da íntegra a carta enviada:

¹²⁶ Foi elaborada uma tradução para o castelhano, uma tradução para o francês, por um grupo de Sociologia de França, uma edição para operários italianos, através da diocese de Milão, e teve uma radiofonização para o sul da Alemanha por um professor de Filosofia que veio para o Brasil e tinha discutido a cartilha. (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 138)

Conjunto documental sobre uso e apreensão da Cartilha "Viver é Lutar".
1962-1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Rio de Janeiro, 10 de março de 1964

Ilmo. Sr. Delegado
Dr. Denizard Corrêa Pinheiro
Nesta.

Senhor Delegado,

Estou-me dirigindo a essa Delegacia para, de acôrdo com a solicitação que me fêz V.Sa., por telefone, prestar um depoimento, por escrito, a respeito do episódio surgido nesta capital em torno do livro de leitura "VIVER É LUTAR", que o Governador, Sr. Carlos Lacerda, mandou apreender pela polícia.

Declaro que sou Presidente do Movimento de Educação de Base (MEB), iniciativa de responsabilidade direta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Sou brasileiro nato, tenho 53 anos de idade, natural do Estado de Pernambuco. Sou Arcebispo de Aracaju, tendo anteriormente residido no Rio de Janeiro, durante 13 anos, na qualidade de colaborador direto do Ilmo. Sr. Cardeal Dom Jayme de Barros Câmara, tendo sido seu Bispo Auxiliar durante 5 anos.

O MEB tem sede no Estado da Guanabara, coordenando, daqui, as atividades que exerce nas áreas geográficas em que atua: Norte-Nordeste, Centro-Oeste e parte do Estado de Minas Gerais. Até bem pouco essa sede funcionava no Palácio São Joaquim, mas as instalações se tornaram ali insuficientes, em face da nossa expansão e, de comum acôrdo com as autoridades eclesiásticas, estamos hoje localizados na rua São Clemente, nº 385.

Com referência ao episódio da "cartilha", quero-lhe informar que, por fôrça dos meus deveres funcionais, de todos os dissabores e constrangimentos que este episódio nos tem causado, coloquei a par tanto o Sr. Cardeal Dom Jayme de Barros Câmara, Arcebispo desta Arquidiocese, quanto a Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através de seu Presidente.

Ocorre-me dizer a V.Sa. que os constrangimentos, a que me refiro, tocam de perto um trabalho educativo de grande alcance social de Arcebispos e Bispos, sobre o qual é lançada dúvida ideológica, com suspeição mesmo de serviço ao comunismo. Mais do que ninguém, nós, os Bispos, que representamos a Igreja, sabemos distinguir entre comunismo e catolicismo.

Por outro lado, Arcebispos e Bispos das regiões subdesenvolvidas dêste país vivem no meio do povo e sabem, todos eles, que especialmente as condições de vida das populações rurais, ali, são tão aflitivas, sua situação econômico-social é tão precária e injusta que a constatação ou mesmo as fotografias dessa realidade podem parecer subversivas. Entretanto, o bom senso conclui que subversiva não é a constatação e sim a situação real.

A exegese é u'a matéria muito delicada. Esta questão do exame da palavra escrita precisa ser tratada com muito cuidado. Vou citar, para exemplificar, três passagens de documentos de diferentes Papas: citarei Leão XIII, quando êle se refere à situação do mundo de sua época, falando de "afluência denasada da riqueza em mãos de um pequeno número, ao lado da indigência da multidão", imediatamente, adverte os homens, já naquele tempo, de que "os operários formam, de si mesmos, uma opinião ...

Imagem 25: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da "Cartilha Viver é Lutar" - Impressão em 1964

Conjunto documental sobre uso e apreensão da Cartilha "Viver é Lutar".
1962-1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

mais avantajada, diferente da opinião dos que os julgam, e se organizam em união mais compacta, para sair da situação anômala em que se encontram" (Rerum Novarum). O Papa Pio XI, quarenta anos depois, falava, na sua Encíclica "Quadragesimo Anno", em "aliviar a miséria insuportável dos proletários, não podendo, de nenhum modo, persuadir-se de que uma diferença tão grande e tão injusta, na distribuição dos bens temporais, correspondesse, verdadeiramente, aos desígnios sapientíssimos do Criador", e, noutra parte, ele verbera a situação de a matéria-prima entrar para as fábricas juntamente com o perário e "de lá sair esta matéria cada vez mais aperfeiçoada e o homem cada vez mais aviltado". Se eu busco uma expressão de Pio XII, reporto-me a uma de suas mensagens de Natal, em que ele fazia advertência dramática aos cristãos, perguntando se não ecoava, de maneira extraordinária, nos seus espíritos e nos seus corações o "grito lancinante que vem do fundo das massas sofredoras".

Ocorre-me dizer, aqui, Sr. Delegado, como Bispo da Santa Igreja, que se eu fizesse uma colheita de centenas de expressões que encontro nos Documentos Pontifícios, de Leão XIII até Paulo VI, condenando toda uma situação histórica em que o econômico-social ou político esmagava o homem e publicasse essa pesquisa num folheto, esse folheto correria o risco de ser considerado subversivo.

Devo, Sr. Delegado, dizer o óbvio: sou contra o comunismo, lutarei até o último instante de minha vida para que a minha Pátria possa viver livre de qualquer regime totalitário. Mas, esta minha posição firme, de guarda e pregador do Evangelho, não me dá direito a permanecer omissa, diante das injustiças sociais, assim como não admito o ódio entre os homens e as classes.

Acho que, entre os maiores bens que devemos defender, estão a liberdade e o respeito à pessoa humana, e devemos fazê-lo, não por pura vras, mas sim buscando condições para que possam afirmar-se numa sociedade organizada e justa. Digo-lhe mais: a meu ver, uma democracia sofrível, ainda assim, é aquela em que se pode viver.

Na vivência entre o povo, no Nordeste a que pertence, vou ouvindo o seu clamor e os seus queixumes; vou verificando que ele não tem escolas; leio nas estatísticas oficiais que a mortalidade infantil atinge o índice de 400 por 1.000, de 0 a 1 ano de idade, e que a vida média mal atinge a faixa de 30 anos; vou verificando que o salário de Cr\$600,00 diários não dá para sustentar uma família composta de mulher, 6, 8, 9 filhos menores, e que isto resulta em alimentação à base de pura farinha, com algum raro pedaço de carne ou com algum raro pescado, se ocorre a esses trabalhadores morarem na veira do rio; sei que o analfabetismo ultrapassou, nessas áreas, o índice de 70%. O povo está dentro disso, vê isso.

A experiência tem demonstrado que o povo, ao ver essas coisas escritas, num livro de leitura, nada aprende de novo, muito ao contrário, sente surpresa ao verificar que seus problemas são conhecidos por alguém, que, inclusive, se propõe a dialogar com ele, para que, com mais acerto, possa encontrar resposta para perguntas que sempre se fez.

Cada vez mais, os meios de comunicação social levam, às áreas rurais, o que se passa no Brasil e no mundo. O pequeno rádio transistorizado, - comprado, sobretudo, pelos trabalhadores rurais mais jovens, - constitui elemento acelerador, no fenômeno da tomada de consciência que se verifica naquela região, por parte das populações rurais.

O livro "VIVER É LUTAR", se por um lado é um livro de tintas fortes, por outro lado, apresenta algumas sugestões que são portas abertas a medidas concretas, em torno das quais as pessoas a quem ele é dirigido se podem congregarem eficientemente. É o próprio livro, enquanto livro de leitura para adultos e adolescentes, que conduz a soluções positivas.

Assim:

- é o Sindicato que, nos termos de nossa Constituição Federal, deve promover a defesa dos direitos de seus associados, representar a classe, além de organizá-la, o que, sendo feito dentro da linha democrática, é um instrumento de promoção e harmonia sociais;

...

Imagem 26: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da "Cartilha Viver é Lutar" - Impressão em 1964

Conjunto documental sobre uso e apreensão da Cartilha "Viver é Lutar".
1962-1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

- é a Cooperativa que representa uma possibilidade de melhoria econômica e de organização dos métodos de trabalho;
- é a Escola que é uma das condições evidentes para o desenvolvimento social.

Mas com isso poder-se-ia fazer a reforma? O povo conformar-se-ia apenas com resultados parciais e modestos? Isto reorganizaria o país, para atender às exigências das populações? Claro que não!

Uma Reforma exige conteúdo político e faz-se com todo o povo, representado num governo democrático. É o Governo, eleito pelo povo, que deve fazer a mudança, a reforma, desejada pelo povo.

Além disso, já está bastante explicado que a "cartilha" se aplica, na ação educativa do MEB, com a complementação de manuais para os professores, que têm a finalidade de esclarecer aspectos que exigem maior aprofundamento. O manual é um roteiro para os professores-locutores que farão as adaptações cabíveis, de acordo com as realidades e necessidades de cada área.

Esta carta, assinada nestes termos altos e cordiais, tem como propósito fundamental representar uma contribuição para o esclarecimento dos problemas suscitados pela "cartilha".

Creio ser oportuno anexar os termos autenticados da nota que distribuí aos jornais, depois de uma conferência que tive com o Governador do Estado, Sr. Carlos Lacerda, onde V.Sa. encontrará também esclarecimentos sobre o assunto.

Assim, transmito a V.Sa. o meu pensamento e a minha convicção, como Presidente do Movimento de Educação de Base (MEB), e responsável, em última análise, pelas suas atitudes e pelo cumprimento exato do seu programa.

Atenciosamente,

+ José Vicente Távora

+ JOSÉ VICENTE TÁVORA

Presidente do Movimento de Educação de Base

DT/a.

Imagem 27: Fonte - Acervo CEDIC/PUC-SP – Carta escrita por Dom José Vicente Távora ao delegado sobre a apreensão da “Cartilha Viver é Lutar” - Impressão em 1964

Mesmo com a carta justificando a feitura da “Cartilha Viver é Lutar”, enviada por Dom José Vicente Távora ao delegado que tinha aprendido a mesma, outros membros da equipe e coordenadores do MEB-Nacional e Regional, foram convocados a prestarem depoimentos no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro. Osmar Fávero foi um dos coordenadores da época a serem convocados a prestarem depoimento, e ele lembra desse fato em entrevista concedida à pesquisadora Sara Oliveira Farias no ano de (2016).

Quando chamaram para depor no DOPS para depor para explicar [os livros e, as imagens bem fortes, aliás eles nos chamaram muita mais para explicar as imagens, eles consideraram a imagem mais preocupante que de fato era forte, mas foram imagens compradas...a gente escolheu a imagem para compor o texto...essa é a primeira coisa...quando chegou lá [Eles diziam]... claro que é treinamento de guerrilha, claro que vocês fazem treinamento de guerrilhaagora essa coisas assim....modo de dizer, o pessoal dizia: o povo fala assim, a vida precisava mudar...o povo fala assim, vamos manter assim.... e você podia perguntar, porque fizeram assim? Porque assim a gente motivava o pessoal a discutir...eram poucas afirmações.... Dom Eugênio disse dou 5 minutos, ele disse, 2 minutos bastam. Voltou com um papel aberto e disse: isso aqui tem o mesmo esquema do método ver-julgar-agir, isso aí[o método] tava entranhando na gente....quando eu li aquilo, disse: gente precisou uma pessoa de fora para ver...nós não tínhamos dado conta daquilo... nós queríamos ser [nos livros] provocativo.... mas não era assim pensado... não éramos nem uma equipe, tinha cinco professores...alguns vieram da Ação Católica, mas tinham outros que nem eram ligados assim à Ação Católica” (FARIAS, 2017, p. 3-4)

Para a pesquisadora Farias (2017), o papel central das atividades desenvolvidas pelo MEB, era motivar a população das comunidades rurais a pensarem sobre a realidade do Brasil na época, e, ao pensar sobre essa realidade, levantar o questionamento sobre o “Status Quo” vigente, denunciando assim a desigualdade e a exploração humana, corrente pelo período de ditadura militar.

Ao produzir o material, centralizava aspectos de uma realidade brasileira que terminava colocando em xeque o governo militar, gerando assim tensão entre os dirigentes do MEB e os militares, tanto assim que Fávero e os demais colegas foram chamados no órgão principal da repressão política: o DOPS. Foram chamados para esclarecer que tipo de material era aquele produzido por eles, material considerado pelo governo, como subversivo, uma vez que foram acusados de que o treinamento realizado com as equipes locais, foi nomeado como treinamento de guerrilha. (FARIAS, 2017, p. 4)

Segundo Brandão (2020), Osmar Fávero é o melhor narrador, dos acontecimentos que envolvem a apreensão da cartilha “Viver é Lutar”, no Rio de Janeiro, e que talvez essa seja uma das únicas ocasiões da história humana em que uma cartilha de Educação Popular, tenha sido apreendida pela polícia e levada a uma delegacia para ser presa.

Além disso, uma parte dos exemplares da primeira cartilha impressa, Viver é lutar, que ligava alfabetização e conscientização partindo de situações reais da vida dos camponeses, havia sido apreendida ainda na gráfica pela polícia do governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Viver é lutar sintetizava a ideologia do MEB: Eu vivo e luto, Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar, (primeira lição da cartilha). A

décima oitava lição traz o trecho: A lei diz que todos devem ir à escola. A lei diz: mas não existe escolas para todos. Xavier e sua mulher decidiram abrir uma escola em sua casa. Com a ajuda de outros abriram uma escola radiofônica. Na vigésima quarta lição: Um povo só marcha para a libertação, quando caminha com sua cultura. (BAUMWORCEL, 2008, p. 3-4)

“A absoluta diferença entre o teor das “lições” de Viver e Lutar, frente às cartilhas padrão “Eva viu a uva”, é mais do que assertiva e eloquente.” (BRANDÃO, 2020, p. 7). Podemos contemplar então que as lições que compunham os livros do MEB, destacando o conjunto de lições “Viver é Lutar”, descrevia o cotidiano de uma população rural a qual teve seus direitos biopsicossociais básicos totalmente negados, sendo alguns deles: saúde mental e física de qualidade, direito ao emprego, à moradia, ao lazer, à educação¹²⁷. Segundo Wanderley (1984), o livro Viver é Lutar é um livro de tintas fortes, sendo este próprio livro, enquanto livro de leitura para adultos e adolescentes, que pode conduzir a soluções educacionais positivas.

O livro “VIVER É LUTAR”, se por um lado é um livro de tintas fortes, por outro lado, apresenta algumas sugestões que são portas abertas a medidas concretas, em torno dos quais as pessoas a quem ele é dirigido se podem congregam eficientemente. É o próprio livro, enquanto livro de leitura para adultos e adolescentes, que conduz a soluções positivas. (WANDERLEY, 1984, p. 507, apud ANDRADE; SANTOS, 2019, p. 138)

Por outro lado, Osmar Fávero ao narrar em Palestra a Faculdade de Educação da USP em 2002, que a proposta do livro “Viver é Lutar” realmente se constituiria como:

(...) era a proposta de um esquema diferente (...) A ideia foi fazer um texto que partisse da realidade do grupo com o qual a gente estava trabalhando e muito que se fosse história de vida deles. Era um texto de leitura que trabalharia, depois a fixação de parte gramatical, parte da língua portuguesa, o que é uma carta, depois um telegrama (...) fizemos um texto bastante ritmado como se fosse uma poesia e pegamos um personagem e fomos desenvolvendo a história de vida dele. (...) A parte gramatical que foi já pra pós-alfabetização, simplesmente levava a isso que eu já disse. Era focar um pouco da linguagem culta, regras de acento, de pontuação e termina como escrever um bilhete, como escrever uma carta, como responder, como fazer uma convocação para reunião e tal. (FÁVERO, 2006, p. 4, apud ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 136-137)

Fávero (2006), analisando à prática educativa do Movimento de Educação de Base - MEB, por meio do livro Viver é Lutar, defende que se por um lado a análise da realidade era fragmentada ou mesmo parcial aos olhos da ditadura de 1964, por outro faltava-lhes assim um referencial para interpretações globalizantes e científicas, das ações desenvolvidas pelo MEB, ações essas que o MEB denunciava, por meio de críticas como proposta de superação das

¹²⁷ Mesmo com a proibição do conjunto de livros/cartilhas “Viver é Lutar”, durante o regime da ditadura militar de 1964, os livros/cartilhas posteriores continuaram auxiliando no processo de alfabetização das massas. Durante os anos de 1965 a 1975, podem ser destacados os seguintes materiais produzidos: Ajuda (1965), Mutirão (1965) cartilha de pós-alfabetização e matemática (1970), Cartilha experimental do sistema Caicó (pós-alfabetização, 1970), Ciclo complementar 3º ano (pós-alfabetização, 1971), Livro de Todos (1972), Livro de todos - Segunda Etapa do 2º ciclo (1972), O Camponês (pós-alfabetização, 1975). (BARBOSA, 2006, p. 15)

estruturas de dominação vigentes. Já no contexto o MEB como sendo um movimento educativo de proporções nacionais, o qual continha uma organização cultural estruturada, e podemos pensar muito completa, transmitia uma concepção de mundo, nas áreas de maior tensão cultural e social do país, além de negar a possibilidade da conjuntura capitalista dos países subdesenvolvidos, buscando assim por meio da Educação Popular, criar um mundo melhor, mais justo e digno para todos os homens e mulheres neles viventes. Um outro fato curioso e ao mesmo tempo muito interessante a ser destacado, é a versatilidade em que as escolas Radiofônicas do MEB, utilizavam para levar a seus alunos os conteúdos contidos no livro *Viver é Lutar nos tempos de ditadura*, podemos identificar esses fatos por meio da seguinte passagem narrada por Osmar Fávero a Baumworcel (2008).

Na época da censura, um discurso de resistência foi se criando nas “entrelinhas” das mensagens radiofônicas. Por exemplo, a emissora de Mossoró anunciava a reunião do sindicato rural como se fosse festa de aniversário, de batizado ou de forró. Claro que era possível que a festa ocorresse mesmo, mas mantinha-se isso como forma de comunicação e de mobilização para as reuniões que ocorriam paralelamente, declarou o ex-coordenador do MEB. Este discurso era ouvido em emissoras de bispos progressistas e não se repetia em todas as rádios católicas na época da repressão política. A produção e locução das aulas eram feitas pelas professoras e os profissionais das emissoras ficavam com a parte técnica, só gravavam e transmitiam os programas. Houve problemas entre as duas equipes em algumas emissoras e, depois de 1964, começaram a nos censurar por medo de perder a concessão (FÁVERO, 2006, p. 2, apud BAUMWORCEL, 2008, p. 4).

Seríamos ingênuos em pensar que o MEB em sua totalidade, não pudesse mobilizar os camponeses da época através das propostas transformadoras da Educação Popular, inspiradas em grande medida no método/sistema de Paulo Freire, com a iniciativa de transformar a estrutura social e econômica das comunidades rurais, também podemos acreditar que a prática pedagógica do MEB transformaria com muito êxito sua práxis educativa em um amplo sentido para formar novos cidadãos, através da “[...] conscientização, no sentido de formação de consciências, e como politização, em termos de organização de grupos de base, incentivou a participação popular, convertendo-se numa original pedagogia da participação popular.” (FÁVERO, 2006, p. 272). Fala ainda destaque que “Dá educação “restrita” à alfabetização, passa-se a uma educação “ampliada”, e dessa ao trabalho comunitário” (FÁVERO, 2006, p. 207), e o MEB atuava justamente neste sentido, ampliando novos horizontes e transformando dificuldades em novas realidades, isso era verdadeiramente o intuito do livro “*Viver é Lutar*”, e o intuito “do MEB” como um todo. Segundo Farias (2017), Carlos Brandão, um dos integrantes do MEB, nos anos de 1960, já afirmou que “boa parte do que o MEB incorporou como uma pedagogia-com-arte, veio das comunidades populares.” (FARIAS, 2017, p. 5).

Ocorrem muitas mudanças devido a instauração da ditadura militar nas

comunidades em que o MEB atuava com a alfabetização de adultos, e de forma mais específica com as que estavam trabalhando com o conjunto “Viver é Lutar”, por meio das escolas radiofônicas, podemos encontrar essas mudanças na realidade através das proposições apresentadas por meio de uma “[...] mudança da perspectiva de conflito entre classes para cooperação, dentro de uma classe, “o campesinato”, e que mesmo a cooperação e o desenvolvimento de comunidades eram vistos como atos suspeitos depois de 1964.” (DE KADT, 2003, p. 17)

Mesmo com todas dificuldades e limitações impostas ao MEB, devido ao processo ditatorial, as escolas radiofônicas continuam suas atividades até o primeiro semestre de 1964, trabalhando com o livro “Viver é Lutar”, muitas vezes reinventando sua práxis pedagógica de alfabetização por meio do rádio, elaborando assim uma espécie de “pedagogia radiofônica”. “Apesar de ter sido apreendida, a cartilha foi utilizada, durante o primeiro semestre de 1964 por algumas escolas radiofônicas, burlando o controle da polícia, e servindo como um importante material didático no processo de alfabetização.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 138). Neste contexto de mudanças podemos entender que “[...] a pedagogia radiofônica do MEB modificou a trajetória histórica do rádio educativo no Brasil.” (BAUMWORCEL, 2008, p. 12)

Especial atenção foi dada às dificuldades e limitações que o rádio impõe como meio de comunicação. Essas limitações têm levado o MEB à elaboração de uma “pedagogia radiofônica” não ainda nitidamente sistematizada. Por outro lado, tem forçado o treinamento dos monitores para esta tarefa, qualificando-os, em terra que só o rádio atinge. (...) Tudo isso tem garantido ao MEB uma metodologia própria, metas muito específicas, atividades de pedagogia radiofônica próprias e uma realização original de Educação de Base.” (MEB, 1965, p. 9)

Podemos contemplar que nos tempos normais das atividades do MEB, mas sobretudo no contexto de ditadura, a grande tarefa do MEB era, “Alfabetizar a população pobre e carente das mais variadas regiões do Brasil, era uma prática além de cultural, era política, pois ao deslocar o sujeito do seu lugar de sujeito conformado com a realidade, as lições produzidas pelo MEB centralizavam um outro lugar para aquele indivíduo.” (FARIAS, 2017, p. 4). Ainda neste sentido [...] o questionar aquela realidade que o colocava em um lugar de desigualdade na sociedade brasileira, ao tomar consciência da exploração do trabalho que realizava, tentava mudar sua condição social, da sua família e de todos na mesma situação. (FARIAS, 2017, p. 5). Fica nítido notar então que, nesses tempos de ditadura militar, “Esta atuação política do MEB incomodava o governo dos militares, causando o recrudescimento da parte mais política do movimento.” (FARIAS, 2017, p. 5).

A proposta de educação do MEB, tanto a contida na cartilha “Viver é Lutar”, está ancorada em um tripé conceitual perpassados pelos ideais de “cultura e conscientização,

mudança de atitudes e instrumentalização”, como afirmam os pesquisadores (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 138) em: “A organização didática da cartilha estava dividida em um tripé político-pedagógico: conscientização, motivação de atitudes, e apresentação dos instrumentos para intervir de forma transformadora na realidade.”. Acreditamos que todos os processos de ancoragem conceituais da cartilha são de extrema importância, mas dentre um deles o de “Conscientização¹²⁸”, por meio da cultura social, é o que mais se destaca dentre os outros dois conceitos, além de ser a base inspiradora da práxis pedagógica do método Paulo Freire, o qual o MEB adotava como premissa básica para o desenvolvimento de sua filosofia pedagógica.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão e por causa da radicação utópica que informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação (...), pois, a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “des-vela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1979, p. 29).

O compromisso com a conscientização como premissa central do MEB é um grande avanço da educação libertadora inspirada em Paulo Freire. Por isso podemos entender que assim como Freire (1979), Dickmann e Dickmann (2019, p. 45) corroboram com essa visão de que a “Conscientização é o processo de despertar da capacidade crítica e criadora dos homens e mulheres que comungam o mesmo momento histórico.” Essa dimensão da conscientização é a que coloca os educandos e as educandas do MEB no compromisso social de transformação da realidade que os/as rodeiam, desta maneira podemos ainda compreender por meio da visão dos pesquisadores que conscientizar-se é comprometer-se, assim como:

A conscientização não é um presente de uns aos outros. Pelo contrário, é uma experiência vivencial que se faz. Não se conscientizam os homens e mulheres isolados, mas sempre na inter-relação entre si e com o mundo. A dimensão dialética entre objetividade e subjetividade é fundamental para compreender o processo de conscientização, todavia, sem absolutizar nem uma, nem outra. (DICKMANN; DICKMANN, 2019, p. 45)

Os processos da Cultura Popular são centrais no que concerne à vinculação entre a alfabetização e conscientização que são trabalhadas em “Viver é Lutar”, pois os textos trabalhados partem de questões vivenciadas na realidade social de seus alfabetizandos, com vistas a desenvolver um ensino/alfabetização que possibilite a produção do conhecimento político-social, que colabore na organização das comunidades, buscando melhorias das condições sociais de sua população. Além disso os conceitos de conscientização e cultura são em grande medida inspirados nos trabalhos desenvolvidos por Padre Vaz (1964), visto que uma

¹²⁸ Vale destacar que os processos de conscientização trabalhados na cartilha Viver é Lutar, caminham juntamente com os processos de Cultura Popular já trabalhados por Paulo Freire nos MCPs e em Angicos/RN em 1963.

grande maioria de coordenadores e assessores do MEB, eram advindos da Ação Católica, além de ter estrita relação com o braço político da Ação Popular¹²⁹.

Para Padre Vaz (1964) a cultura é uma expressão da consciência, mediada pelo fazer e agir dos seres humanos, devido essa concepção de cultura, nos olhares de Padre Vaz, ela pressupõe que tudo que é transformado ou mesmo criado pelo ser humano através do trabalho é, portanto, uma ação da “cultura” e isso possibilita sua relação social com o mundo em que vive. Neste contexto então, podemos traçar um paralelo com nossa cartilha *Viver é Lutar*, pois ela visa resgatar e valorizar a cultura histórica das comunidades rurais como potência de transformação humana, através da educação por meio da conscientização.

A transformação do ser humano na busca por uma vida melhor, mais digna e, portanto, com direitos deveria passar pela conscientização do indivíduo, apenas dessa forma poderia se mudar uma realidade tida como natural. E essa conscientização era construída pelos homens em seu ambiente, junto com outros indivíduos, questionando aquela realidade tão desigual para determinados grupos em detrimento de outros que possuíam os meios materiais de existência (FARIAS, 2017, p. 7).

Podemos identificar essa inspiração nos ideais de Padre Vaz por meio da seguinte afirmação: “A manifestação de um tipo de consciência que é simultaneamente reflexão sobre as necessidades humanas vitais de uma determinada época e perspectiva de transformação dessa realidade, no sentido de satisfazer àquelas exigências” (VAZ, 1964, p. 17). Desta forma podemos entender que “[...] a estrutura da cartilha trabalha na perspectiva do tripé político-pedagógico para assegurar através da ação alfabetizadora um movimento que leve os educandos a desvendar a sua realidade, percebendo seus mecanismos de alienação e exploração.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 139) obtendo assim uma conscientização que deva provocar mudanças significativas nas realidades sociais de cada alfabetizando em suas comunidades.

Adentraremos agora, algumas reflexões que compunham em si as próprias lições trabalhadas na cartilha “*Viver é Lutar*”, no entanto, para isso, exemplificaremos como elas eram organizadas. As lições eram compostas por uma imagem que mostrava a realidade social em forma de analogia a realidade vivida por aquele povo, ao lado existia um texto contextualizando o significado daquela imagem, e no final de cada lição, era destacado por meio de uma frase de reforço, ou em uma forma de questionamento ou afirmação sempre envolvendo uma valoração da atividade realizada. E logo abaixo das lições, apresentava-se uma sequência de exercícios sobre a escrita, incentivando assim a escrita de bilhetes, cartas, pequenos textos, ou mesmo um convite para uma reunião de sindicato ou da comunidade em que morava. Osmar Fávero (2001), um dos coordenadores da cartilha na época, complementa e exemplifica a afirmativa acima,

¹²⁹ O qual era um braço político criado pelos religiosos e estudantes engajados nos movimentos estudantis.

através do seguinte trecho:

Importante dizer então que cada lição é introduzida por uma foto de trabalhadores rurais, homens, mulheres, crianças em situações de trabalho; várias vezes, duas pessoas conversando, numa evidente valorização da comunicação oral e do contato pessoa a pessoa; de reuniões de sindicato e comício. Os personagens centrais não são personificados; são muitos os Pedro e os Xavier, facilitando a identificação dos leitores com esses personagens. (FÁVERO, 2001, p. 91)

Podemos entender então que as fotos que compunham o conjunto “Viver é Lutar”, são muito mais que simples ilustrações, pois compõem um texto que representa propriamente os conteúdos das lições, falam a mesma fala do povo, só que de outra maneira. No quesito da parte gramatical, agora como já recém alfabetizados, constitui uma sequência de noções de exercícios ensinando a escrita correta de textos, cartas, bilhetes, destacando deste a grafia de maiúsculas e minúsculas a pontuação correta, essas características peculiares introduzem instrumentos de comunicação necessários ao dia a dia de cada trabalhador rural, reforçam e repassam pontos essenciais da lição, atuando como verdadeiros exercícios de fixação do conteúdo aprendido nas lições. As lições vislumbravam o desenvolvimento dos homens e das mulheres trabalhadores e trabalhadoras rurais em sua plenitude, formando assim sujeitos livres, autônomos, emancipados através da construção de seu recente saber, formava pessoas responsáveis a qual poderiam ajudar na condução e no desenvolvimento das classes populares da época.

Nas doze primeiras lições da cartilha são apresentadas duas ordens de conceitos e mensagens desenvolvidas simultaneamente, mas não de maneira linear, todavia sim de forma complementar uma à outra. As primeiras lições apresentam elementos essenciais para a compreensão do homem em si, e no mundo em que vive, de suas relações sociais com outros homens no mundo. Coloca-se a dimensão social do homem como um traço estritamente humano, que envolve a família, a comunidade e o povo. Apresenta-se também a responsabilidade do homem e da mulher e de seus filhos perante as atividades em comunidade. Desde a primeira lição até a décima segunda podem ser encontradas as dimensões de conflito da vida humana como: “educação para a luta” que atua como o primeiro momento para a conscientização, e para formação da consciência social, e o trabalho marca a expressão mais forte dessa luta.



1.ª lição

Eu vivo e luto.

Pedro vive e luta.

O povo vive e luta.

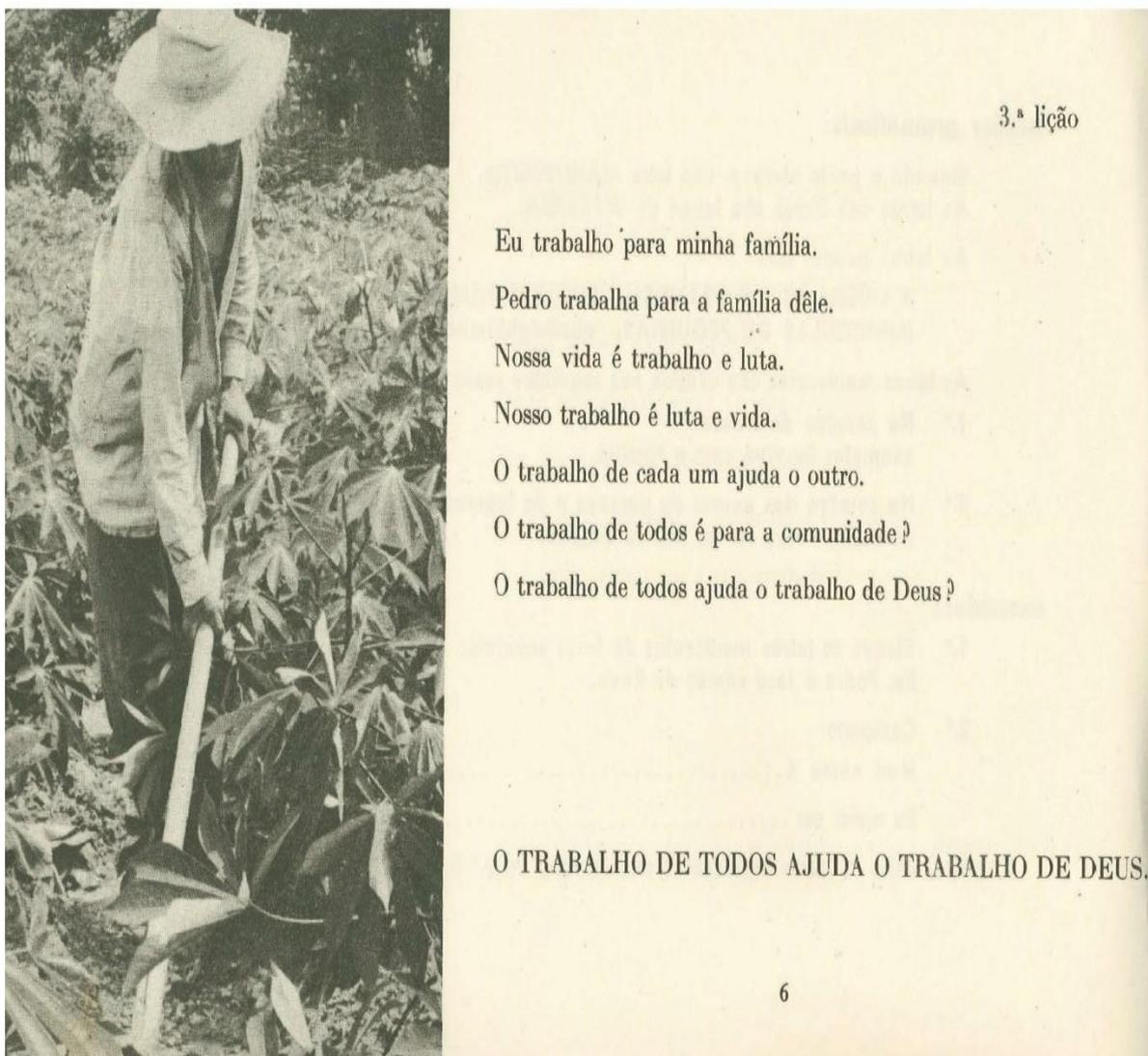
Eu, Pedro e o povo vivemos.

Eu, Pedro e o povo lutamos.

Lutamos para viver.

Viver é lutar.

VIVER É LUTAR.



3.ª lição

Eu trabalho para minha família.

Pedro trabalha para a família dêle.

Nossa vida é trabalho e luta.

Nosso trabalho é luta e vida.

O trabalho de cada um ajuda o outro.

O trabalho de todos é para a comunidade?

O trabalho de todos ajuda o trabalho de Deus?

O TRABALHO DE TODOS AJUDA O TRABALHO DE DEUS.

Imagem 29: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 3º Lição – 1964

Nesta lição algumas palavras ficam em evidência, tais como: família, luta, trabalho, Deus, podemos notar que o texto se refere ao homem como sendo o provedor econômico de toda sua família. Fica evidente que por meio do narrador que é personagem da lição, assim como Pedro, trabalham muito para sustentar suas famílias. Nesse contexto, a luta e o trabalho fazem parte do cotidiano da vida de todos, desta forma quando trabalham e lutam para viver ajudam a comunidade em que vivem, além de auxiliarem no trabalho de Deus com aceitação de sua vida. Podemos entender melhor uma outra questão, por meio da desta imagem, a qual destaca de forma nítida a “postura de submissão e aceitação da realidade de seu trabalho”, pois fica evidente que o homem da imagem, está de cabeça abaixada, concentrado em seu serviço, olhando para a terra em que capina na lavoura, através do qual tira o sustento de sua família.

Podemos notar também que na lição são trabalhados questionamentos concretos das

condições da vida e da realidade dos alunos, utilizando com frequência formas interrogativas como “por quê”, “é justo”. É parte da metodologia do MEB trabalhar com os problemas para depois respondê-los, em todas as lições é destacado a valorização do trabalho do homem, além de serem destacados no final de cada página e para cada lição uma mensagem de reforço ressaltando a ideia central que contém cada lição, algumas delas em forma de perguntas, outras em forma de afirmação e mesmo outras em forma de conclusão.

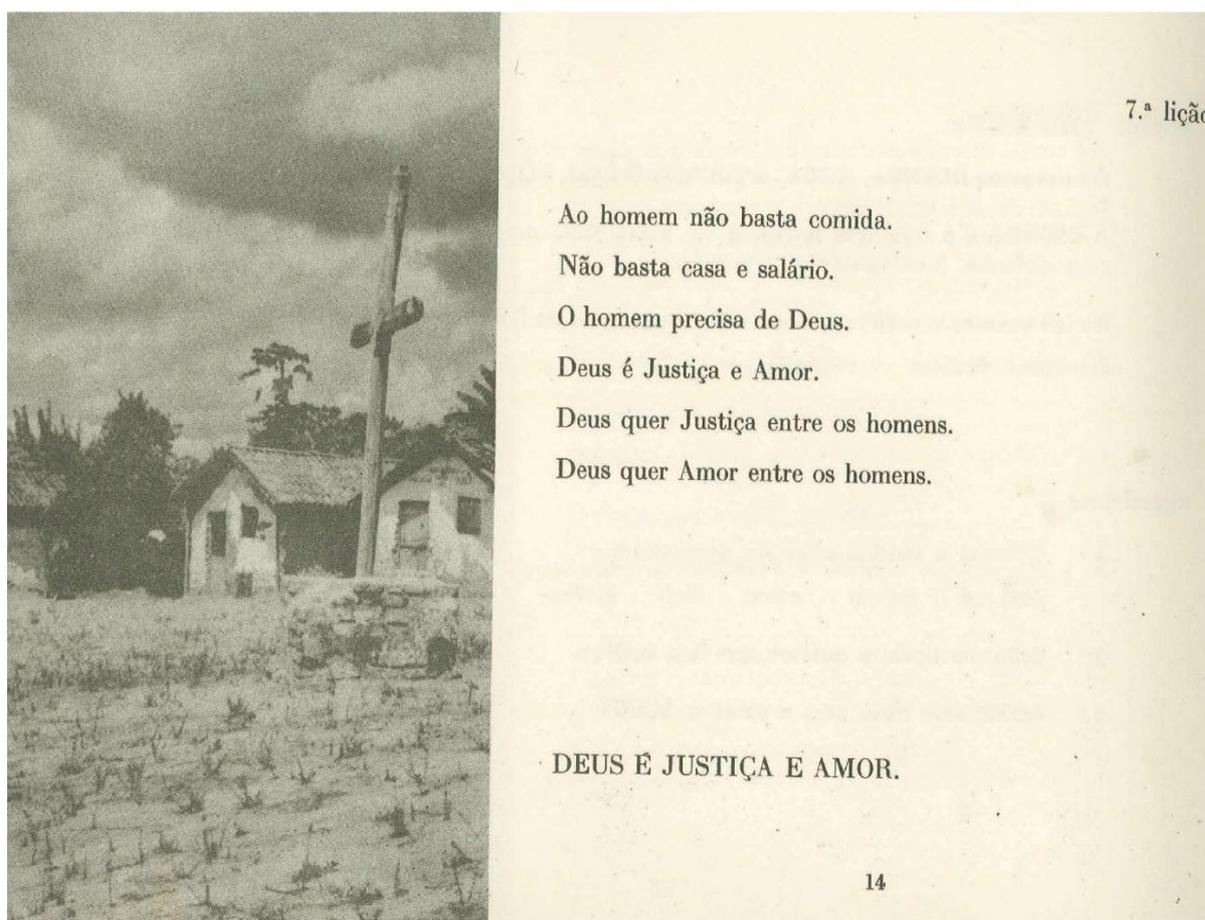


Imagem 30: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 7º Lição – 1964

Na sétima lição o trabalho humano é destacado por recriar possibilidades de atuação no mundo natural em que se vive, mas, também, como uma ação que transcende o mundo terreno, tendo em Deus o seu horizonte concreto, único e verdadeiro, encontrando assim o sentido de sua ligação com Deus, como destaca o próprio MEB em um de seus documentos: “Assim, o sentido da ação humana não se esgota no próprio homem e, portanto, transcendência que o homem revela em sua obra criadora não se explica nem pelo mundo nem pelo homem”. (MEB, 40, p. 17, apud FÁVERO, 2006, p. 184). Podemos também sintetizar essa afirmação através do trabalho como parte do espírito do homem no mundo.

A natureza humana não se situa no nível do mundo; ela é também espírito; ou seja, pelo conhecimento, na medida em que assimila as coisas do mundo, o homem não se torna do mundo, distingue-se dele, torna-se seu sujeito no ato de conhecer. O ato de conhecimento revela este componente imaterial da natureza humana; toda ação humana, enquanto é humana é consciente. Sendo consciente ela pode ser livre, isto é, não é determinada, pode optar, escolher. E, enquanto escolhe, ela inova, cria, já que não foi determinada. Por ser consciente, o homem revela, na sua ação, um dinamismo não natural, não situado no plano das coisas do mundo do qual ele se distingue; este dinamismo é expresso no ato do trabalho. O valor do trabalho humano não se reduz à obra por ele produzida, antes, está expressa o valor do homem que, pelo trabalho, revela o íntimo do seu ser: sua transcendência sobre o mundo, sua ação criadora de um mundo humano. É, pois, o trabalho que revela o sentido do homem. É por ser ele dinamismo próprio de um ser consciente e livre que ganha a sua dignidade (MEB, 1964, p. 7).

Nas lições seguintes 8º, 9º, 10º, 11º e 12º, colocam o camponês como um “homem da terra”, mas sendo um “trabalhador sem a terra”, e questionam as condições de seu trabalho, sem receber seus direitos. Do mesmo modo que as lições apresentam reflexões colocando homens e mulheres “operários e operárias” para questionarem as atuações em seus trabalhos, introduzindo nas entrelinhas a ideia de consciência de classe.



12.ª lição

Pedro conhece a vida do camponês.
 Pedro conhece a luta do operário.
 Pedro reconhece o trabalho das mulheres.
 Ele vê que muita gente sofre injustiça.
 E todos são homens.
 São filhos de Deus.
 Precisam viver como homens.
 Precisam viver como filhos de Deus.

TODOS PRECISAM VIVER COMO HOMENS.

24

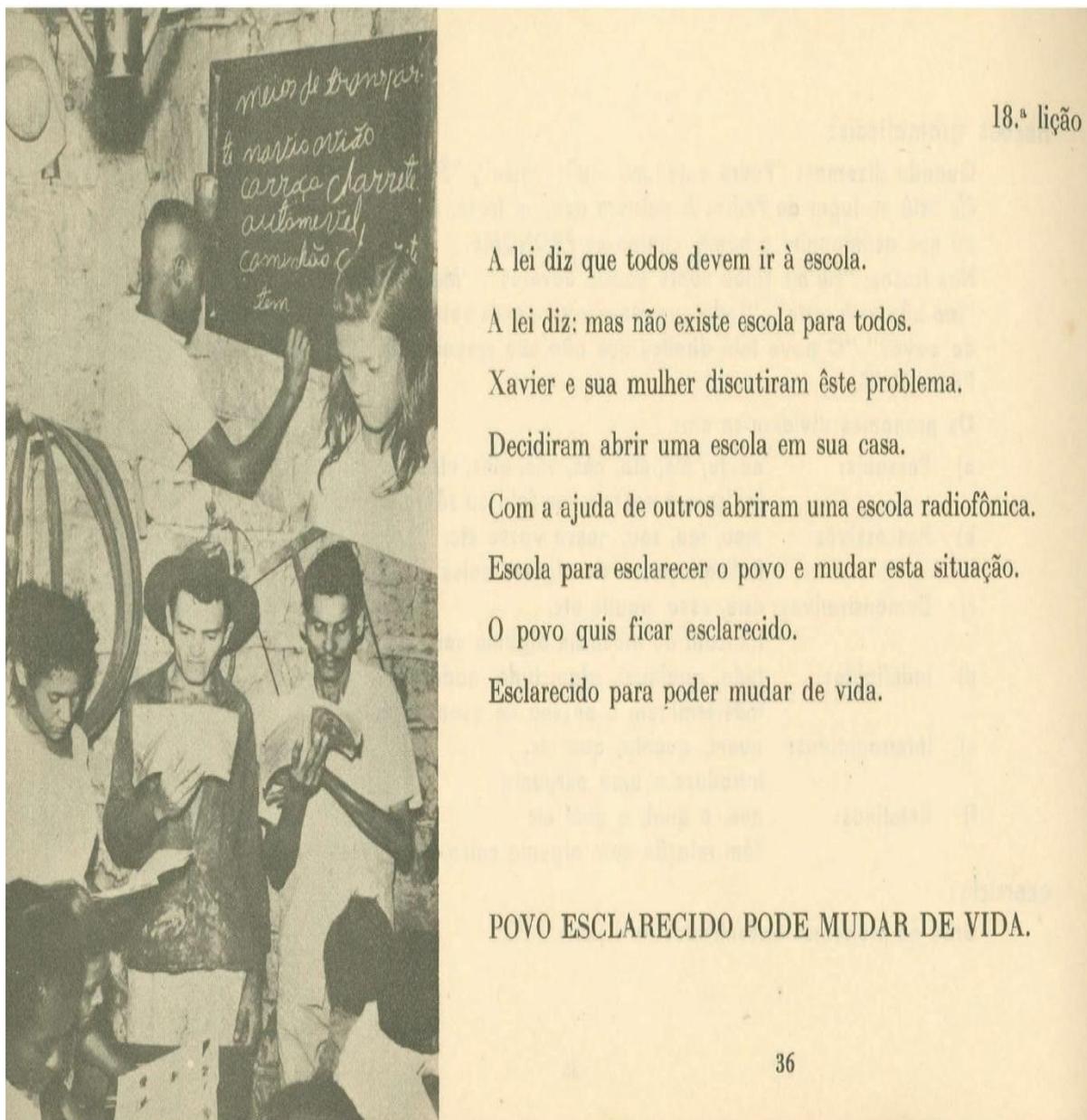
Imagem 31: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 12º Lição – 1964

Os enunciados destacados através da lição 12º, sugerem o reconhecimento por meio do conhecimento, de como os trabalhadores atuam de forma dura e servil. O narrador Pedro lembra do personagem principal, “o trabalhador”, o qual conhece a vida dos trabalhadores e reflete, chegando a uma possível conclusão de que “todos precisam viver como homens”. “A ideia de humanidade plena está embasada na filiação divina. Por isso, apela-se ao argumento transcendental de dignidade para reforçar a dignidade da pessoa humana.” (MEB, 1964, p. 24).

A partir da 12º lição até a 17º lição, segue-se, com a característica orientada por um grande processo de motivação e mudança de atitudes aos camponeses, é neste momento que as lições tentam passar a ideia que os camponeses precisam perceber a realidade atual em que vivem e a partir dela procurar construir mudanças. A imagem retrata a real ideia de como os trabalhadores são tomados como objetos de trabalho e injustiçados pelos seus patrões, reforçando a ideia de lutar pela dignidade de seu trabalho, por meio da mudança social. Este fragmento de um dos documentos complementares aos monitores reforça a visão de dignidade do trabalhador e ao mesmo tempo questiona as injustiças cometidas contra ele.

É a atitude reflexiva o que distingue o homem do animal. Pela reflexão o homem sabe que sabe, isto é, no ato do conhecimento, o homem conhece a realidade como objeto e percebe-se como sujeito deste objeto. Tem, pois, consciência de si e da realidade; ora, como a realidade para o homem está integrada por outros homens, a reflexão vai implicar em consciência de si (sujeito), consciência dos outros homens e do mundo objetivo. [...] Vimos que o homem se revela humano, conhecendo o mundo e reconhecendo o outro. Reconhecer o outro é sabê-lo sujeito da mesma relação com a natureza e não um objeto entre outros. Causar ou permitir a submissão do outro ao mundo, ou a outro homem, isto é, causar ou permitir a injustiça é negar-se a reconhecer o outro como sujeito humano (MEB, 1964, p. 24).

As lições apresentam a forma interrogativa como predominante e a necessidade de transformação da realidade vivida pelos trabalhadores rurais. “O diálogo entre os indivíduos ganha importância para o processo de tomada de consciência e a participação em grupos de formação política em sindicatos é vista como uma possibilidade de ação para a mudança.” (ANDRADE; SANTOS, 2009, p. 140-141). Esta série de lições destacam também, a importante função exercida pelos trabalhadores nos espaços formativos de estudos, sendo por meio destes espaços realizados, treinamentos em sindicatos, comunidades, a fim de colaborar na consolidação de uma nova proposta de conscientização de homens e mulheres frente à realidade da qual vivem.



18.ª lição

A lei diz que todos devem ir à escola.

A lei diz: mas não existe escola para todos.

Xavier e sua mulher discutiram êste problema.

Decidiram abrir uma escola em sua casa.

Com a ajuda de outros abriram uma escola radiofônica.

Escola para esclarecer o povo e mudar esta situação.

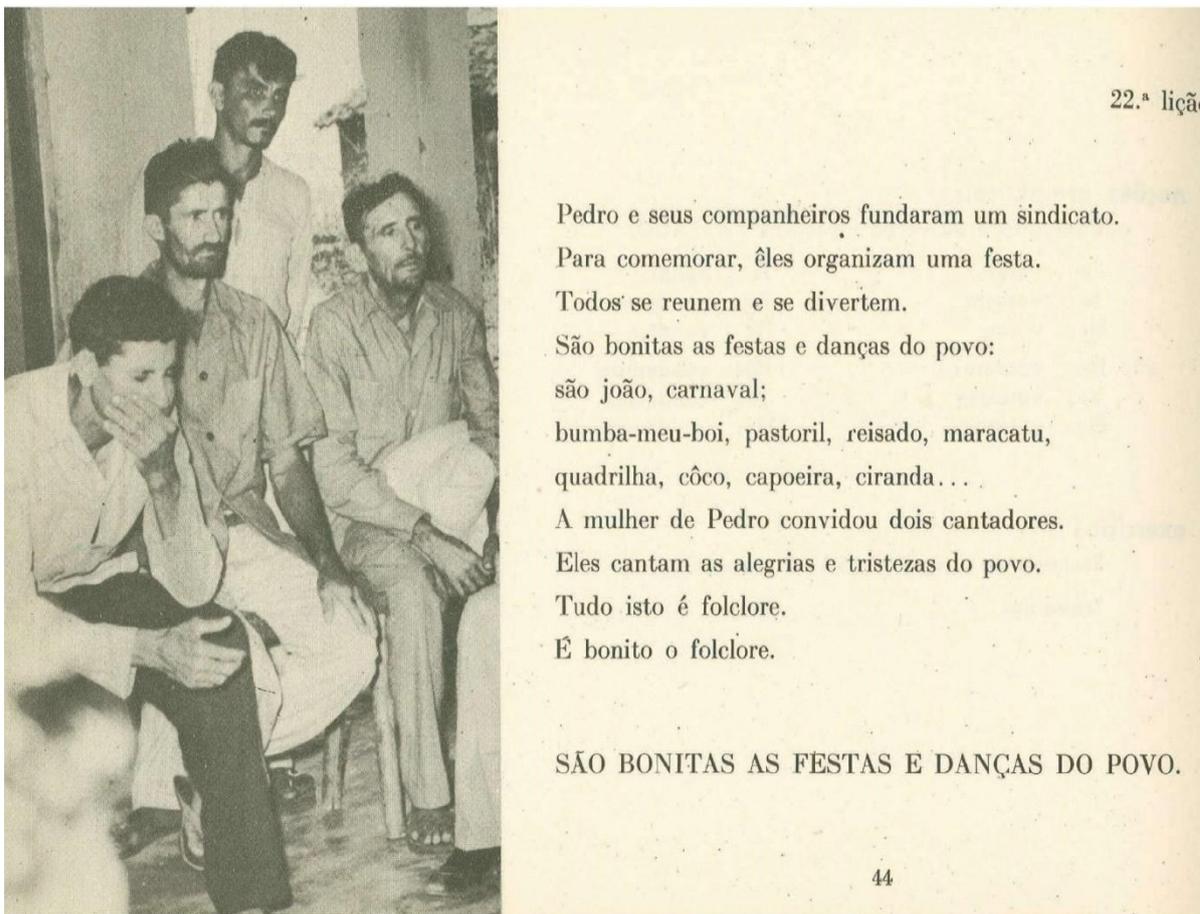
O povo quis ficar esclarecido.

Esclarecido para poder mudar de vida.

POVO ESCLARECIDO PODE MUDAR DE VIDA.

Imagem 32: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 18ª Lição – 1964

Nas lições 18ª, 19ª, 20ª, 21ª, tem-se o início do terceiro e último ciclo da cartilha “Viver é Lutar”, nesta etapa são apresentados os instrumentos de possibilidade de ação e de transformação social, através do qual existem novas escolas radiofônicas com o fim de ensinar e esclarecer a população de seus direitos sociais, a chegada das eleições e a possibilidade que eles teriam de mudar o país por meio do poder de seu voto, o ensino como combate na compra de votos de cabresto, e a superação e a luta contra o estigma que só quem poderia votar eram os alfabetizados, o sindicato representava a união e força da classe camponesa e as cooperativas trabalhavam inspirando o combate ao imperialismo local e nacional, o barracão e as vendas, como possibilidade de fuga do controle dos altos preços para compras no sustento de suas famílias.

22.^a lição

Pedro e seus companheiros fundaram um sindicato.
 Para comemorar, êles organizam uma festa.
 Todos se reúnem e se divertem.
 São bonitas as festas e danças do povo:
 são João, carnaval;
 bumba-meu-boi, pastoril, reisado, maracatu,
 quadrilha, côco, capoeira, ciranda...
 A mulher de Pedro convidou dois cantadores.
 Eles cantam as alegrias e tristezas do povo.
 Tudo isto é folclore.
 É bonito o folclore.

SÃO BONITAS AS FESTAS E DANÇAS DO POVO.

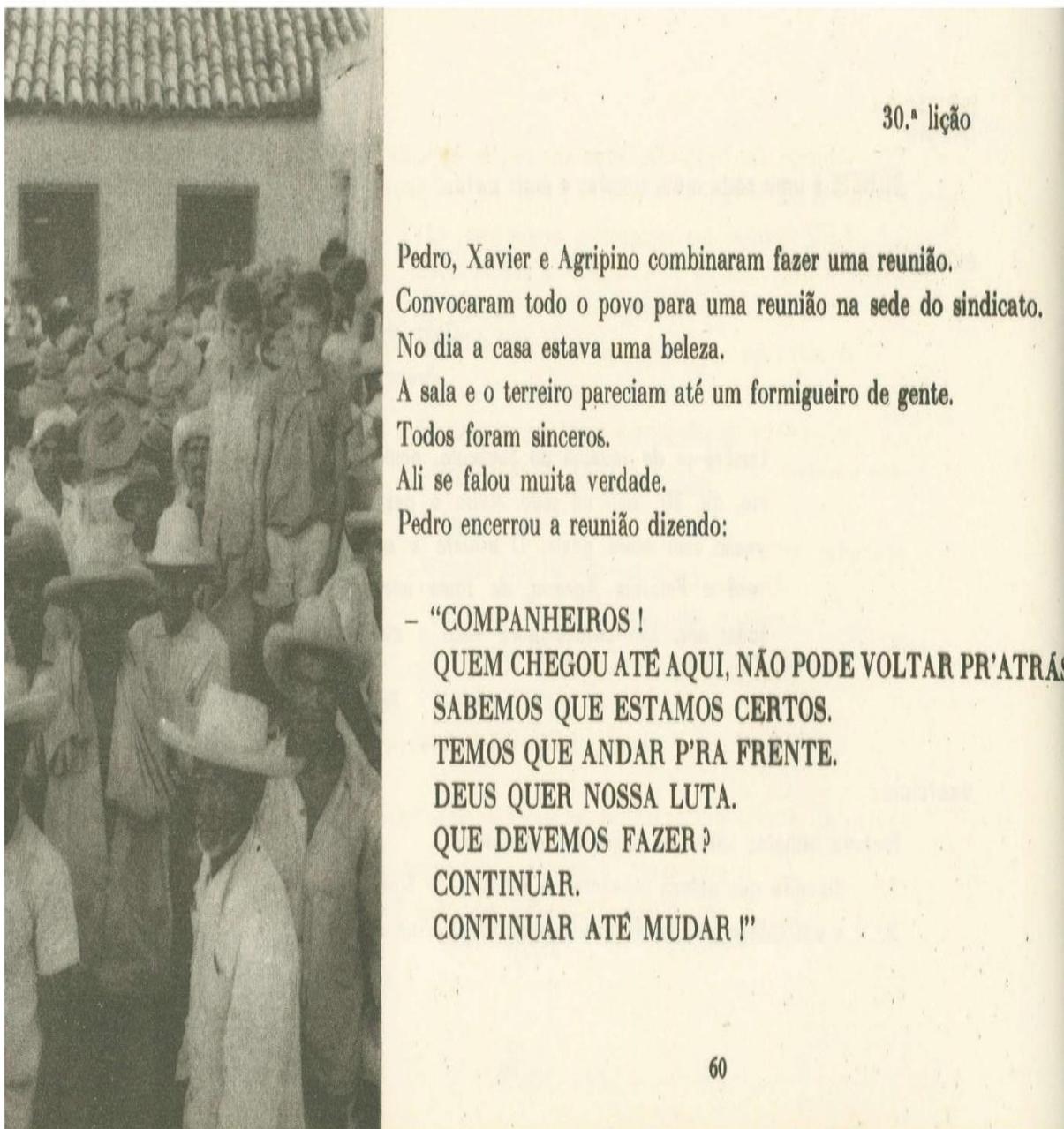
44

Imagem 33: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 22º Lição – 1964

Na 22ª lição da cartilha “Viver é Lutar”, ocorre a valorização da cultura, bem como do folclore e da arte popular brasileira, evidenciadas pelas manifestações cotidianas, dos costumes, e tudo aquilo que é criado, a partir da atividade humana como a cultura popular. Nesta lição destaca-se, a tradição do folclore como união fundamental para o bem comum da comunidade e da sociedade, numa perspectiva religiosa. A tradição cultural é destacada através do respeito à pessoa do outro, sentido este que gera uma forma de responsabilidade nos camponeses da comunidade e inspira o amor a Deus sem exceção. Além da tradição religiosa e do folclore, esta lição destaca, a importância das organizações sindicais¹³⁰, tendo assim o sindicato como uma forma de organização essencial para as lutas da classe dos trabalhadores, que podem se organizar de acordo com a atividade de trabalho que desenvolvem em sua comunidade, tendo por objetivo a luta e a defesa dos direitos dos trabalhadores, mas também

¹³⁰ O direito à organização sindical é um direito legal de todo trabalhador resguardado por meio da constituição Federal como apontou o MEB na época: Todo homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses “art. 23, 24,”. É garantida a liberdade de associação para fins lícitos “art. 141-142, da Constituição”. É livre a associação profissional ou sindical, sendo reguladas por lei a forma de sua constituição, a sua representação legal nas convenções coletivas de trabalho e o exercício de funções delegadas pelo poder público “art. 159, Constituição”. (MEB, 1964, p. 74)

de melhores condições sociais e econômicas, além de lutar por financiamentos e créditos rurais, para melhor desenvolver as suas atividades camponesas.



30.ª lição

Pedro, Xavier e Agripino combinaram fazer uma reunião.
Convocaram todo o povo para uma reunião na sede do sindicato.
No dia a casa estava uma beleza.
A sala e o terreiro pareciam até um formigueiro de gente.
Todos foram sinceros.
Ali se falou muita verdade.
Pedro encerrou a reunião dizendo:

– “COMPANHEIROS !
QUEM CHEGOU ATÉ AQUI, NÃO PODE VOLTAR PR'ATRÁS
SABEMOS QUE ESTAMOS CERTOS.
TEMOS QUE ANDAR P'RA FRENTE.
DEUS QUER NOSSA LUTA.
QUE DEVEMOS FAZER ?
CONTINUAR.
CONTINUAR ATÉ MUDAR !”

Imagem 34: Fonte - Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos – 30ª Lição – 1964

Seguindo para as lições finais da cartilha 23ª a 30ª, as quais trabalham temáticas semelhantes, enaltecem as valorizadas mensagens de ânimo nas continuidades, das atividades de sindicalização rural e operária, das lutas de trabalhos e salários justos, conscientização social, direito ao voto e a adoção dos instrumentos de ação nas comunidades. Transformação, mudança, e justiça social são termos que aparecem constantemente nos textos, evidenciando assim o caráter denunciador das condições materiais da população da época.

Percorremos um longo caminho por meio da história viva dos percursos realizados pelo Movimento de Educação de Base – MEB, nas mais diferentes regiões do Brasil, não tivemos a proposição de findar suas elucubrações na história do país, visto, que o que trouxemos é apenas um fragmento de seus caminhos políticos pedagógicos e de suas atividades desenvolvidas no Brasil¹³¹. Com o decurso deste capítulo foi possível compreender que o MEB propôs uma educação sob os princípios de uma educação para a transformação social, principalmente inspiradas nas ideias de Paulo Freire e de seu revolucionário Método de Alfabetização de Adultos, no Nordeste, e depois no Brasil e no mundo, além de possibilitar por meio da educação transformadora, a reflexão de cunho democrático e de direitos humanos aos seus alunos, fazendo assim, que seus alfabetizados reconhecessem a si mesmos, como pessoas portadoras de direitos e deveres político-sociais, legitimando assim o princípio da igualdade social, esse princípio da igualdade social, alinhava-se aos ideais da Igreja Católica¹³², onde todos são filhos de Deus e por isso merecem ser acolhidos, sendo assim esses são um dos princípios norteadores da democracia como bases fundamentais das atividades do MEB no País.

A educação popular transformadora é o que fomentava e estimulava os estudantes do MEB a se tornarem cidadãos ativos na sociedade, em analogia aos dias de hoje, poder-se-ia pensar algo mais próximo da educação por meio dos direitos humanos¹³³. Com essas prerrogativas de cunho transformador surge a coletânea “Viver é Lutar”, através do qual o MEB contemplava a reflexão democrática da sociedade da época, partindo do princípio que todo homem e mulher tem seus direitos iguais ao voto, incentiva comunitária por meio de espaços de exercício da democracia, como as cooperativas de trabalho e sindicatos rurais. Primava além de tudo a educação como ato de reflexão da realidade social, pois o ato de aprender é transformar-se, e transformando-se em uma pessoa melhor ou em uma comunidade melhor,

¹³¹ Lembremos que o movimento surgiu com a finalidade de suprir as necessidades de falta de escola principalmente para os trabalhadores do meio campestre, tendo como foco a região Nordeste, região que concentrou o maior número de escolas radiofônicas. Neste contexto, o MEB direcionou as suas atividades educacionais para os trabalhadores que não tiveram condições de frequentar a escola, seja porque não havia escola, seja porque tiveram de se dedicar ao trabalho na fase de educação básica. (MENESES, 2017, p. 210)

¹³² A igualdade social como fomento para o trabalho [...] é uma ação do ser humano que transforma o mundo natural para o mundo cultural, isso é, um mundo humanizado. Essas duas compreensões se complementam, porque o ser humano, tendo consciência de que é um ser transcendental, um filho de Deus, reconhece que a partir de seu trabalho, de suas ações, transforma o mundo natural em mundo cultural. Desse jeito, a pessoa ao recriar/transformar o mundo natural em mundo cultural, transcende a sua própria humanidade, isso é, tende a reconhecer que seu trabalho concretiza o projeto salvífico de Deus. (MENESES, 2017, p. 208-209)

¹³³ Os direitos humanos sociais, no período passado e na atualidade, fazem parte do arcabouço para a consolidação dos valores democráticos, para a garantia da dignidade da pessoa humana e a diminuição das desigualdades e injustiças sociais. Por isso, direito ao trabalho e direito à educação serão sempre temas caros para uma sociedade desejosa de progredir democraticamente. Quando falamos em progredir democraticamente, sabemos que a democracia é um processo não linear e contínuo, porque um estado democrático nunca chegará à perfeição da democracia. A democracia é um processo e, no decorrer do tempo, novas demandas, ou seja, novos direitos terão exigibilidade de reconhecimento e proteção. (MENESES, 2017, p. 208)

desenvolveria-se melhor seu país.

Quando o MEB propõe trabalhar com o resgate dos direitos humanos, políticos e sociais por meio da cartilha “Viver é Lutar”, ele de certa forma inverte a lógica do pensamento dominante da época, propondo o reconhecimento das lutas sociais como parte para se concretizar os direitos sociais da população, através do acesso universal à Educação de Base. Um outro fator muito importante o qual a cartilha aborda é a reflexão da realidade social através do direito ao trabalho, entendida como um esforço em promover a luta pela dignidade do trabalhador do campo, como fator essencial para a sustentação da vida de suas famílias e de sua comunidade, na qual podemos entender como sendo uma forma de dimensão social do trabalho¹³⁴ do MEB. “A dimensão social desse direito, em outras palavras, é o reconhecimento da ação do trabalhador como importante porque colabora com a família, com a comunidade e, no sentido mais amplo, com a sociedade para a transformação da realidade.” (MENESES, 2017, p. 209)

No vislumbre das propostas desenvolvidas pelo MEB, por meio da cartilha Viver é Lutar, e, fica nítido que é por meio do trabalho, e da participação popular e em seu incentivo ao engajamento nas lutas populares dos direitos trabalhistas que o MEB causou maior estranheza aos conservadores e reacionários da época. “Em tempos em que a participação popular não era desejada, esse movimento propôs discussões em torno de temas como sindicalização, cooperação e associação.” (MENESES, 2017, p. 209). Podemos entender que para o MEB em âmbito nacional, o direito à educação é muito mais do que a instrução e treinamento de alfabetização popular. Para o MEB a proposta de sua educação de base parte da percepção das desigualdades e injustiças sociais impostas pela classe dominante, com essas percepções o MEB articula através de suas práticas de conscientização social, no referido caso como por exemplo da cartilha “Viver é Lutar”, o qual promove práticas para a efetiva libertação de pessoas e de comunidades camponesas, através de uma forma de ação educativa de cunho social, que concentrasse em nutrir por meio da conscientização as massas camponesas, contra a exploração da mão de obra dos grandes latifundiários.

Em uma visão de presente, essas elucubrações apontadas pelo MEB ao longo da cartilha Viver é Lutar, ainda servem em grande medida para serem pensadas em dias atuais, visto que estamos vivendo em um frágil processo democrático, ocasionando assim grandes instabilidades nas políticas de acesso à educação de base nacional. Podemos então notar que ao

¹³⁴ A dimensão social do trabalho é a perspectiva predominante e finalidade das propostas pedagógicas do MEB. Além disso, outros direitos surgem no reconhecimento e proteção do direito ao trabalho, por exemplo, o direito à escolha do trabalho, o direito à organização de cooperativas e sindicatos dos trabalhadores. (MENESES, 2017, p. 209)

longo das 30 lições da cartilha “Viver é Lutar”, foram apresentadas as concepções de trabalho, de homem, de cultura e de sociedade, com o vislumbre para articular a educação de base com as dimensões transcendentais da Igreja Católica, que valorizam o ser humano como agente detentor de direitos políticos sociais e humanos. Foi possível notar que as propostas de Educação de Base desenvolvidas pelo MEB, sofreram grandes influências dos processos de Educação Popular trabalhados pelos Movimento de Cultura Popular no Nordeste e do Método de alfabetização de Paulo Freire, acreditamos que temos ao horizonte muito o que aprender e a reaprender também com os exemplos trabalhados e desenvolvidos pelo MEB, desde seu início no ano de 1961, com seus Educadores e Educadoras Populares, pois MEB nos mostrou ao longo de sua trajetória de movimento de alfabetização e de conscientização popular que sempre é tempo de aprender mais, para assim modificarmos nossa realidade, e lutarmos por uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar.

Dom Hélder Câmara

CAPÍTULO 3 – Por entre os percursos político-pedagógicos dos Educadores Populares da Geração de 1960 e seu legado para a Educação Popular no Brasil e na América Latina

3.1 – Por entre os fios da memória dos Educadores Populares da Geração de 1960 no Brasil e na América Latina – Alguns apontamentos sobre o tema

Meu companheiro nossa vida é muito dura.
 Gente que não tem leitura, sofre tanto que faz dó.
 Tem tanta gente, por esse Brasil afora...
 A procura de melhora e cada vez fica pior...
 Meu companheiro, o Brasil só vai pra frente
 quando um dia toda a gente souber ler e escrever...
 Por isso eu digo, resolve meu companheiro, ande logo
 vem ligeiro. Estudar e aprender...
 E vem o Chico, vem o Zé, vem o Vicente, vem o velho,
 seu Clemente, a Tereza e o Valdemar...
 Meu companheiro, dessa vez a coisa muda.
 Gente grande agora estuda e o Brasil vai melhorar...
 Canção do Companheiro por Maria Alice e José Moreira

A Educação Popular é escrita no seio de sua história por uma multiplicidade de pessoas das mais diferentes etnias e classes sociais possíveis, e por uma multiculturalidade de movimentos políticos sociais brasileiros e Latino-Americanos. Ao longo de suas bases ontológicas ela já se transformou, se adaptou e se lapidou, para poder conseguir sobreviver as injustiças político-sociais sofridas, teve também que se reinventar muitas vezes, fez tudo isso, para poder abarcar várias gerações de atores políticos sociais que fizeram parte dessa história e das novas gerações que ainda estão por vir. Em sua atualidade podemos perceber que ela mostra consistência e resistência aos percursos de lutas pela garantia dos direitos políticos pedagógicos e sociais no Brasil e na América Latina, podemos ver claramente essa questão com a multiplicidade de atividades realizadas em comemoração ao centenário do Patrono da Educação Brasileira “Paulo Freire 1921-2021” realizado pela equipe do “Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe - CEAAL” e de tantas outras instituições pelo Brasil e pela América Latina.

Mas por que estamos trazendo a Educação Popular em sua atualidade se essa pesquisa percorre os caminhos da Educação Popular entre 1953 a 1964?. Fazemos isso para poder mostrar ao leitor que, o que estamos vivendo no presente devemos em grande medida aos trabalhos de militância e ousadia de uma geração de Educadores Populares que lutou bravamente pela garantia de direitos políticos sociais para toda a população brasileira e Latino-Americana, por um Brasil melhor, por uma América Latina unida e livre, do ódio, da fome, da

miséria, do analfabetismo e da opressão da classe dominante. Essa é a geração de Educadores Populares da década de 1960, e é por meio dela que apresentaremos suas principais aspirações, memórias, sentimentos, sonhos e utopias neste capítulo, o qual consideramos o “Coração desta Pesquisa.”

Os percursos desta pesquisa criaram vida própria, de uma maneira dialética e dialógica, devido ao aprofundamento dos materiais consultados, a escuta atenta às orientações da banca de qualificação, dos depoimentos e entrevistas colhidas dos Educadores Populares, dos artigos e livros lidos, dos congressos, simpósios e tantos outros eventos acadêmicos científicos vivenciados sobre a temática da Educação Popular ou ao redor dela, com os acervos consultados, com a escuta atenta às reuniões de orientação e as reuniões com o grupo de pesquisa do GEPEJA, essa pesquisa se lapidou se reinventou como nos disse Paulo Freire (1989), ela pulsa em meu coração, nos meus sentidos e em meus sonhos, ela me têm e eu tenho a ela, para poder se tornar caminho e base científica segura a outros pesquisadores, professores e Educadores Populares que vierem a lê-la.

Com esses percursos epistemológicos, percebemos que não se trata somente de uma influência que essa geração da década de 1960 deixa a novos Educadores dos dias de hoje, pois esta pesquisa vai até 1964, mas sim, que essa geração de 1960, é que é a própria Educação Popular, eles são fundantes, atores principais, são as gêneses do que veio a ser a Educação Popular no Brasil e depois na América Latina, e do que é a Educação Popular nos dias de hoje. Eles são a própria Educação Popular, pois antes de influenciarem outras pessoas, eles influenciaram todo um movimento ao redor da Educação e da Cultura Popular, ou seja, o movimento de Educação e Cultura Popular no Brasil e na América Latina, e é por meio dessas características descobertas ao longo da pesquisa que o legado desses Educadores Populares é passado a novas gerações de pesquisadores, de ativistas, militantes, professores e sim da nova geração de Educadores Populares brasileiros e Latino-Americanos.

Neste sentido a escolha metodológica a ser trabalhada neste capítulo é fazer um movimento caleidoscópico, dando ênfase às narrativas orais e não orais colhidas por meio de depoimentos e entrevistas com os Educadores Populares “Carlos Rodrigues Brandão (2021); Osmar Fávero (2021; 2022); Oscar Jara (2021)”, e também através do resgate memorialístico reconstruído por meio de uma entrevista sobre a Tese de Doutorado da professora Maria Clarisse Vieira (2021) da Universidade de Brasília, com os Educadores que já se foram, Vera Barreto e Zeca Barreto (*In Memoriam*), carinhosamente conhecidos como o “Casal Barreto”, aos documentos cuidadosamente separados e cedidos pelos próprios atores desses depoimentos, realizando assim uma reconversão de sentimentos, de memórias, vivências e experiências,

muitas delas marcadas na pele, no tempo e no espaço entre a década de 1960 e os dias de hoje, 2021 e 2022 que foram os anos destas entrevistas/depoimentos. Também serão apresentados agrupamentos de informações cronológicas, para nos referirmos ou contextualizarmos os momentos históricos da Educação Popular até 1964, dando assim mais consistência teórica e empírica ao processo da pesquisa.

Neste contexto destacamos que os percursos individuais destes Educadores e Educadoras Populares se encontram sempre vinculados a acontecimentos coletivos, através da Educação Popular e dos movimentos de Cultura Popular, seja no Brasil ou mesmo na América Latina, tendo na práxis político e pedagógica de Paulo Freire o fio condutor de uma Educação Popular de cunho Freireana. A interlocução entre essas falas, e suas dialogicidades, buscará fazer conversar as múltiplas memórias dos diferentes sujeitos da pesquisa, que juntos reconstruirão suas experiências do passado de forma não linear (JARA, 2020), visto que contemplarão momentos inéditos, apresentando histórias, experiências e vivências nos períodos compreendidos entre 1953 a 1964, surgimento, disseminação e desenvolvimento da Educação Popular no Brasil e no continente Latino-Americano. Assinalamos que o Brasil está vinculado neste sentido a América Latina, então quando falamos das experiências de Educação Popular na América Latina, não podemos deixar de fora o Brasil, neste contexto, encontramos que há uma unicidade de movimentos históricos que corroboram com essas prerrogativas, como já foi postulado nos capítulos anteriores.

Vislumbrando assim trazer de volta à vida essas memórias, sistematizamos qualitativamente alguns dos principais “Eixos Centrais” que atravessaram os caminhos de todos os entrevistados da pesquisa, sendo eles assim discriminados como:

- 1- A Educação Popular no Brasil e na América Latina;
- 2- O Movimento de Educação de Base – MEB;
- 3- As mulheres do MEB, da Educação Popular Brasileira e Latino-Americana;
- 4- A Cultura Popular;
- 5- Os Movimentos de Cultura Popular Brasileiros e Latino-Americanos;
- 6- Memórias e experiências junto com Paulo Freire;
- 7- O Golpe de 1964 e o exílio dos que ficaram;

Os acontecimentos das falas serão apresentados, não necessariamente na ordem dos eixos destacados, pois entendemos que a multiplicidade e a multiculturalidade das memórias revisitadas, acontece de forma não linear no tempo e no espaço dos acontecimentos vividos entre os períodos de 1953 a 1964, e das digressões feitas durante os depoimentos dos entrevistados da pesquisa. Neste contexto buscaremos estabelecer uma interlocução entre todos

eixos, a fim de enriquecer os cenários políticos sociais os quais as narrativas aconteceram.

3.2 – Entre relampejos e Clarões: Revisitando as memórias do Movimento de Educação de Base - MEB na década de 1960

Com lã e linho tinto teço o arremedo dos feitos que eu não fiz
 Com agulha fina escrevo no tecido de seda um texto
 Um conto ou um canto, ou uma estória antiga e com final feliz?
 Sei que eu me lembro e com saudade escrevo
 Uma carta minha pra mim mesmo
 E soletro o que a minha mão recorda, fia borda e tece
 E a memória de quem eu fui desfaz, apaga e esquece.
 Carlos Rodrigues Brandão poema “Lembrar e Esquecer”

Entre relampejos e Clarões é um jeito carinhoso para nos referirmos às memórias revisitadas pelos Educadores Populares Carlos Rodrigues Brandão e Osmar Fávero, eles gentilmente cederam duas entrevistas que aconteceram entre o período do final do ano de 2021 e início de 2022. Devido ainda os auspícios da Pandemia ocasionada pelo Covid 19, as entrevistas aconteceram via plataforma do Google Meet, respeitando assim os protocolos sanitários, e zelando pela saúde e bem estar dos professores que atualmente encontram-se em idade avançada. Buscaremos por meio destas memórias imbricadas no tempo, e no espaço da década de 1960, reconstruir alguns dos principais acontecimentos, além de processos políticos pedagógicos e metodológicos do que veio a ser um dos movimentos sociais de alfabetização popular mais importantes do Brasil, como considera Carlos Brandão (2021) dentro desse processo de entrevistas.

O MEB sempre foi um movimento à frente de seu tempo, pois agrupou em seu bojo uma multiplicidade de formações intelectuais em suas equipes de formação e direção de atividades de formação e alfabetização. Na construção desses processos Brandão em entrevista revisita um longo contexto histórico do Brasil os quais concernem o que ele chama de pré-MEB, e avança em sua narrativa detalhando sua filosofia e práxis pedagógica ao lado de outros Educadores em diferentes contextos e momentos históricos como com seu companheiro de MEB que na época era o coordenador Nacional desse movimento Osmar Fávero, destarte então comecemos a visitar essas memórias.

Vou começar um pouco mais longe, porque para contar a história do MEB, eu preciso contar um pouco da história da educação popular. Para vocês terem uma ideia, a história mais próxima começa na Colômbia, numa pequena cidade chamada Sutatenza — inclusive por onde andou um padre, Camilo Torres, que depois se tornou um guerrilheiro e hoje em dia é um dos heróis populares, não só da Colômbia, mas da América Latina. Então vejam só como as histórias se encontram. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Para recobrar esses percursos históricos Brandão faz uma digressão em sua própria

história pessoal, resgatando assim momentos e movimentos caleidoscópios desde a sua infância na década de 1950, ainda destaca que, mas ali já começavam aparecer os fundamentos e as preparações do que viria a ser a Educação Popular no Brasil e por conseguinte o MEB.

Eu era um menino no Rio de Janeiro, tinha dez anos de idade, já o Osmar tinha um pouco mais. Começou a aparecer algo muito curioso e que não vemos nos livros de história da educação e que, no entanto, é muito marcante, sobretudo quando pensamos na Educação Popular. Começou a aparecer coisas que não eram filosofias da educação, que não eram sociologias da educação, algo que não cabe nesses quadros e que eu gosto de chamar de vocações da educação. São momentos em que uma área da educação, não que ela se especialize como, por exemplo, educação para cegos, educação para surdos e mudos — minha filha, no Rio de Janeiro, mora, inclusive no edifício ao lado do instituto de surdos e mudos, onde há vários professores especializados na educação de surdos e mudos —, pois essas são especializações da educação. Mas, de repente, vejamos, no pós-guerra — quando vocês não tinham nascido, isto é, tudo o que vem de 1945 para cá —, começa a rolar uma série de acontecimentos que irão preparar a educação popular, inclusive em termos de igreja católica, que também irão preparar o MEB. Não fui testemunha disso porque naquele tempo eu tinha 10, 11, 12 anos, e a minha preocupação era ir para o Arpoador tomar jacaré nas ondas e mergulhar lá de cima daquelas pedras, até hoje conheço cada cantinho do Arpoador. Mas logo depois eu vim me inteirar de tudo isso. Eu chamo de vocações da educação, por exemplo, no pós-guerra houve uma lembrança importante para chegarmos em Paulo Freire e depois no MEB. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Ainda nessa caracterização histórica, Brandão puxa nos fios de sua memória contribuições que a recém fundada Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹³⁵ faz ao jovem professor brasileiro Paulo Freire, vislumbrando assim momentos pré - Paulo Freire, pois neste contexto ele ainda não era tão conhecido no mundo da Educação, pré - Educação Popular, pois ela ainda não havia nascido, mas já estava sendo gestada nos MCPs do nordeste e pré - MEB que também já começava a germinar.

A UNESCO perguntou a Paulo Freire: “A paz é aprendível?”. E se a paz é aprendível, seria a escola o lugar de ensino da paz? — a grande preocupação com a paz universal depois da devastadora guerra. E Paulo Freire responde com dois “sim”: a paz se aprende, e a paz se aprende, principalmente, na escola. Tem até um momento em que, antecipando a Paulo Freire, ele diz: “mas não se aprende escrevendo no quadro negro a Declaração dos Direitos Humanos e obrigando meninas e meninos a decorarem; se

¹³⁵ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades. É a agência das Nações Unidas que atua nas seguintes áreas de mandato: Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação. Para isso desenvolve projetos de cooperação técnica em parceria com o governo – União, estados e municípios –, a sociedade civil e a iniciativa privada, além de auxiliar na formulação de políticas públicas que estejam em sintonia com as metas acordadas entre os Estados membros da Organização. No setor de Educação, a principal diretriz da UNESCO é auxiliar os países membros a atingir as metas de Educação para todos, promovendo o acesso e a qualidade da educação em todos os níveis e modalidades, incluindo a educação de jovens e adultos. Para isso, a Organização desenvolve ações direcionadas ao fortalecimento das capacidades nacionais, além de prover acompanhamento técnico e apoio à implementação de políticas nacionais de educação, tendo sempre como foco a relevância da educação como valor estratégico para o desenvolvimento social e econômico dos países. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco>. Acesso em: 23 de março de 2022.

aprende criando, na escola, com textos de paz, de acolhida do outro”. Então, vejam, a todo momento, pré-Paulo Freire, pré-Educação Popular, pré-MEB, vem a nós, principalmente da Europa e dos Estados Unidos (...) nesse pós-guerra, estou ainda nos anos 50, Paulo Freire trabalha no SESI durante 9 anos, ele que abandona, com poucos meses, uma carreira de advogado. E tinha como grande paixão da vida dele — ele depois não vai lembrar muito disso, a não ser em algumas passagens — não propriamente a educação, mas a gramática da língua portuguesa, tanto é que é por onde ele começa a sua vida de professor. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

É muito interessante o destacamento dessa fonte em Brandão, pois vejam, os Educadores Populares entrevistados desta pesquisa, sempre revisitam o pensamento de Paulo Freire, desde as suas bases que antecedem o que veio a se tornar na década de 1960 como Educação Popular. A UNESCO então continua seus avanços educacionais, e lança então um projeto de educação para adultos, pois naquela época grande parte da população mundial encontrava-se em situação de analfabetismo. Vejamos o que Brandão fala sobre isso.

E a UNESCO, ao mesmo tempo, está lançando algo que será muito importante para a educação popular: o projeto universal de educação de adultos com foco na alfabetização. O mundo ainda tinha mais da metade da sua população mundial de analfabetos. E então a UNESCO se encarrega de projetos de alfabetização de adultos. Foi inclusive o que me levou, junto com Maria Alice, nós dois recém-casados a um mês, ao CREFAL (Centro Regional de Educação de Adultos) da UNESCO, sediado no México. Havia um na Ásia para asiáticos; e um no México, para latino-americanos. E lá estávamos nós, sessenta e seis jovens de todos os países da América Latina, durante quase um ano. A educação, naquele tempo, era chamada de “para adultos” e não jovens, pois ainda não havia EJA. E a UNESCO vai lançar (...) inclusive está no Brasil Pierre Furter, um suíço, filósofo e educador, que dialogou muito com Paulo Freire, estava muito em Pernambuco, eu o conheci, fui amigo dele (...) A UNESCO lança o que vou chamar de vocação da educação, porque veja, educação de jovens e adultos é uma especialização da educação. Mas a UNESCO lança uma coisa estranha chamada “educação permanente”. Nunca tinha ouvido falar disso antes. E o projeto da UNESCO era: a educação não deve ser uma coisa que acompanha o ser humano durante alguns anos e é destinada apenas a prepará-lo apenas para o mundo do trabalho. Nesse mundo moderno, já é mil novecentos e cinquenta e pouco. Nós estamos aí em 1948, 1949, 1950. Num mundo que se transforma cada vez mais depressa, a educação deveria acompanhar permanentemente as pessoas. Então, a proposta da educação de adultos é meio que um remendo, é mais ou menos como um supletivo aqui no Brasil, que serve para corrigir a injustiça de quem não pode estudar na idade devida. Mas a UNESCO ia mais além. O projeto de educação permanente que, modernamente, a UNESCO segue tocando na tecla, agora tem sido chamado de: educação ao longo de toda a vida. Lembro-me até que estive num grande encontro em Brasília com Gadotti e o tema era esse no MEC (Ministério da Educação). Então, esse é o ambiente que irá gerar, em grande medida, Paulo Freire. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Para chegarmos até o MEB, Brandão sempre realiza reconversões dialógicas que recobrem diferentes autores do campo da educação, ele pontua sobre um Psicólogo e Educador Humanista Americano chamado Carl Rogers, que muito antes de Freire cria uma espécie de ensino centrado no aluno, o que ele também denomina de ensino ou análise centrada na pessoa, que era trabalhada por meio de dinâmicas de grupos, que é algo também que Brandão (2021) chegou a se especializar na década de 1960. Carlos Brandão participa como espectador desses

momentos e sempre espelhado em Freire e em mais tarde em Rogers, pois irá formar-se então em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica - PUC do Rio de Janeiro.

Da Europa e dos Estados Unidos estão chegando não só via UNESCO, mas via educadores e educadoras como Maria Montessori e outras pessoas, e um injustamente esquecido, o psicólogo e educador Carl Rogers, que, muito antes de Paulo Freire, cria o ensino centrado no aluno. O Rogers nunca leu Paulo Freire e nem o Paulo Freire leu o Rogers, e os dois saíram perdendo muito. É muito interessante conhecer esses trabalhos do Rogers. É preciso lembrar, inclusive (e aqui vou falar porque me especializei nisso e até me esqueço, dentro da psicologia, eu sou especialista em dinâmica de grupos), que se trata de um tempo em que nomes vindos dos Estados Unidos e da Europa, principalmente Carl Rogers, e outros vários incentivadores, explode aqui na América Latina em dinâmicas de grupos, no serviço social, na igreja, na educação, na pedagogia, na universidade (...) O MEB vai se tornar, inclusive, o grande difusor de experiências de reuniões e de trabalhos através de dinâmica de grupos. Aquilo não é só círculo de cultura, eu tenho até trabalho sobre isso, havia uma pluralidade de métodos. Eu me lembro dos treinamentos do MEB, eram todos eles em torno de experiências de dinâmicas de grupos. Eu me especializei numa coisa que é até americana chamada Sensitivity Training (treinamento da sensibilidade). Então, lembro-me de um momento, justamente um que vai anteceder de imediato Paulo Freire, e que há toda uma sacudida no campo da educação. De um lado, as experiências que deslocam a Pedagogia de uma ciência do ensino para uma partilha do aprendizado. Daí é que se entende a roda da experiência de Maria Montessori, que antecede os círculos de cultura de Paulo Freire, é o ensino centrado no aluno, no diálogo, a escola alegre e não mais repressiva — que inclusive eu conheci, eu sou desse tempo e era um péssimo aluno. Mas uma escola de construção de conhecimento que vai anteceder tudo o que vai vir depois. Eu não sei se chamaria isso de via direita, mas digamos, via um humanismo que vai envolver o Roger, a Montessori, outros educadores, o Neill mais tarde, mas que não acrescentam a isso o que será a marca em Paulo Freire, no MEB, nos movimentos de cultura popular, que digamos que é algo que vem mais da esquerda. E justamente Paulo Freire é o encontro, eu diria assim, do Carl Rogers com o Che Guevara. E por que? Porque justamente um pouco mais tarde, em 1957 ou 1958, nos levantes populares, antes ainda ou depois, a libertação das colônias africanas terá uma importância enorme na vida de Paulo Freire. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

A respeito desses fatos históricos que antecedem o MEB, dos quais Brandão (2021), chamou de pré - MEB, Osmar Fávero em entrevista pode contribuir com suas memórias, com alguns antecedentes históricos até chegar na criação do que seria o Movimento de Educação de Base no Brasil – MEB. Vejamos essas memórias.

Tinha havido dos anos 40 até os anos 50, movimentos muito grandes, muito fortes de alfabetização e de criação de escolas de emergência pelo Ministério da Educação, na campanha nacional de alfabetização. Paralelamente, também, houve um reforço dessa campanha pelo Ministério da Saúde. Naquele tempo era Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, mas se alinhou ao Ministério da Agricultura, naquela história de assistencialismo rural, do cooperativismo. Isso foi muito forte até o governo Juscelino. O governo Juscelino colocou um pouco de água nesse feijão e a coisa foi ralentando. Havia, também, já no final dos anos 50, a criação do Sirena (Sistema Rádio Educativo Nacional), que acabou funcionando muito, com uma proposta do MEC, com gravação de aulas aqui no RJ e broadcasting da Rádio Nacional, onde passavam as novelas que eram muito mais importantes que as da Globo de hoje). A emissora fundamental era a Rádio Cultura, do MEC, mas, para os estados, funcionou muito com algumas emissoras católicas. Particularmente, no Nordeste. Os bispos, no início, queriam mais emissoras, pois estavam com medo do comunismo no campo. E quando esse projeto maior de alfabetização, do Ministério da Educação, fracassou, eles praticamente retomaram essa ideia, de uma grande

campanha de alfabetização através do rádio, pelas escolas radiofônicas, montadas a partir das dioceses das paróquias. (FÁVERO, Entrevista, 2021)

Ainda sobre esse contexto de início do MEB, Osmar Fávero pondera que:

Esse foi o começo, o sonho do MEB foi esse, fazer 15 mil escolas, particularmente, no Nordeste — e depois isso foi ampliado para o Centro-Oeste e Norte. Não se conseguiu fazer 15 mil escolas, mas houve uma virada importante. No começo, ainda se usava o material impresso da Campanha Nacional de Alfabetização do MEC, a cartilhazinha “Ler”, o caderno de aritmética e a cartilha de pós-alfabetizados “Saber”. Não era um material mal feito, era um material reacionário!!!. E ainda usava muito o método tradicional de partir das letras e vogais para formar palavras e depois formar frases. Era inovador naquele período, mas, bastante conservador. Eu gosto de falar que a cartilha de leitura “Saber”, que era para alfabetizados, tinha uma lição exemplar. Falava sobre não beber, então, a bebida era algo que deixava o homem ruim como um porco, estúpido como um carneiro, etc. E tinha uma folha que era a síntese da lição: primeiro: “quem bebe, fica doente”, segundo: “vai preso”, terceiro: “vai morto”. Eu mostrava essas cartilhas pro pessoal e dizia: “olha, já estou morto há muitos anos, pelo que já bebi!”. (FÁVERO, Entrevista, 2021)

Neste momento histórico final da 1950 e início de 1960, Brandão e os outros personagens de nossas entrevistas entram em contato com um importante filósofo cristão, que vai mudar completamente suas concepções de educação e política social, este filósofo era Padre Henrique de Lima Vaz, ou como era conhecido pelos seus leitores como “Padre Vaz”, Brandão (2021) ainda destaca que naquele tempo Padre Vaz era muito mais importante teoricamente do que o próprio Paulo Freire, vejamos na íntegra esse seu apontamento.

Nós éramos todos leitores frequentes do Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, que seria o nosso mentor. Gravem esse nome é fundamental para nós, inclusive para os cristãos, acho que o Osmar vai falar disso. O Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz é muito mais importante do que Paulo Freire. Nós, teoricamente, éramos leitores do Padre Vaz, para pensar numa dimensão político-humanista mais ampla; e, pedagogicamente, éramos leitores de Paulo Freire. Mas a cobertura mais teórica, da ideia de consciência e conscientização, vinha muito mais via França, através do Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, do que através do Paulo Freire. Então eu diria que, para nós, cristãos, Emmanuel Mounier, e aqui no Brasil, Padre Henrique de Lima Vaz, eram os nossos pensadores. O Vaz foi, inclusive, um assessor do MEB e da Juventude Universitária Católica (JUC), e, por outro lado, o Paulo Freire era nosso pedagogo. Aliás, eu costumava dizer que o Paulo Freire escrevia, mas quem praticava era o MEB, que tinha uma quantidade enorme de escolas radiofônicas. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Chega então à década de 1960, e com ela uma explosão de movimentos sociais no Brasil, neste período Brandão teve uma linda memória sobre Paulo Freire e seus primeiros escritos sobre o que seria adiante a Educação Popular.

Então, justamente, chega 1960, e exatamente nesse ano, é o ano em que Paulo Freire sai do SESI e ingressa no SEC (Serviço de Extensão Cultural), que era uma coisa absolutamente nova. Uma inovação dele, ele é a primeira equipe dele (Jomard Muniz de Britto, Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel e ele, Paulo Freire) criam esse serviço em 1960. Inclusive, os quatro escrevem os primeiros escritos de Paulo Freire; muita gente vai rastrear na “Educação como Prática da Liberdade”, mas não é o primeiro. O primeiro escrito de Paulo Freire está nesse conjunto, que depois o Osmar Fávero colocou neste livro essencial, “Cultura Popular-Educação Popular - Memória dos

Anos 60”, um capítulo justamente dedicado à equipe de Paulo Freire. Então, é preciso sempre entender isso: entre os anos 50 e 60, vindo, digamos, da direita para a esquerda (mas isso estou falando metaforicamente), todo esse movimento de abertura, de diálogo, de aulas sentados no chão, de criatividade, de alguma coisa que ativa e atualiza os ideários da escola nova, do escolanovismo aqui no Brasil. Vinha uma grande influência, inclusive, de Dewey, mas nós vamos tratar de dar uma versão mais à esquerda. E vindo do lado de cá, justamente com esses autores... inclusive, naquele tempo, nós não tínhamos muitos pedagogos em que nos basear. É interessante. Nós líamos, Gramsci, Marta Harnecker, Mao Tsé-Tung, líamos mais políticos. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Nesses entremeios da história e das memórias, o MEB começa a desenvolver inicialmente suas atividades pedagógicas de alfabetização em 1961, onde já começa a lapidar suas concepções de educação “de base” o que Osmar Fávero (2021), chama de virada do MEB. Desta virada em um futuro não tão distante aconteceria a publicação de documentos fundantes do MEB em um livro de Osmar Fávero. Vejamos a narrativa do Professor Osmar Fávero na íntegra.

A virada no MEB, quando o MEB começa a ser MEB é no final do [---] no primeiro ano de funcionamento, quando começa, em 1961, ou no segundo ano, se quiserem, no final de 1962 se faz uma enorme e esplêndida reunião em Olinda, com todos os coordenadores presentes, e, por conta da intervenção de Luiz Eduardo W. Wanderley, Luiz Alberto Gomes de Souza e tal, praticamente se introduz o ideário da Ação Popular dentro do MEB, e isso modifica todo o modo de se trabalhar. [...] Daí é que vem a ideia de se fazer a cartilha “Viver é Lutar”, com a ideia de trabalhar com sindicalismo rural. A igreja estava se abrindo para confrontar a criação de sindicatos rurais criados pelo partido comunista e grupos mais à esquerda, com os sindicatos ditos católicos, mas que acaba ficando tudo num bojo de sindicatos de linha socialista mais forte. Esse é mais ou menos o começo do MEB. (FÁVERO, Entrevista, 2021)

Vale apresentar ao leitor esse importante livro organizado por Osmar Fávero, mas que também foi coordenado por Carlos Rodrigues Brandão, e teve sua primeira edição em agosto de 1983, “Cultura Popular - Educação Popular - Memória dos Anos 60” e citado por Brandão (2021) com os primeiros escritos de Paulo Freire e do MEB, com temas variados contidos na grande área pedagógica da Educação Popular.

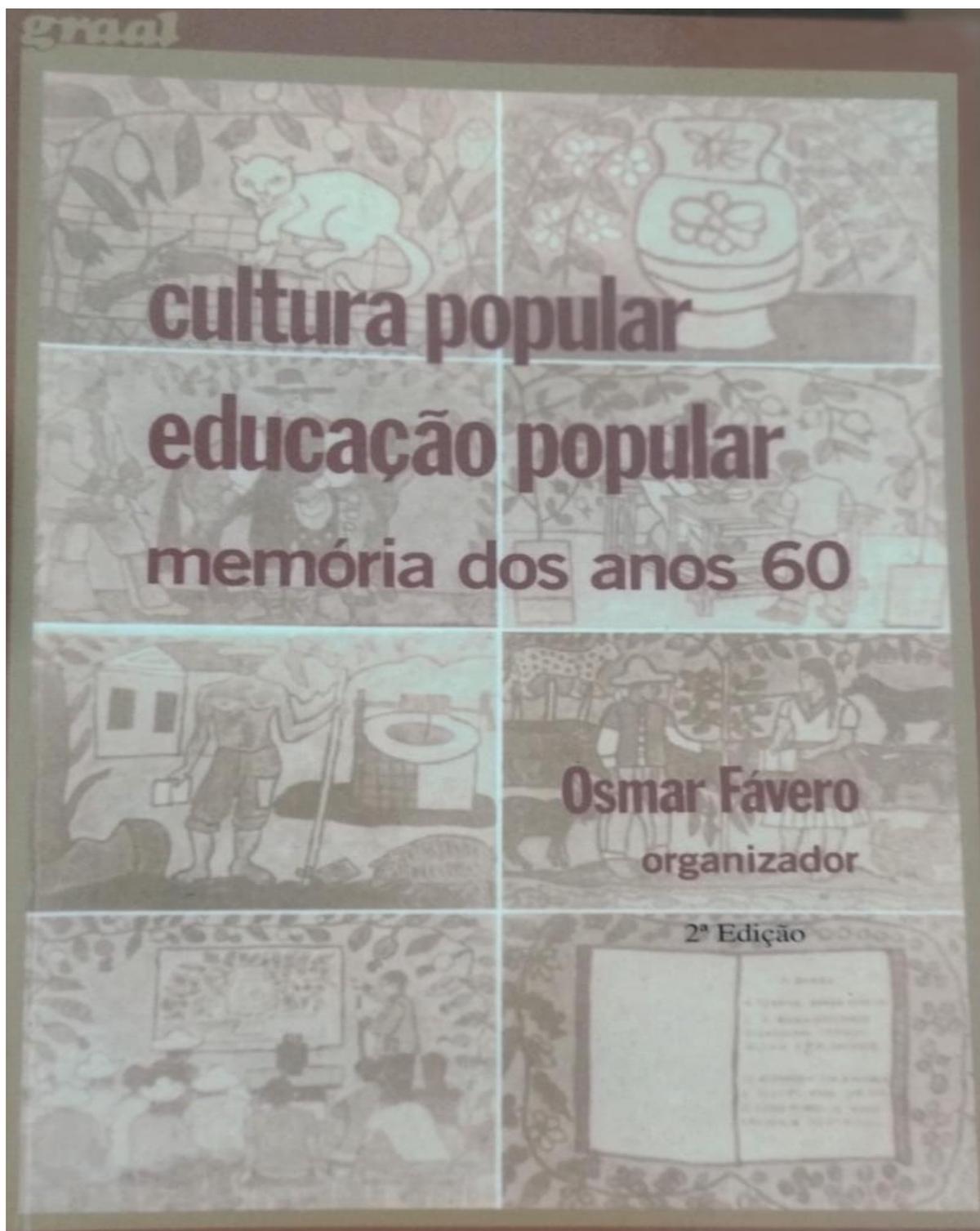


Imagem 35: Fonte – Do pesquisador cedido por Osmar Fávero

Neste período da década de 1960, muitas frentes estudantis emergem ancorando-se em Paulo Freire e em outros movimentos sociais já existentes na época, como a União Nacional dos Estudantes – UNE, a Ação Católica – AC, e o Partido do PCBão, Carlos Brandão vivenciando todos esses períodos recobra as duas linhas de forças desses movimentos emergentes no Brasil.

[...] Naquele tempo havia essas duas grandes linhas de força: de um lado a Ação Católica, que era os católicos de esquerda, juventude agrária católica, estudantil católica, independente, operária, universitária; e do outro lado o PCBão, partido comunista brasileiro. Depois vai haver uma cisão e vai aparecer o PCdoB. Inclusive o Aldo Arantes, que era da JUC, meu companheiro da JUC, e que depois se tornaria presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes). Nós tínhamos uma frente única entre a JUC e o partido comunista. Inclusive dividíamos, às vezes, os postos. E mais tarde, através da Ação Popular, que é o braço político da JUC, se filiaram ao PCdoB. Ele tem, inclusive, um livro, que eu recomendo “Da JUC ao PCdoB”. E Paulo Freire está no meio disso aí. Então, eu costumo dizer, que a riqueza do que veio a ser a educação popular é que ela sempre foi uma espécie de terra de ninguém, para ser de todos. Por exemplo, em Cuba, tinha-se, entre companheiros marxistas, uma educação marxista. Inclusive uma educação leninista, que depois veio a ser até esquecida (ainda bem!). E não vamos nos esquecer de que os grandes educadores mais libertários da Rússia comunista foram esmagados pelo regime do Stalin, que implantou — inclusive oficialmente —, uma anti-pedagogia. Enquanto Pistrak e Makarenko, entre outros, tinham sonhado com a educação da construção do homem novo. Mas é interessante que esses homens não nos influenciam. Paulo Freire nunca citou nenhum deles, que eu saiba. [...] Costumo sempre fazer esse paralelo: educação popular é como uma praça mineira que você pode chegar nela vindo de várias ruas, e também pode chegar por uma rua e sair por outra, uma espécie de praça aberta aos quatro pontos cardeais. Educação popular é essa praça aberta; ela acolhe marxistas (naquele tempo havia marxistas leninistas, maoístas e trotskistas), ela acolhe militantes cristãos (da JUC e depois do MEB), e ela acolhe o que eu vou chamar de humanistas laicos (que não são nem politicamente marxistas, nem confessionalmente cristãos), o exato caso de Paulo Freire. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Com as propostas advindas da UNESCO sobre a alfabetização de adultos, naquele momento da década de 1960, o que ela por meio de sua metodologia chama de “educação permanente”, o MEB adiante iria pegar essa perspectiva de Educação, mas não a chamaria de Educação permanente mas sim de “Educação de Base”, pois o MEB em 1961, interpretava que Educação Permanente tinha um olhar mais Europeu de educação, e o que eles vivenciavam no Brasil naquela época era uma espécie de falta de alfabetização generalizada na população e por isso deveriam voltar a educar pela base, assim surge o “de base”, mas o “de base”, vai mais além disso, ele têm uma conotação sócio-material ampla, onde contempla também que “de base”, seria o ser humano ter condições materiais e sociais de viver com dignidades no meio em que habita, além disso ter a consciência de poder transformar a sua realidade social a partir de suas escolhas político-sociais de forma independente e também coletiva. Brandão e Osmar Fávero apresentam muito bem essas memórias as quais veremos adiante.

[...] é interessante que durante quase todo o correr dos anos 60, não existia a expressão “educação popular”. Existia “educação permanente”, com a proposta da UNESCO. O MEB, inteligentemente — vai adotar a expressão “educação de base”, porque não podia usar “educação popular”, aliás, não era vigente entre nós. E o MEB também não queria usar “educação permanente” porque tinha um odor da Europa, primeiro mundo. E então fala de “educação de base”. [...] Essa ideia de educação de base é acolhida e aceita pelos bispos. Não vamos esquecer de que o MEB é uma instituição da conferência nacional dos bispos do Brasil (CNBB), e nele havia um conselho diretor, que era formado só de bispos. Ele é uma criação de Dom Helder Câmara “à distância”, ele nunca foi do conselho. Dom Helder, que conheci de passagem, uma figura carismática e única. E, segundo Osmar, não sei se antes do Golpe — acho que sim —

, ou logo depois do Golpe Militar, por volta de 1963, 1964, quando estou entrando no MEB, por influência, inclusive, do Padre Vaz e do Raul Landim (que é discípulo do Padre Vaz, o filósofo do MEB), ele vai tomar essa ideia de “de base” (que tem uma versão mais UNESCO, mais aliança para o progresso) e vai aproximá-la mais de Paulo Freire. É uma virada sutil, mas importante. E por quê? Porque na sua origem, inclusive no seu documento de base, é dito que o “de base” é o básico para que o homem possa viver uma vida digna. Então, estava ligado aquilo que a ONU trabalhava em termos de desenvolvimento de comunidade, por exemplo: qualidade de educação, de saúde, habitação, recreação, comunicação, etc. [...] E o MEB vai pegar esse “de base”, com essa visão, digamos assim, mais sócio-material, e vai dizer, não, “de base” é tudo aquilo que o homem precisa conhecer para viver uma vida de dignidade, inclusive em termos de transformação do mundo em que ele vive. Se não for o mundo, que permita, como em Paulo Freire, a realização plena do humano. E aí o Osmar teria muito mais a dizer. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Ainda sobre a Educação de Base trabalhada pelo MEB, Osmar Fávero acrescenta a fala de Brandão pontuando que:

O início, em 1961, com uma campanha de escolas de alfabetização radiofônicas, usando o conceito da educação de base da UNESCO — um conceito que foi completamente redefinido no final de 1962. Continua mantendo o nome “educação de base”, mas com outro conteúdo, já bastante diferente. Eu escrevi essa história, acho que bem escrita, na minha tese de doutorado que foi publicada em livro. O Carlos não deve saber muito dessa história porque ele chega depois dessa virada. (FÁVERO, Entrevista, 2021)

Com essa concepção estabelecida de uma educação de base, o MEB surge no cenário Nacional, apadrinhado pela CNBB, para alfabetizar jovens e adultos por todo o Brasil através de escolas radiofônicas¹³⁶, para o tamanho desse feito, Carlos Brandão (2021), apresenta ao leitor que o MEB foi a maior experiência de transdisciplinaridade em processos de alfabetização por todo o Brasil, e que nunca se tinha visto tamanha competência até os dias de hoje.

O MEB é criado para alfabetizar jovens e adultos naquilo que se chamava de “Brasil subdesenvolvido”. Então pegava Minas Gerais, o Nordeste inteiro (onde inclusive ele era mais forte, sobretudo Pernambuco), uma pequena faixa da Amazônia e o Centro-Oeste inteiro, Brasília não, mas sim Goiás e Mato-Grosso. E a destinação do MEB é a educação de base, mas principalmente através de alfabetização por meio de escolas

¹³⁶ Em um artigo recente publicado no ano de 2020 pelos professores (as) Clarice Wilken; Leôncio Soares e Fernanda Aparecida, trazendo importantes dados sobre a sistematização das atividades desenvolvidas pelo MEB em seus primeiros anos de funcionamento, do qual eles destacam através das pesquisas de Paulo Rosas (1986) que o MEB acumulou mais de: 201 escolas, com 626 turmas; 19.646 alunos, entre crianças, adolescentes e adultos; uma rede de escolas radiofônicas; um centro de artes plásticas e artesanato, com cursos de tapeçaria, tecelagem, cerâmica, cestaria, cartongem, fantoches, pintura, desenho, estamparia, modelagem, gravura e escultura (destinado principalmente a especializar o professorado do próprio MCP), 452 professoras e 174 monitores, ministrando o ensino correspondente ao primeiro grau, supletivo, educação de base e educação artística; uma escola para motoristas-mecânicos; cinco praças de cultura; as praças em tela levavam ao povo local biblioteca, teatro, cinema, tele-clubes, música, orientação pedagógica, jogos infantis, educação física; Centro de Cultura Dona Olegarilha, no Poço da Panela, em colaboração com a Paróquia de Casa Forte, com tele-clubes, cursos de corte e costura, alfabetização e educação de base; círculos de cultura; galeria de arte; conjunto teatral, tendo encenado as seguintes peças: ‘Chapeuzinho Vermelho’, de Paulo Magalhães; ‘Um menino nos foi dado’, de Dom Marcos Barbosa; ‘A derradeira ceia’, de Luiz Marinho; ‘Julgamento em Novo Sol’, de Nelson Xavier, Boal, Trevisan, Caruso e Benedito Araújo; e a ‘Volta do Camaleão Alface’, de Maria Clara Machado. (PINHO, Clarice Wilken de; SOARES, Leôncio; SILVA, Fernanda Aparecida Rodrigues. (2020, p. 413, apud Rosas, 1986, p. 30-31)

radiofônicas. O MEB, na equipe nacional. [...] Hoje em dia a gente fala tanto em transdisciplinaridade e o MEB praticava isso em 1960. O MEB tinha o Osmar Fávero (matemático), a Vera Jaccoud (farmacêutica), esses dois eram os coordenadores. Depois tinha o Raul Landim (filósofo), Luiz Eduardo W. Wanderley (sociólogo), Aldair Brasil (assistente social), Luiz Augusto (cientista político, depois virou um professor conhecido na USP), uma psicóloga, mulher do Raul Landim, e só uma pedagoga, a Maria de Lourders Fávero, mulher do Osmar. E um antropólogo, que não sou eu, o Wilson Hargreaves. Depois entra eu para trabalhar com o Aldair Brasil no setor de animação popular. Vejam vocês que nome, “animação popular”. Então, o movimento destinado a alfabetizar adultos através de escolas radiofônicas que tinha uma equipe de dez profissionais de várias áreas e só uma pedagoga. Quando me perguntam “Brandão, o que é a transdisciplinaridade?”. Eu digo: “é o que o MEB fez em 1960”. E que eu nunca mais vi se repetir. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Ainda dentro deste contexto da constituição do MEB em parceria com a CNBB e o Governo João Goulart, Brandão (2021) acrescenta que:

O MEB é um movimento criado entre a Conferência Nacional dos Direitos Humanos no Brasil e o governo de João Goulart. Inclusive quem bancava era o governo. Era para alfabetizar adultos — naquele tempo não se falava em jovens —, no Brasil subdesenvolvido. Só que, o MEB, com essa equipe plurivalente, e associado aos movimentos de cultura popular (...) não para os bispos, porque, é preciso lembrar que tínhamos uma dupla conversa: uma entre nós, a portas fechadas, coordenadas, em geral, pelo Osmar; e outra, via Marina Bandeira, que era secretária geral do MEB, mas estava acima de nós e não fazia parte da equipe, com os bispos. Inclusive havia todo um trabalho da Vera Jaccoud com o Osmar Fávero, junto à Marina Bandeira, para estudar com ela o que ela levaria para a reunião com os bispos, porque não se podia tudo aquilo que a gente estava fazendo, inclusive essa virada na ideia de educação de base. Então é preciso entender o MEB dessa maneira. Ele não é um movimento de pedagogos, da Pedagogia, como por exemplo, talvez, o MOBREAL venha a ser mais tarde. Ele era um pluri movimento com várias pessoas especializadas, vinculado aos movimentos de cultura popular, tanto é que, embora era destinado apenas à alfabetização por escolas radiofônicas, o MEB-Maranhão desenvolve um programa chamado Caravana de Cultura, totalmente ligado aos movimentos de cultura popular (que eram encontros entre camponeses, inclusive de movimentos rurais, sindicais, ligas camponesas com o pessoal do MEB). (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

É recorrente nas memórias de Carlos Brandão suas atividades desenvolvidas no MEB Goiás do qual fez parte como formador e Educador Popular na década de 1960, juntamente com sua esposa Maria Alice, que na época era a atual coordenadora do MEB Goiás. Brandão (2021) entre os relampejos de suas memórias conta passagens importantes vivenciadas nesse período. Vejamos essas narrativas.

O MEB-Goiás, coordenado pela Maria Alice, vai desenvolver uma proposta chamada “encontros com a comunidade”. Então, já é uma coisa completamente diferente da alfabetização. E em fins de semana a equipe do MEB se deslocava a uma comunidade rural e ali se tinha atividades culturais dos mais variados tipos, desde canções, cantigas, catiras, chegadas de Folias de Reis até pequenos cursos. Lembro-me da Aparecida Siqueira, sobre sindicalização rural, organização política da comunidade. Tudo isso feito, digamos, mais ou menos às escondidas das autoridades policiais, porque aí já era na ditadura. Inclusive um dos locais mais intensos nesse trabalho foi a famosa Fazenda Serrinha (ITAUCU-GO), onde estavam três irmãos militantes que depois até publicaram um livro. Vou mandar um artigo para vocês dos três irmãos camponeses, Oscavú, Parcival e José Moreira, e já velhinhos publicaram um livro. Dois deles já morreram. E, inclusive, logo depois do Golpe. [...] Esse Oscavú foi torturado e passou um longo período preso em Juiz de Fora. (BRANDÃO, Entrevista,

2021)

Em acesso a uma das fontes do Acervo “Centro Memória Viva – Goiás”, depositado na Universidade Federal de Goiás - UFG¹³⁷, produzido pela professora Maria Emília de Castro Rodrigues, a qual Carlos Brandão considera uma das pesquisadoras mais importantes sobre o MEB até hoje e que também é uma importante fonte para o desenvolvimento histórico e metodológico dessa pesquisa, tivemos o privilégio de encontrar fontes raras dos tempos da Ditadura Militar e da década de 1960, e além disso um relato da história sofrida por Oscavú, personagem amigo e parceiro de Carlos Brandão e Maria Alice no MEB Goiás, como o próprio Brandão cita em entrevista. Vejamos essa fonte sobre Oscavú.



Imagem 36: Fonte – Acervo “Centro Memória Viva – Goiás”

¹³⁷ Para mais detalhes sugiro remissão e acesso em: <https://memoria.cidarq.ufg.br/index.php/centro-mem-ria-viva>

Com os auspícios da ditadura militar, digamos que na porta dos MEBs pelo Brasil, Brandão destaca a importância dessas memórias as quais ele também chama de histórias do MEB, “Tem muitas pequenas histórias do MEB que deveriam ser lembradas. Às vezes é das pequenas histórias que tiramos as grandes lições.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021). Acreditamos que é por meio dessas histórias como aponta Brandão (2021) que realmente tiramos grandes lições, inclusive para que não se volte a repetir as tristezas e as injustiças políticas sociais enfrentadas por essa geração no tempo da Ditadura Militar no Brasil. Para poder burlar o ódio e a opressão disseminados pela sombra da ditadura, e continuar com as atividades de alfabetização foi preciso o MEB, desenvolver uma metodologia para apresentar de duas formas suas atividades desenvolvidas para as autoridades da época. Vejamos a narrativa de Brandão sobre isso.

Então havia, não só no MEB, acho que havia na CEPLAR na campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, nos movimentos do Nordeste, sobretudo no Recife e na Paraíba (onde era muito forte), eu diria que havia um trabalho de duas dimensões, de duas caras. Havia uma cara mais institucional, que era mostrada para o Governo, no caso do MEB, para a igreja, em que a gente estava cumprindo, digamos, o Estatuto. E havia uma cara mais nossa, mais política, que era a cara mais freireana, que era a cara mais abertamente voltada como apoio aos movimentos populares, aos sindicatos rurais que estavam sendo criados. Inclusive, no MEB, o Luiz Eduardo W. Wanderley (sociólogo), foi encarregado de fazer um trabalho de educação nos sindicatos rurais, principalmente no Nordeste. Então ele ia, oficialmente, para fazer supervisões de alfabetização, mas o trabalho, digamos que por baixo dos panos, era uma mobilização dos sindicatos rurais. Naquele tempo havia uma polarização entre sindicatos cristãos e sindicatos comunistas. E o que aconteceu? Os bispos ficaram sabendo, e vários bispos do Nordeste proibiram a entrada do Luiz Eduardo W. Wanderley, ele foi banido de vários lugares. Inclusive Luiz Eduardo W. Wanderley tem um livro importantíssimo sobre o MEB. O Osmar Fávero trata mais da questão pedagógica e o Luiz Eduardo mais dessa questão político-sindical. É isso aí, velhas histórias. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

“A Educação Popular sempre foi uma terra de ninguém, para ser de todos.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021). É com esse trecho que gostaríamos de revisitar trechos das memórias de Brandão e Osmar Fávero os quais trazem o destacamento da importância das mulheres Educadoras Populares do MEB e do Brasil. Sobre essa temática o qual é uma das características descobertas por esta pesquisa, conseguimos acesso a alguns documentos do tempo do MEB Goiás em que Maria Alice, esposa de Carlos Brandão era coordenadora do MEB, nas palavras de Brandão (2021), a equipe do MEB Goiás foi a mais feminina de todos os MEBs no Brasil. Vejamos essas memórias e seus documentos.

A Maria Alice era coordenadora do MEB-Goiás, e que fantástica coordenadora, aliás, eram quase todas elas mulheres. Acho que tinha umas dez mulheres e um homem. Inclusive algumas geniais como Alda Maria Borges Cunha, Aparecida Ferreira (que morreu exilada, na África). (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Nos diálogos estabelecidos nos processos da entrevista com Carlos Brandão, a

professora Nima Spigolon orientadora dessa pesquisa, e a quem carinhosamente dedico esta Dissertação, fica atravessa com as memórias de Brandão sobre Maria Alice e de tantas outras mulheres que tiveram papéis importantíssimos para a história da Educação Popular Brasileira e Latino Americana, sejam nos MEBs ou nos mais diferentes campos de atuação políticos pedagógicos possíveis, como foi o caso de Elza Freire, mulher e mãe dos cinco filhos de Paulo Freire. Vejamos esses atravessamentos.

[...]porque elas trazem uma outra dimensão, que é menos pedagoga, porém, com um conteúdo educacional muito forte, isto é, didático, metodológico, que não precisa necessariamente ser vinculado ao campo da Pedagogia, mas que é importantíssimo para que tenhamos condições exequíveis de qualquer projeto. Então é essa dimensão afetiva, participativa das mulheres, não à frente, mas ao lado do MEB. (SPIGOLON, Entrevista, 2021)

E sim, é por meio dessa dimensão afetiva como pontuado pela professora Nima Spigolon, que o MEBs e tantos outros campos de alfabetização e linhas de frente da Educação Popular conseguiram se manter ativos por tantos anos. Os documentos a seguir mostram muito bem essa afirmação ao mostrar a equipe feminina do MEB Goiás.



Imagem 37: Fonte – Acervo “Centro Memória Viva – Goiás”

No documento apresentado estão a equipe das jovens professoras supervisoras das escolas radiofônicas do MEB. Da esquerda para a direita estão: Irene Soares Machado, Gaudência Portela Leal, Emília Gomes de Carvalho, Maria Alice Martins, Maria Helena de Souza, Aparecida Siqueira, Darci Chaves e Isabel Ramos Jubé (Isa). Maria Alice além de coordenar o MEB Goiás, também ajudava na confecção de material poético, musical e político-pedagógico que seriam fornecidos aos monitores e posteriormente aos alunos. Neste próximo documento será apresentado um poema de Maria Alice e Zé Coelho, que depois virou música no projeto de resgate das memórias das mulheres do MEB Goiás chamado “Projeto Cantos da Resistência – pela preservação da memória, contra o Esquecimento¹³⁸”.

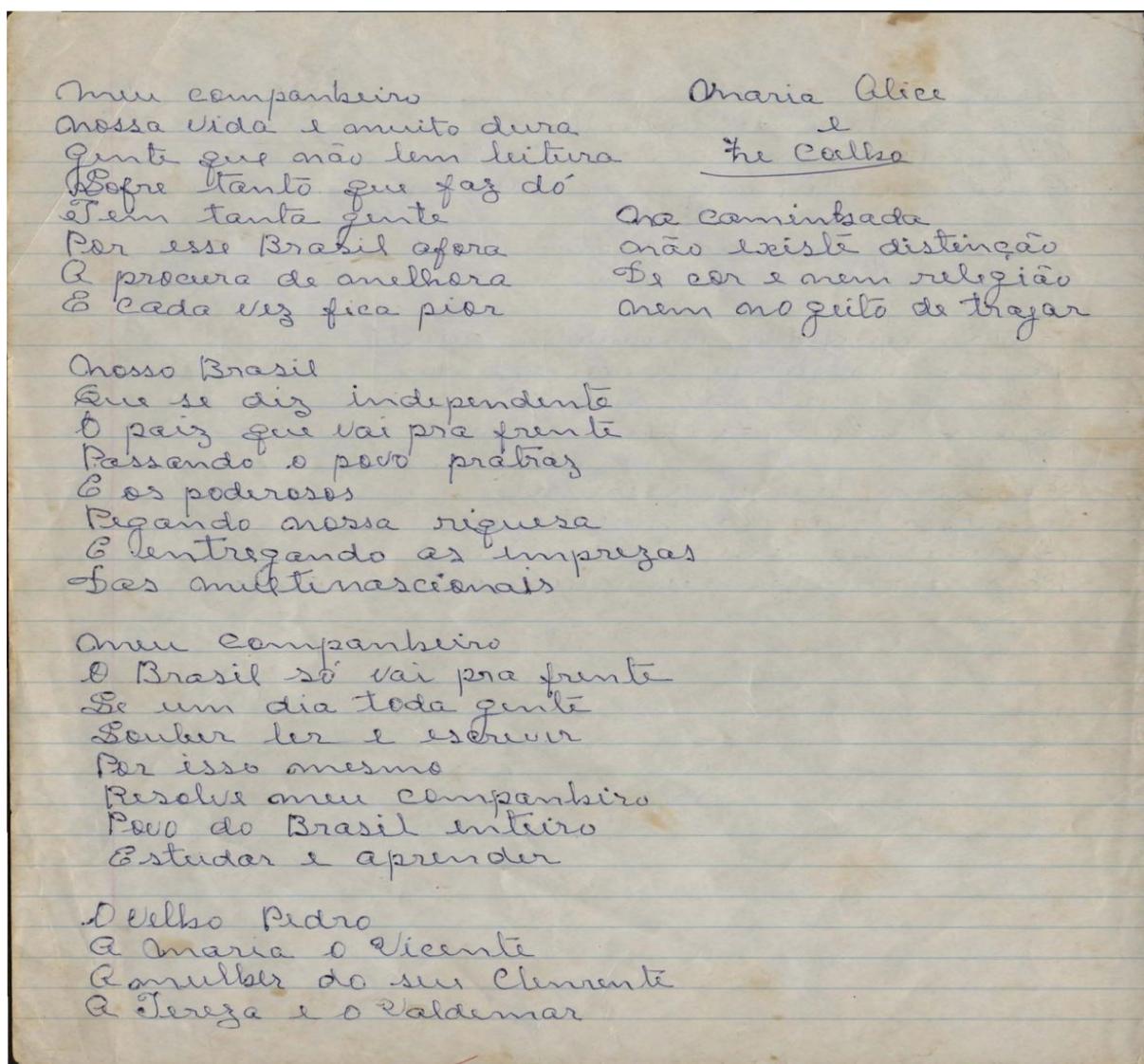


Imagem 38: Fonte – Acervo “Centro Memória Viva – Goiás”

¹³⁸ Para mais detalhes do projeto sugiro remissão a: <https://www.grabois.org.br/cdm/noticias/135238/2015-11-03/cantos-da-resistencia-pela-preservacao-da-memoria-contr-o-esquecimento>

Carlos Brandão ao recobrar suas memórias diz que “Que na educação popular os homens pensaram a educação e as mulheres praticaram a Pedagogia.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021), penso que ambos “homem e mulher” tenham suas contribuições tanto para pensar a educação quanto para praticá-la. Adiante Brandão contextualiza melhor essa sua reflexão.

Quando se busca os primeiros nomes, eles são muito masculinos, inclusive no MEB e no movimento de cultura popular. É interessante ver como que, por exemplo, nos movimentos de cultura popular, se pegarmos a totalidade, todos os nomes proeminentes são de homens: Paulo Freire, Jomard Muniz de Britto, o filósofo de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, do Rio Grande do Sul, Augusto Boal, Thiago de Mello. E quando logo a seguir vem toda uma música de protesto, é: Carlinhos Lyra, Geraldo Vandré, mais tarde Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, ou seja, uma pluralidade de homens. Artistas, cientistas sociais, e mesmo filósofos (principalmente filósofos), Padre Vaz de um lado, Ernani Maria Fiori do outro. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Pode-se perceber que naquele tempo, na década de 1960, havia nos movimentos sociais uma proeminência de pensadores masculinos, sobre esse contexto Brandão (2021) é enfático em dizer que, “[...] era um mundo muito patriarcal. Não chamaria de machista, mas muito patriarcal. Até mesmo no MEB, com Osmar Fávero e Vera Jaccoud, o coordenador mais pensador era o Osmar, se bem que a mais eficiente para gerir, era a Vera.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021).

Ainda sobre esse tema Brandão aponta que:

E depois essa equipe tinha na Naldair, a Lourdinha, na Regina (mulher do Raul Landim), as três mulheres, numa equipe de mais de dez pessoas, uma assistente social, uma pedagoga e uma psicóloga. E o restante eram homens, inclusive os mais proeminentes, aqueles que irão escrever documentos, como o Raul Landim, aqueles que irão fazer mais ações políticas, como o Luiz Eduardo W. Wanderley, e nosso grande mentor, o Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. Então, nos anos 60, eu diria que existia uma proeminência masculina muito forte. A Elza Freire, à sombra do Paulo Freire e depois a Aurenice Cardoso (da equipe também, à sombra dos homens), que escreve sobre o método Paulo Freire. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Podemos entender via a fala de Brandão que nos anos 60 no MEB Nacional, existia uma proeminência masculina muito forte, todavia quando se saía do MEB Nacional e adentrava-se o que Brandão (2021) chama de “Verdadeiro MEB”, existia nas equipes locais uma predominância feminina, como pode ser apresentado com a equipe do MEB Goiás.

Mas quando se toma o exemplo do MEB e sai da equipe nacional e percorre o verdadeiro MEB — porque o verdadeiro MEB não é a equipe nacional, ela é mais ou menos como uma reitoria numa universidade — isto é, as equipes locais, pelo contrário, elas são predominantemente femininas, o MEB-Goiás, MEB-Maranhão, MEB-Recife, MEB-Bahia, que inclusive são os mais estudados uma vez que é neles que se dá o trabalho concreto. [...] Então, no Rio de Janeiro, para pensar e coordenar o MEB, havia uma proeminência masculina, mas nos lugares onde o pensamento se tornava ação pedagógica e se realizava através de escolas radiofônicas e encontros de comunidades, havia uma absoluta proeminência feminina. No MEB-Goiás lembro-me de que havia um homem no meio de nove ou dez mulheres, Maria Alice, Aparecida, Iza, Nazira, Alda, que inclusive vão criar o “Benedito e Jovelina”, que eu chamo de Paulo Freire revisitado na versão feminina. O MEB-Bahia também era

predominantemente feminino, o MEB-Recife, que foi o mais forte do ponto de vista da política pedagógica, o MEB-Maranhão era só de mulheres. Então, eu acho que, não só no MEB, mas nesses movimentos todos, até por uma tradição do mundo universitário, do mundo do pensamento que vem do Brasil Colônia, os homens estavam sempre na sala e as mulheres na cozinha. Mas acontece que, enquanto os homens estavam na sala conversando, quem estava fazendo a comida — seja a comida física, seja a “comida pedagógica” —, eram as mulheres. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Esse trecho explanado por Brandão (2021) é muito importante pois na citação acima ele também mostra que não eram somente os homens que coordenavam o pensamento e as práticas pedagógica dos MEBs, mas sim muitas mulheres e em sua grande maioria, eram as líderes e produziam e trabalhavam em cima do material que produziam, vide exemplo do MEB-Goiás, MEB-Recife e do MEB-Bahia. Um dado importante encontrado nesta pesquisa, é o fato da saída de Paulo Freire do país devido à ditadura militar, e logo após isso as mulheres começam a aparecer na cena pedagógica do movimento de Educação Popular brasileiro, vejamos essa fala de Brandão na íntegra. “[...] é justamente uma virada que ocorre com a saída de Paulo Freire. Eu quase diria que foi preciso Paulo Freire ir para a Europa para que as mulheres aparecessem no palco. (BRANDÃO, Entrevista, 2021).

Então, se vocês pegarem livros da geração seguintes de mulheres, sobre saber popular, como por exemplo um livro organizado por uma educadora da Argentina —, vocês verão, na própria bibliografia, como é que as mulheres se tornam proeminentes. Só para dar um exemplo, uma socióloga, marxista, chilena, Marta Harnecker, será quase que a pensadora via marxismo da América Latina. E aí as mulheres explodem: Adriana Puiggrós, María Teresa Sirvent, Marcela Gajardo, meu deus do céu! E, há um dado fundamental, a partir desse momento, dessa segunda geração, já é uma geração completamente co-dividida, ou seja, não há só mulheres pedagogas, mas mulheres pensadoras da educação popular. Então há uma proeminência feminina muito grande. E com mais um detalhe: grande parte das iniciativas, e, inclusive, dos encontros Latino Americanos, como o famoso encontro de Punta de Tralca, no Chile, que foi um marco, foram organizados por mulheres, Marcela Gajardo e a equipe dela. Esse eu considero um dado fundamental. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

A partir da fala de Brandão podemos perceber que as mulheres agora se tornam força proeminente, tanto quanto os homens, para pensar a Educação Popular no Brasil e na América Latina. Destarte sua importância é tanta que foram duramente perseguidas com o chegar dos tempos da ditadura militar no País. Como pode nos relatar Brandão (2021), tendo vivenciado esse fato ao lado de sua esposa Maria Alice e das amigas dela, onde muitas das amigas de Maria Alice e mesmo de Brandão, foram perseguidas e exiladas em outros países devido a esses acontecimentos.

[...] e a educação popular é que a educação popular foi primeiramente escrita no Brasil, depois na Argentina, no Uruguai, no Chile, nas ditaduras, com muita perseguição, com muitos altos e baixos, com prisões e mortes. Estou me lembrando da Alda Maria Borges Cunha, que teve, inclusive, de ser escondida no dia seguinte ao Golpe Militar e depois se exilar no Chile, recém-casada. E a Aparecida Siqueira que teve que se exilar na França e morreu na África, e várias histórias assim, o Osmar está lembrando.

Tanto de perseguições mais agudas da igreja — que depois se estenderam na Argentina, uma história terrível — quanto da própria igreja, que o Osmar traduziu muito bem. Quando os bispos começam a sentir que há algum perigo para eles, acabam tirando o corpo fora. Estava me lembrando até mesmo o Dom Fernando, que era nosso padrinho de casamento e grande amigo de Maria Alice, e que se indispôs com ela, quando chegou aos ouvidos dele notícias de que a Maria Alice tinha aberto o MEB para a AP. A Alda e a Aparecida eram, de fato, da Ação Popular. Mas não era que tinha aberto, era que haviam pessoas que, através da JUC, eram de AP e depois se integraram no MEB. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Com essa proeminência instaurada às margens do processo de ditadura, Osmar Fávero (2021; 2022) através dos fios de suas memórias, faz uma digressão onde revisita acontecimentos importantes da época, dois quais destaca o fechamento de vários movimentos sociais, e a queima de uma enorme quantidade de documentos.

Olha, no começo dos anos 60, não usávamos a denominação “educação popular”, os movimentos eram chamados de “movimentos de cultura popular”. Basicamente, tinha-se três ou quatro movimentos chave, que eram: MCP de Pernambuco, CPC da UNE, o MEB (que era o grande movimento), e no finalzinho, já em 1963, aparece o sistema Paulo Freire. Não o método de alfabetização Paulo Freire, mas o sistema Paulo Freire como o Carlos gosta de dizer: era um sistema de educação, alfabetização, que depois ia até o curso superior de uma universidade popular. Esses movimentos foram quase todos fechados radicalmente. A sede da UNE foi queimada, a documentação do MCP foi toda queimada por uma pessoa amiga dos participantes do MCP para não cair nas mãos do exército. Os outros movimentos menores, se apagaram. Estavam começando o programa nacional de alfabetização de Paulo Freire na periferia do Rio. Não poderia ser no Rio, pois o governador era o Carlos Lacerda, que não permitia nada. Então, era em Niterói e na Baixada, onde se preparavam as coisas. Houve, se é que houve, uma ou duas aulas nos dias trinta e um ou no dia 1º de janeiro, e depois fechou tudo. O MEB tinha a proteção da igreja, então, era mais difícil fechar as coisas da igreja. Fechavam sim, mas era mais difícil. Mas houve uma crise, um pouco anterior. Em fevereiro (...) fizemos ao longo do ano 1953 inteiro a cartilha “Viver é Lutar”, um texto feito para pós-alfabetizados, basicamente a população do Nordeste, fazendo uso de uma linguagem inovadora, crítica, bastante crítica. E o Lacerda pegou, no final da edição desta cartilha, em meados de fevereiro de 1963 e jogou na imprensa como um grande escândalo: “a cartilha comunista feita nos porões dos bispos”, os Porões dos bispos eram os porões do Palácio São Joaquim, onde Dom Helder tinha o secretariado da CNBB. (FÁVERO, Entrevista, 2021)

São memórias duras marcadas no tempo e na história da Educação Popular de nosso país, apreensões de documentos, queimas de arquivos, torturas físicas e psicológicas, os movimentos sociais estavam marcados, estavam reféns, do ódio, da guerra e da opressão dos generais no poder, seus líderes eram perseguidos, os professores cassados e fiscalizados, eram tempos de uma educação opressora, tempos de ódio e horror pela vida, pelo ser humano. Osmar Fávero (2021) por meio de suas memórias apresenta uma horrível passagem acontecida com o MEB, com Dom Távora e com uma professora perseguida, vejamos:

Isso mexeu muito com o MEB. Dom Távora, que era o arcebispo de Aracaju, presente no MEB, fez uma defesa muito grande, foi corajoso. Mas dentro da igreja já começavam as divergências. Isso imediatamente antes do Golpe. Depois do Golpe, quando praticamente cessaram algumas emissões, houve um caso muito engraçado, de uma das nossas melhores professoras de Aracajú, que começou sua aula no dia 31, à noite, dizendo: “meus caros alunos, até ontem a gente fez a conta dos ricos, a conta

de somar e multiplicar. Hoje vamos passar a estudar a conta dos pobres, de diminuir e subtrair”, ela saiu presa. Foi uma das poucas pessoas que saíram presa direto, tiraram do rádio e levaram para a cadeia. Mas, claro, o bispo foi lá no dia seguinte e a tirou de lá. Depois disso houve várias pequenas invasões na sede da Bahia e tal. Progressivamente, via denúncias, particularmente, da ala de direita da própria igreja. Daí, o MEB-igreja racham. Qualquer texto passou a ser censurado, fizemos um segundo material didático, bem mais fraco, chamado “Mutirão”, e não mais “Viver é Lutar”. E começamos a ser, mais ou menos, tolhidos. Mas trabalhamos muito. (FÁVERO, Entrevista, 2021-2022)

Ainda sobre essas memórias ele destaca:

Brandão conseguiu sistematizar por escrito, a experiência de animação popular que estava sendo feita em Goiás. Passamos a não trabalhar mais com educação de base, mas muito mais com animação popular. E vamos conseguindo levar algumas coisas a duras penas. Claro que o governo faz aquilo que lhe compete, não é? Ele segura as verbas, e assim, não tem como continuar. Quando o MEB realmente assume mais à direita, por meio de uns bispos de dentro do MEB, muda-se a orientação. Colocam dentro do MEB um Monsenhor, bastante conservador, que faz os documentos do MEB como movimento de igreja. Então começamos a sair. Eu saio, Maria de Lourdes sai. Agora, nenhum de nós, da equipe nacional, fomos presos nem nada. Eu e a Vera Jaccoud respondemos processo pelo “Viver é Lutar”. Vera Jaccoud era a minha companheira de orientação. Nós tínhamos como secretária do MEB, acima dessa coordenação minha e de Vera, a Marina Bandeira. Era uma pessoa muito forte e inteligente, e o braço direito dos bispos. Aí ela foi executando as ordens dos bispos e foi esvaziando o MEB. (FÁVERO, Entrevista, 2021-2022)

Foram momentos muito tristes de extrema opressão física e psicológica contra a equipe do MEB, nosso entrevistado professor Osmar Fávero, sofreu e viveu isso na pele, “não foi torturado”, mas sofreu ameaças e perseguições políticas, tendo que responder processos sobre a feitura das cartilhas de alfabetização “Viver e Lutar”, dentre outras. Essas são memórias muito duras de serem revisitadas, mas precisam ser reproduzidas nos dias de hoje, para que os horrores do passado não virem nossa realidade, sobretudo com o atual momento político-social que o Brasil enfrenta. É de extrema importância retratar que o golpe de 1964 aconteceu duramente, e muitas pessoas foram exiladas em diversos países da América Latina e da Europa, e famílias sofreram e morreram devido a ele, mas existe também uma outra categoria de exilados, que pode ser identificada originalmente a partir de (SPIGOLON, 2014), a qual destaca como: “O Exílio dos que ficaram”, Carlos Brandão e Osmar Fávero fazem parte dessa categoria e Brandão (2021) tem uma fala muito forte sobre esse tema, o qual nos trouxe em nossa entrevista. “Eu acho que quem partiu, quem se exilou, sofreu muito; mas quem ficou, talvez tenha sofrido mais, porque ficamos no caldeirão do diabo.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021).

Sobre essa mesma temática a professora Nima Spigolon (2021) que é uma grande pesquisadora sobre o Exílio no Brasil¹³⁹ e na América Latina acrescenta, “O professor Brandão

¹³⁹ Para mais detalhes sobre essa importante pesquisa sobre exílio e exilados no Brasil e na América Latina, sugiro remissão a Tese de Doutorado Intitulada: As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

e o professor Osmar viveram o exílio dos que ficaram aqui. É uma categoria importantíssima para repensarmos e revisitarmos. (SPIGOLON, Entrevista, 2021). Dentro dessa perspectiva Osmar Fávero, nos apresenta novamente mais trechos sobre o “Exílio dos que ficaram”

Eu ia dizer ao Carlos que o Jether Pereira Ramalho, um líder que trabalhou enormemente para arranjar dinheiro dos americanos para fazermos as ações de educação popular, um dia me disse: “Osmar, nós somos os errados, nós ficamos aqui, somos considerados traidores. A gente está trabalhando, está segurando o que pode aqui dentro, e o pessoal lá de fora diz que não estamos fazendo nada”. Foi um período engraçado de exílio interno. Claro que também valeu como exílio, porque não podíamos mostrar nada, né? A gente se segurava (...) mas tudo bem. (FÁVERO, Entrevista, 2021-2022)

Existem muitas outras experiências, acontecimentos e narrativas dos Educadores Populares e de pessoas de modo geral que ficaram no Brasil, e sofreram grandemente com as injustiças cometidas pelo processo ditatorial brasileiro, além de Carlos Brandão¹⁴⁰ e Osmar Fávero, não podemos esquecer de suas esposas Maria Alice Martins Brandão e Maria de Lourdes Fávero, que também sofreram esse processo de vigia e perseguição política juntamente com seus esposos, esses são apenas alguns dados que todavia podem ser ampliados se pensarmos nos tantos outros Educadores Populares homens e mulheres, sejam dos mais variados movimentos sociais da época que sofreram essas perseguições, como por exemplo dos MEBs pelo Brasil afora, dos MCPs, da unidades da Ação Católica, da JUC, do JEC, da UNE,

¹⁴⁰ De forma complementar a fim de apresentar uma experiência muito particular de Carlos Rodrigues Brandão com a ditadura militar, avançarei o recorte temporal de 1953-1964, para trazer ao leitor uma narrativa sofrida por Brandão nos anos seguintes ao golpe de 64, já eram tempos intensos de ditadura no país. “Tenho até uma história pessoal, Osmar, você vai lembrar. Em 1967 ou 1968, eu comecei a minha vida de professor, primeiro na UNB — terrivelmente vigiada, pois ficava no quintal dos militares —, e depois na federal de Goiás (UFG). Fiz o concurso de Psicologia Social, eu era o único candidato. E fui para lá em 1968. O MEB não existia mais, mas existia a AP, que, inclusive, estava se radicalizando, se aproximando do PCdoB. E comecei a dar aulas e comecei a participar ativamente também de atividades públicas. Lembro-me de uma passeata organizada pelos estudantes — que saiu, aliás, da faculdade de educação —, e foram somente três professores, o Hélder Maciel, a Ana Lúcia e eu, que aderimos à passeata. Acabamos corridos pela polícia com baioneta calada. No fim de 1968 eu tinha um ano de universidade (---) o reitor me chamou, o Farnese Dias Maciel, e disse (---) e chamou o irmão dele (---) ele fazia parte desse movimento ecumênico do CEDI (---) e o Padre Pereira, que era nosso grande guia intelectual naquele tempo. Ele nos chamou na reitoria e disse: “olha a cabeça de vocês está a prêmio, vocês podem ser presos a qualquer momento e não vou ter como segurar”. Então, é curioso que a minha primeira licença universitária foi imposta. Naquele tempo não havia nem conselho universitário, então, o reitor nos concedeu, ao irmão dele, ao Padre Pereira e a mim, uma licença para estudos fora de Goiânia. O Padre Pereira foi para Paris, o Hélder, para São Paulo, fazer doutorado com o Florestan Fernandes, e eu voltei para o Rio de Janeiro. Fiquei um ano escondido. Ele falou “fique um ano sem voltar aqui”. Isso foi quando, através do José Inácio Parente — meu compadre, inclusive —, que eu ingressei no CEDI. Em 1969, ele me convidou para uma reunião com o Jether Pereira Ramalho, num cantinho escondido na PUC. E o CEDI estava organizando — vejam só o processo de expansão da educação popular —, um trabalho sintonizado com movimentos do ISAL em outros países, de expansão das ideias de Paulo Freire na América espanhola. Então, lembro-me que em julho de 1969, fiz uma primeira viagem à Argentina e me reuni com um grupo cristão de esquerda numa casa paroquial, inclusive para ensinar no quadro negro o método Paulo Freire. Depois fiz viagens pelo Peru, vários países, fui bater na lá Costa Rica, no Equador, nos Andes. E isso foi o começo. Quero dizer, por minha causa, porque estava explodindo de todos os lados, isso que não sabíamos muito como se chamava, e que acabou tomando esse nome de “educação popular”. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

das UEE, e outras tantas ramificações de movimentos de resistência que surgiam e se espalhavam pelo Brasil.

3.3 – Relicário de Memórias: Educação Popular na América Latina e no Brasil

Mi vida, los pueblos americanos,
mi vida, se sienten acongojados,
Mi vida, porque los gobernadores,
mi vida, los tienen tan separados.
Cuándo será ese cuando,
señor fiscal,
que la América sea
sólo un pilar.
Sólo un pilar, ay sí,
y una bandera,
que terminen los líos
en las fronteras.
Por un puñado de tierra
no quiero guerra.
Los Pueblos Americanos por Tarancón

Neste momento do texto continuaremos a avançar com as memórias da Educação Popular no Brasil e na América Latina, nos ateremos principalmente aos trechos das entrevistas vivenciadas com Oscar Jara (2021), que consegue sintetizar brilhantemente as gêneses da Educação Popular na América Latina e que paralelamente vê surgir e se espalhar o nome do professor Paulo Freire por todo continente Latino-Americano, em meio a isso no Brasil, continuam acontecendo as atividades dos Movimentos de Cultura Popular na década de 60, e de tantos outros movimentos sociais insurgentes brasileiros, uma característica importante encontrada na pesquisa é que tanto na cena internacional Latino-Americana, quanto na nacional Brasileira, Paulo Freire surge como um nome muito forte atrelado aos processos de Educação Popular, e ambos os entrevistados trazem fortemente isso em suas narrativas.

Essas narrativas se configuram como registro histórico, revisitam a esperança, a resistência, a criatividade e adensam as ações e investigações no campo da Educação Popular, apontando a necessidade da sistematização das experiências educacionais e populares, políticas e culturais no mapa do Continente Latino-Americano. Dialogar com Oscar Jara (2021), e com Carlos Brandão (2021) foi, ao mesmo tempo, dialogar com as concepções de Paulo Freire (1967, 1994) e conhecer memórias e práticas vinculadas à teoria e à militância, que marcaram o espalhamento dos processos epistemológicos e do pensamento Freireano, dos movimentos populares e sociais. Entendemos que para esses Educadores Populares, vivenciar e descrever esses processos atrelados a história da Educação Popular, causa uma grande quantidade de sentimentos e emoções em seus corações, pois os Educadores Populares através de suas narrativas, recobrem e revisitam instintivamente nos fios de suas memórias, fatos e experiências

do passado guardados ao longo de décadas nos porões de suas lembranças.

A despeito desses processos revisitados Brandão nos diz que “É preciso sempre pensar na América Latina, porque a Educação Popular, é uma experiência Latino-Americana, totalmente integrada.” (BRANDÃO, Entrevista, 2021). Quando entendemos que os processos da Educação Popular no continente Latino-Americano são experiências totalmente integradas, percebemos que o Brasil é inerentemente partícipe desses processos, fato este que é uma das características encontradas nos processos desta pesquisa, pois muito se fala da Educação Popular na América Latina, mas em grande medida deixam o Brasil de fora, no sentido de ter sido um lugar onde ocorreram experiências de Educação Popular isoladas, e o que podemos enxergar é que os processos não se deram assim, e que foi no Brasil por meio de Carlos Brandão, Osmar Fávero, e toda uma geração de educadores da 1960, que a Educação Popular depois foi se espriar por toda a América Latina, e é neste contexto que buscaremos trazer essas narrativas.

Com intuito de continuar avançando com os processos formativos relacionados aos Educadores Populares entrevistados, traremos de forma muito especial como foi o encontro de Oscar Jara com a Educação Popular, com Paulo Freire e com seus processos de experiências como alfabetizador, o que posteriormente culminou no que ele chamou de “Sistematização de Experiências¹⁴¹”.

Na organização e participação juvenil, tinha na universidade que eu estava estudando filosofia, um curso de um brasileiro que estava no Chile, com um método de alfabetização conscientizadora, eu não sei ainda, me interessei, foi esse curso, um curso curto, uns três meses, mas ao fim do curso eu tinha que fazer uma prática, e nesse bairro na favela eu trabalhava com esse movimento juvenil, comecei a pesquisar o porquê as pessoas tinham interesse em se alfabetizar, e encontrei com cinco senhoras, e com essas senhoras comecei um processo de alfabetização, seguindo as ideias de Paulo Freire que chegava no Chile, a partir de lá começou todo processo, que me levou a trabalhar como alfabetizador durante três anos, no norte do Peru, na fronteira com o Equador, com trabalhadores agrícolas das fazendas. [...] lá foi verdadeiramente o momento onde eu comecei a aprender, não só o método mas toda filosofia, o que significava um processo dialógico que Freire estava propondo, porque fizemos a procura do universo vocabular, pegamos a ideia de construir temas geradores, as palavras geradoras e mesmo o processo de alfabetização, foi o processo que eu sempre digo, as pessoas dessa região que eu não conhecia, não tinha morado lá, eles não se alfabetizaram em nós, precisamente em sua maneira de viver, sua cultura, sua sabedoria e sua história, então fazíamos teatro do oprimido, trabalhávamos com músicas, histórias, lendas, morávamos lá nessa região, e foi uma região de muita luta também, luta pela terra, luta para que a reforma agrária acontecesse, então esse foi o processo onde eu descobri a relação entre educação, organização, participação e também foi o começo da descoberta da importância da sistematização de experiências, porque depois de cada seção de alfabetização e depois de uma discussão das palavras geradoras, etc, e depois dessas duas horas, reunimos a equipe de alfabetizadores e cada um trabalhava durante duas ou três horas, escrevamos tudo aquilo que tínhamos na memória daquilo que tinha acontecido na

¹⁴¹ Para mais aprofundamentos relacionados a sistematização de experiências sugerimos remissão ao escrito de Oscar Jara intitulado: Para sistematizar experiencias: una propuesta teórica y práctica /Oscar Jara H. - 1. ed.- San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones, ALFORJA, 1994.

seção, então pegávamos as frases que lembrávamos que as pessoas tinham dito, naquele momento e fomos construindo uma série de materiais com suas próprias palavras, e sem darmos conta as pessoas estavam nos influenciando, o nosso jeito de pensar, porque precisamente pegando essas frases e depois construímos os materiais de pós-alfabetização, com essas frases, deles e delas, fomos pegando e costurando para fazer os materiais de leitura e escrita, foi que fomos descobrindo que estávamos também influenciados por sua maneira de ver o mundo e por sua forma de pensar. (JARA, Entrevista, 2021)

Nesta fase Oscar Jara começava a ter contato com as experiências de Educação Popular inspiradas no Método que Paulo Freire e Elza Freire tinham desenvolvido no Brasil e praticado na cidade de Angicos/RN em 1963. Começa então a estudar filosofia e a praticar o que vinha aprendendo com as leituras de trabalhos políticos pedagógicos e com livros de Paulo Freire. Oscar Jara foi aprender esses processos na prática, construindo assim suas primeiras experiências de Educação Popular no alto das montanhas no Peru. Oscar Jara (2021) continua situando suas memórias relatando que:

Então foi um processo muito intenso, de vínculo também com as lutas populares, lutas dos movimentos camponeses, que me levou depois a estudar sociologia, mais quando estava estudando sociologia, já não dava só para estudar, então estive trabalhando com outros processos de Educação Popular numa entidade que se chama Tarea no Peru, uma entidade de Educação Popular, e fizemos encontros, oficinas, trabalhos com organizações indígenas, mulheres, sindicatos, etc, e daí para frente continua, o começo muito Freireano, e na verdade foi realmente essa ideia de aprender a importância da escuta, de escutar as pessoas, e tentar interpretar a sua maneira de perceber o mundo e contribuir com aquilo que sabíamos a esse diálogo, essa troca de saberes, e nos processos de organização e educação, e também significou uma ideia de passar dessa visão inicial que mesmo Freire, assim como falei uma vez com ele, Freire me disse, eu tinha antes uma visão ingênua em que colocava a conscientização como um momento prévio à ação organizada, e falando com ele sobre isso, eu contei que nesse momento na minha experiência eu tinha experimentado que o processo de conscientização vinha junto com o processo da organização, junto com o processo de mobilização e ele disse sim, verdadeiramente isso é, tem um processo conjunto que se vai dando entre a dinâmica de organização, a dinâmica de educação, a partir daí eu tenho sempre pensado que os processos de Educação Popular, tem que estar sempre vinculados à dinâmicas de organização, às dinâmicas de mobilização, que o processo educativo na verdade, o processo de múltiplas aprendizagens que se dá nessa práxis de ação e reflexão e não de forma separada, então foi um começo que poderia contar muitas histórias nesse momento de minha aprendizagem, já faz bastante tempo, mas foi muito interessante, pois me deu a base para a continuidade de outras experiências na minha vida. (JARA, Entrevista, 2021)

É muito importante recobrir essas narrativas de Oscar Jara, pois elas nos dão um panorama Latino-Americano de como aconteceram as primeiras experiências de Educação Popular fora do Brasil, elas aconteceram não só no Peru, mas também, em vários outros países da América Latina, atrelado a fala de Oscar podemos perceber o apreço e carinho ao alinhar essa primeira experiência pessoal de alfabetização, com uma memória vivenciada ao lado de Paulo Freire, esse é um movimento caleidoscópico que é uma característica dos processos pedagógicos da história da Educação Popular e por conseguinte dessa pesquisa, a fluidez dessas

narrativas vão variando por meio de diferentes reconstruções memorialísticas e se convertendo em flashes caleidoscópios de emoções e sentimentos ao reconstruírem essas experiências.

Sobre esses processos de experiências Oscar Jara já encampa uma outra memória que está diretamente ligada às suas primeiras vivências na Alfabetização de Adultos, vejamos.

Na verdade os processos de pesquisa tem sido na minha experiência os processos de ação e os processos da construção da aprendizagem, não como um elemento separado, como por exemplo, nessa experiência de alfabetização, tínhamos que estudar o que era o marco da reforma agrária, o marco da propriedade da terra, o que acontecia com a produção de algodão, a distribuição, a comercialização, a exportação, e é o mesmo processo educativo que fomos fazendo durante esses três anos com os camponeses, nos obrigava a tentar aprofundar a nossa base de análise dentro do contexto do processo da reforma agrária, no Peru significava também uma mudança muito grande no contexto nacional, no momento em que no Chile estava o governo de Allende, antes do golpe de Pinochet, já começava às ditaduras da Argentina, do Uruguai, continuava a ditadura no Brasil, e no Peru tínhamos uma influência grande desse movimento que acontecia na América do Sul, nos anos de 1960, no ano de 1967 com a guerrilha de Che Guevara na Bolívia, todos esses acontecimentos foram muitos próximos de nós. [...] mais esse processo foi muito importante, começar a falar de Educação Popular e aprofundar o conhecimento. (JARA, Entrevista, 2021)

Ainda sobre o encontro com a Educação Popular Oscar Jara fala da necessidade de não só mais estudar filosofia, mas sim também sociologia, pois ela dava uma base estrutural mais abrangente aos processos de sua formação enquanto professor e Educador Popular, o que evidencia nesta pesquisa a importância de se recobrir os contextos históricos da época.

Com fins de recobrir os contextos históricos do final da década de 1960 e início da década de 1970, destacamos momentos significativos vinculados às memórias e atividades de Educação Popular acontecidas no continente Latino-Americano. “Em um momento dos anos de 1970, olha que, falando do marco histórico temos antecedentes interessantes, mas talvez começando com esse período, podemos dizer que os anos de 1970, são anos que o professor Alfonso Torres da Colômbia, ele disse que foi como um ano cabalístico, porque foi o ano em que Paulo Freire divulga a produção da Pedagogia do Oprimido, mas também foi o ano em que Orlando Fals Borda escreve “Causa Popular e Ciência Popular”, e o período em que Galeano escreve “As Veias Abertas da América Latina”, Gustavo Gutiérrez escreve a “Teologia da Libertação”, e também os primeiros escritos de Dussel, sobre “Ética da Libertação”, são desses anos de 1970 e 1971, e por aí vai aparecendo Augusto Boal com seu “Teatro de Arena” e “Teatro do Oprimido”. Então entre algum período entre 1969 a 1972 em que o campo da Educação e das Ciências Sociais aparece por exemplo a “Teoria da Dependência”, de Theotônio dos Santos, começa a produzir a nível da teoria das Ciências Sociais, e todo um marco diferencial com a Teoria da Dependência, e eu acredito que isso tem origem com a mudança epistemológica causada pela “Revolução Cubana”, pois a Revolução Cubana significa um momento de quebra do processo de dependência colonial, e também de colonização intelectual, a partir da Revolução Cubana na América Latina se gera uma dinâmica de criar pensamentos desde nossa própria realidade e não de copiar marcos de referência Europeus ou Norte Americanos, que eram predominantes, mais sim produzir nossa própria teoria, aparece a Sociologia, a Economia, a Antropologia Latino-Americana e um campo particular, o campo do “Trabalho Social”, o trabalho social era o “Serviço Social”, o serviço social antes se chamava “Assistência Social” e tinha um marco de referência totalmente distinto, que a partir dos anos de 1970 muda como um processo que se chama de reconceitualização, e nesse processo de reconceitualização as pessoas que faziam serviço social, especialmente Leila Lima, Ana Queiroga, da Universidade de Belo Horizonte em Minas Gerais no Brasil, e nessa Universidade e na escola de

trabalho social, vão criando uma reflexão e elas apresentam no ano de 1971 um artigo que se chama “A Prática do Trabalho Social” como fonte de teoria, e é a primeira vez em um artigo, que se fala da sistematização de experiências no sentido que agora a gente usa, porque elas dizem, a prática do trabalho social tem uma enorme riqueza, por isso temos que construir um pensamento sistemático a partir da riqueza das nossas práticas e por isso temos que sistematizar as experiências, e é aí que se utiliza o termo “Sistematização” vinculado a construção da aprendizagem desde a prática vinculado a construção de teoria, então “Trabalho Social, Sociologia, Ciências Sociais, Teatro e Pedagogia do Oprimido, Teologia da Libertação, Ética da Libertação”, tudo isso junto, em um contexto por exemplo de quando eu tinha vinte, vinte e um anos, e estávamos nos formando, então é um processo como um marco histórico, é importante levar em conta, qual é o contexto teórico, não só o contexto de luta, de relações econômicas, sociais, políticas, mas também qual o contexto cultural, teórico dessa época, que marcou toda uma geração, e o que acontece que quando chega os golpes militares, Pinochet, os golpes no Uruguai, na Argentina, todo esse Trabalho Social, das Ciências Sociais e Críticas, e Pedagogia da Libertação, tem que sair ao Peru, ao Equador, à Venezuela, à América Central, ao México, então as ditaduras têm uma dupla cara repressiva, e também uma cara que permitiu e possibilitou o espalhamento de todo esse pensamento a nível de toda América Latina.” Por isso eu contava que pegando um pouco da minha própria história pessoal, eu vi a necessidade de estudar sociologia, eu tinha estudado filosofia primeiro, e depois fui alfabetizador, depois fui estudar sociologia e na sociologia fui misturando trabalhos de Educação Popular, porque já as duas coisas estavam totalmente engajadas, e acho que isso é muito importante, porque, isso faz parte do contexto teórico da época. (JARA, Entrevista, 2021)

Nessa relação dialética, construída por meio das memórias de Oscar Jara, compreendemos que a formação e contextualização dos processos históricos estabelecidos por ele ao longo de seus anos de experiência enquanto professor e Educador Popular nos países Latino-Americanos, é um eixo central para nós, e também para muitos outros pesquisadores desta temática, no que concerne à reconstrução memorialística dos acontecimentos vivenciados por essa geração na América Latina, seja por meio dos processos de alfabetização ou da Educação como Cultura Popular.

Com às reconstruções histórias de Oscar Jara uma característica, muito evidente em suas falas, e que atravessa toda essa dimensão política e social no continente Latino-Americano, é a “dimensão da resistência e a dimensão da criatividade”, em que nossos povos Latinos construíram e trabalharam para sobreviver/aprender ao longo de sua história, a dimensão da criação das propostas de Educação Popular também é um fato importante e Oscar Jara¹⁴² (2021) explica muito bem como se deu esse processo de surgimento com Carlos Brandão e equipe.

Então os processos sociais e políticos não tem só uma cara, tem também outra dimensão, “A dimensão da Resistência”, à “Dimensão da Criatividade”, e é muito interessante como esse período então enquanto o marco histórico referencial criou as possibilidades, também de um olhar Latino-Americano, porque quando Paulo Freire

¹⁴² Oscar Jara evidencia com profundidade essas narrativas quando defende no Doutorado Latino-Americano de Educação na Universidade da Costa Rica, a tese intitulada: Educación y Cambio Social: Interpretación crítica de las contribuciones ético-políticas y pedagógicas de la educación popular latinoamericana. Deste importante trabalho, surge o livro: A educação popular latino-americana: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos, que é uma das bases centrais desta pesquisa, para evidenciar a criação e disseminação dos processos de Educação Popular na América Latina.

fala de uma Pedagogia Libertadora, ele tem essa concepção e pega precisamente e procura essas buscas que os Movimentos Sociais estavam fazendo, pega também o conceito, o termo “Educação Popular”, porque Paulo Freire não utilizava o termo Educação Popular, quem criou o termo Educação Popular foi a equipe de “Carlos Rodrigues Brandão” que estava desenvolvendo trabalhos com equipes do Brasil e do Uruguai, vinculados com a equipe da Igreja e Sociedade da América Latina. [...] “Carlos Brandão e Jarbas Maciel” e outras pessoas, desenvolvem o processo de divulgação do pensamento de Paulo Freire, e da Pedagogia da Libertação, e eles então “Criam o conceito de uma Educação Popular”, porque eles dizem que é um processo de educação que está vinculado como “Movimento Popular”, e como “Movimento da Cultura Popular”, então se juntando aparece a “Educação Popular”, que é o termo que vai se espalhando pela América Latina, e isso sai no livro “Educação Popular e Processos de Conscientização” assinado por “Júlio Barreiro”, que Júlio Barreiro que era um Uruguaio que morava em Montevideo nesse tempo, mas como Brandão e sua equipe estavam na clandestinidade no Brasil, eles não podiam assinar esse livro, com seu nome, e Brandão pediu a Júlio Barreiro colocar em seu nome, e ele colocou, e até agora é um dos mais vendidos livros sobre Educação Popular, vendidos pela editora século XXI da Argentina e do México. Educação Popular e Processos de Conscientização, de Júlio Barreiro, que na verdade deveria ser de Carlos Brandão e equipe. (JARA, Entrevista, 2021)

O processo dessa descoberta se deu por meio da investigação da tese de Oscar Jara, através do qual ele pretendia reconstruir os percursos da Educação Popular no continente Latino-Americano e por meio disso estabelece como objeto encontrar a origem da criação do termo “Educação Popular”, como ele mesmo pode nos explicar na narrativa seguinte:

E esse é um processo que descobrimos com Carlos, quando eu estava fazendo uma pesquisa da minha Tese de Doutorado, e porque a pergunta era, “Onde surgiu a categoria Educação Popular”, e eu perguntei a Brandão, e Brandão colocou isso em e-mails, onde participaram várias outras pessoas, e finalmente chegamos que ele tinha sido o responsável da criação e por colocar esse nome, porque antes a única referência foi a campanha popular do CEPLAR, lá no Nordeste, e não tem outra referência até agora conhecida que utilizaram o termo Educação Popular no Brasil nos anos de 1960, não era essa a categoria. Então o interessante é que tem essa origem, e a experiência de Angicos vai se desenvolvendo, e depois com as experiências que Freire vai desenvolver no Chile e se espalham por toda a América Latina, e a categoria que vai se criando é a categoria de uma Educação Popular, e daí por diante é uma referência de uma visão Ético, Político, Pedagógica, e que chamamos que esta proposta é muito mais que uma pedagogia, mais que um método, que é uma filosofia na verdade, que tem um sustento epistemológico, e é o produto da mistura de todos esses elementos. (JARA, Entrevista, 2021)

As contribuições da Educação como Cultura nos Movimentos de Cultura Popular é uma característica vinda fortemente das atividades de alfabetização de Paulo Freire no Brasil e depois na América Latina¹⁴³, com esses processos estando intrinsecamente atrelados ao

¹⁴³ Para recobrir esses processos caleidoscópios do movimento da pesquisa assim como da história da Educação Popular, visitaremos uma memória muito especial e pessoal de Carlos Brandão ao lado do professor Paulo Freire, ela data fora do período cronológico da pesquisa, mas como metodologia digressiva da pesquisa e da Educação Popular resolvemos reviver essa história tão especial que Carlos Brandão gentilmente fez questão de nos presentear com o que ele chamou de “O homem Paulo Freire”. É o outro momento que tenho de vivência com o Paulo Freire é uma experiência muito mais com o homem Paulo Freire do que com o Educador. Depois da Revolução Sandinista na Nicarágua houve um grande encontro em Manágua, creio que em 1982 ou 1983. Foram pessoas da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina. Manágua estava destruída — primeiro porque tinha ocorrido um terremoto, fui visitar a catedral e estava totalmente destruída e arrasada; e depois teve a guerra civil, o que o terremoto deixou

contexto da emancipação humana, esse movimento logo atinge patamares internacionais despertando assim em toda América Latina uma espécie de “vocação popular”, de lutas pelos direitos humanos e políticos sociais e de um sonho de uma América Latina livre, vejamos que estamos a pouco tempo do acontecimento da Revolução Cubana e imperava na América Latina esse ideário revolucionário fortemente libertador. A respeito dessas proposições Oscar Jara tem muito a dizer:

Eu acho que   muito interessante, esse olhar que nos permite, aprofundar um pouco essas relações entre Educação e Cultura,   na verdade e   precisamente uma das contribuições de Paulo Freire,   uma das contribuições originais mais importantes dele, esse vínculo, talvez também porque ele vinha desse processo do Movimento de Cultura Popular, e porque o Movimento de Cultura Popular tem esse dinamismo, precisamente, porque   uma forma de expressão e de construção de identidade, e não   somente a ideologia, e não são somente as ações,   o sentido da vida que se expressa através da própria história, que se expressa através da linguagem, e que se expressa portanto através da construção de uma identidade, que   o que chamamos de uma Cultura Popular, um senso popular, uma forma de nos colocar no mundo, e desde a vida das camadas populares, que são precisamente todos aqueles setores que estão sofrendo algum nível de assimetria, que são as pessoas que sofrem exploração econômica ou opressão política, discriminação racial, discriminação de g nero, discriminação  t ria, exclusão social, marginação. Todo aquele setor que sofre em algum nível dessas assimetrias e podemos chamar, que são algum tipo dessas camadas populares, mas também tem um sentido que o Popular tem a ver com a transformação dessas relações de assimetria, a cancelaç o das relações de opressão, de autoritarismo, de verticalismo. Então falamos de “O Popular em sentido Transformador”, a proposta

de p , a guerra civil arrasou. Tanto   que nos reunimos num velho colégio, um seminário jesuíta que tinha ficado de p , mas em condições muito precárias. E eu estou contando isso porque eu fui com o Paulo Freire. [...] Fomos juntos, inclusive uma viagem comprida, saindo de São Paulo, Panamá, depois ficamos horas esperando e pegamos um avião Panamá/Manágua. E o encontro — inclusive eles avisaram para nós —, foi feito em condições muito precárias, eu nunca vi condições tão precárias, talvez só quando eu estive em Mato Grosso, trabalhando Dom Pedro Casaldáliga, era um seminário paupérrimo, celas com pequeninos quartos com uma cama muito precária. E a comida — nos avisaram — era uma bandeja que você passava e recebia uma ração, coisa quase que de prisioneiro de campo de concentração, e em mínima quantidade.   isso e s  isso, para dar para todos. E lembro-me de Paulo, que em 1982 ou 1983, já era um homem consagrado no mundo inteiro. E a humanidade vivida por Paulo. Hoje em dia quando convivemos com mundos, sobretudo acadêmicos, em que a pessoa se projeta demais, se põe l  nas alturas, ela não quer mais ter alunos, quer ter seguidores e cobram uma fortuna para fazer palestras — coisa que Paulo nunca fez. Lembro-me de Paulo, às vezes na minha frente ou atrás, com a bandejinha dele passando por ali, e recusando tudo o que tornasse ele diferente das outras pessoas. [...] Mas Paulo era um grande escutador. E lembro-me de que nesse encontro em Manágua, de maneira alguma ele foi uma figura proeminente. Mas claro que ele era, ele era o Paulo Freire. Daí sim, nos anos 80, quando a educação popular já havia se expandido por toda a América Latina. [...] Paulo era a grande referência em educação popular. Então, eu costumo dizer que a educação popular   meio parecida com o cristianismo. Primeiro teve um Jesus Cristo, depois teve uma pluralidade difusa de continuadores. E com a educação popular a mesma coisa.   muito interessante, tem-se Paulo Freire, e quando se chega na geração seguinte, não se tem uma pessoa que seja proeminente. Tem-se grandes escritores: o Garcia Huidobro (um dos melhores), Pablo Latap , Marcela Gajardo, Sylvia Schmelkes, toda essa geração, Oscar Jara. Mas não tem ninguém que se sobressaia. Quando faziamos nossos encontros na Argentina, Peru, Bolívia, vivia viajando para l  e pra cá, tínhamos como uma espécie de bíblia, a “Pedagogia do Oprimido”. Mas entre nós, éramos iguais e nos trat vamos como iguais. E, para terminar com essa memória do Paulo, lembro-me de que quando acabou o encontro nós voltamos juntos — fomos juntos e voltamos juntos de avião —, e foi uma viagem muito sofrida. Fomos de Manágua ao Panamá e l  ficamos um temp o esperando o avião para São Paulo, o Paulo inclusive se cansou e veio dormindo. E a viagem também   longa. E quando chegamos em São Paulo, estava lá Madalena Freire, que tinha ido buscar o pai — eu até ganhei uma carona. E lembro-me, nitidamente, de Paulo abraçando a Madalena e logo em seguida dizendo: “escuta, Mada, como   que está a novela das oito?”. Eu imagino que deveriam ser aquelas novelas nordestinas, tipo Saramandaia, e ele deveria estar acompanhando. Tenho muitas memórias do Paulo, mas a mais gravada   essa aí. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

de um projeto popular de transformação em que essas camadas populares permitam mudar essa relação de assimetria, de sofrimento, de opressão, e que pode ser construída com justiça, com Equidade, outras formas de relação social, outro tipo de relações de poder, por isso que cultura, educação, política, estão intimamente relacionadas, porque, você não pode continuar expressando a profundidade da raiz da Cultura Popular, e essa construção de identidade, se você tem em cima uma lógica de opressão que pode ser autoritária, vertical, patriarcal, que vai nos impedindo de ser, e que Freire também trabalha muito essa ideia de que estamos convidados, chamados a “Ser Mais”, e que temos uma possibilidade de sermos sujeitos da história, que a história não é pré-determinada e portanto, esse processo de mudança de história, estamos mudando as relações entre as pessoas, e estamos portanto construindo nossa própria humanidade, toda essa filosofia humanista de Freire, essa afirmação da vida, é fundamental porque, então articula o processo de construção de identidade, com os processos propriamente pedagógicos que são, intencionados, você não faz uma pedagogia espontânea, a pedagogia é um processo intencionado que visa criar uma estratégia de construção de uma proposta, mas que também, e precisamente por isso é político. (JARA, Entrevista, 2021)

Oscar Jara ao apresentar os processos da Cultura e da Educação como forma de tornar o ser humano agente de si mesmo, sendo condutor de suas próprias escolhas políticas e sociais, descreve a categoria Freireana de “Ser Mais”, no qual ele nos mostra que temos uma possibilidade de sermos sujeitos da nossa própria história, e que essa história não é pré-determinada e portanto, neste processo de mudança de histórias, estamos mudando as relações entre as pessoas, e estamos portanto construindo nossa própria humanidade e identidade. Ele ainda vai além ao refletir que o “Ser Mais” é também lutar contra as relações de ódio, opressão da negação da formação e construção de uma nova identidade transformadora. Vejamos mais uma narrativa dele sobre essa temática.

Porque entra diretamente em vínculo com as relações de poder existentes, e se existem relações de opressão, significa que esse processo pedagógico de construção de identidade, supõe superar essas relações de opressão, e construir outro tipo de relações, a nível social, a nível também de todos os níveis, comunitário, familiar e inclusive nas próprias famílias, nas casas, e dizer temos a democracia em todos os cantos, então não está separado. (JARA, Entrevista, 2021)

Os processos de formação de construção de uma nova identidade também são características que fazem parte dos fenômenos históricos da Educação Popular na América Latina, e tem uma expressão social vinculada sobretudo aos seus Movimentos Sociais espalhados por ela, por meio de diferentes formas de organização. Neste sentido Oscar Jara nos brinda com essa importante narrativa.

Eu penso que a Educação Popular na América Latina é um fenômeno histórico e sociocultural, e tem uma expressão social vinculada sobretudo aos seus Movimentos Sociais e as suas formas de organização, mas também em termos de construção de fatores de identidade que permitem construir uma visão do mundo, afirmando aquilo que se vive, ou aquilo que você quer viver, então nessa dialética de libertação no sentido freireano de libertação, que tenha os dois sentidos de nos libertarmos de tudo aquilo que nos está oprimindo, que está atando, que está contraindo, ou não, e também liberar nossas capacidades, nossas potencialidades, libertar nossa criatividade, tem início os dois sentidos Freireanos quando falamos de libertação, então esse processo

sociocultural, significa um processo de construção e reconstrução de espaços de liberdade, é um termo muito claro na filosofia de Paul Ricoeur por exemplo, e é quando que ele fala, que a política é precisamente a construção de espaços de liberdade, e nessa construção de espaços da liberdade, é uma construção pessoal, grupal, social, e neste caso também planetária. (JARA, Entrevista, 2021)

Com essas explicações de Jara (2021), podemos contemplar que em nosso continente Latino-Americano, nos deparamos com uma esfera estrutural dominante, o que Oscar Jara também chama de “Matriz Dominante”, e ela trabalha para nos afastar de nossos processos de transformação em “Ser Mais”, misturado a tudo isso, está um emaranhado de teias sociais dos quais encontramos-nos interligados por meio de uma “Cultura do Povo”, e que destarte encontra-se alienada, e é esse processo que impera no ideário social da população, manipulado em grande medida pela exacerbação do poder da classe dominante opressora, sobre os oprimidos.

Então o grande desafio das matrizes culturais é que temos também a presença de uma matriz cultural hegemônica, que é consumista, centrada no mercado, autoritária, que é dependente e que é também racista, fascista, e discriminadora, essa é a lógica da matriz cultural predominante hoje, dentro de um sistema capitalista, que predomina a nível universal, portanto a construção de outra cultura, de outra matriz cultural significa também, uma quebra no sentido profundamente ético, então se vincula a cultura, a pedagogia, a política e a ética, porque precisamente são aqueles valores que vão permitir construir outra maneira de ser, outro jeito de viver, outras formas de vincular-se, com a natureza, com as outras pessoas. Então nesse trajeto temos uma Cultura que digamos “Do Povo”, uma Cultura dominante na maioria das pessoas, e temos uma Cultura Popular no sentido que desmonta essa cultura que está sendo alienada ou que repete a matriz cultural dominante, e tudo isso vemos hoje, e na Pedagogia do Oprimido que Paulo Freire trabalha muito sobre isso, e a liberação dessa alienação, que pode estar inserindo a lógica do dominador, dentro da mentalidade das pessoas dominadas, que justificam, inclusive aplaudem, essa lógica, que inclusive em países como o Brasil nesse momento, em outros países da América Latina, onde olhamos que isso também acontece. (JARA, Entrevista, 2021)

Podemos encontrar ao longo de nossa história muitos retratos do poder hegemônico estabelecido por governos direitistas, encontramos claramente essas nuances nos vários processos ditatoriais enfrentados a duras penas em nossa América Latina ao longo dos últimos 60 anos. A Educação Popular como potência de transformação social, não se cala e nunca se calou a essas problemáticas, ela tira força de suas dificuldades, e motivação para seguir das derrotas que já sofreu, então ela continua e continua de novo, igual árvore quando pôda, ela vem com mais força, e assim ela segue e sempre seguirá, pois tem na classe popular, nos humildes, nos esfarrapados do mundo, nos oprimidos sua grande força motriz e lutará até que não haja uma pessoa com fome, sem direito a educação pública e de qualidade, sem acesso à saúde, sem suas garantias de direitos, ou que viva em situação de qualquer miséria existente.

Devemos quebrar essa lógica para construir a capacidade de autonomia, é um na tarefa ética, política, pedagógica, como parte da construção de uma matriz cultural e diferente, e acho que esse é o nosso grande desafio, o grande desafio não é só ter uma

outra ideologia, na internet ter só outro discurso, não só ter outras instituições, ter outros mecanismo, temos que ter outra cultura, outra forma de nos inserir no mundo e de construir nossa identidade, como espécie vinculada precisamente as raízes e as relações entre as pessoas, e nesse processo entra essa contribuição que vem dos povos Indígenas, que vem dos povos Andinos, que se fala de “Bem Viver” é um paradigma na verdade, é um paradigma de outra forma de conceber além das coisas, do lucro, do consumismo, para passar a valorizar outros elementos, outra ética e vai dirigindo sua vida social. [...] quais são as concepções, as intenções, estamos falando dessa Cultura Popular, na Cultura Popular que resgata os elementos mais ricos que vêm dessas raízes históricas, não os “Sacralizam” no sentido que todos podem ser parte também de um processo histórico, não temos que dizer porque as pessoas acreditam nisso, já tem validade em si mesmo, pois sempre vamos gerando uma capacidade de problematização. [...] essas são categorias centrais que perpassam todo o pensamento de Paulo Freire, exatamente ante essa situação, problematizamos também Cultura do povo, problematizamos os costumes, os hábitos, problematizamos às crenças, mas não para negar, mas sim para problematizar e construir outras possibilidades. Então eu acho que é uma trama muito importante, porque não estamos falando só de outro tipo de organização, de outro tipo de estrutura, de outro tipo de metodologia, estamos falando de outra Cultura, no sentido de outra forma de nos colocar no mundo, então é uma tarefa que atravessa todas as nossas relações como pessoas e nossas relações no planeta, e aí está esse desafio holístico, que faz, que a Educação Popular não seja concebida, só a Educação das pessoas adultas, só a alfabetização, é uma Educação que vamos fazer para formar o movimento sindical, é tudo isso sim, mas é mais, é formar outra concepção de Educação, concepção integrada, e uma educação crítica, criadora é capaz de possibilitar a construção de outra Cultura planetária, acho que com essa pandemia, acreditamos mais uma vez na importância de entrar nesse caminho. (JARA, Entrevista, 2021)

Essas categorias inspiradas em Paulo Freire, em Oscar Jara, em Brandão e Osmar Fávero, na Nima em todos os professores e Educadores Populares, e no povo, é o que traz sentido a essa pesquisa, pois reverbera o passado e o presente de forma não linear, ela é movimento, e água que corre ao contrário na ponte, é um fazer político-pedagógico que tem base sólida, que se ancora em um fazer histórico Latino Americano, e por meio dele que a gente segue adiante. A professora Nima ao indagar as proposições de Oscar Jara nos processos da entrevista que fizemos, reverbera um importante dizer:

Então nós reconhecemos que a Educação Popular é uma frente de resistência a tudo isso, e também que a Educação Popular faz uma intermediação libertadora e emancipadora, mesmo em cenários tão adversos, nestes cenários tão marcados pelas desigualdades sociais, uma crise política sanitária, a pobreza, extrema pobreza, a miséria, acho que a Educação Popular como essa frente de resistência, mesmo reconhecendo nesses últimos tempos, o avanço dessas forças conservadoras, desse estado pós-democrático, e a perda dos direitos sociais que foram arduamente conquistados pelos movimentos sociais, essa situação de uma superexploração e pelas corporações bilionárias, esse capital estrangeiro que a gente sabe, eles espalham a violência, a miséria, o neoliberalismo, e a destruição do mundo. (SPIGOLON, Entrevista, 2021)

Assim como nas palavras da professora Nima Spigolon, também podemos entender que a Educação Popular é uma forma de conceber o ser humano enquanto um meio de transformação social e também mental na outra pessoa, pois as relações biopsicossociais construídas pela sociedade estabelecem bases para que haja uma nova forma de Cultura e sim

agora uma Cultura verdadeiramente “Popular”, como classe trabalhadora, como linha de frente na guerra contra a violência, a injustiça social, contra o ódio e a opressão, e sim contra a praga do neoliberalismo, como bem pontuado por Spigolon (2021), a despeito disso podemos vislumbrar uma nação que assim tenha a prática político-social, pautada em concepções de Educação Popular enquanto Política Pública de Estado. Nosso entrevistado Oscar Jara (2021) nos mostra que essa concepção é verdadeiramente viável e possível.

Eu acredito que sim, que é possível Políticas Públicas tendo como base a Educação Popular, mas não só como um bom desejo, eu acho que temos experiências interessantes que mostram a viabilidade que uma outra concepção de educação, que baseada nesse fenômeno histórico-cultural e Latino-Americano que se chama Educação Popular, e que está teorizado principalmente pelos próprios Educadores e Educadoras Populares, que estão tentando construir também nossa própria fundamentação teórica epistemológica, e esse processo concebido como uma proposta integral, não é só uma proposta para pessoas adultas, não é só uma proposta para uma modalidade de alfabetização, ou pós-alfabetização, não é só uma proposta para trabalhar nos lugares estão longe e vamos fazer Educação Popular, não é só uma proposta de utilização de técnicas e dinâmicas que são de "Educação Popular". A ideia é que isso que chamamos de Educação Popular, é verdadeiramente uma proposta ética, política, pedagógica, integral, e que visa construir uma alternativa de educação, uma outra forma de pensar e fazer educação. (JARA, Entrevista, 2021)

Inclusive Oscar Jara nos conta que ao longo da história da Educação Popular na América Latina isso já aconteceu em alguns países na década de 1940 e 1960, e inclusive no Brasil com Paulo Freire como secretário da Educação da cidade de São Paulo com a prefeita Luiza Erundina, Oscar Jara traz a nota essas memórias estando sempre vinculadas a suas experiências pessoais ao lado de Paulo Freire, vamos conferir então isso na própria fala dele.

Já faz um tempo, nos anos 40 na Bolívia, aconteceu a experiência de Warisata, a escola Ayllu, em que Avelino Siñani e Elizardo Pérez foram os principais responsáveis por implementar uma metodologia que fosse realmente baseado na lógica, na estrutura da vida dessas comunidades, para esse momento, para esse lugar, mas que se você pega essa ideia, só pode pensar em não replicar mecanicamente, mas sim pegar a ideia de responder a distintos contextos para criar espaços educativos, que esse sistema educativo responda especificamente as características próprias desses lugares, bom então, esse tipo de escola na América Latina durou somente 12 ou 14 anos, depois foi fechada, mas acho que em uma primeira luz que podemos encontrar nesse sentido, no segundo o próprio Paulo Freire, que é muito interessante que na revista de Estudos Universitários, uma revista da Universidade do Recife, no ano 1961 ou 1962, Jarbas Maciel escreveu um artigo onde descrevia a proposta que estava trabalhando com a equipe de Paulo Freire, que guiou o trabalho da secretaria de extensão cultural na Universidade de Recife, e que em vínculo com outros movimentos da Cultura Popular e o Movimento de Educação de Base - MEB, fizeram a experiência de Angicos, mais que nesse momento se você falasse de um programa de alfabetização, um programa de educação primária, um programa de educação secundária, um sistema de educação Universitária, e ainda de um Instituto Internacional de Educação Popular, e nesse tempo já a ideia de que estava trabalhando Paulo Freire e sua equipe, era a ideia de um sistema educativo que tivesse essas outras características, dialógico, crítico, participativo. (JARA, Entrevista, 2021)

Ainda sobre essas propostas enquanto política pública ao longo da história agora no Brasil Jara (2021) pontua por meio de sua interpretação que.

Mas o que aconteceu em minha interpretação, é que na história, o início do desenvolvimento e da experiência de Angicos, seu sucesso, e depois parte de sua equipe a trabalhar no Plano Nacional da Educação, no governo de João Goulart, decidiram sobre a ideia da alfabetização, pois essa era a experiência mais bem sucedida da época, depois foi se esquecendo os outros elementos, depois veio o golpe, então essa experiência acaba e Freire vai para o Chile e consegue conectar a experiência da alfabetização com a experiência de Educação de Pessoas Adultas, Educação de Adultos especialmente no meio rural, assim como no âmbito dos primeiros anos, o trabalho na Reforma Agrária, no trabalho no “Instituto de capacitação e pesquisa para reforma agrária do Chile - ICIRA”. Então quando ele tira um tempo para escrever a Pedagogia do Oprimido, ele não está pensando na alfabetização, ele está pensando em uma proposta político-pedagógica muito mais integral, mas como a demanda era muito grande de alfabetização, ficou a necessidade de alfabetização, ficou uma ideia muito centrada na Educação Popular como uma educação de primeiro nível, uma educação elementar, uma educação de alfabetização nesse nível, e já se foi esquecendo essa ideia de um sistema, mas acho que essa é uma segunda fonte, a experiência na escola na Bolívia a de Jarbas Maciel que também tem trabalhado sobre isso, acho que Osmar Fávero teve trabalhos com isso no Brasil, algumas das falas também que Paulo Freire teve sobre Educação Popular e a Educação Libertadora, conscientização na universidade, por exemplo na Universidade de Chile, depois em seu trabalho em Harvard nos Estados Unidos, e depois com alguns movimentos de libertação na África, onde mais uma vez o tema da alfabetização voltou a ser o elemento central, mas ele volta para o Brasil, para São Paulo, e depois Luiza Erundina chama ele, e ele começa a pensar na Secretaria de Educação do Município de São Paulo, e eu tive a oportunidade de estar com o Paulo Freire em seu escritório na secretaria em São Paulo, fui com o companheiro Pedro Pontual, nesse momento. E então estivemos falando com ele, e tenho uma lembrança relevante que poderia contar, que ele estava assinando um monte de papéis e então ele disse para mim, “Olha eu falo muito de uma Educação Libertadora e olha aqui eu, estou escravo de assinantes de papéis nesse momento”. Então nesse momento ele estava assumindo o desafio também de repensar, como por exemplo tudo aquilo que está em “Professora Sim, Tia Não, Cartas a Cristina, Pedagogia da Autonomia”, repensa precisamente uma outra aproximação de Freire a ideia de fazer uma outra política Pública de Educação Popular. (JARA, Entrevista, 2021)

Através das narrativas de Oscar Jara ficou claro que há indiscutivelmente formas e possibilidades de se pensar a Educação Popular enquanto Política Pública de Estado, mas para isso há também que se pensar a Educação Popular como modalidade, mas não só enquanto modalidade em si mesma, e sim enquanto concepção, de ensino, de saúde, de assistência social, enfim, em todos os conjuntos governamentais de um país. Oscar Jara encerra essa sua fala “sobre políticas públicas” em nossa entrevista com uma afirmação esperançosa e citando mais alguns exemplos no continente Latino-Americano dessa modalidade.

Eu acredito que não só é possível, mas é necessário, mas significa colocar a ideia da Educação Popular não só como uma modalidade, mas sim como uma concepção. Eu trabalho com universidades e trabalho com Universidades Públicas aqui, e lá na Costa Rica, e também em outros países estou trabalhando nos processos de Extensão Universitária apoiando os processos de sistematização de experiências de extensão para produzir conhecimentos teóricos, desde as práticas de extensão, que a partir disso dialoguem com a docência, ao ensino e a pesquisa na Universidade, isso significa também pensar a criação de uma Universidade Popular, uma Universidade na lógica de uma Educação Popular, e temos muitas experiências de Extensão Universitárias, algumas experiências na Argentina, experiências em Colômbia, em Cáli que por exemplo, neste momento estão em um processo de luta muito grande, a Universidade de Cáli tem um Mestrado de Educação Popular, no Brasil vocês conhecem que

também tem várias iniciativas nesse sentido, eu acho que, pouco a pouco, estamos construindo as possibilidades de outra educação possível, que precisamente seja uma educação crítica, dialógica, alternativa, libertadora e nesse sentido popular. (JARA, Entrevista, 2021)

O evidenciamento através das narrativas de Oscar Jara enquanto afirma que é possível pensar processos de Políticas Públicas de Estado por meio da Educação Popular é uma característica que está atrelada inerentemente aos processos influenciadores do pensamento político-pedagógico e social de Paulo Freire ao longo da década de 1960 e seguintes, sobretudo esses processos acontecem através da influência que sua práxis pedagógica exerceu ao longo dos anos nas Universidades Públicas e nos movimentos sociais Latino-Americanos como pode destacar Oscar Jara ao longo de suas narrativas em nossa entrevista.

Eu acho que ainda é uma tarefa pendente, independente da ideia de que precisamente as propostas da missão de Paulo Freire estejam mais presentes nos movimentos sociais da América Latina desde os anos 60, tem com certeza uma presença, mas é uma presença que agora neste momento está começando a crescer cada vez mais, tem interesses no movimento sindical, é curioso que muitos desses movimentos magisteriais, são movimentos de reivindicação dos educadores e educadoras, mas não são movimentos pedagógicos em termos de propostas transformativas, transformadoras de educação, e tem reformas educacionais que tem acontecido em alguns governos, e que algumas delas tem inspiração Freireana, mas o movimento dos professores e professoras não tinha pegado isso como prática e como sua Bandeira, então acho que esse seria um movimento que seria muito mais lógico, e que o pensamento e a contribuição de Paulo Freire inspirasse as propostas de transformação Educacionais, eu acredito que no campo das Universidades na América Latina estão muito mais presentes, no campo de experiências de extensão Universitária, nos campos de experiências que vinculam o compromisso da Universidade com a sociedade está muito mais presente, pois estão inspirados em seus projetos de extensão, ou como Humberto Tomasino do Uruguai fala da extensão crítica, são processos inspirados em um vínculo dialógico de saberes que estão inspirados precisamente em Paulo Freire, Orlando Fals Borda, e depois tem sido sistematizado por Boaventura ou tematizado por Boaventura de Sousa Santos, mais acho que dentro das Universidades estão cada vez mais presentes. (JARA, Entrevista, 2021)

A influência de Paulo Freire é algo que encontramos sempre presente, ela surge ao longo da década de 60, rompendo com os paradigmas políticos sociais instituídos pelos governos de direita no continente Latino-Americano, ele inclusive abarca ao longo da história da Educação Popular influências que encontram-se presentes nas Universidades desde os anos 60 como Oscar Jara pode recobrir muito bem em suas narrativas, e ele avança ainda dizendo que Paulo Freire está nas Universidades para romper com esses processos excludentes e opressores nos mais variados níveis de ensino.

Estamos encontrando os limites de uma Universidade Pública que estão pegando os parâmetros das Universidades Privadas, e a lógica é predominante nas Universidades Europeias, como o paradigma de referência que tem a produção de papers para serem publicados em revistas indexadas, para ter uma qualificação e não a produção do pensamento que dialoga com a realidade, que dialoga com os sujeitos, atores sociais. Então acho que cada vez mais, a uma crítica dentro das Universidades sobre isso, de tal forma que estão criando como um debate, um questionamento na problematização,

e seguindo a ótica Freireana a gente está tentando problematizar mais ainda sobre isso, e uma das brechas que estão se abrindo, é preciso que nas experiências de extensão, e felizmente na América Latina nossas universidades normalmente tem uma área de extensão, que uma Pró - Reitoria, ou uma secretaria importante tem recursos variados, diversos, mais precisamente em outros países do mundo, não existe extensão, tem Universidades na Europa que não utilizam essa ideia, as Universidades são como uma cápsula fechada que estão produzindo conhecimento para alguma vez transferir ao mundo dentro do âmbito científico. Então essa necessidade de criar uma ciência, um pensamento científico, vinculado às necessidades, às problemáticas, e aos saberes populares acho que cada vez está mais presente. Então eu diria que esse é um âmbito de trabalho, que está cada vez mais forte, tem também um questionamento metodológico cada vez mais presente, um questionamento a essa ideia do professor que vai chegar vai falar uma hora, e depois vai avaliar os trabalhos, por uma ideia de processos muito mais ativos, muito mais participativos, e tem a ver com essa ideia Freireana, que está no segundo capítulo da Pedagogia da Autonomia, “Que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as condições para subprodução e construção”, eu acho que essa ideia que ele transmitir não só na Pedagogia da Autonomia, mas também é um elemento, um fio condutor do pensamento Freireano. (JARA, Entrevista, 2021)

Ainda sobre essas proposições Freireanas de transmissão de conhecimentos nas Universidades, agora também em comunidades, escolas e sociedade em geral, Oscar Jara (2021) continua pontuando que:

Desde o começo a ideia de que não é possível transferir conhecimento, eu posso transferir informações, como agora eu posso estar falando com você, mas vai produzir conhecimento na medida em que cada um vai associar essas informações, com o conhecimento que já tem, e que portanto a relação entre o conhecimento existente e essas informações para produzir uma aprendizagem, um novo conhecimento, é sempre um processo ativo, não é um processo passivo de acumulação, então novamente voltamos a ideia de uma crítica à educação bancária, que segue sendo um paradigma, que mesmo que se fale que não, está sendo predominante em nossas Universidades, e também em sistemas escolares usados para colocar o tema da metodologia de outra forma, e colocando a pesquisa por exemplo, o desenvolvimento das capacidades de pesquisa, debates entre estudantes, entre estudantes e professores, debates entre professores. Mesmo que não seja “eu tenho o meu curso, meus alunos, meu costume”, e ficam fechado aí, para pensarmos que somos parte de uma comunidade de estudo, de debate, de discussão, onde os estudantes têm também sua própria voz, e o movimento estudantil pode ter também um protagonismo, então, faz dois anos que celebramos os 100 anos da reforma de Córdoba, e na reforma de Córdoba na Argentina se criou a Extensão Universitária, e se criou a proposta de um vínculo crítico contra o dogmatismo, e contra essa forma de ensinar fechada, e faz 100 anos, e ainda temos muitas universidades, em que ainda não temos esse processo de mudança. Então, eu acho que estamos diante desse desafio de poder então, conseguir a inspiração, não a receita, mas sim a inspiração do pensamento que Paulo Freire nos deixou desde a década de 1960, para precisamente perguntarmos-nos por exemplo, “O que significa criar as condições que fazem possível a construção de conhecimento?”. Só colocando isso dentro de minha proposta pedagógica, quais são as metodologias coerentes com isso?, o que implica colocar a pesquisa com o vínculo, com os temas da realidade dos saberes das pessoas?, com as condições de construção e de produção de conhecimento?, e vamos acrescentar um pouco a essa ideia, não só criar as condições, mas criar também as disposições, as disposições subjetivas que precisamente nos motivam para construirmos aprendizagem, então aprendizagem sempre ativa, sempre a construir, não é uma coisa passiva que se recebe. Então esse elemento, eu acho que, desse ponto de vista metodológico, desse ponto de vista também do sentido e do fracasso de muitos sistemas escolares, ou também da crítica aos sistemas Universitários, tem que entrar cada vez mais. (JARA, Entrevista, 2021)

Acreditamos que o pensamento pedagógico de Paulo Freire presente ao longo da

história da Educação Popular é a própria práxis social do seu conceito de inédito viável¹⁴⁴, pois através dele podemos entender que o mundo não é, ele está sendo, e que a nossa história não está pré determinada no tempo e no espaço, e é por meio dela que temos que problematizar as situações limites que encontramos em nosso cotidiano, para construir o inédito viável, neste sentido podemos contemplar que o inédito viável não significa fazer qualquer mudança, mas sim significa fazer a mudança mais radical possível que hoje é viável fazer, portanto tem que ser inédita essa mudança no seu contexto de vida, tem que ser uma mudança profunda, mas também é aquilo que é possível fazer agora, e ao fazer essa mudança, esse inédito viável, estamos construindo as condições, essas possibilidades para poder fazer depois outras mudanças que agora não podemos. (JARA, 2021). E é nesta linha que acreditamos e entendemos as propostas que Jara (2021) nos coloca sobre o “Inédito Viável”, para os processos de Educação Popular na América Latina.

Eu acho que essa ideia freireana da construção do inédito viável, é cada vez mais presente, porque nesse momento especialmente com a pandemia, por que se pegarmos a Pedagogia do Oprimido, quando Freire fala das situações limites, ele está falando dos anos de 1960, 1970, olhemos agora a situação da pandemia, e a situação da pandemia é claramente uma situação limite, e a situação limite é uma situação na qual você não poder fazer nada, porque ela é mesmo assim, e é quando você pensa em contar que Freire recusa isso, ele diz não, o mundo não é, ele está sendo, nossa história não está pré-determinada, e temos que problematizar as situações limites, para construir o inédito viável, então vamos encontrando uma pista, de mudança muito importante, porque “O inédito viável não significa fazer qualquer mudança, significa fazer a mudança mais radical possível que hoje é viável fazer, portanto tem que ser inédita, tem que ser profunda, mas também aquilo que é possível fazer agora, e ao fazer essa mudança, esse inédito viável, estamos construindo as condições, essas possibilidades para poder fazer depois outras mudanças que agora não podemos”. Então acho que é uma filosofia política muito importante de uma estratégia, que não significa que esperar para ver o que acontece, ou ficarmos resignados diante de uma situação limite, mas sim significa encontrar as brechas, as possibilidades e nessas brechas entrar e fazer o máximo possível que podemos fazer agora, e só isso vai nos dar força, capacidade de iluminação, e condições para poder fazer depois outras coisas. Então não é um avanço somente pequenino cotidiano, é um avanço qualitativo de construção de outras condições. Eu acho que essas ideias, agora neste ano tem sido cada vez mais pertinentes para muitos movimentos, para movimentos que estão em situação muito difícil, para processos na América Latina sobretudo, que tem que enfrentar uma resistência muito grande e pensar portanto que a resistência não é um ato defensivo, a resistência e a capacidade de pensar e imaginar, e fazer uma mudança, isso é resistir, e portanto uma pedagogia da resistência, não é só uma pedagogia só de defender, mas de criar uma resiliência que seja condição para imaginar e fazer outras coisas. (JARA, Entrevista, 2021)

Oscar Jara neste momento de sua narrativa traz as reconversões de uma pedagogia

¹⁴⁴ A partir da leitura Freireana de Inédito Viável ancorada como: A materialização historicamente possível do sonho almejado. É uma proposta prática de superação, pelo menos em parte, dos aspectos opressores percebidos no processo de conhecimento que toma como ponto de partida a análise crítica da realidade. O risco de assumir a luta pelo inédito-viável é, pois, uma decorrência da natureza utópica, própria da consciência crítica, e encerra em si uma perspectiva metodológica, visto que faz do ato de sonhar coletivamente um movimento transformador. (FREITAS, 2005, p. 06)

da resistência, do qual não é só uma pedagogia para se defender, mas sim para criar e recriar uma resiliência tal qual se torne uma condição para imaginar e fazer outras coisas, para si e para o coletivo na realidade onde encontre-se socialmente inserida, inspirado neste processo da entrevista, ele traz mais outras duas categoria Freireanas, que são categorias muito importantes no pensamento e na práxis pedagógica de Paulo Freire, que são as categorias da “Boniteza e da Esperança”. “Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero” (FREIRE, 1994, p. 47). Vejamos a esperança e a boniteza para Jara (2021), nos processos acontecidos nos movimentos históricos pela América Latina.

E aí outra vez Freire, com a ideia de que esperança não vem de esperar, mas sim de esperarçar, e ele dizia que temos que criar o verbo esperarçar”, ele gostava muito de jogar com as palavras, e punha muita atenção aos termos, as palavras, a forma como você fazia uma pergunta, e ele tem essa capacidade muito interessante. Então ele criava a boniteza, por isso ele foi criando outras palavras, porque talvez a linguagem ficava de acordo para tudo aquilo que ele queria dizer. Então nesse momento falar de esperança, acho que é muito importante, porque é um momento de onde a lógica pode ser, “vamos esperar ver o que acontece, e se esperamos ver o que acontece não temos saída”, “temos que esperarçar, temos que construir as possibilidades e as condições”. Então acho que essa é a lógica da presença nos movimentos que temos que criar, no CEAAL temos que nos vincular com todos os movimentos, os movimentos ambientalistas, os movimentos contra o racismo, os movimentos feministas, e movimentos que tem haver com moradia, movimentos camponeses, movimentos indígenas, etc... de tal forma com essa capacidade de nos movimentar e inspirar nossa capacidade de construir, nossa capacidade de ser sujeitos da história, que eu acho que é o sentido fundamental de uma pedagogia Freireana, então inspirados nisso, temos muitas maneiras de ser, portanto não temos uma receita, o que se faz em um lugar pode ser muito diferente em outro, mas podemos nos inspirar mutuamente, e precisamente construindo essas possibilidades. (JARA, Entrevista, 2021)

Aproximar-se do pensamento de Paulo Freire socialmente referenciado e reconstruído nas narrativas de Oscar Jara (2021), é pensar na existência humana, é pensar, e também é articular as dimensões do pensar, do sentir e do agir do ser humano, do relacionar-se, do se colocar no mundo. E talvez para nós pesquisadores um dos fatores que mais assustam e causam estranheza no pensamento do Paulo Freire é esse teor político, esse teor libertador, emancipador, não solitário, ou isolado e ególatra, mas como Paulo Freire gostava de dizer esse pensamento deve ser comungado, amoroso em um mundo onde não seja tão difícil amar, e ele também gostava de dizer. [...] quando eu morrer quero ser lembrado como alguém que amou as plantas, amou a água. (FREIRE, 1994; SPIGOLON, 2014). O destacamento das contribuições Freireanas é nítida nos cenários Latino-Americanos, mas não somente em outros países do continente, mas na década de 1960 no Brasil ele começa a se tornar um nome muito forte, principalmente depois de 1963 com os resultados das 40 horas de Angicos.

Carlos Brandão (2021) assinala que é importante lembrar que nesse período na América Latina, paralelamente as contribuições e influência de Paulo Freire, como nos explicou

bem Jara¹⁴⁵ (2021), que começava-se a se espalhar pelo continente, estavam fervilhando as atividades pedagógicas de Cultura Popular e dos MCPs no Brasil, a Educação Popular começa a nascer e se colocar no cenário Latino, mas aqui no Brasil, as atividades de Cultura Popular imperavam, principalmente nas Universidades, neste momento da história Carlos Brandão era estudante de Psicologia e frequentava ativamente as atividades de militância na Universidade, vejamos esses relatos.

É preciso lembrar, mais uma vez, que de 1960 até 1963, 1964, não era tanto a educação popular que nos mobilizava, era muito mais a cultura popular — que inclusive integrava, lá mesmo no Recife de Paulo Freire, mais pessoas da área de Serviço Social do que da Pedagogia, Serviço Social era uma das áreas profissionais mais presentes. E também da saúde, tinha mais médicos do que pedagogos. Além disso, Ciências Sociais, e, principalmente, artistas. O mundo inicial de Paulo Freire não é tanto o mundo da pedagogia, é o mundo dessa pluralidade. Ele vai ser exilado com o Augusto Boal (criador do teatro do oprimido), com o poeta amazonense Thiago de Mello, e com outros artistas, cientistas sociais e filósofos, mas com muitos poucos pedagogos. É interessante esse dado. Os companheiros dele de exílio em Genebra vão ser: Marcos Arruda (um economista que depois faz doutorado em educação com Gaudêncio Frigotto, que ficou 16 anos exilado também); a Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira (que vêm mais da área de filosofia e ciências sociais); e o Claudius Ceccon (que é o cartunista). Então, é muito interessante porque a experiência da educação popular não se dá da própria educação popular para fora, ela se dá de fora para a educação popular. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Por meio da pluralidade de acontecimentos e dos cenários políticos sociais entremeados com a Cultura Popular e a diversidade entre as formações pedagógicas dos companheiros da década de 1960 de Carlos Brandão no Brasil e também na América Latina, ele revive no processo de entrevista um outro fato curioso a respeito de uma memória ao qual cita Oscar Jara nesses tempos.

E essa pluralidade, por exemplo, eu não me lembro o que o Oscar Jara é de formação, se ele é cientista social (nós somos tão amigos e eu não me lembro), mas lembro que de uma pluralidade de pessoas que vão pela América Latina espalhar o que é educação popular, e são cientistas sociais, são filósofos (em grande quantidade), assistentes sociais, médicos. E isso é, que é a riqueza da educação popular. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

¹⁴⁵ Existe uma memória muito curiosa de Oscar Jara ao lado do professor Paulo Freire em um encontro na Nicarágua em 1983 sobre Educação Popular para a paz, que vale muito a pena ser destacada para contextualizarmos a formação do Educador Popular, do dirigente popular, das lideranças populares em movimentos sociais na América Latina. Oscar Jara puxa nos fios de suas memórias as palavras de Freire. “Então ele diz “adorei essa conversa com vocês, mas tenho que ir embora” e ele vai saindo, e então eu aproveitei e não tive vergonha de perguntar, “Professor você vai para seu quarto? Posso acompanhá-lo? Ele me disse, “claro” então fomos os dois sozinhos conversando. Nesse tempo, eu estava atuando na coordenação da “REDE ALFORJA” e teríamos uma discussão sobre, que nós éramos os Educadores Populares e queríamos formar os dirigentes populares, e nos perguntávamos também se os dirigentes populares poderiam ser Educadores Populares também, esse era um debate também, e eu quis aproveitar a presença dele e perguntei: “Professor, tem uma coisa, um dirigente Popular, uma liderança, pode ser um Educador Popular? e ele me disse, não acho que pode, ele deve ser, porque o trabalho de uma liderança, o trabalho de um dirigente é um trabalho organizativo, e como trabalho organizativo, deve ser educativo,” e ele me colocou um exemplo, que me lembro quase com as palavras que ele utilizou, que ele disse, “Mas os caminhos da história são caminhos poeirentos, e portanto se a liderança caminha diante das pessoas, o povo que vai levantar suas sandálias, vai permitir a eles enxergar para onde vão, mas também se ele vai atrás das pessoas, o povo que vai levantar as sandálias e sacudir a poeira, vão permitir a ele saber para onde conduzir, ele(a) deve estar junto com as pessoas”. (JARA, Entrevista, 2021)

Oscar Jara (2021) em consonância com Brandão (2021), destaca “[...] que temos que caminhar por caminhos poeirentos e empoeirados, e temos que saber caminhar junto com pessoas para encontrar, e saber para onde vamos caminhar. [...] porque essa Educação Popular não são só ideias, são vivências que nos marcam.” (JARA, Entrevista, 2021). Os processos de Educação Popular narrados por Brandão e por Oscar Jara são faróis para nos guiar pelas trilhas históricas da Educação Popular no Brasil e na América Latina. E é por meio desses caminhos e aspirações que destacamos a importância de recobrir essas memórias a despeito dos Educadores que foram e são ainda nos dias de hoje fundantes para as reconstruções memorialísticas da história da Educação Popular. Inspirados nesses fatos revisitemos então mais uma memória de Brandão sobre esses tempos.

Em 1963, o DCE da PUC (Diretório Central dos Estudantes), inclusive, vocês precisam lembrar que nos anos 60 as universidades fervilhavam de mobilização estudantil. A gente chamava de MU (Movimento Universitário). Então, todos esses grupos, PCdoB, PCBÃO, JUC, Movimento Solidarista Universitário, estavam ancorados nesse MU, como também a luta pela reforma universitária, a UNE, que depois foi incendiada no Golpe Militar e as UEES (União Estaduais de Estudantes). Eu por exemplo, ia para a PUC e tinha aula só de manhã, de Psicologia, eu voltava para casa à noite. O resto do dia era atividade política, cultural, e assim por diante. Lembro-me que eu, estudante de Psicologia, fui fazer um curso de jornalismo político no prédio da UNE (que era também da União Estadual do Rio de Janeiro). E durante um tempo eu fui jornalista num jornal chamado “O Metropolitano”. Tudo isso a gente chamava de atividades de cultura popular, jornalismo popular, teatro popular e alfabetização popular. Educação popular veio depois. (BRANDÃO, Entrevista, 2021)

Acreditamos que ao recobrir os percursos históricos marcados nas memórias, nos sentimentos, nos corações e na pele de Oscar Jara e de Carlos Brandão, “Oscar pelos países da América Latina e Brandão pelo Brasil e depois pela América Latina” ao longo da década de 1960, é reconhecer que a Educação Popular é uma metodologia qualitativa segura e uma epistemologia social concreta, que sim poderia nos permitir implantar processos e atividades político-pedagógicas pautadas na Educação Popular em qualquer país de nosso continente, como foi muito bem explicado nas narrativas de Oscar Jara ao longo do processo da entrevista revivida nas páginas deste texto. Cabe a nós agora problematizarmos essas questões revisitadas no decorrer da história da Educação Popular, para assim vislumbrarmos mudanças políticas sociais concretas para nossos países, em grande medida pensar a Educação Popular acontecida isoladamente no Brasil não é adequado, pois ela faz parte de um movimento muito mais amplo como pôde nos apresentar Oscar Jara em sua visão Latino-Americana da história acontecida. Ficamos no horizonte então com o desejo de percorrer, redescobrir e revistar sempre novos caminhos, por meio desse movimento caleidoscópico de narrativas, para assim ampliarmos esse lindo movimento que foi criado pela geração dos Educadores Populares da década de 1960.

3.4 – Memórias Compartilhadas: Revisitando os percursos político-pedagógicos dos Educadores Populares Vera e Zeca Barreto

Se vale a pena viver a vida esplêndida -
esta fantasmagoria de cores, de grotesco, esta mescla de estrelas e de sonho?
... Só a luz! Só a luz vale a vida! A luz interior ou a luz exterior.
Doente ou com saúde, triste ou alegre, procuro a luz com afeição.
A luz, para mim é a felicidade. Vivo de luz. Impregno-me, olho-a num êxtase.
Valho o que ela vale. Sinto-me caído quando o dia amanhece baço e turvo.
Sonho com ela e de manhã é a luz o meu primeiro pensamento.
Qualquer fio me prende, qualquer reflexo me encanta.
Raul Brandão - Balanço à Vida. Parte II de: Se Tivesse de Recomeçar a Vida.

As memórias compartilhadas ao longo desta dissertação são sementes de esperança cuidadosamente plantadas ao longo da história da Educação Popular no Brasil e na América Latina pela geração dos Educadores Populares da década de 1960. Neste contexto inserem-se como semeadores de sonhos, de ideias político-sociais, de luta, de amor, de utopias e de esperança o “Casal Barreto” - Vera Barreto e José Carlos Barreto, hoje com certeza posso dizer que sou o fruto dessas sementes plantadas por essa geração de Educadores tantos anos depois. Para reconstruir esse emaranhado de teias históricas e de memórias, a Professora Dra. Maria Clarisse Vieira, o qual é figura central no processo memorialístico de Vera e Zeca Barreto no Brasil e nesta pesquisa, gentilmente nos cedeu uma entrevista riquíssima, do qual disponibilizamos trechos para poder abrilhantar a reconstrução histórica das memórias que ela visitou por meio de sua pesquisa de Doutorado defendida no ano de 2006 na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com o título: Memória, História e Experiência: Trajetória de Educadores de Jovens e Adultos no Brasil¹⁴⁶.

Ao longo da feitura deste tópico da pesquisa, revisitaremos a própria trajetória de vida profissional e de pesquisas da professora Clarisse, pois ela está diretamente imbricada com a influência e com o legado da Geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil, os quais são expoentes centrais dos processos dessa pesquisa. Alinham-se a esses processos memorialísticos a passagem recorrente de experiências construídas individualmente e também coletivamente ao lado de práxis pedagógica inspiradas em Paulo Freire. Esse é um processo que atravessa também Vera e Zeca Barreto, pois foram pessoas que tiveram uma proximidade muito grande com Freire e com toda sua obra, desde o surgimento da Educação Popular e da Educação de Adultos na década de 1960 no Brasil.

Outra proposição importante revisitada por meio das narrativas da professora Clarisse é o conjunto de atores e movimentos sociais que se encontram atrelados a outros nomes

¹⁴⁶ Esse importante trabalho memorialístico da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos no Brasil pode ser acessado em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/HJPB-6VZL86/1/2000000111.pdf>

ao longo do resgate dessas memórias, nomes estes como: Carlos Rodrigues Brandão, Osmar Fávero, Paulo Freire, Aída Bezerra, Renato Hilário dentre outros¹⁴⁷. Como a professora Clarisse é um dos focos dessa pesquisa, mas nasceu na geração seguinte da desses professores, e depois foi e é totalmente influenciada por essa geração de Educadores Populares da década de 1960. Para poder contextualizar historicamente sua trajetória de vida, profissional e de pesquisas será feito uma digressão atemporal ao recorte estabelecido na pesquisa, pois entendemos que os processos da Educação Popular alinham-se no tempo e no espaço de forma não linear. (JARA, 2020). Com o intuito de recuperar esses percursos, revisitemos então a trajetória da professora, que se inicia sob inspiração de sua mãe.

Eu tive que puxar pela memória esse meu encontro com a Educação Popular que começa com a minha mãe. A minha mãe foi professora primária, em função da escolha dela quando eu estava terminando o meu ensino médio eu me deparei com a inquietude das escolhas que eu iria fazer em relação à minha vida profissional e na época haviam duas possibilidades na minha cidade que era fazer o magistério ou fazer o curso de contabilidade. Então a minha mãe mais que prontamente me disse que cursar magistério seria a profissão mais apropriada porque segundo ela eu me formaria professora e teria uma profissão. Então assim, a minha escolha pelo magistério tem muito a ver com a influência da minha mãe que foi Educadora Rural, então eu tive essa influência que marcou a minha trajetória e posteriormente, diferentemente de muitos jovens da minha cidade que é uma cidade que nasce às beiras do Rio São Francisco, eu sou de Minas Gerais, eu já fui desenhando e germinando em mim aquele desejo de prosseguir a minha formação profissional. A minha cidade não tinha muitas opções, faculdades à época. Era a década de 1990, final da década de 1980 início dos anos 1990, e eu fui tentar o vestibular da Universidade Federal de Viçosa, isso por volta do início dos anos 1990 e fui aprovada. Fui a primeira da minha família a ingressar no curso superior. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Correlacionando relampejos de memórias da vida pessoal com o início da vida profissional, a professora Clarisse puxa nos fios de suas memórias lembranças que a leva sempre a recobrir suas inspirações profissionais em grande medida devido às contribuições especiais de sua querida mãe.

Lembrando um pouco, relacionado com essa história da escolha profissional, a minha mãe veio da zona rural e só tinha até o antigo curso primário e depois de casada, com os filhos nascendo, ela fez a sua formação no ensino fundamental e médio em magistério praticamente criando os filhos e se formando, então eu nasci num berço de Educação de Jovens e Adultos porque meus pais eles tiveram essa formação também tardia, então tem esse começo aí com a minha mãe que me marcou e que me indicou os nortes. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Com a inspiração em seu coração, reverberada pelas palavras de sua mãe, Clarisse então ingressa na Universidade Federal de Viçosa, e é lá que tudo começa, ela tem suas primeiras experiências com a Educação Popular, com a Educação de Adultos, com a Extensão

¹⁴⁷ Nos ateremos com mais profundidade nesse contexto ao casal Barreto, “Vera e Zeca Barreto”, que são os nomes escolhidos por meio da estrutura metodológica desta pesquisa. Destarte a fim de contextualizar alguns momentos especiais atrelados a história de vida pessoal e profissional da professora Clarisse esses outros sujeitos farão parte desses registros.

Universitária como braço de ação da Educação Popular e também com o querido professor Paulo Freire e toda sua literatura libertária.

Ingressei na UFV na década de 1990 e eu me lembro de 1992 do Fora Collor. Eu participei do fora Collor, me envolvi nos movimentos dos estudantes da década de 1990, fui de Centro Acadêmico, mas algo que me marcou profundamente foi que a universidade federal de Viçosa tinha desde a década de 1980 um programa de extensão universitária, na verdade era um curso que atendia servidores da universidade que não sabiam ler e escrever e eu em 1994 me candidatei, fiz uma seleção para atuar nesse curso. Naquela época eu tinha que fazer uma prova, tinha toda uma seleção e por meio dessa seleção eu ingressei nesse curso como professora, educadora e pesquisadora e esse ingresso foi o que marcou a minha imersão no campo da Educação de Jovens e Adultos. E olhando para trás, para a década de 1990 a gente percebe que naquele período, mais ou menos década de 1980, a porta de entrada da Educação de Adultos era a extensão e não foi diferente na UFV, nesse curso que atendia os servidores. Quem eram os professores eram os próprios estudantes de pedagogia e eu por meio dessa experiência tive a minha iniciação como professora na Educação Popular. Foi a minha primeira iniciação na Educação Popular, eu diria. Eu me lembro que para ser professora desse curso, que era um curso que os próprios professores da universidade coordenavam, tinha essa seleção, e para essa seleção eu tive que ler Pedagogia do Oprimido e Educação como Prática da Liberdade, nesse momento eu tive o meu encontro com Paulo Freire. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Com toda essa inspiração que brotava no coração de professora Clarisse, ela participa de suas primeiras atividades como bolsista de Iniciação Científica no programa de PIBIC¹⁴⁸ no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEAD, e foi através desse núcleo de Educação que Clarisse então se aprofundou nas concepções Freireanas de Educação Popular e de Educação de Adultos. É interessante destacar que ao longo das memórias e das narrativas de nossos sujeitos focos da pesquisa, sempre aparecem memórias ao lado de Paulo Freire e de toda sua influência e importância para essa geração como a da professora Maria Clarisse, que seria influenciada pela geração de 1960, dos quais estavam Carlos Brandão, Osmar Fávero, Paulo Freire, e Vera e Zeca Barreto, sujeitos centrais que reviveremos ao longo do desfecho desse tópico da pesquisa.

Eu nunca tinha lido o Paulo Freire e foram livros que marcaram a minha vida, esses dois livros na época da graduação foram como um abrir de janelas na minha mente para essa compreensão da educação como ato político, do diálogo entre educando e educador. Essa experiência vivenciada no NEAD, que era o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, foi um divisor de águas que inclusive fez com que nascesse em mim o desejo de aprofundar os estudos no campo da Educação de Adultos e da Educação Popular. Entrando assim no fio da memória por meio desse projeto do NEAD, eu me lembro que eu fui bolsista de iniciação científica em dois projetos que tratavam de currículo e avaliação e me enveredei no campo da Educação de Adultos que à época os artigos não falavam EJA o termo era e “EDA - Educação de Adultos”, eu me lembro que era o termo que se usava, à época em um evento que marcou a minha graduação, minha formação de graduação, foi quando em 1996 eu participei de um evento Internacional que aconteceu no parlamento Latino-Americano, era um encontro Internacional de Educação de Adultos e eu fui participar com a minha orientadora de PIBIC. Quem fez a conferência de encerramento foi o professor Paulo Freire, que eu pude ver em vida, e eu me lembro como hoje das palavras do Paulo Freire encerrando

¹⁴⁸ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Viçosa.

aquele evento. Eu me lembro que teve o lançamento do livro dele “Paulo Freire Uma Biografia”, logo após a fala do Paulo Freire. Foi emocionante ver o Paulo Freire vivo, ver o Paulo Freire falar sobre Educação de Adultos e a relação que ele estabelecia entre a Educação de Adultos e Educação Popular, foi algo que marcou a minha caminhada e fez com que nascesse em mim esse desejo de querer aprofundar, de querer conhecer mais do campo. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Com inspiração presencial do encontro Latino-Americano de Educação Popular e de Adultos vivido com Paulo Freire e com sua orientadora, Clarisse então começa a despertar em seu âmago o desejo de seguir como pesquisadora da Educação Popular e da Educação de Adultos em suas trajetórias profissionais e de vida. E é então por meio desse desejo que inicia seu Mestrado Acadêmico em Educação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, estudando a Educação de Jovens e Adultos no campo das Políticas Públicas, sob orientação da professora Dra. Selma Guimarães Fonseca, que é uma inspiração como professora e pesquisadora na área da história e da memória no Brasil. Vejamos essas memórias nas próprias palavras de Clarisse.

Foi quando eu tentei a seleção para mestrado, na época havia muitos caminhos e muitas possibilidades, inclusive para a Unicamp, mas eu acabei indo para a Federal de Uberlândia. Fiz o meu mestrado também na área de Educação de Jovens e Adultos, estudando o campo das políticas públicas e foi um primeiro momento de aproximação ao campo porque em Uberlândia nós verificamos que até aquele momento não havia estudos sobre a Educação de Adultos, então eu fiz um estudo sobre as políticas públicas dos anos 80 e 90 naquela cidade. Foi uma época muito importante para minha orientadora também, ela era uma estudiosa do campo da história e da memória oral, professora Selva Guimarães Fonseca, e por meio da Selva também fui conhecendo um pouco mais do campo da história oral, da memória o que certamente a gente não imaginava, mas favoreceu a escolha da temática posteriormente no doutorado. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Já tendo finalizado seu mestrado em Educação, Clarisse segue para Brasília para se tornar professora substituta na Universidade de Brasília – UNB, lecionando disciplinas como: Didática fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Projetos individualizados da Prática Docentes e também realizando orientações de algumas monografias. Nesse entremear do tempo Clarisse se casa e tem seu primeiro filho no ano de 2001, eram momentos de muitas emoções, início de casamento, chegada do primeiro filho e início da vida profissional enquanto docente no ensino superior na UNB. E é nesse emaranhado de sentimentos, emoções e com o coração cheio de felicidade que Clarisse têm seu segundo encontro com a Educação Popular e com Renato Hilário, e adiante se estabiliza como professora permanente através do concurso para docência na UNB, respondendo assim nos dias de hoje pela cadeira da Educação de Jovens e Adultos na Universidade.

Finalizado o mestrado eu entrei como professora substituta. Fui para Brasília tentar a sorte e coincidiu com muitas coisas, era começo de vida porque eu havia me casado recentemente, também meu primeiro filho nasceu em 2001, então eu estava

vivenciando muitas coisas ao mesmo tempo: família e início de vida profissional no ensino superior. Em 2000 eu tenho meu reencontro com o Renato Hilário, que a Nima conhece pessoalmente, a primeira vez que eu conheci o Renato foi por meio de um texto que eu havia lido que ele havia publicado na Educação Realidade ainda quando eu fazia graduação e durante a graduação no último ano eu participei de um ENEPE, que é o Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia, e nesse ENEPE também tive a oportunidade de participar de um mini-curso com o professor Renato sobre extensão universitária e ele nos brindou no final do ENEPE com a conferência de encerramento, a gente não imaginava que nesses caminhos da vida, posteriormente, haveria esse reencontro na UnB. Ele havia acabado de defender a tese de doutorado dele na Unicamp sobre a Constituição do direito de amor, poder e saber na Educação de Jovens e Adultos, e eu chegando na UnB reencontro com o Renato agora em outra condição. Eu passo a integrar o grupo de pesquisa que ele havia criado recentemente, um grupo de ensino, pesquisa e extensão, um nome enorme, chama-se GENPEX, mas significa Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Histórico-Culturais, um grupo criado em 2000 no CNPq, mas que tem a ver com os movimentos de Educação Popular que foram engendrados na década de 1980. O Renato é um dos sujeitos que participou da constituição da parceria entre um movimento popular que nasce na cidade do Paranoá e que procura a Universidade de Brasília para se fortalecer enquanto movimento por meio da alfabetização de jovens e adultos, então o Renato cria esse grupo e eu passo a integrar, fazer parte desse grupo. O meu segundo reencontro com a Educação Popular e com a formação de educadores se deu particularmente no CEDEP que significa Centro de Educação e Cultura do Paranoá, que é uma instituição criada na década de 1980 em torno dos movimentos de moradia e de educação que se formam naquela região. Praticamente é essa a história, eu estou na UnB desde 2000 primeiro na condição de professora substituta, tem um interregno que eu saí para o doutorado, mas volto novamente como professora substituta e em 2008 eu faço o concurso para professor permanente, tem uma experiência em um outro campus na área de ensino de ciências, mas depois eu consigo a minha transferência para o plano piloto trabalhando com o campo da didática e depois em 2013, em função da aposentadoria de uma das professoras da área de Educação de Jovens e Adultos, eu assumo a carreira na cadeira de Educação de Jovens e Adultos e começo a atuar a disciplina específica de EJA. Atualmente eu respondo na área de formação de educadores no campo da Educação de Jovens e Adultos na graduação e na pós-graduação na UnB, assim brevemente falando. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Em um processo de digressão histórica, Clarisse contextualiza momentos centrais de sua trajetória intelectual enquanto estudante de Doutorado em Educação para poder explicar como chega em seus sujeitos de pesquisa, e assim em Vera e Zeca Barreto, ela também trabalhou com outros três nomes “Aída Bezerra, Osmar Fávero e Renato Hilário”, porém devido ao tempo do mestrado ser curto não conseguiremos aprofundar sistematicamente em todos esses sujeitos da pesquisa de Clarisse nos restringindo aqui, em “Vera e Zeca Barreto”, Osmar Fávero todavia já foi encampado por essa pesquisa em contextos memorialísticos semelhantes às da pesquisa de Clarisse.

Só que para responder eu tenho que voltar um pouco mais para explicar como que eu cheguei a esses cinco educadores porque quando eu ingresso no doutorado em educação em 2002 eu carregava questões ligadas a minha prática docente, aos estágios na área de Educação de Jovens e Adultos, eram questões que me impulsionavam a pensar a formação de educadores, mas quando eu chego no doutorado e lá encontro dois interlocutores, o meu orientador o Leôncio e a Maria Amélia Giovannetti que a gente chamava carinhosamente de Amelinha, uma figura humana, fantástica, que vale a pena conhecer, também da Educação Popular, eles foram pessoas que me

ajudaram a rever o meu objeto e nesse caminho de definição de objeto eu encontrei dois artigos que foram fundamentais no redirecionamento da minha pesquisa, um artigo do Miguel Arroyo que havia sido publicado pela Rádio, um artigo fininho mas que trazia uma reflexão muito importante quando ele afirmava que a história da EJA é uma história fecunda e estava relacionada com a Educação Popular, aquilo já foi uma coisa que mexeu comigo internamente. E outro artigo que mexeu comigo internamente foi um artigo escrito pelo Brandão sobre a Educação Popular e o título era mais ou menos assim A Educação Popular 40 Anos Depois, que está no livro Educação Popular na Escola Cidadã. Esses dois materiais foram materiais que serviram de referência para eu pensar o lugar da Educação Popular na formação de educadores de jovens e adultos então eu indagava a partir desses dois mestres como e quais as relações que a Educação Popular mantém na EJA, se mantém que relações que são essas? Então eu me senti instigada a buscar e nessa busca eu tinha uma relação extensa de educadores não eram apenas os cinco, mas por uma questão de limitação, o doutorado tem apenas 4 anos, a gente teve que fazer algumas escolhas e eu acabei ficando com cinco educadores. Tinha uma lista extensa, mas a gente foi delimitando as pessoas considerando alguns critérios, por exemplo, que eles tivessem atuado nos movimentos dos anos 1960. Que ainda estivessem atuando naquela época, década de 2000, eles eram pessoas que ainda estavam ativos mesmo que alguns já estivessem aposentados, eles tinham um vínculo muito forte com as suas práticas seja na formação, seja na assessoria, esse era um dos critérios e o outro era a diversidade, a gente queria conhecer pessoas com experiências as mais diversas e foi nesse entrelaçar que a gente acabou encontrando o Renato, o Osmar Fávero, a Ida Bezerra e dois educadores que foram casados o José Carlos Barreto, conhecido como Zeca Barreto, e a Vera Barreto que foram pessoas que tiveram uma proximidade muito grande com o Paulo Freire, com a obra de Paulo Freire, então eu chego nesses cinco sujeitos. O critério era essa atuação nos movimentos dos anos 1960 e essa diversidade de experiências. A gente vai encontrar a experiência da Vera e do Zeca que está ligada a trajetórias diferentes, mas que depois se aproximam. Uma coisa que me surpreendeu nos cinco é que todos vieram de movimentos de igreja, isso para mim foi uma descoberta. O Renato era católico, era muito religioso, mas só depois ele se aproxima da Educação Popular porque ele pega isso num outro contexto, mas o Zeca, o Osmar, a Ida e a Vera todos foram da antiga ação católica nas suas vertentes da JUC, JEC e JIC. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

É importante destacarmos que no contexto da década de 1960 todos os sujeitos investigados por Clarisse tiveram alguma passagem por movimentos sociais advindos da até então Ação Católica – AC, que era um movimento muito forte nesse período e com grande influência das igrejas e pastorais católicas na época. Sobre esse contexto Clarisse discorre que:

Então foi uma das descobertas desse envolvimento é como se esse movimento religioso social levasse à, posteriormente, devido ao contexto social político que o país atravessava, ao envolvimento social e político na Educação Popular e na Cultura Popular. O termo que se usava no período não era Educação de Jovens e Adultos, era Educação Popular e Cultura Popular. A partir dessas ações desses movimentos eles vão cada um com as suas especificidades desenvolvendo experiências que são típicas dos momentos, por exemplo, a Vera e o José Carlos Barreto participaram nos anos 60 de uma reconstrução do chamado sistema Paulo Freire que, fora da região nordeste, o Osmar, como todos já conhecem, foi uma das pessoas que coordenou nacionalmente o MEB, o Movimento de Educação de Base, e Aída foi uma das integrantes do Movimento de Educação de Base em Pernambuco, então cada um com a sua singularidade, eu diria assim, vai construindo as suas trajetórias e nesse processo constitutivo vão deixando legados, vão deixando lições de que caminhos trilhar, que lições são importantes. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Como formulou no trecho das memórias acima, é por meio desse legado, dos caminhos, das lições deixadas por essa geração de Educadores Populares que hoje podemos

seguir na continuação de seus passos. Essas memórias fazem parte de todo um processo de constituição humana política e social, que vão de uma certa maneira garimpando e consolidando os saberes populares em torno desses sujeitos e de suas características pessoais e coletivas na história da Educação Popular brasileira. Com essa prerrogativa política e social do ser humano começaremos neste momento do texto a adentrar às memórias que Clarisse traz no processo de entrevista e mesmo em sua Tese de Doutorado sobre Vera e Zeca Barreto. As entrevistas que Clarisse realizou com Vera e Zeca foram coletivas e é por isso que sempre serão mencionados um nome atrelado com o do outro, pois além disso, eram um lindo casal e trabalhavam juntos e criavam as atividades de alfabetização de adultos de forma coletiva, plural, dialógica e Freireana. Começemos então do princípio.

E relembro aqui do Zeca e da Vera que eu tive o prazer de conhecer em 2004, 2021 para 2004 são quase 17 anos se eu não tiver feito a conta errada, mas eu me lembro que eu fui muito bem recebida por eles, primeiramente na sede do Vereda que foi uma instituição criada por eles na década de 1980 e 1990 se não me engano, em torno dessa questão da formação de educadores e da memória de Paulo Freire, fui recebida pela Vera e logo em seguida a entrevista teve continuidade na casa deles e eu fui muito bem recebida. É interessante que para essa entrevista ela havia lido alguns materiais, a Vera inclusive tem um material muito interessante, chamado Paulo Freire para educadores, um material que eu acho muito didático para trabalhar com Educação Popular. A gente foi com esse intuito de conhecer quem são esses educadores e como que as trajetórias desses educadores nos ajudam a pensar as relações da formação que eles vivenciaram com a Educação Popular e posteriormente com a Educação de Adultos e foi por meio dessas perguntas que, de uma certa maneira, me levaram talvez até pela influência da minha orientadora de mestrado, ao campo da história oral e fizemos uma entrevista coletiva com o Zeca e à Vera. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Por meio dessa entrevista coletiva, plural, dialógica, dialética e de cunho Freireana, Clarisse traz em suas memórias quem foram Vera e Zeca Barreto.

O Zeca inicia um curso de ciências sociais na USP, depois se envolve com o JEC, vai morar no Rio de Janeiro, convive com pessoas como Betinho que, no contexto dos anos 1960, é confrontado sendo assim de uma certa forma mobilizado a pensar todas as questões que eram próprias daquele momento. Depois ele retoma para São Paulo, se envolve no sindicalismo rural e por meio do sindicalismo rural ele ouve falar que havia uma experiência na UEE (União Estadual dos Estudantes) que estava querendo desenvolver uma experiência numa cidade do interior de São Paulo e essa experiência estava tendo como base um professor que tinha um método novo que alfabetizava em 40 horas e que não só alfabetizava, também politizava, interessante que o Zeca voltando para o passado na entrevista ele fazia um diálogo consigo mesmo ele falava: “olha só o método que além de alfabetizar politiza, então foi nessa questão que eu me envolvi na Educação Popular porque quando eu cheguei lá e conheci o Paulo Freire não tinha receita ele nos colocava para pensar”. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Sobre Vera Barreto, Clarisse recorda que:

A Vera era mineira como nós três, nascida em Belo Horizonte em uma família de classe média, vai fazer pedagogia na UFMG, depois se transfere para a USP. A USP da década de 1960 sofre toda a influência do acordos MEC, e a Vera inquieta com a sua formação se envolve na organização dos canteiros de obra do campus da USP que estava sendo construído e inquieta ela vai buscar métodos que sejam mais coerentes

com a aprendizagem desse educando adulto que na época não existiam, que até hoje sofre com essa dificuldade de encontrar materiais específicos, próprios para Educação de Adultos embora já tenhamos pesquisas nesse campo, mas na década de 1960 eram poucos professores que tinham essa preocupação, então Vera nos estimula a pensar na formação do pedagogo para atuar na Educação de Adultos. Nessa inquietação, nessa busca, a Vera fica sabendo também dessa experiência da UEE e eles se encontram com a Vera, o Zeca e outros estudantes que estavam imersos nessa experiência e ficam sabendo de um professor que estava em Angicos desenvolvendo um método diferenciado. Eles começam a tentar se comunicar com esse professor por meio de carta e conseguem o contato com o Paulo Freire, mas esse contato com as cartas inicialmente não é suficiente, então eles conseguem por meio de recursos da UEE trazer o Paulo Freire pessoalmente e então começa toda a experiência que eles fizeram em Osasco de recriar o método Paulo Freire no contexto urbano, na região sudeste, com questões próprias daquele momento e daquele contexto diferenciado da região nordeste. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

As formações de vida de Vera e Zeca eram diferentes, mas se cruzaram nos caminhos da Educação Popular quando ambos estudavam na USP. Com o atravessamento e com inspiração do método de Paulo Freire, podemos dizer que de Elza Freire também, Vera e Zeca conseguem chegar a Paulo Freire por meio de cartas pedagógicas e também por meio dos recursos financeiros que a União Estadual dos Estudantes – UEE, obtinha, foi aí então uma espécie de marco na vida de Vera e Zeca pois ambos foram acolhidos e tornaram-se amigos próximos de Paulo Freire e família, avançando assim sistematicamente com as atividades de alfabetização com os obreiros da USP e posteriormente com as experiências de Educação Popular de Adultos na cidade de Osasco/SP em 1963. Começavam também a viver tempos difíceis agora já às margens da ditadura Militar de 1964¹⁴⁹.

Então a história é marcada por essas trajetórias de lutas, de resistência, de reconstrução, de entendimento do que é Educação Popular, percebemos aí as várias questões que atravessam a formação de cada um, por exemplo, para Vera essa questão da formação do educador popular, para a Vera e para o Zeca, essa é uma questão forte, a formação do educador popular de base freireana e isso se faz patente inclusive na produção dos materiais, por exemplo, o livro que eu me referi Paulo Freire Para Educadores, mas também outros materiais que eles produziram tem um material que à época da entrevista eles me passaram que conta a experiência de Osasco de forma mais detida que se chama Dois Educadores Antes do Golpe de 64. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Essas são importantes narrativas de professora Clarisse, pois destacam o quanto a formação de Educadores Populares de base Freireana foi fator central no desenvolvimento e na

¹⁴⁹ As trajetórias de Vera e Zeca tem muitos caminhos e um deles foi vivenciar o processo de exílio de Paulo Freire e também a instauração do AI-5, sobre esse tema Clarisse revela que: Foi uma conversa muito gostosa onde eles vão me recontando parte das suas trajetórias, das questões que marcaram as suas vidas, por exemplo, uma questão que me marcou bastante na entrevista com o Zeca e a Vera foi o que eles fizeram na década de 1970 vendo o AI-5 e o endurecimento do regime militar, como que foi para eles nesse momento em que eles haviam se casado, haviam constituído família e era um momento de fechamento político que inviabilizava muitas vezes essa luta. Eles vão contando como aquele momento foi de fechamento, um momento de recolher as velas, de se fechar, se proteger e de se resguardar, mas depois, por meio da igreja católica progressista, eles vão encontrando, nessa igreja progressista, os espaços de reconstruir a Educação Popular e é um momento que coincide também com o retorno de Paulo Freire ao Brasil que até aquele momento estava exilado. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

lapidação da práxis alfabetizadora de Vera e Zeca Barreto, o livro citado nessas memórias representa um momento especial nas reconstruções desses percursos. Apresento a capa desta importante obra de Vera e Zeca.

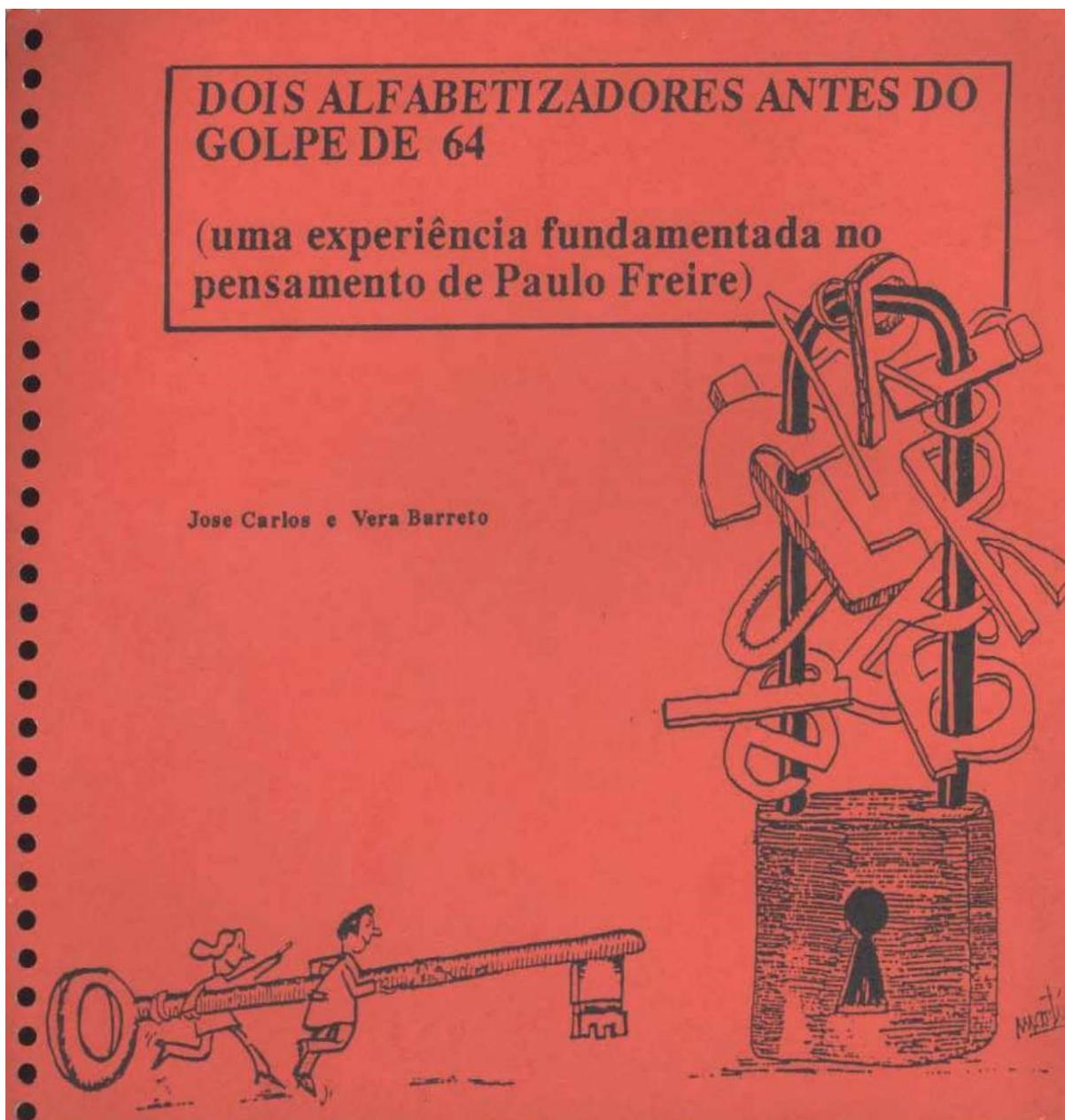


Imagem 39: Fonte – Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto

As memórias vêm e vão em um processo de pluralismo histórico, revisitar essas histórias pessoais com Vera e Zeca, despertou um emaranhado de sentimentos e emoções que ficaram nítidas no processo de entrevista que realizamos com a professora Maria Clarisse, vinculado a todos esses momentos que no tempo já fazia 17 anos, entre a entrevista original e

o ano de 2021 “ano que realizamos a entrevista dessa pesquisa”, Clarisse nos relewa que , “eu não sei se hoje a minha prática é Freireana ou Barreteana de tão misturadas que são”. (Vieira, Entrevista, 2021).



Imagem 40: Fonte do pesquisador – Foto de Vera Barreto – cedida do arquivo pessoal de Nima Spigolon

Podemos entender que ambas as práxis pedagógicas de Clarisse são reverberadas pelos aprendizados colhidos ao longo de uma vida ao lado das lições de Paulo Freire e de Vera e Zeca, então pensar uma práxis Barreteana de atuação profissional é também pensar uma práxis Freireana, pois ambos atores sociais acreditavam nos mesmos princípios políticos sociais de emancipação humana, fato que nos levou então a procurar a professora Clarisse para o desfecho dessa entrevista.

Olha que interessante. Eu me lembro que na entrevista, puxando aqui os fios da memória que já está se passando 17 anos, mas tem algumas expressões que a gente guarda na memória e no coração, eu não sei se hoje a minha prática é freiriana ou barreteana de tão misturadas que são. Uma fala do Zeca ficou marcada, na entrevista eles tentam avaliar o passado e dizer o quanto que foi signficante ter passado por essas experiências porque eles viveram os anos 1960 e 1970, eles inclusive me passaram detalhes de como que foi quando o Paulo Freire vai para a Bolívia, eles contaram detalhes de como que foi esse processo após a prisão do Paulo. [...] Eu me lembro que nesse momento dos anos 1960 a Vera foi muito enfática, uma coisa que marcou na entrevista foi o fato de que não existiam materiais específicos para a Educação de Adultos e essa ausência de materiais específicos que levou a Vera procurar ajuda em uma Secretaria de Educação e quando ela chegou na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo buscando materiais, buscando saber o que se tinha para Educação de Adultos ela ouviu um conselho “olha você é muito nova, quer ouvir um conselho não mexe com a Educação de Adultos porque isso daqui um tempo vai

deixar de existir” esse foi o conselho que ela recebeu e ela ficou tão brava com esse conselho, como é que pode alguém fazer isso? Dar esse tipo de conselho? E foi isso que levou ela a buscar junto à UEE e depois junto aos movimentos de Cultura Popular, buscar por meio das cartas com Paulo Freire essa concepção educativa que fosse mais significativa para aquele momento. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Dando seguimento a essa lógica de pensamentos Barreteanos e Freireanos de professora Clarisse, enveredemos com profundidade nos processos de formação e atuação de Vera e Zeca, encontrando suas inquietações e sentimentos ao redor da formação de Educadores Populares ao longo de suas trajetórias profissionais e de vida. Clarisse sobre isso detalha que:

Na entrevista com Vera e Zeca, aconteceu algo muito interessante porque são relampejos das memórias, das vivências que eles tiveram nos anos 1960 e 1970, então vão aparecendo algumas marcas da Educação Popular e eu percebo na Vera essa procura, essa inquietação em torno da formação de educadores populares e eu percebo no Zeca também essa procura do ser freireano, da formação a partir da concepção de Paulo Freire, dessa concepção dialógica e tanto que eles criam a ONG Veredas que tem essa ênfase na formação e em documentação. Eu não sei a quantas que anda depois da morte deles, mas havia toda essa preocupação com a memória de Paulo Freire, com o acervo e com a formação de educadores populares. Eu me lembro que logo depois da criação da SECAD houve por parte do Ministério da Educação essa ênfase na Educação de Jovens e Adultos e com a produção de materiais didáticos. Um dos materiais produzidos teve a autoria da Vera e isso me deixou bastante alegre porque é um conjunto de cinco cadernos onde tem várias temáticas, só vai trazendo exemplos de quem que são os sujeitos e de como trabalhar, tudo isso construído a partir da experiência dessa atuação com formação de educadores e eu me lembro também, pensando na Vera e pensando no Zeca 17 anos depois, uma questão em relação à formação de educadores, uma crítica para nós que por mais que a gente leia Paulo Freire a gente ainda carrega muitas vezes uma concepção bancária, muitas vezes entranhada em nossa constituição. A Vera falou à respeito de um artigo que ela tinha escrito que questionava justamente isso que na formação inicial, os professores universitários chegavam com as questões prontas e essas questões não tinham ainda sido feitas pelos próprios educandos em processo de formação, então é dada a importância de que essa formação tenha uma coerência entre a teoria e a prática e que as questões elas não sejam questões que venham antes, mas que elas sejam estimuladas a partir dessa relação teoria-prática, esse é outro aspecto que fica bastante forte nessa conversa, nessa prosa que eu tive com a Vera e com o Zeca. Enfim, são memórias que têm muita dialogia que eu vou guardar no meu coração certamente e que a gente ainda pode explorar posteriormente para pensar e elementos para a formação de educadores populares. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Ainda sobre essas memórias importantes Clarisse nos mostra como é claro a interligação e influências que Paulo Freire exerceu nas práxis de Vera e de Zeca na década de 1960.

Só complementando as memórias, porque na Vera e no Zeca, no casal Barreto, a gente sintetiza e traz muito marcado essa presença freireana, mas a presença freireana atravessa todos. Acho que essa é uma questão comum que aparece nas falas. O professor Paulo Freire foi referência em ambos, mas mais marcado mesmo em Vera e Zeca que foram pessoas que acompanharam de perto a experiência de Paulo Freire, inclusive sendo pessoas muito próximas a ele pensando nessa questão do acervo ou nessa questão da formação de educadores. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

No decorrer do processo da entrevista Clarisse revisita outros nomes de importantes Educadores Populares como Osmar Fávero e Aída Bezerra, dos quais relacionaram-se com

Vera e Zeca e também com Paulo Freire, alguns direta e/ou outros indiretamente. Vejamos esse trecho.

A Vera o Osmar e a Aída são outro grupo de pesquisadores, de educadores populares que eu entrevistei, mas que também tem proximidade e semelhanças, por exemplo, Osmar que eu ainda não havia me referido, tem a sua formação inicial em matemática, começa o seu curso na USP, mas se transfere para o Rio devido ao seu engajamento na JUC, ele também foi alguém envolvido com os movimentos da igreja católica, mas o movimento universitário e essa sua atuação na JUC o leva ao envolvimento no MEB, ele é convidado juntamente com outras pessoas a compor o MEB nacional no ano da sua criação, é interessante que a entrevista do Osmar e da Ida também foi em 2004, só que meses anteriores à entrevista da Vera e do Zeca. Eu fui ao Rio de Janeiro, tanto Osmar, quanto a Ida moram no bairro Laranjeiras que é um bairro da zona sul do Rio bem próximos um do outro, as entrevistas foram em separado, mas interessante que cada um tem um olhar diferente em relação à sua trajetória. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

No desenrolar das memórias de Clarisse ela traz uma passagem muito especial vivenciada ao lado do professor Osmar Fávero, dos quais ela destaca sua importância no resgate histórico de documentos dos movimentos sociais vividos ao longo da década de 1960, ela ainda pontua “Osmar Fávero é um dos grandes memorialistas da Educação Popular no Brasil” (VIEIRA, Entrevista, 2021). E é neste contexto documental e memorialístico que revisitaremos essa narrativa.

O que me marcou na entrevista do Osmar, e eu até aproveitei a entrevista para revisar alguns materiais porque o Osmar é um dos grandes memorialistas da Educação Popular no Brasil, eu estava inclusive mexendo nos meus materiais e eu me deparei com esse livro aqui que vocês devem conhecer *Cultura Popular, Educação Popular: Memória dos Anos 60*. A preocupação dele logo depois do golpe de 1964 em preservar essa memória dos movimentos de Cultura Popular dos anos 1960, mas não só dos movimentos populares daquele período, houve uma preocupação em resgatar materiais didáticos, em resgatar a memória dos movimentos inclusive que antecederam os anos 1960 e eu me lembro que o Osmar desenvolveu uma pesquisa de uma vida que foi resgatar materiais didáticos, documentos, a parte documental de registros, inclusive parte desse material está no fórum EJA nacional, e depois ele transformou nesse material que você deve conhecer que é *Educação Popular 2: Educação de Jovens e Adultos* que é esse registro dos movimentos de Educação Popular dos anos 1940, 1950 e 1960 que envolve fotografias, imagens, artigos livros, uma preocupação com a memória. A entrevista que eu fiz com Osmar teve esse caráter memorialístico de recordar os movimentos, de recordar como que foi para ele guardar esses materiais, guardar um slide ao lado do Paulo Freire dentro de uma geladeira, como que foi essa experiência de, por exemplo, ter que na época da ditadura queimar tudo, ter que esconder no sótão ou no porão esse material por conta dessa preocupação com a preservação da memória, por isso eu enxergo o Osmar como um dos nossos grandes memorialistas da Educação Popular. Essa preocupação em preservar os documentos fica patente e mais recentemente eu recebi do Osmar dois exemplares, não sei se você tem esse, que é *Osmar Fávero e Gerson Carmo Nos Bastidores da Memória: 50 Anos de Educação Popular* onde ele continua as entrevistas, inclusive ele entrevista a Aída Bezerra, um material também muito interessante em torno da memória viva. Ele vai até as pessoas para que elas contem um pouco desse momento que foi participar dessas experiências nos anos 1960 e 1970. Foram dois encontros que eu tive com Osmar e ficou nítido, foi uma aula de Educação Popular tendo uma memória viva e me relatando como foi o processo e as atuações do MEB. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Com a proximidade do golpe de 64, ficava cada vez mais nítido no cenário educacional do país que a classe opressora temia o avanço da educação como cultura e como política de ação transformadora, através do processo alfabetizatório do método Paulo Freire, e tudo isso ficou registrado em um recorte de jornal por meio da narrativa de José Carlos Barreto. Para além desse recorte do jornal às descobertas de Zeca e sua equipe nessa época iriam se acrescentar a outras mudanças introduzidas pelo pensamento Freireano: “[...] a capacidade de pensar do povo, a importância da participação popular, o diálogo como ponto de partida na relação educador/educando, a aprendizagem como ato criativo do sujeito que aprende, a compreensão da escrita como objeto cultural, a educação como ato político.” (VIEIRA, 2006, p. 119). Marcas essas que se integrariam às práticas de educação de adultos e da Educação Popular, inaugurando assim uma nova forma de compreender a relação educativa. “Traços que ficaram raízes na trajetória de Zeca, modificando sua história pessoal e profissional: “No meu caso, que não estava na área de educação, pensar a educação foi um marco, quer dizer, mudou a minha vida. Eu sou outro por causa disso”. (VIEIRA, 2006, p. 119).



Imagem 41: Fonte – Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto

Vale destacar aqui que Clarisse menciona a importância de outra grande Educadora Popular, “Aída Bezerra”, que viveu neste mesmo tempo da década de 1960, ao lado dos Educadores Populares focos desta pesquisa. Aída foi perseguida pela Ditadura Militar tendo que inventar um Mestrado na França para fugir dos processos da ditadura no Brasil, vejamos essas reconstruções memorialísticas por meio das palavras da própria professora Clarisse.

Eu pude conhecer a Ida que é uma jovem educadora formada em serviço social que nos anos 1960 se envolve também no sindicalismo rural e por meio do sindicalismo rural chega no MEB estadual de Pernambuco. Ela foi alguém que se envolveu tanto para essas questões de ordem política que quando veio o golpe ela teve que sair do Brasil. Ela foi para a França, inventou um mestrado lá, mas na verdade era uma forma de sobrevivência, inclusive em maio de 1968 ela estava lá na França vivenciando todo aquele movimento de efervescência para os jovens. Retorna depois, na década de 1970, ela volta ainda na época da ditadura, mas ela não pode voltar para Pernambuco então retorna para o Rio de Janeiro e nesses movimentos de resistência é responsável justamente por criar junto com outros educadores e outras pessoas que estavam em uma resistência os primeiros centros de referência em Educação Popular “NOVA” e logo depois na década de 1980 o SAPE que é o Serviço de Assistência à Pesquisa, é alguém que também tem uma trajetória peculiar e a palavra que eu poderia trazer para representar Ida é essa resistência e essa inquietação. É alguém que traz muito marcada na sua trajetória essa perspectiva da resistência à ditadura, ela volta ao Rio de Janeiro nos anos 1970 e vai se envolvendo naquilo que era possível nos chamados movimentos populares, é responsável pela criação juntamente com outras pessoas de um centro de referência chamado “NOVA” que é voltado para a formação de educadores, voltado para as questões sindicais. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Com a chegada do processo ditatorial todas as propostas instituídas pela metodologia de Paulo Freire foram extinguidas pelo novo ministro da Educação “Flávio Suplicy de Lacerda”, esse relato também está contido no livro “Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64” de Vera e Zeca Barreto. Vejamos isso por meio do documento da época.

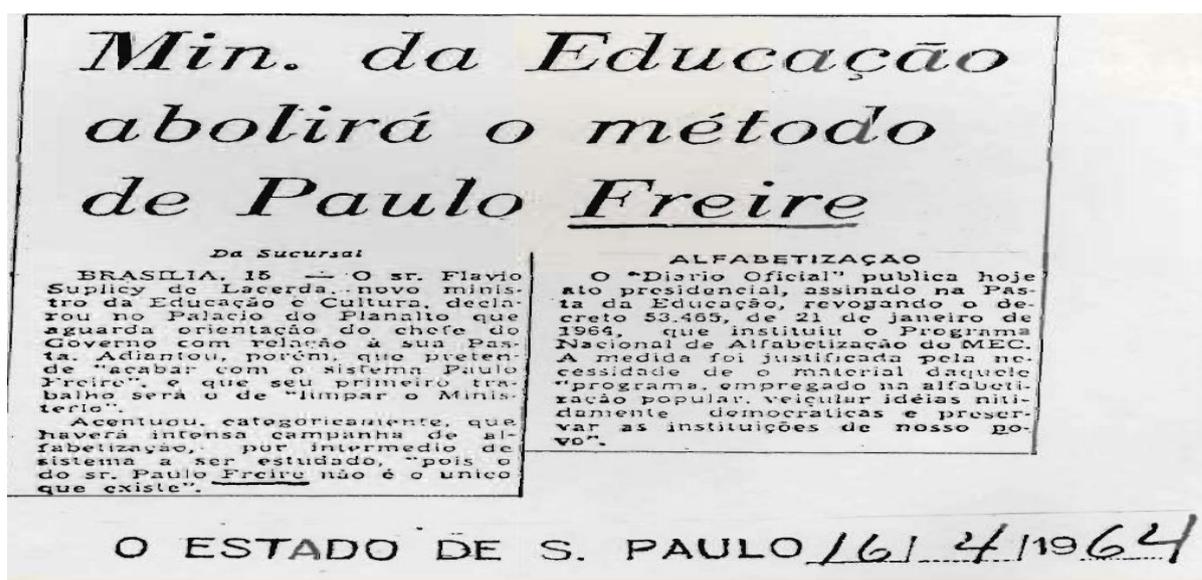


Imagem 42: Fonte – Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto

Com a abolição do Método de Paulo Freire no início de 1964, logo vinham as suspeitas que poderiam ser decretada a prisão de Paulo Freire, o que de fato aconteceu algum tempo depois, atingindo toda a família Freire com muito ódio e crueldade. Na Tese de Doutorado de Nima Spigolon (2014), ela entrevista uma das filhas de Paulo Freire que narra com detalhes esses acontecimentos “O golpe atinge Paulo, Elza Freire e os filhos em Brasília. Casados há vinte anos, lá residiam para atuar no PNA. Ou seja, “o golpe militar de 1964 levou-nos de volta para o Recife, onde desembarcamos tristes e preocupados com o destino do nosso pai, da nossa família e do povo brasileiro” (CRISTINA FREIRE HEINIGER, 2010, apud SPIGOLON, 2014, p. 149).



Imagem 43: Fonte – Livro Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64, por José Carlos e Vera Barreto

O casal Vera e Zeca Barreto vivenciaram de perto o processo da prisão de Paulo Freire, e logo em seguida sua ida para o Exílio na Bolívia e depois para o Chile, como puderam contar com riqueza de detalhes na entrevista realizada pela professora Maria Clarisse Vieira em 2004. Ao longo dessas narrativas vamos percebendo nesses Educadores Populares da geração de 1960, olhares e trajetórias que são diferenciados, mas que também formam um retrato desse campo da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos o que ficou marcado pela diversidade de experiências, marcado pela busca, pelo reconhecimento da diversidade dos sujeitos. Uma diversidade de sistematizações de experiências que nos consolidam avançar nos processos da pesquisa, o que recobre as influências do passado sob uma perspectiva de futuro¹⁵⁰, deixadas por meio de um legado político-pedagógico dessa geração de Educadores Populares de 1960. Podemos encontrar essas influências nas palavras da própria professora Clarisse inspirada em Carlos Brandão e em toda essa geração.

Os Educadores Populares da geração de 1960 me influenciam bastante em uma questão fundamental que é essa concepção de quem é o sujeito da Educação de Jovens e Adultos seja o educando ou o educador, também me influenciam dentro dessa perspectiva de sujeito, sujeito de saber, sujeito de cultura, esse olhar aguçado sobre quem que é esse sujeito. Isso é algo que me instiga a continuar perseguindo também essas mesmas passadas porque a despeito dos anos 60, e eu diria pensando em uma fala do Brandão, que muitas vezes se pensa a Educação Popular apenas nos movimentos sociais, apenas como algo que aconteceu no passado que marcou e que é importante, mas é algo que se faz presente entre nós nas nossas práticas, na formação da educação superior, na atuação com os nossos estudantes da extensão universitária, na orientação dos nossos estudantes de mestrado e doutorado, algo que se faz presente.[...] A formação de Educadores Populares é um modo por meio dos princípios que o Paulo Freire nos ensinou do diálogo, do respeito ao saber popular, da cultura, da diversidade, eles sejam trabalhados na formação e vivenciados por esse educando que está lá na ponta, então eu acho que é uma questão que marca essa concepção de que a Educação Popular não é algo apenas da história que a gente estuda, das experiências dos anos 60, que a gente acha bonito os movimentos de Cultura Popular, mas é algo que se faz presente entre nós a despeito de ainda termos uma EJA que é uma EJA muito voltada para o campo da certificação, eu diria que são campos de confrontos de cultura. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

¹⁵⁰ Sobre os processos de utopia na perspectiva da Educação Popular na Escola Pública e na Universidade, Clarisse destaca essa linda reflexão: Dentro da escola pública há uma perspectiva ainda muito focada no ensino supletivo é uma história que não passou, ela insiste em querer ficar, mas por outro lado a gente tem a Educação Popular, tem esses movimentos de luta de resistência que nos inspiram a continuar buscando, a continuar a pensar uma formação de educadores que seja democrática, que seja dialógica, que considere todos sujeitos: jovens, adultos, crianças e idosos. Eu vejo nessa perspectiva, uma Educação Popular que não está só restrita aos movimentos populares, mas que também se faz presente na escola pública de hoje para que a gente possa pensar essa educação como direito, uma educação de qualidade para todos e todas. Então essa perspectiva é algo que nos inspira a continuar pensando na importância do nosso trabalho dentro da universidade porque dentro da universidade a gente vê que a área de Educação de Adultos e Educação Popular são áreas aleijadas, mas apesar de serem áreas aleijadas tem o Renato, tem a Clarisse, tem a Maria Luiza, tem a Nima, têm o César, tem as várias pessoas que continuam lutando por essa educação que vale a pena lutar, então é nessa perspectiva que eu vejo. [...] Eu não consigo imaginar o papel do professor universitário sem pensar essa troca, sem pensar esse diálogo que nasce a partir dessa relação, dessa troca mútua que não é uma doação, mas uma troca entre a comunidade e a universidade na perspectiva de transformar aquela situação, aquele cenário e ao mesmo tempo de registrar e de produzir conhecimento. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

As palavras da Professora Maria Clarisse são um resgate cultural das memórias da Educação Popular, desses Educadores Populares, desta geração de 1960, e de como essa cultura caminha e que caminhou com eles, que também podemos dizer que caminha conosco. Paulo Freire (1994) nos diz isso, que quando o ser humano caminha a cultura caminha com ele, e como é bonito de ver que essa cultura por meio deles “dessa geração de Educadores Populares da década de 1960” está concretamente conosco enquanto, estudantes, militantes professores e pesquisadores o enquanto seres humanos. Clarisse por meio de sua Tese de Doutorado nos brinda ao nos permitir revisitar essas memórias, pois o processo desta entrevista em que narramos trechos neste momento não se daria se não fosse por meio desta Tese. A Tese também se transformou em livro de mesmo nome, que foi lançado na Universidade de Brasília ao lado Carlos Brandão que esteve presente prestigiando e comentando sobre o livro. Podemos encontrar esse registro de Clarisse ao lado de Brandão nessa linda foto.



Imagem 44: Fonte – Do Pesquisador – cedida do arquivo pessoal da professora Maria Clarisse Vieira

Entre os horizontes dessa pesquisa e os processos da entrevista a professora Maria Clarisse traz, importantes reflexões inspiradas nos sujeitos coletivos e individuais ao longo dessa geração de Educadores Populares de 1960, para se pensar os processos de uma Educação Popular verdadeiramente democrática, plural, dialógica, que reconhece os educandos como sujeitos de saberes culturais e que suas experiências são importantes na construção do conhecimento político-pedagógico de forma coletiva no ensino.

Do alto da experiência desses educadores a gente vai recolhendo os lampejos de memórias dos fazeres, dos registros escritos que alguns deles deixaram, essa concepção de educação democrática dialógica, esse reconhecimento dos sujeitos sejam crianças, jovens ou adultos como sujeitos de saberes, são experiências que vão inclusive na contramão daquilo que está posto hoje em termos de política pública, em termos de Base Nacional Comum Curricular que inclusive nega esses saberes, que está muito preocupada com a questão das competências, via Enceja, via a certificação de saberes profissionais, é uma outra concepção que traz uma perspectiva do esperar, uma perspectiva de fazer uma educação democrática e inclusiva, mas democrática não no sentido de integração a uma ordem social injusta, mas de transformação dessa ordem porque eu penso que a Educação Popular e as trajetórias e as menções que esses educadores nos deixam vão no sentido de superação dessa escola que está aí, que é uma escola que está preocupada com a certificação, com o resultado, que é uma escola que exclui, que é uma escola que não considera os saberes que os educandos trazem, em prol da educação que considera os saberes, que considera a educação como ato político que reconhece que esses seres são seres de saber, de poder, de amor que eles têm direito ao afeto, eles têm direito a amar e ser amados, que é uma aprendizagem que vemos tanto em Freire, essa constituição do sujeito amoroso. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

Dotados dessa esperança, dessa força e dessa coragem das quais Clarisse nos mostra com tanto amor na citação anterior é que podemos entender que não matamos uma semente quando a gente a enterra, quando a gente enterra essa semente ela nasce, assim também é a Educação Popular que sofreu toda uma perseguição nos anos de chumbo quando estava na ditadura civil militar e foi quase totalmente enterrada, mas ela rebrotou nas comunidades Eclesiais de Base, nos movimentos da Igreja Católica, e por meio dos movimentos políticos sociais que antecederam a aprovação da nossa Constituição Federal de 1988. (VIEIRA, 2021)

Encontrar detalhes tão preciosos nas falas de Clarisse nos mostra como o recorte metodológico da categoria memória em que escolhemos, são importantíssimos para a pesquisa que estamos desenvolvendo. Estamos nos espelhando em memórias como essas para podermos pensar a perspectiva de uma transformação social, de uma educação pública, gratuita, laica e no modelo de uma universidade pública que queremos, então pensar no Zeca, pensar na Vera é pensar em toda essa geração de 1960 que deixa um legado por meio da Educação Popular, e que são agora revividas através das suas memórias da professora Clarisse¹⁵¹. Podemos pensar

¹⁵¹ E é por meio das narrativas de Clarisse que ela nos brinda com esses horizontes de força coragem e perseverança. Houve a experiência do Osmar, da Vera, do Zeca que são memórias vivas e daqui a pouco já não vou estar mais aqui, assim como a Vera e o Zeca. Eu tive um momento único assim como você teve de entrevistar a Vera, essa

e então ousar a dizer que a mesma inquietação que Clarisse nos mostra ao revisitar por meio das narrativas de Vera e de Zeca é a que devemos ter nos dias de hoje, isso nos dá mais ânimo e nos inspira a sermos cada vez melhores como professores, educadores, como pesquisadores mais ousados, crentes numa educação que seja realmente libertadora, transformadora, humanizada e amorosa.

possibilidade de registrar as vozes e a história de pessoas que não estão presentes nos chamados registros oficiais é uma memória única e eu vejo como o trabalho de uma vida e fico feliz que você e o César estejam nessa empreitada de registrar essas memórias não só nacionais como internacionais latino-americanas de educadores que nos fazem pensar aí os caminhos que a gente quer seguir, continuar seguindo, quer continuar construindo a partir do movimento que eles já fizeram. (VIEIRA, Entrevista, 2021)

CAPÍTULO 4 - (In)conclusões

“Sem Educação Popular não haverá verdadeira sociedade! Ensinem, e terão quem saiba. Eduquem, e terão quem faça. (Simón Rodríguez, s/d).

4.1 – Imaginários de Esperança

Os imaginários de esperança se desdobram em um entrelaçamento de teias históricas, no Brasil e em toda América Latina, percorrendo caminhos, ideias, aspirações, sentimentos, memórias, narrativas orais e não orais, emoções, visões de mundo que fazem-se inerentemente imbricadas nas próprias gêneses históricas da Educação Popular. Ao destacarmos nossas proposições pautadas no que chamamos de (in)conclusões no sentido Freireano, reconhecemos que somos seres em constante aprendizado, incompletos e sempre abertos a aprender.

Os processos de feitura desta pesquisa se caracterizam por meio de um grande processo aprendente do qual estamos sempre dispostos a complementar nosso saber por meio de um movimento histórico e dialético, não linear de (in)conclusão. (FREIRE, 2006, p. 73) elucida essas características ao evidenciar que “[...] aí se encontram as raízes da educação, mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão que ela tem. Daí que seja a educação um que fazer permanente”. Este “que fazer permanente”, perpassa nossas buscas e inquietações políticas, pedagógicas e sociais, desde a lapidação do “que fazer” enquanto tornar-se e aprender a ser pesquisador da Educação Popular, este é um processo constante e por meio dele podemos nos inserir dialogicamente como protagonistas do processo Freireano de (in)conclusão.

Nossas reflexões e inflexões sobre a temática da pesquisa, nossas impressões, resultados, dificuldades e avanços, nossas relações com os materiais inéditos e como conseguimos trazê-los de volta à vida, são todos processos que estão alinhados na categoria de (in)conclusão da pesquisa. Para tanto neste capítulo, nessas considerações, procuraremos, lançar mão por meio de utopias e imaginários de esperança¹⁵², toda a dialogicidade carinhosamente (re)construída nos processos da feitura da pesquisa e do pesquisador, e de todo material trabalhado pois, por meio deles poderemos nos aproximarmos do entendimento de como somos seres (in)conclusos e sempre aprendentes, assim como Freire (1994) nos ensinou na Pedagogia do Oprimido, e em toda sua obra.

¹⁵² Para aprofundamento sobre essa temática sugiro remissão ao artigo: SILVA, César Ferreira da; BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. Alguns imaginários para pensar a educação em tempos de crise e em termos de esperança. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 21, p. 20-42, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v21i0.4637>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4637>

Com esses imaginários recobramos os percursos de esperança e utopias vivenciados pelos processos de Educação Popular no Brasil e por toda América Latina, fica nítido que eles nos trazem no horizonte variados caminhos e vertentes com distintas formas, para se pensar as possibilidades de se fazer e viver a Educação Popular, ou mesmo, uma Educação Popular verdadeiramente Freireana.

Recobrar os percursos históricos destes Educadores Populares, entrelaçados pelo surgimento dos próprios processos de Educação Popular na América Latina, sobretudo aqueles vinculados com os movimentos sociais de resistência à opressão, ao ódio e a injustiça social, é uma forma de trazer e fazer justiça, e também é uma forma de reviver e rememorar a soberania dos processos democráticos que foram conquistados por difíceis lutas em diferentes lugares e momentos históricos em nosso continente Latino-Americano.

A importância dessa geração de Educadores Populares de 1960, é evidente nos percursos históricos sociais da Educação na América Latina, e de forma mais específica no Brasil, esse resgate histórico vislumbrou então fortalecer os movimentos democráticos para que a ditadura não se repita, “nunca mais”, seja em nosso Brasil ou em qual país de nosso continente Latino-Americano e do mundo.

Oscar Jara (1984), já nos disse que a Educação Popular não é um fenômeno recente. Ao analisarmos uma grande quantidade de fontes teóricas, documentais, orais e não orais, ao realizarmos os processos de entrevistas com os Educadores Populares fundantes do que conhecemos como Educação Popular nos dias de hoje, percorremos caminhos em suas gêneses que nos levaram a remissão de pesquisas que datam dos séculos XVII e XVIII, das quais lançam bases de características que marcam as gêneses ontológicas da Educação Popular.

Neste contexto ficou evidente em nosso horizonte da pesquisa que essa retomada histórica foi necessária para podermos ter uma compreensão de como os acontecimentos do passado culminaram na lapidação de nossas atividades políticas e pedagógicas na década de 1960, tanto no que tange o olhar brasileiro ou Latino-Americano. As bases da Educação Popular surgem com os movimentos de cunho revolucionários para a independência nos países Latino-Americanos, por meio dos movimentos políticos e sociais da época. Um exemplo claro dessas proposições é o que Mejia (2006), Carrillo (2011) e Jara (2020), afirmam ao falar do primeiro Educador Popular que encontramos nos livros de literatura espanhola de Educação, “Simón Rodríguez” dos quais concernem como o “Pai da Educação Popular”, e por conseguinte Paulo Freire como seu avô. Nas palavras do próprio Simón Rodríguez, podemos contemplar esse ideário visionário. “Sem Educação Popular não haverá verdadeira sociedade! Ensinem, e terão quem saiba. Eduquem, e terão quem faça. (Simón Rodríguez, s/d).

Inspiradas nos ideários estabelecidos por meio das bases Latino-Americanas das lutas das classes populares, sobretudo do sonho visionário mostrado possível por meio da conquista da Revolução Cubana em 1959, há uma expansão político-ideológica que chega no Brasil, fortemente no final da década de 1950 e início de 1960, dos quais movimentos sociais insurgentes da época começam a se agregarem.

Sob forte influência desses ideários progressistas os movimentos de militância social surgidos nesse período como os da Ação Católica (AC), ou ao redor dele, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), os Movimentos de Cultura Popular (MCPs), dos quais agregavam também outros segmentos como os movimentos da Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Feminina Católica (JFC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), e também os da Ação Popular (AP), e os movimentos Eclesiais de Base como o “Movimento de Educação de Base (MEB)” da qual esta pesquisa destaca como o principal expoente da Educação Popular no que concerne à alfabetização de adultos na década de 1960, estando vinculado aos movimentos de Educação Popular da América Latina no Brasil.

São evidências claras da grande polissemia ideológica e social que culminava na época, e é nesse contexto que surge a Educação Popular do qual abarcava em seu bojo todos esses movimentos sociais e que posteriormente agora volta a se espalhar pela América Latina representada por Paulo Freire seu grande expoente, e pelos professores Educadores Populares entrevistados nessa pesquisa, “Carlos Rodrigues Brandão; Oscar Jara; Osmar Fávero” e os Educadores Populares revividos por meio das memórias da professora Maria Clarisse Vieira “Vera e Zeca Barreto”. Esta pesquisa encontrou como dado central que todos esses professores “Educadores Populares” não só são protagonistas da Educação Popular, mas sim eles são fundantes dos processos da Educação Popular no Brasil e na América Latina, eles não só fazem parte da Geração de Educadores Populares da década de 1960, mas também são os próprios fundadores das premissas políticas pedagógicas e sociais da Educação Popular desde a década de 1960, e que continua viva por meio deles e por meio da uma nova Geração de Educadores Populares inspirados nessa geração de 1960 nos dias de hoje.

Ao avançarmos nas constituições da pesquisa, encontramos ao longo de nossa investigação a necessidade de construirmos “quatro mapeamentos” históricos ao redor da Educação Popular no âmbito Latino-Americano e de seus principais pesquisadores e representantes ao longo das gêneses de sua história. Apresentaremos por meio da sequência construídas suas principais contribuições a esta pesquisa.

No primeiro mapeamento que de certa forma tornou-se uma espécie de linha do

tempo para a Educação Popular, destacamos que ele não teve a finalidade de apontar quem foi/ou é Educador(a) Popular, mas sim identificar ao longo da história alguns Intelectuais-Pesquisadores que trabalharam e/ou desenvolveram pesquisas ao redor da Educação Popular na América Latina, e/ou se apropriaram do termo “Popular/Cultura Popular e Educação Popular” para práxis pedagógicas de suas atividades. Em Paulo (2018), foi possível identificarmos alguns autores que utilizaram, ao longo da história na América Latina, a expressão Educação Popular e seus significados perdidos ao longo do tempo, do espaço e do pensamento teórico de cada autor.

Destacamos que inspirado em Spigolon (2009; 2014) nos mapeamentos construídos com os percursos políticos pedagógicos de Elza e Paulo Freire no Brasil, na América Latina, na Europa e em África, e em Paulo (2018) ao longo dos pioneiros da Educação Popular, atualizamos ao longo da história da Educação Popular na América Latina alguns sentidos e significados e características do Popular; da Cultura Popular; e da Educação Popular, em autores que antecedem a geração da década de 1960, e de outros oriundos dessa nova geração inspirada a partir da década 1960 em diante, essa identificação é fator imprescindível para esta pesquisa, pois possibilitou e reinventou, os novos sentidos e significados, em relação ao resgate da ontologia e gênese da Educação Popular na América-Latina sob a ótica de pesquisadores já consagrados e de novos pesquisadores influenciados por essa geração inspirada nos anos de 1960 em diante.

Identificamos algumas características ao longo deste primeiro mapeamento, para isso levantamos “trinta e nove” nomes que utilizaram em algum momento de suas jornadas no Brasil e na América Latina o termo “Popular/Cultura Popular e Educação Popular”, ao longo de suas trajetórias de vida e militância, dos quais tiveram grande significado político-social, para a época em que atuaram entre os séculos XVIII ao XXI, além disso conseguimos dados nunca antes encontrados como datas e locais de nascimento, concepções e crenças individuais e coletivas, políticas e pedagógicas, culturais e sociais de onde e quando trabalharam seja no Brasil ou na América Latina.

Uma outra característica, talvez até a mais importante identificada por essa pesquisa, tange às contribuições políticas, pedagógicas, alfabetizatórias e sociais de uma grande quantidade de mulheres protagonistas ao longo da história da Educação Popular na América Latina e no Brasil, nas linhas de frente dos processos de alfabetização popular ao longo de seus percursos.

É imprescindível destacar que ao longo dessa história essas mulheres Educadoras Populares ou mesmo pesquisadoras ao redor dela, sofreram uma grande invisibilidade social

devido ao machismo que imperava na época, e também nos dias de hoje, e é neste contexto que esses próximos mapeamentos vem recobrir, dando o verdadeiro crédito e apontando que se não fosse por meio das mulheres a história da Educação Popular na América Latina e no Brasil não seria a mesma, podemos afirmar nesse contexto então que as mulheres desempenharam um papel primordial na independência de seus países ao longo dos séculos e também foram e são as principais frentes de alfabetização em seus países, sejam estando inseridas em movimentos sociais de Educação Popular ou mesmo em escolas municipais, estaduais e universidades, e é delas que os próximos três mapeamentos enfatizarão.

No segundo mapeamentos identificamos “vinte e três” nomes de Educadoras Populares “Latinas”, que atuaram em países como: Argentina, Peru, México, Costa Rica, Colômbia, Chile, Uruguai, Equador e Venezuela, e que foram muito importantes nos processos de constituição e desenvolvimento de seus países de residência, sabemos que existem muito mais nomes ao longo da história da Educação Popular, mas devido a finitude do curto período do Mestrado e das fontes consultadas foi possível identificar somente esses nomes.

Já no terceiro mapeamento identificamos em âmbitos brasileiros “quarenta”, nomes de mulheres Educadoras Populares que atuaram nas linhas de frente de alfabetização popular no Movimento de Educação de Base – MEB, em diferentes estados onde o MEB, tinha seus polos de suas escolas radiofônicas, com por exemplo no MEB Goiás, no MEB Maranhão, no MEB Recife, no MEB Aracaju, no MEB Sergipe, no MEB João Pessoa, no MEB Natal, no MEB Bahia, no MEB da Paraíba e no MEB Nacional. Destacamos também que em momento algum tivemos a proposição de findar esses nomes, pois no âmbito da história brasileira do MEB tivemos centenas e talvez milhares de mulheres alfabetizadoras populares que em algum momento atuaram no MEB.

No quarto e último mapeamento destacamos em dias atuais “vinte”, mulheres pesquisadoras ao redor da Educação Popular no Brasil, das quais conseguimos identificar seus estados de origem ou cidade de residência atual, e que desenvolveram importantes pesquisas que são fontes centrais e inspiração nos processos de constituição e feitura da presente pesquisa.

A partir destes “ quatro mapeamentos” reconstruídos sobre o céu da história da Educação Popular na América Latina e no Brasil, foi possível identificarmos diferentes sentidos, significados, característica que ao longo de sua história foram atribuídas ao termo Popular-Cultura Popular e/ou Educação Popular, todavia temos ao horizonte um percurso certo que ainda não conseguimos contemplar todos autores(as) seja no âmbito do Brasil e mesmo na América Latina, que em algum momento de suas histórias enquanto pesquisadores(as), professores(as), militantes, camponeses(as), dentre outros(as), trabalharam com essa temática,

outrossim destacamos que estes mapeamentos terão continuidade pois os processos de pesquisas não suscitam findar-se ao longo desta dissertação e dessas (in)conclusões, pois eles marcam no corpo e na alma deste pesquisador e de sua orientadora, o desejo, anseio e aspiração, para cada vez mais enveredar-se nos caminhos que atravessam a Educação Popular pela América Latina.

Outro ponto importante que encontramos nos processos da pesquisa foi a importância político-pedagógica e social que o Movimento de Educação de Base – MEB, desempenhou como frente de alfabetização Nacional na década de 1960, destacamos como dado encontrado na pesquisa que o MEB foi o movimento social de Educação Popular e de Educação de Adultos mais importante que tivemos no Brasil da década de 1960, à guisa talvez até os dias de hoje. Outro dado importante, a destacar é que, o MEB foi o primeiro movimento social de Educação no Brasil a trabalhar com atividades de Educação a distância, ou seja é pioneiro em muitas frentes de alfabetização, pois reinventava constantemente sua práxis pedagógica de atuação para poder alcançar a maior quantidade possível de alfabetizando em todas regiões do Brasil. Carlos Rodrigues Brandão traz uma reflexão muito interessante, através do qual aponta as experiências nas escolas Radiofônicas do MEB no Brasil como sendo as pioneiras nas atividades de educação a distância, vejamos sua fala:

Hoje, quando os velhos “rádios de pilha Philips” utilizados nas “escolas radiofônicas do MEB” constituem uma rara “peça de museu”, e quando os recursos eletrônicos estendem imensamente os espaços sociais alcançados, assim como os meios efetivos de associar som-e-imagem, e criar uma quase real “presença virtual”, parece-nos justo trazer à lembrança uma experiência pioneira... à distância. (BRANDÃO, 2020, p. 4)

O MEB além do pioneirismo nos processos de alfabetização através das escolas radiofônicas, também desenvolveu importantes documentos de alfabetização das quais traziam reflexões a respeito da realidade social do país na época. A pesquisa teve acesso a essas fontes históricas e documentais como atas de reuniões, documentos de convênios estabelecidos com o Governo Federal na época, fichas de matrículas de alunos, folhas de frequência de alunos, documentos de composição da equipe Nacional do MEB, Carta escrita por Dom Távora ao delegado quando a Cartilha Viver é Lutar foi presa, e além de muitos outros “materiais didáticos” do MEB dos quais apresentamos ao longo desta pesquisa. Neste contexto dos materiais didáticos podemos destacar a cartilha “Viver é Lutar”, os livros didáticos “Justificação; Fundamentação; Mensagem e Mutirão” no qual foram elaborados sobre a égide da época e da realidade social das classes populares, estando estritamente vinculados com os movimentos de resistência a cultura colonizadora que vivenciava o Brasil na década de 1960.

Ficou evidente nos processos da pesquisa que as experiências individuais desses

sujeitos “Educadores e Educadoras Populares da Geração de 1960” se vinculam sempre a experiências coletivas, e isso é um dado muito importante encontrado nos processos desta pesquisa, neste contexto podemos construir uma crítica reflexiva, sobretudo nos trabalhos e na presença dos percursos históricos destes Educadores Populares e Educadoras Populares, os quais sempre encontravam-se vinculados a trabalhos de alfabetização popular e a movimentos sociais. Com essas vinculações podemos encontrar outro dado importante, que tange o imbricamento da Educação Popular com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), neste contexto podemos sinalizar a EJA como um dos níveis e modalidades de ensino que a Educação Popular ajudou a espriar pelo Brasil e pela América Latina, assim como a Educação Não formal, e a Educação de Base, que são desdobramentos e níveis e modalidades de educação que nascem no bojo e nas práticas da Educação Popular, sobretudo a de cunho Freireana.

Outrossim, vale destacar que, como característica dos processos desta pesquisa, os percursos realizados pelos Educadores Populares da geração de 1960, desaguou em uma grande expansão das concepções de Educação Popular pelo Brasil e pela América Latina, como podemos encontrar em Paulo Freire (1994), Osmar Fávero (2001; 2006), Vera e Zeca Barreto (1992), com os trabalhos desenvolvidos com a Educação de Adultos, inicialmente no Nordeste, posteriormente no Brasil e no mundo; Carlos Brandão (1977; 2018; 2020) com a Educação Não Formal e a Educação do Campo em comunidades Quilombolas, Indígenas e em movimentos sociais como o MST; Oscar Jara (1994; 2007; 2021) com a Sistematização de Experiências inicialmente no Peru e depois em vários outros países da América Central e América do Sul.

É importante destacar que todas essas formas e trabalhos educativos desenvolvidos, e suas concepções político-pedagógicas têm no horizonte que, todos esses Educadores e Educadoras Populares fazem e/ou fizeram Educação Popular por onde passaram e sempre estiveram acompanhados com os princípios políticos pedagógicos e com diálogos estabelecidos muitas vezes diretamente com o próprio Paulo Freire, destacamos que Paulo Freire não foi o foco desta pesquisa, mas esteve presente em todos os seus percursos, pois foi, e é base teórica e metodológica concreta que ancorou os caminhos dos Educadores e Educadoras Populares focos desta pesquisa, assim como deste pesquisador e sua orientadora.

Esta pesquisa teve em seu horizonte um caráter propositivo, buscando destacar a importância em recobrir, reviver e rememorar fatos históricos da Educação Popular que muito já estavam esquecidos no tempo e no espaço, de forma não linear, teve em sua primazia destacar a potencialidade dos processos de Educação Popular como forma de lutas para defender o direito à vida, o direito à educação pública e de caráter universal e popular, o direito ao sonho por um mundo onde não seja tão difícil amar, aos imaginários de esperança, de e para um povo

sedento por justiça e igualdade social, propondo que esses desdobramentos e percursos históricos que marcam a Educação Popular não se afastem das concepções fundantes da Educação Popular de vocação verdadeiramente Freireana.

A pesquisa encontrou muitos sentidos, significados e proposições que ao tecer os fios das memórias desses Educadores e Educadoras Populares da década de 1960, carregando suas histórias de vida, suas lutas pessoais, individuais e na maioria das vezes coletivas, marcadas no corpo, no coração e na alma dessas páginas, provocaram mais perguntas nos horizontes vindouros da pesquisa, compreendidos após o recorte temporal de 1953 a 1964 a qual trabalhamos, se a ditadura Militar não tivesse acontecido.

Neste contexto vislumbramos: Como teria sido a história da Educação Popular e destes Educadores e Educadoras Populares focos da pesquisa, se não tivéssemos tido o golpe da ditadura militar de 1964 ?. Como os movimentos de premissas ideologicamente democráticas e sociais teriam trabalhado no Brasil se não tivessem sido interrompidos abruptamente com golpe de Estado 1964 ?. Quais seriam os percursos políticos pedagógicos destes Educadores e Educadoras Populares se Paulo Freire e sua família não tivessem ido para o exílio ?. O MEB juntamente com o Plano Nacional de Alfabetização de Paulo Freire conseguiriam ter erradicado o analfabetismo no Brasil se não houvesse tido o golpe que depôs o governo de João Goulart em 1964 ?. A Educação Popular teria se espreado pela América Latina se Paulo Freire não tivesse sido preso e forçado a ir para o exílio ?. Carlos Brandão e equipe teriam cunhado o termo Educação Popular se não houve a ditadura Militar no Brasil ?. Como seria nossa realidade social nos dias de hoje se Paulo Freire e todos esses Educadores e Educadoras Populares tivessem percorrido caminhos diferentes dos quais tiveram que percorrer com os auspícios da ditadura militar ?.

Essas são apenas elucubrações oriundas da investigação e aprofundamento da pesquisa, das quais despertaram neste pesquisador a inquietação de pensar como teria sido a história da Educação Popular no Brasil e na América Latina se não houvesse existido a ditadura Militar de 1964 no Brasil.

É fato ela aconteceu e foi extremamente triste, sanguinária e cruel e marcou no corpo e na alma de muitos Educadores e Educadoras memórias que nunca serão esquecidas. Cabe a nós pensar agora como não deixar esse mesmo horror de 1964 acontecer nos dias de hoje.

Para além dessas elucubrações, a pesquisa também encontrou outras perguntas voltadas à realidade política e social da época com o processo da instauração da ditadura militar de 1964. Como foi ficar no Brasil e ser perseguido, não poder trabalhar, ou trabalhar às

escondidas, como fizeram muitas vezes Carlos Brandão, Osmar Fávero e tantos outros Educadores e Educadoras Populares ? Como foi viver o exílio dos que ficaram, sendo muitas vezes privados de suas atividades políticas e pedagógicas desenvolvidas antes de 1964 ? Como foi viver na pele o autoritarismo, o terrorismo político-social implementado pelo golpe de estado de 1964 ? Como foi ficar sem Paulo Freire no Brasil, a grande referência para Educação na época e ter que atuar nas margens da sociedade ? Como o MEB continuou a desenvolver suas atividades de alfabetização após a instauração do golpe de 1964 ? Como ficaram as atividades políticas e pedagógicas dos movimentos sociais brasileiros com a queda do governo de João Goulart?.

Enfim temos ainda muitas (in)conclusões encontradas no decorrer da feitura da pesquisa, mas essas (in)conclusões também são acompanhadas de muitos imaginários de esperança de amor, de sonhos e de utopias, por uma sociedade mais justa e igualitária, pelo sonho visionário de uma América Latina unida e livre das amarras e das garras do ódio e da opressão, pois esses Educadores e Educadoras Populares não se calaram, continuaram a trabalhar e a plantar suas sementes, seja pelo Brasil ou pela América Latina, os movimentos sociais continuaram suas atividades às escondidas ou se adaptaram para poder atuar no período da ditadura. O MEB resistiu mesmo com redução e modificação de suas atividades pedagógicas. Paulo Freire e sua família continuaram vivos, mesmo fora do Brasil. A vida continuou, a centelha de esperança não se apagou, a Educação Popular sobreviveu.

Assim é a Educação Popular essa potência de transformação social, que não se cala e que nunca se calou a essas problemáticas, ela tira força de suas dificuldades, e motivação para seguir das derrotas que já sofreu, então ela continua e continua de novo, igual árvore quando pôda, ela vem com mais força, e assim ela segue e sempre seguirá, pois tem na classe popular, nos humildes, nos esfarrapados do mundo, nos oprimidos sua grande força motriz e lutará até que não haja uma pessoa com fome, sem direito a educação pública e de qualidade, sem acesso à saúde, sem garantia de direitos, ou que viva em situação de qualquer miséria existente.

FONTES DA PESQUISA REALIZADA

I - FONTES PRIMÁRIAS

Adriano Nogueira. 2020; 2021. Campinas/SP, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Alfonso Torres Carrillo. 2021. Colômbia. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Balduino Antonio Andreola. 2021. Rio Grande do Sul/RS, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Carlos Rodrigues Brandão. História da Educação Popular: Construção e o papel da Cultura Popular. Rosa dos Ventos, 2018. (Texto Inédito)

_____. Entrevista Google meet, Campinas/SP, Brasil. Entrevistas concedidas ao pesquisador em 2021.

_____. Entrevista - Sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, Brasil. Entrevista concedida ao pesquisador, 2019; 2021; 2022.

_____. 2019; 2020; 2021; 2022. Sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

_____. Fotografia 1 - Carlos Rodrigues Brandão trabalhando em seu arquivo pessoal em seu Sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, Brasil.

_____. Fotografia 15 - Aula promovida pelo Movimento de Educação de Base – MEB de Goiás. Acervo pessoal cedido ao pesquisador.

_____. Fotografia 18 - Aula promovida pelo Movimento de Educação de Base – MEB de Goiás. Acervo pessoal cedido ao pesquisador.

Vera Barreto. Fotografia 40 - cedida do arquivo pessoal de Nima Spigolon

Conceição Paludo. 2021. Porto Alegre/RS. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Danilo Romeu Streck. 2021. Caxias do Sul/RS, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Débora Mazza. 2021. Campinas/SP, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Fernanda dos Santos Paulo. 2020; 2021. Porto Alegre/RS. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Ivo Dickmann. 2020; 2021. Chapecó/SC. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Ivanio Dickmann. 2021. Veranópolis/SC. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Marco Raúl Mejía Jiménez. 2021. Colômbia. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Mario Garcés Durán. 2021. Chile. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Miguel Arroyo. 2021. Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Mapeamento Histórico do Termo “Popular/Cultura Popular” e “Educação Popular” na América Latina. Elaboração do Autor. 2021.

Mapeamento das “Mulheres Educadoras Populares Latinas” da América Latina. Elaboração do Autor. 2021.

Mapeamento das “Educadoras Populares” do MEB-Goiás e do Brasil. Elaboração do Autor. 2021.

NIMA I. SPIGOLON. Orientação de Pesquisa, Unicamp, Campinas/SP, Brasil. Reunião com a orientado/pesquisador. Períodos entre 2020 e 2022.

Oscar Jara. Entrevista - Círculo de Cultura - Educação Popular, América Latina e Paulo Freire: passado, presente e perspectivas. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KyF8IJwTLpA&t=1754s>

_____. 2021. CEAAL - CEP Alforja. Costa Rica. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Osmar Fávero. Entrevista Google meet, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Entrevistas concedidas ao pesquisador em 2021; 2022.

_____. 2021; 2022. Rio de Janeiro, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Valéria Oliveira de Vasconcelos. 2021. São Carlos/SP, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

Vanilda Pereira Paiva. 2021. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Diálogos com o pesquisador via e-mail.

II - ACERVOS/ARQUIVOS

Acervo e Arquivo Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo “Centro Memória Viva – Goiás – Universidade Federal de Goiás/GO

Acervo Fóruns EJA Brasil. Distrito Federal/Brasília/Brasil. Disponível em: <http://forumeja.org.br/node/2241>. [Acesso desde 2020].

Acervo Instituto Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo Paulo Freire – PUC. São Paulo/SP/Brasil.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED – 2008/2020. Disponível em: <https://www.anped.org.br/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

Banco de dados. CAPES. Também disponível <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>> [Acesso desde 2020].

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – São Paulo/SP/Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>> [Acesso desde 2020].

Centro de Referência e Memória da Educação de Jovens e Adultos (CREMEJA) do Rio de Janeiro - Memória dos Anos 60 - Osmar Fávero. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/acervo-digital/fundo-osmar-favaro/educacao-popular-i/apresentacao/memoria-dos-anos-60-osmar-favero/>

Facultad Latino Americana de Ciencias Sociales
Disponível em <<http://www.flacso.org/>> [Acesso desde 2020].

Fórum de Educação de Jovens e Adultos - FORUMEJA. 2009/2020. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

Instituto Lula - Memorial da Democracia. Arquivo histórico do MEB. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/cnbb-lanca-movimento-de-educacao-de-base#card-130>

Memorial da América Latina. São Paulo/SP/Brasil. Também disponível <<http://www.memorial.org.br/>>

Memorial da Resistência de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil. Também disponível <<http://www.memorialdaresistenciasp.org.br/>>

Memorial Dom Helder Câmara. Recife/PE/Brasil.

Mostras Virtuais - Memória da Educação: Movimento de Educação de Base – MEB e suas escolas Radiofônicas – CEDIC – PUC/SP. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/>

Osmar Fávero - Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/book/export/html/2976>. [Acesso desde 2020].

Secretaria de Direitos Humanos. Brasília/DF/Brasil.
Também disponível <<http://portal.sdh.gov.br/>> [Acesso desde 2021].

III - DOCUMENTÁRIOS E FILMOGRAFIA

AI-5: o dia que não existiu. Direção: Paulo Markun. Brasil, 2005.

Calle 13 – Latinoamérica. Tradução: Rua 13 – América latina. Direção: Jorge Carmona y MilovanRadovic. Peru, 2011.

Jango. Direção: Sílvio Tendler. Brasil, 1984.

O dia que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Coprodução da TV Brasil com Pequini Filmes, Brasil, 2011.

Paulo Freire Contemporâneo – Parte 1 e 2. Direção: Toni Venturi. Brasil, MEC, 2007.

1964: Um golpe contra o Brasil. Direção: Alípio Freire, Brasil, 2013.

IV – DISCOGRAFIA

BELCHIOR. "MPB Especial", TV Cultura, em 02 de Outubro de 1974.

BELCHIOR. Alucinação. Gravadora - Phonogram - LP/CD/K. 1976.

BELCHIOR. Coração Selvagem - Warner - LP/CD/K7. 1977.

GRUPO TARANCÓN. Pueblos Americanos – CD/ EMI Music. 1976

PROJETO. Cantos da Resistência – CD. 2015

V – BIBLIOGRAFIA

A

A música brasileira e a censura na ditadura militar. Brasil vermelho portal, 2011. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/159935-11>. Acesso em: 14 de julho, 2021.

A música como forma de protesto. Brasil jornalismo educativo, 2011. Disponível em: http://www.klickeducacao.com.br/je/materias/jovens_indigenas_criam_grupo_de__i_rap__i/. Acesso em: 14 de julho de 2021.

AÇÃO Popular. Documento Base. Verbum, Rio de Janeiro, n. 21, mar./jun. 1963.

AFFONSO, Marcella. Matéria Jornal da USP, disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/estudo-transcreve-manuscritos-ineditos-de-a-pedagogia-do-oprimido/>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

AHLERT, A. A educação popular como construção da esperança no centro de formação urbano-rural irmã araujo - cefuria. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 41, n. 2, p. 419–440, 2016. DOI:10.5216/ia.v41i2.36334. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/36334>. Acesso em: 9 jul. 2022.

ALVES, Rubens. Se Eu Pudesse Viver Minha Vida Novamente. Editorial Planeta. 2010.

ANDRADE, Edinaldo Costa; SANTOS, Fernando Henrique Tisque dos. “Viver é lutar”: análise do material didático do MEB e do MST para a alfabetização de jovens e adultos. Rev. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, v. 4 n. 8, 2009. Disponível em:

https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq8/8_viver_lutar_cp8.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2022.

ANDREOLA, Balduino A. Cultura e Educação Popular nos anos sessenta no Rio Grande do Sul. Educação e Realidade. Porto Alegre/ nº 13 (2): p. 39-48, jul/dez, 1988.

_____. O Processo do Conhecimento em Paulo Freire. Educação e Realidade, Vol.18, nº1, p. 32-45, jan-jul-1993.

_____. RIBEIRO, Mario Bueno. Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI. São Paulo: ASTE, 2005.

_____. Emotividade Versus Razão: Por uma Pedagogia do Coração. Tese de Pós-Doutorado. Porto Alegre. 2018.

ANDRELO, R. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 12, n. 47, p. 139–153, 2012. DOI: 10.20396/rho.v12i47.8640044. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640044>. Acesso em: 22 jul. 2021.

APOLUCENO DE OLIVEIRA, I.; LOBATO DOS SANTOS, T. R. A EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE - ANDARILHO DA UTOPIA - EM DIFERENTES CONTEXTOS. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 001–019, 2017. DOI: 10.5216/ia.v42i1.43631. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/43631>. Acesso em: 9 jul. 2022.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Ofício de mestre. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. O humano é viável? É educável? Revista Pedagógica, v. 17, n. 35, maio/ago. 2015.

B

BARBOSA, Andressa Cristina Coutinho. Cartilha do Operário: alfabetização de adolescente e adultos em São Paulo (1920-1930). 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21062007142232/publico/DissertacaoAndressaCristinaBarboza.pdf>. Acesso em: 29 julho de 2020.

BARREIRO, Júlio. Educação popular e conscientização. Tradução de Carlos Rodrigues Brandão. Petrópolis: Vozes, 1980.

BARRETO, Vera; BARRETO, José Carlos. Dois Alfabetizadores antes do golpe de 64 - Vereda - São Paulo. 1992.

BAUMWORCEL, Ana. As escolas radiofônicas do MEB. Trabalho apresentado no VI Congresso de História da Mídia, em maio de 2008, na UFF, Niterói, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/As%20escolas%20radiofonicas%20do%20MEB.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Estado de educação popular. São Paulo: Pioneira, 1974.

_____. Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (dir.). História Geral da Civilização brasileira – Tomo III – O Brasil republicano, economia e cultura (1930-1964). 2ª ed. São Paulo, SP: DIFELL, 1986, v. 04 (p. 272-341).

BETTO, Frei. A Revolução é, sobretudo, um processo de futuro. Federação Unida dos Petroleiros. 2014. Disponível em: <https://fup.org.br/ultimas-noticias/item/12136-a-revolucao-e-sobretudo-um-processo-de-futuro-afirma-frei-betto-em-entrevista-sobre-a-metodologia-da-educacao-popular>. Acesso em 26 de junho de 2021.

BEZZERA, Aída; RÍOS, Rute. La negociación: una Relación Pedagógica. In: Cultura y Política en Educación Popular: Anke Van Dam, Sergio Martime e Gerhard Peter, Edicion, Cesó Paperbach n. 22, 1995, La Haia, pp. 21-68.

BIZ REVOLUTION. 40 ANOS DO AI-5, 2008. Brasil. Disponível em: <http://www.bizrevolution.com.br/bizrevolution/2008/12/40-anos-do-ai-5.html>. Acesso em: 14 de julho, 2021.

BOAL. Augusto. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOSCO PINTO, João. Perspectivas y dilemas de la Educación Popular. Rio de Janeiro: GRAAL, 1984.

BOGO, A. Lições da Luta pela Terra. Salvador, Memorial das letras, 1999.

BOMENY, Helena Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>. Acesso em 22 de julho de 2021.

BRANDÃO, Raul. Se tivesse que começar a vida. Col. Brevíssima Portuguesa. v. 4. 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). A questão política da Educação Popular. Brasiliense: São Paulo, 1977.

_____. Da educação fundamental ao fundamental na educação. Proposta: Revista a Serviço da Educação de Base, Rio de Janeiro, Supl. 1, set. 1977. Disponível em: http://www.edpopsaude.net/edpopsaude/Concepções_files/Brandao%20%20O%20fundamental%20na%20educac%CC%A7a%CC%83o. PDF Acesso em: 25 abril 2021.

_____. O que é Método Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro, RJ: Edições

Graal, 1982.

_____. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. O que é Educação Popular. 3ª ed. São Paulo, editora Brasiliense, 1986.

_____. Educação e movimentos populares: tendências e dilemas latino-americanos. In: Em Campo Aberto. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. História do menino que lia o mundo. 3. ed. Veranópolis/RS: Iterra – Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2001.

_____. Entre um século e o outro: a cultura e da educação popular desde os anos sessenta até os dias de hoje. 2001. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4214/1/FPF_PTPF_01_0867.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2021.

_____. A Educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Freire, Paulo. Educar para Transformar: Fotobiografia /Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

_____. Trinta Anos Depois: alguns elementos de crítica atual aos projetos de cultura popular dos movimentos de cultura popular dos anos 1960. In: Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

_____.; ASSUMPCÃO, Raiane. Cultura Rebelde: Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

_____. Quando a Pedagogia tornou-se “do oprimido”. Quando a Educação tornou-se “popular”: um ensaio de memórias escrito a várias mentes e mãos. 2015. Disponível em <http://www.apartilhadavida.com.br/?page_id=347&d=L0VEVUNBw4fDg08vRURVQ0HDh8ODTyBQT1BVTEFS&m1dll_index_get=0>. Acesso em 02 de junho de 2021.

_____. Reinventando Freire com Carlos Rodrigues Brandão. Entrevista com Paulo Roberto Padilha. IPF. Tv. 2018. (25m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1T1gBzG0JqY>>. Acesso em 28 de junho de 2021.

_____. “BENEDITO E JOVELINA” lembranças de quando a internet era o rádio de pilha e de quando a educação popular vinha através de escolas radiofônicas. 2020. Disponível em <http://www.apartilhadavida.com.br>. Disponível em: <https://anped.org.br/news/benedito-e-jovelina-lembrancas-de-quando-internet-era-o-radio-de-pilha-e-de-quando-educacao>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

_____. Ontem Agora Nunca - Poemas e perguntas sobre tudo e nada. Coleção ler, brincar, criar. 1 ed. Editora Pangeia. 2021.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-191.

C

CARRILLO, Alfonso Torres. (2004). Coordenadas Conceptuales de la Educación Popular desde la producción del CEAAL (2000 A 2003). In: Debate Latinoamericano sobre Educación Popular I. Revista La Piragua, n° 20.

_____. Educación Popular y nuevos paradigmas: desde la producción del CEAAL entre 2004 y 2008. In: La Piragua: Revista Latinoamericana de educación y política, Panamá, n. 28, 2009.

_____. “¿Qué es la Educación Popular?”, en: Alternativa, N° 1. Lima: S.E. 1986.

_____. Educación Popular, trayectoria y actualidad. Caracas: Universidad Bolivariana de Venezuela, 2011.

CASTRO, Ruth Cavalcanti Garcia de. MEB: uma estratégia de comunicação com o homem do campo. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 1992.

CEAAL. Educação Popular para uma Democracia com Cidadania e Equidade, s/l, 1994.

CEAAL, Papeles del CEAAL n.7. Educación y Política en América Latina. México, Secretaria General, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira et al. (Orgs.). Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA, Maria Aída Bezerra; COSTA, Beatriz; JACCOUD, Vera. MEB: uma história de muitos. Petrópolis: Vozes: Nova, 1986. (Cadernos de educação popular, 10).

COSTA, João Ribas. Educação fundamental pelo rádio: alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos e recepção organizada. São Paulo: Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1956.

CPC. Belo Horizonte. Meios de técnicas de comunicação. Recife, I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, 1963.

_____. Relatório. I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular. Recife, 1963.

CUNHA, Luís Antônio. Programa Nacional de Alfabetização PNA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/programa-nacional-de-alfabetizacao-pna>. Acesso em: 07 de julho de 2021.

D

D'ARAÚJO, Maria Celina. Fatos & Imagens - O AI-5, disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>, acesso em: 14 de julho de 2021.

DI GREGORIO, Maria de Fátima A. O movimento social da Juventude Universitária Católica na América Latina. I Seminário Internacional História do tempo presente. 2011. 1035-1056, disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/414/336>, acesso em: 07 de julho de 2021.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. Primeiras Palavras em Paulo Freire. Chapecó: Livrologia, 3 ed., 2019.

E

Encontro dos Bispos do Nordeste. II Encontro. Natal-RN, 1959. Documento mimeografado.

F

FALS-BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante – considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular in: Pesquisa Participante Carlos Rodrigues Brandão (organização), Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

_____. La Investigación Acción en convergências disciplinares. Conferencia para recibir el premio Malinowsky de la Society for Applied Anthropology y el premio Oxfam-América Martin Diskin de la Latin American Studies Association (LASA). Borrador. Agosto, 2007.

FARIAS, Sara Oliveira. De dia ganhando o pão, de noite livro na mão – MEB: História e Memória (1961-1966). XI Encontro Regional Nordeste de história oral. 2017. Disponível em:http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494029890_ARQUIVO_Dediaganhandoopao-abhonordeste2017.pdf. Acesso em 22 de julho de 2021.

FÁVERO, Osmar (Org.). Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1. Edição, 1983-2001.

_____. O Conjunto Didático “Viver é Lutar”. In: FILHO, José Leão da Cunha (org.). Movimento de Educação de Base - MEB 40 anos: Crônicas. Brasília: MEB, 2001.

_____. MEB – Movimento de Educação de Base - primeiros tempos: 1961 –1966. In: ROSAS, Paulo (org.) Paulo Freire: educação e transformação. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE. 2002.

_____. MEB – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE primeiros tempos: 1961- 1966. Texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2021.

_____. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB (1961/1966). Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. DVD, Memória da educação de jovens e adultos (1947-1966). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

_____. Movimento de Educação de Base - MEB. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

FILHO, José Leão da Cunha (org.). Movimento de Educação de Base - MEB 40 anos: crônicas. Brasília: MEB, 2001.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar. In.: V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: Uma história de vida. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: Paz e Terra. 1967.

_____. Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação. Entrevista. In: Jornal “Nô Pintcha”, Bissau, Guiné-Bissau, ed. 09 de abril, p. 05, 1977.

_____. Conscientização. Teoria e prática da libertação. São Paulo. Cortez & Moraes. 1979.

_____.; NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: Teoria e prática em Educação Popular. São Paulo: Vozes, 1989.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. Pedagogia do Oprimido: o manuscrito. MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. (Org.). São Paulo: Instituto Paulo Freire/Universidade Nove de Julho/Ministério da Educação (MEC), 2017.

_____.; GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a própria história. v. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

G

GADOTTI, Moacir. Para chegar lá juntos e em tempo: caminhos e significados da educação popular em diferentes contextos. 21. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1998.

_____.; ROMÃO, J. E. (orgs). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. - 8. ed. - São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

GALEANO, Eduardo. Dias e Noites de Amor e de Guerra. Paz e Terra. 1979.

_____. Os filhos dos Dias. L&PM Editores, 2013.

GARCÉS, Mario. Educação e Movimentos Sociais. In Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

GARCÍA, Huidobro, Juan E. Intento de definición de la educación popular. Santiago de Chile: CIDE. 1988.

GIL, Antônio Carlos, Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: 4 Ed. Atlas. 2002.

GOMES, R. L. R. SENTIDOS DA EDUCAÇÃO POPULAR NA HISTÓRIA BRASILEIRA. movimento-revista de educação, v. 7, n. 12, p. 30-53.

I

IBAÑEZ, A. Pensando desde Latinoamérica-ensayos sobre Modernidad, Democracia y Utopía. México: Universidade de Guadalajara. 2001.

IPEA/IPLAN. Rádio educativo no Brasil: um estudo. Brasília: IPEA/IPLAN, 1976.

J

JARA, Oscar. Los desafíos de la educación popular. San Jose: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, 1984.

_____. Para sistematizar experiencias: una propuesta teórica y práctica / Oscar Jara H. - 1. ed.- San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones, ALFORJA, 1994.

_____. Sistematização de Experiências: aprender a dialogar com os processos. CIDAC: Rio de Janeiro, janeiro de 2007.

_____. Resignifiquemos as Propostas e Práticas de Educação Popular Perante os Desafios Históricos Contemporâneos. In: Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

_____. Presentación. La sistematización de experiencias: práctica y teoría para otros mundos políticos – 1ed. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano - CINDE, 2018.

_____. Educación Popular Latinoamericana. Historia y Claves Éticas, Políticas y Pedagógicas. Colectivo Caracol - El apañe de los piños. Editorial Quimantú. Chile, enero de 2020.

_____. A educação popular latino-americana: História e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa/CEAAL/ENFOC. 2020.

K

KADT, Emanuel de. Católicos radicais no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

L

La Educación Popular Hoy en Chile: Elementos para Definirla, ECO, Educación y Comunicación, Santiago de Chile, 1988 – sin indicación de autor.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad e desidentificación. In: LARROSA, Jorge. La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes S.A de Ediciones, 1996. p. 461-482.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação: Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-30, 2002.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R.C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katál, Florianópolis, v.10, p.37- 45, 2007.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Presença da Igreja no Brasil. São Paulo: Giro, 1977.

M

MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANFREDI, Sílvia Maria. Política: educação popular. São Paulo, SP: Símbolo, 1978.

MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã (trad. Afrânio Coutinho). 4ª ed. São Paulo: Dominius, 1962.

MARTÍ, José. Nuestra América en las entrañas del monstruo. La Habana: CEM. 1881-1984.

_____. Educação em Nossa América. Apresentação e organização de Danilo R. Streck. Ijuí: editora Unijuí, 2007.

MARQUES, Mariana Pascal. A construção do campo da educação popular no Brasil: história e repertórios. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAZZA, Débora. A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: Uma leitura (1941-1964). Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

MAZZA, Débora; ZAMBONI, Ernesta. Memória, silêncio, esquecimento, potência. In: PAULILO, André Luís. (Org.). A docência e a memória: escritas e lembranças da educação. Campinas, SP: Edições Leitura e Crítica; ALB, 2015. p. 17-38.

_____. SPIGOLON, Nima. I. Educação, exílio e revolução: o camarada Paulo Freire. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 3, n. 7, p. 203-220, 26 abr. 2018.

MCP. Movimento de Cultura Popular. Estatutos do Movimento de Cultura Popular. Recife. I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular. 1963.

_____. Movimento de Cultura Popular: Plano de Ação para 1963. Recife. I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular. 1963.

MEB, Movimento de Educação de Base. Pré-Projeto. Rio de Janeiro, 1961. (mimeo).

_____. Documentos Legais. Rio de Janeiro, 1961. Apostila 1, série A. 35p. Disponível em:

http://www4.pucsp.br/cedic/meb/o-meb/arquivos-pdf/1_apostila-documentos-legais.pdf. Acesso em: 29 de julho de 2021.

_____. Viver é lutar: cartilha. 2.º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro: Fundo MEB, 1963. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver_lutar.pdf>. 29 de julho de 2021.

_____. O Monitor. Apostila 4 - série A, 1963.

_____. Conclusões do Encontro Nacional de Coordenadores - 1.º: 5 a 15 dez. - Recife, 1964, Rio de Janeiro. Mimeografado.

_____. Mensagem: textos complementares para a fundamentação, no Evangelho, dos livros de leitura Saber para Viver e Viver para Lutar. Rio de Janeiro, 24p. Mimeo. 1964.

_____. Fundamentação: textos complementares para fundamentação filosófica dos livros de leitura Saber para viver e Viver é Lutar. Rio de Janeiro, 51p. Mimeo. Traz nota introdutória, sem título, da Equipe Técnica Nacional. 1964.

_____. Justificação: textos complementares dos livros de leitura Saber para Viver e Viver é Lutar. Rio de Janeiro, 115p. Mimeo. 1964.

_____. Saber para Viver: 1º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, 34p. Mimeo. 1964.

_____. Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, 65p. Mimeo. 1964.

_____. Fundamentação: textos para fundamentação filosófica dos livros de leitura Saber para viver e Viver é lutar 1965, MEB, Rio de Janeiro, mimeo.

_____. Animação popular. Rio de Janeiro: MEB, 1965.

_____. MEB em 5 anos. 2. ed.1982

_____. Relatório Trienal - 1990 a 1992. Brasília: MEB, 1993.

_____. História do MEB – Movimento de Educação de Base. Brasília, ed. do MEB-Abaré, março de 2003.

_____. MEB em cinco anos – 1961/1966, Rio de Janeiro. 2005.

MEJÍA, Marco Raul. Aprofundar na Educação Popular para Construir uma Globalização desde o Sul. In: Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.

_____. Educaciones populares para la IV Revolución industrial: Entre pandemias y la reconstrucción de la sociedad desde Nuestraamérica. 2021. (Fonte cedida ao Pesquisador)

MENESES, João Paulo Dias de. O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO PERÍODO 1961-1964: qual a perspectiva de direitos humanos? Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25244>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

N

NERUDA, Plablo. Fundación Pablo Neruda, Boletín Primavera 1989. Disponível em: <https://www.neruda.uchile.cl/discursoestocolmo.htm>. Acesso em: 17 de nov. 2021

NIETZSCHE, F. Vontade de Potência, São Paulo. Editora Vozes. 1 ed. 2011.

NOGUEIRA, Adriano. Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Um caleidoscópio de possibilidades. 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

_____.; SEVERINO, A. J.; ROMÃO, N. P. Ontologia, epistemologia e axiologia em Pedagogia do Oprimido. Educação em Perspectiva, Viçosa, MG, v. 9, n. 3, p. 538–552, 2018. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v9i3.1109. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7157>. Acesso em: 7 ago. 2021.

O

ORNELAS, Arturo. Elsa Maia Costa de Oliveira, Elsa Freire. Cuernavaca, México, 1987. Datilografado, cedido à pesquisadora. Nima I. Spigolon. Unicamp.

P

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de adultos. 5. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1987.

_____. Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista / Vanilda Pereira Paiva – São Paulo: Graal, 2000.

PALUDO, Conceição. Educação Popular em Busca de Alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular. POA, Tomo editorial & Camp. 2001.

_____. Educação Popular: Dialogando com redes Latino-Americanas (2000-2003). In: Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

PARKER, Cristián. Religião Popular e Modernização Capitalista (trad. Atílio Brunetta). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PAULO, F. S. Pioneiros e Pioneiras da educação popular freireana e a universidade. 2018. 268 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

_____. Pedagogia latino-americana e as contribuições de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. In: SILVA, Andrerika Vieira Lima.; PAULO, Fernanda dos Santos.; TESSARO, Mônica. (organizadoras). Educação popular e pesquisas participativas. 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. p. 25-46.

PEIXOTO FILHO, José Pereira. A travessia do popular na contra-dança da educação: o Movimento de Educação de Base: análise da experiência do estado de Goiás. 1985. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro, 1985.

PEREIRA, D. de F. F.; PEREIRA, E. T. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 72–89, 2010. DOI: 10.20396/rho.v10i40.8639807. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639807>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PEREIRA, D. de F. F. Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de reencantar a Educação. Tese. Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, 2006.

_____. Formar à esquerda: processo de educação política no PT e na CUT, um estudo sobre a Fundação Nativo da Natividade. São Paulo: Terras do Sonhar; Pulsar, 2006.

_____. Educação política: uma experiência com o orçamento participativo. Campinas/SP: Alínea, 2008.

PERESSON, Mario; MARIÑO, Germán y Lola Cendales (1983). Alfabetización y educación popular en América Latina. Bogotá Dimensión Educativa.

PESSOA, Jadir de Moraes. Revanche camponesa. Goiânia, GO: Ed. UFG, 1999.

PINHO, Clarice Wilken de; SOARES, Leôncio; SILVA, Fernanda Aparecida Rodrigues. EDUCAÇÃO, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 59, p. 403-416, jul. 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000300403&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 mar. 2022. Epub 19-Jul-2021. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n59.p403-416>.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

_____. Memória e identidade social. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PONTUAL, Pedro. Educação Popular e Democratização das Estruturas Políticas e Espaços Públicos. In: Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005-2009.

Q

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo, SP: USP: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1985.

R

REY, G. F. L. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade, os processos de construção da informação.

Tradução: Marcel Aristide Ferrada Silva. São Paulo. Ed. Cengage Learning. 2010.

RIVERO, José, M. El Cambio Educativo en America Latina, em Jornada Latino-Americana y Caribeña de Ecumenismo, Celedec, 2003.

RODRIGUES, Maria Emília Castro. "Enraizamento de Esperança": As bases teóricas do movimento de Educação de Base em Goiás - 2008. Tese de Doutorado. 315 f.

_____.; ROCHA, Juliano Guerra; VALDEZ, Diane. Benedito e Jovelina: A história da alfabetização de trabalhadores rurais em Goiás nos anos sessenta (século XX), Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf, v. 1, n. 11, p. 100-123, 2019. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br › rabalf › article › view>. PDF. Acesso em 26 de julho de 2021.

RODRÍGUEZ, Simón. Defensa de Bolívar. Caracas: Ediciones de la Imprenta Bolívar, 1916.

ROMÃO, José Eustáquio, Pedagogias de Paulo Freire, Ver. Múltiplas Leituras, v.1, n. 2, p. 8-22, jul./dez. 2008.

ROSAS, Paulo. O Movimento de Cultura Popular – MCP. In: Movimento da Cultura Popular: Memorial MCP 26 anos. Recife: Movimento de Cultura Popular/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986. p. 19-36.

S

SARMIENTO, Domingo F. La Educación Popular. Buenos Aires: Luz de Día, 1952.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Lidiane Nayara Nascimento dos. Viver é Lutar: A Proposta Didático-Pedagógica do Movimento de Educação de Base (1961/1966). Trabalho de Conclusão de Curso- TCC. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2867?locale=pt_BR. Acesso em: 28 de julho de 2021

SAVIANI, Demerval. “Os ganhos da década perdida”. Revista Presença Pedagógica. Editora Dimensão, v. 1, n. 9, nov./dez. de 1995.

SECRETARIA-GERAL da Presidência da República. Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. Brasília: Secretaria Geral. 2014. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/outros-assuntos/marco-de-referencia-da-educacao-popular-para-as-politicas-publicas/9-marco-de-referencia-da-educacao-popular-para-as-politicas-publicas.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. História e educação popular na Paraíba Brasil (1961/1970). Revista de Educação Pública, n. 14, junho/dezembro, UFMT, 1999. Disponível em http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev14/histeduc_popular_na.html. Acesso em 30 de junho de 2021.

SCHLINDWEIN, Ian Gabriel Couto. A educação popular sob o céu da história: um estudo a partir da rememoração em Walter Benjamin. 2020. 1 recurso online (188 p.) Dissertação

(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1128921>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

_____.; CATINI, C. R. Popular Education as a collective practice of insurgency and emancipation. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 2021. 14(33), e14279. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v14i33.14279>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14279>. Acesso em 09 de julho de 2022.

SILVA, César Ferreira da.; BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. Alguns imaginários para pensar a educação em tempos de crise e em termos de esperança. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 21, p. 20-42, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v21i0.4637>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4637>

_____.; SPIGOLON, Nima, I. Nazira Vargas. In. *Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Educação Popular - Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021.*

SILVA, Andreerika Vieira Lima.; PAULO, Fernanda dos Santos.; TESSARO, Mônica. (organizadoras). *Educação popular e pesquisas participativas*. 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

SILVA, Camila Teo da; MÓDOLO, Marcelo. *A gênese da Pedagogia do Oprimido: o manuscrito*. 2017. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19022018-114317/> >.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da (2006). *Teologia da Libertação: Revolução e Reação Interiorizadas na Igreja*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/924.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

SPIGOLON, N. I. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz educação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. 2009.

_____. *As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979*. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz educação*. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

_____. *Escritos Íntimos e escrita de si: por entre as páginas e a vida de Elza Freire*. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 1, n. 2, p. 254-268, 2016.

_____. *Pedagogia da Convivência: Elza e Paulo Freire - vidas que fazem Educação*. In: *Revista Unifreire*, ed. 3, dez. 2015, p. 78-94. Disponível em: https://paulofreire.org/images/pdfs/revista_unifreire_3.pdf. Acesso em 02 de junho de 2021.

_____.; SILVA, César Ferreira da. *Movimento de Educação de Base*. In. *Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Educação Popular - Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021.*

_____.; SILVA, César Ferreira da. Maria Alice Brandão. In. Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Educação Popular - Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021.

STRECK, Danilo. Pedagogia no encontro de tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

_____. A educação popular e a (re) construção do público: Há fogo sob as brasas? Revista brasileira de educação, v.11. n.32, p. 272-284, 2006.

_____. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana – Uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Educação popular e docência. São Paulo: Cortez, 2014.

T

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, C. A. Grandezas y miserias de la educación latinoamericana del siglo veinte. In: _____. (Org.). Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2001.

TORRES, Camillo; RODRÍGUEZ, Berta Corredor. Las escuelas radiofônicas de Sutatenza-Colômbia, Evaluación sociológica de los resultados. Friburgo (Suiza): Bogota, Oficina internacional d'investigaciones sociales de FERES. 1961.

U

UNE. Declaração da Bahia: 1º Seminário Nacional de Reforma Universitária. Rio de Janeiro: Gráfica Editora LIVRO, 1961.

_____. Luta atual pela Reforma Universitária. Guanabara: UNE, 1964.

V

VAZ, Pe. Henrique C. de Lima. Cristianismo e consciência histórica. Síntese Econômica, Política e Social, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 45-69. out./dez. 1960.

_____. O Absoluto e a História. In: Cadernos Paz e Terra: Paz e Terra, 1964.

VALE, A. M. do. Educação popular na Escola Pública. São Paulo: Cortez, 1992.

VIEIRA, Maria Clarisse. Memória, História e Experiência: Trajetórias de Educadores de Jovens e Adultos no Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006. Tese de Doutorado. 383 f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/HJPB-6VZL86/1/2000000111.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

W

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin; MARTINS, José de Souza. Educar para transformar: educacao popular - igreja católica-política no movimento de educação de base (meb) - 1961-1965. 1982. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

_____. Educação popular e processo de democratização. In: A questão política da educação popular. 2ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1980.

WERTHEIN, J. (org.) Educação de adultos na América Latina. Campinas/SP: Papirus, 1985.

Y

YANKELEVICH, Pablo. Introducción. In: YANKELEVICH, Pablo; JENSEN, Silvina. (Orgs.). Exilios: destinos y experiências bajo la dictadura militar. Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2007. p. 09-20.

ANEXOS

I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A GERAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES DA DÉCADA DE 1960 E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

**Pós-Graduando: César Ferreira da Silva Orientadora: Profa. Dra. Nima I. Spigolon
Número do CAAE: 33633720.6.0000.8142**

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa, objetiva resgatar as memórias, experiências, literaturas dos Educadores Populares, sob recorte temporal adjacente as décadas entre 1960 a 1989, sendo eles os mais importantes Educadores/Professores, ainda vivos no Brasil e na América Latina, tais como: Carlos Rodrigues Brandão, Adriano Salmar Nogueira e Taveira, Osmar Fávero. Tal objetivo possui enorme caráter inédito e exclusivo para o desenvolvimento Científico da Educação Popular/Educação de Adultos no Brasil, visto a enorme produção acadêmica destes Educadores, e o que eles representam para a Educação no Brasil e na América Latina.

Procedimentos:

Você Professor Educador Popular, está sendo convidado a participar de entrevistas com aproximadamente 30 minutos cada, que serão gravadas em áudio (voz) e vídeo. Os procedimentos se constituirão através de gravação em áudio (voz) e vídeo, transcrição e sistematização das entrevistas. A entrevista será transcrita e devolvida a você Professor Educador Popular, antes da publicação dos textos, para sua análise. Posteriormente daremos

continuidade ao mapeamento, digitalização e organização dos documentos coletados, de suas obras raras e inéditas reunidas durante campo empírico, para o aperfeiçoamento do projeto de pesquisa e escrita da Dissertação de Mestrado. Todo o material resultante da pesquisa será destinado a compor o arquivo da Faculdade de Educação da Unicamp.

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis, todavia, nós pesquisadores, Pós-Graduando e Orientadora, nos comprometemos com você Professor Educador Popular, a enviarmos a transcrição da entrevista, antes de sua publicação, para sua análise, pois seu nome será divulgado.

Benefícios:

Os depoimentos colhidos, serão analisados pela pesquisa e serão revertidos para fins pedagógicos e científicos, incluindo-se, a apresentação em atividades acadêmicas, publicações em eventos científicos da grande área das ciências humanas e sociais, respeitando os limites da ética e do proceder científico íntegro e idôneo.

Você, professor participante da pesquisa, levará os devidos créditos, com a identificação de seu nome em qualquer evento científico, documentário, e publicação de qualquer natureza que vincule seu nome a pesquisa, contribuindo assim significativamente para produção de conhecimento científico no Brasil.

Acompanhamento e assistência:

Você, Professor/Educador Popular, terá total acesso aos dados colhidos e divulgados da pesquisa, e terá total apoio de nós pesquisadores Pós-Graduando e Orientadora, caso precise de assistência após a finalização do processo da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você participante da pesquisa terá a garantia que todas as devidas assistências, no que diz respeito ao sigilo e a sua privacidade, serão tomadas, respeitando integralmente, todos os desejos de divulgação do uso de sua imagem, em áudio (voz) e vídeo.

Por sugestão da CEP-CHS da Unicamp, será elaborado um termo¹ de consentimento para o uso de áudio (voz) e vídeo, separados do TCLE, que seguirá devidamente assinado por você, Professor/Educador Popular.

Nós pesquisadores, Pós-Graduando e Orientadora nos responsabilizamos integralmente pela exposição dos materiais coletados, através de seu consentimento Professor/Educador Popular, alvo da entrevista desta pesquisa, e também no que concerne a guarda, divulgação e confidencialidade dos dados coletados pelo período de 5 anos de acordo com a Res. CNS

510/16. Após esse período, os documentos coletados serão doados em sua integralidade à Faculdade de Educação da Unicamp. No que tange ao acesso aos materiais coletados, ficará sobre nossa responsabilidade como pesquisadores Professora Orientadora e Pós-Graduando, e você Professor/Educador Popular terá acesso total aos dados obtidos durante a entrevista e pelo período de arquivamento da mesma.

Sua participação é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza.

Ressarcimento e Indenização:

Como pesquisador Pós-Graduando, farei o deslocamento até sua residência Professor/Educador Popular, desta maneira não onerando nenhum custo a você. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato conosco pesquisadores nome César Ferreira da Silva e a Orientadora Dra. Profa. Nima I. Spigolon, endereço profissional Faculdade de Educação – DEPASE - Rua Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária Zeferino Vaz – Campinas/SP, telefones (35) 99866-0383 ou (19) 99662-1726, e-mails cesarfs.dasilva@gmail.com ou nima@unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-CHS) do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

E-mail (opcional): _____

_____ Data: ___/___/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: /_____/____.

(Assinatura do pesquisador)

¹ Como sugestão do parecer número: 4.258.040, será construído um termo sobre o uso de áudio (voz) e vídeo separados do TCLE.

II - TROCA DE E-MAILS COM OS EDUCADORES E EDUCADORAS POPULARES BRASILEIROS E LATINO-AMERICANOS AO LONGO DA PESQUISA

Adriano Nogueira

24/10/2021 17:00

Gmail - Boa leitura,



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Boa leitura,

Adriano nogueira taveira <palavramundo@gmail.com>
Para: cesarfs.dasilva@gmail.com

21 de junho de 2020 13:38

boa leitura...

"encaminhativa" (eu acho) pra seus proximos passos, na dissertação...

São 2 arquivos, dois envios porque receio que o gmail se recusa a enviar grandes cargas....

 [fontes da pedagogia - parte 1.pdf](#)

24/10/2021 16:59

Gmail - ENVIANDO parte 2



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

ENVIANDO parte 2

Adriano nogueira taveira <palavramundo@gmail.com>
Para: cesarfs.dasilva@gmail.com

21 de junho de 2020 13:43

estas fontes da pedagogia latinoamerica explicitam raizes antigas da educação,
educação popular....

 fontes da pedagogia - parte 2.pdf

arquivo segundo.

boa distração....

Alfonso Torres Carrillo

24/10/2021 16:49

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação

Alfonso Torres <alfonsitorres@gmail.com>

9 de setembro de 2021 22:32

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Alfonso Torres Carrillo

Nací en 1961

En varias publicaciones expreso mi concepto de educación popular. El jóven investigador debe investigar

Abrazos

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 16:50

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação

Alfonso Torres <alfonsitorres@gmail.com>

10 de setembro de 2021 12:54

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

3 de mayo. Día de la Chakana andina y de la Cruz cristiana.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

 **Torres A. 2017 LA EDUCACIÓN POPULAR segunda edición.pdf**
585K

Balduino Andreóla

24/10/2021 16:13

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP

Balduino Antonio Andreola <balduinoandreola@yahoo.com.br>
Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

21 de outubro de 2021 16:38

Caro colega César.

"Dai a César o que é de César!" disse com autoridade Jesus Cristo. E eu não pude obedecê-lo rapidamente porque envolvido demais com os eventos em comemoração do Centésimo aniversário de Paulo Freire, em existência eterna. Acho de extrema importância o tema de seu projeto de Mestrado. Ter em sua banca os dois grandes educadores populares populares Carlos Rodrigues Brandão e Oscar Jara já é um privilégio acadêmico invejável. Conheço bastante a extraordinária e competente obra de cada um. O Brandão e eu participamos ontem de um evento sobre a obra de Freire, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria. Ele ouviu a mim e eu ouvi a ele depois. Estivemos juntos já em vários eventos. Com o s Oscar Jara já me encontrei várias vezes. Tenho alguns livros preciosos dele. Um exímio pesquisador e grande amigo. Parabéns pela escolha. O que você me pede: Ano e data de nascimento. Eu nasci em Fazenda Souza, hoje 7º distrito de Caxias do Sul. Quando eu nasci, em 1932, pertencia ao 7º distrito do Município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, cuja sede era Vila Seca. Meu aniversário é, oficialmente, no dia 11 de junho. Assim está em minha Certidão. Sou o primeiro de 11 filhos de João Angelo Andreola e Thereza Gubert Andreola. de famílias de pequenos agricultores Quando eu tinha mais de 40 anos, um dia minha mãe me disse: "Balduino, tu não nascente em junho, mas e maio, e teu pai te registrou em junho. As coisas eram difíceis. Tinha que fazer vários quilômetros a cavalo, perdendo dia na agricultura. Quanto a minhas pesquisa, encontra alguns dados na tese de doutorado de tua e minha amiga Fernanda. Podes ler minha "Carta Prefácio" ao livro póstumo de Paulo Freire "Pedagogia da Indignação". Mando-te cópia de minha tese de Pós-Doutorado. Os capítulos 7, 8, 9 e 10 trem a ver com minha produção em educação popular. Os 7, 9 e !0, vão sair em livro, no contexto do Centenário de Paulo Freire.

Votos de saúde, felicidade e sucesso em teu Mestrado. Do amigo

Balduino Antonio Andreola

P.S. Dei-me conta que estou no computador novo. O arquivo da tese está no velho. Depois te mando. Abraços.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 16:14

Gmail - Tese



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Tese

Balduino Antonio Andreola <balduinoandreola@yahoo.com.br>
Para: Cesar Ferreira Da Silva Ferreira <cesarfs.dasilva@gmail.com>

22 de outubro de 2021 14:50

Caro colega e amigo César.

Estou lhe enviando a tese, como prometido ontem. Trata-se de um Pós-Dr e de uma tese que fiz, não por exigências acadêmicas, mas sim para escrever algo que fugisse a tais exigências. Deveriam constar outros temas e outros textos, por isso, mas as limitações de trabalhar exclusivamente em casa, sem bolsista ou auxiliar de pesquisa, e com outras limitações, não foi possível. Os textos mais relacionados com Educação Popular creio que sejam os dos capítulos 7, 8, 9 e 10. Evidente que o Brandão tem uma quantidade enorme de publicações, incomparável a qualquer outro autor, a não ser o próprio Paulo Freire. Votos de total sucesso.
Do amigo

Balduino Antonio Andreola

 **Tese de Pós-Doutorado (1) (1) (1) (1).pdf**
1542K

Carlos Rodrigues Brandão

24/10/2021 18:56

Gmail - Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação

Carlos Rodrigues Brandão <itatiaia1940@gmail.com> 29 de junho de 2021 16:58
 Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, Angela Biz Antunes <angela.bizantunes@paulofreire.org>, Maria Tereza Goudard Tavares <mtgtavares@yahoo.com.br>, Cheron Moretti <cheron.moretti@gmail.com>, MARIA ELIETE SANTIAGO <maria.santiago@ufpe.br>
 Cc: Fernanda dos Santos Paulo <fermandaeja@yahoo.com.br>, Valéria Vasconcelos <valvasc2013@gmail.com>, Oscar Jara- CEAAL <oscar.jara_presidencia@ceaal.org>, Osmar Favero <ofavero@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>

Cesar, Nima e toda a gente,

Segue a lista que elaborei para uma live sobre a **presença feminina** desde os "tempos pioneiros" (1960-1969), até os "tempos seguintes" (1970-1990) e até os dias de hoje (bem menos)

Envio uma relação breve e restrita de pessoas com quem convivi e de quem me lembro.

Reitero que a presença feminina foi marcante e essencial desde o Movimento de Educação de Base até o CEAAL de agora.

Há inclusive trabalhos escritos essenciais de mulheres e me espanta que eles sigam sendo um tanto secundarizados.

Minha listagem é muito precária. Somente as mulheres dos diferentes "regionais" e "estaduais" do MEB dariam uma lista muito maior

RELAÇÃO DE MULHERES EDUCADORAS PIONEIRA E PROMOTORAS DA EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA

Elza Freire (esposa)
 Aurenice Cardoso (da 1ª equipe de Paulo)
 Vera Jaccoud (coordenadora do MEB)
 Maria de Lourdes Fávero
 Alda Maria Borges Cunha
 Aparecida Siqueira
 Aída Bezerra
 Vera Barreto
 Moema Viezzer
 Marcela Gajardo - Chile
 Adriana Puigross - Argentina
 Maria Tereza Sirvent - Argentina
 Sylvia Schmelkes - México
 Vera Gianotten - holandesa no Perú
 Rosa Maria Torres - Equador
 Lola Cendales - Colômbia
 Rosely Caldart
 Norma Michi - Argentina
 Liana Borges
 Fernanda Paulo

24/10/2021 18:56

Gmail - Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação

Ana Maria Freitas
Nima Spingolon
Claudia Korol - Argentina
Vanilda Paiva
Eliete Santiago
Ângela Biz Antunes
Maria Emília

e mais a juventude presente agora

Valéria Vasconcelos
Maria Tereza Goudard
Cheron Moretti

(completar com pessoal do GT da ANPED, com GEPEJA, com arquivos de Fernanda Paulo, Moema Viezzer, com Osmar Fávero, com pessoal do IPF, com Oscar Jara. E lembrar que existe toda uma frente de educação popular feminista no CEAAL.

Um abraço amigo,

Carlos

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 18:44

Gmail - Nima e Cesar, verbete Maria Alice



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Nima e Cesar, verbete Maria Alice

Carlos Rodrigues Brandão <carlosdecaldas@gmail.com>

11 de julho de 2020 17:43

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>, fernanda dos santos paulo santos paulo <fermandaeja@yahoo.com.br>, Alda <alda.cunha@uol.com.br>

Caro Cesar,

Fico feliz com as suas noticias.

Estou neste momento dando andamento a todo um processo de ordenação e arquivamento de tudo o que escrevi sobre a educação e, de maneira especial, sobre a educação popular.

Acredito até hoje que o MEB foi o programa nacional de educação e alfabetização de vocação freireana mais completo e criativo entre todos.

Eu costumava dizer pra todo lado que: "Paulo Freire pensa, cria e escreve. Mas o MEB é quem aprende e coloca em prática".

Existem pelo menos umas 3 a 4 teses de doutorado sobre o MEB-Nacional (Osmar Fávero e Luiz Eduardo Wanderley), uma sobre o MEB do Maranhão e outra sobre o MEB de Goiás. Fora artigos e livros que não conheço, ou de que esqueci.

Para falar de Maria Alice será preciso falar de todo o MEB DE GOIÁS. De fato foi durante anos um dos mais criativos e produtivos "MEBs" de toda e "Rede Nacional de Escolhas Radiofônicas do MEB, dedicadas à alfabetização de adultos.

E uma das características do MEB-GOIÁS, coordenado por Maria Alice Martins de Araujo (depois, Martins Brandão), foi o fato de que aquela era a "equipe mais feminina" de todo o MEB. De fato foram mulheres extraordinárias: Maria Alice, Alda Borges (depois exilada no Chile), Aparecida (militante da AP, depois exilada na França e morta de doença infecciosa na África), Gaudência, Nazira, Isa, Pérola, Waldenora, Darcy. Não sei se esqueci alguma. E todo o trabalho era em equipe.

Ademais das centenas de escola radiofônicas, algumas a mais de 500 kms de Goiânia, o MEB-Goiás criou um trabalho direto com camponeses chamado: encontros com a comunidade. Cheguei a participar de um deles em 1964.

Foram as "mulheres do MEB" que partiram do "Método Paulo Freire" e o adaptaram para o mundo rural camponês de Goiás, e para alfabetização pelo rádio. Ele se chamou: BENEDITO E JOVELINA, pois este era o nome do casal de lavradores dos fundamentos do método.

No meu livrinho: O QUE É O MÉTODO PAULO FREIRE tem algo sobre ele. Não foi iniciado por causa do golpe militar logo depois.

24/10/2021 18:44

Gmail - Nima e Cesar, verbete Maria Alice

O MEB foi fechado em 1967, logo depois que Maria Alice e eu retornamos dos estudos no CREFAL, no México. Foi encerrado pelo próprio D. Fernando, bispo de Goiânia e grande amigo de Maria Alice até a sua morte (a dele).

Houve acusações de que o MEB-GOIÁS estaria abrigando clandestinamente ações de integrantes da Ação Popular. O que seria uma coisa boa! Ele foi fechado por falta absoluta de trabalhos sob a ditadura militar, que chegou a Goiás em 1966.

Tem uma tese sobre o MEB-Goiás publicada em livro. É do professor José Peixoto Filho.

Tem uma outra enorme tese de uma professora: Margarida ... (não lembro o sobrenome). Tenho ela em algum lugar. Se achar separo pra vocês.

E tem uma longa entrevista com mulheres do MEB, publicada no Cadernos do NOVA, com a Maria Alice participando.

Não tente fazer entrevista com ela. Ao contrário do marido, ela é extremamente tímida e simples. Não aparece em cena e não gosta nem de fotos e nem de entrevistas.

Temos uma "mala de cartas", e em várias delas deve ter muita coisa sobre nós e o MEB-Goiás entre 1964 e depois.

Duvido um pouco que ela deixe alguém ver.

Antes de o MEB-GOIÁS ser encerrado, a equipe passou dias e dias queimando em fundos de quintais todo o material de anos e anos de trabalho que poderia ser considerado subversivo e apreendido.

Centenas de fitas gravadas, milhares de programas de cada ala radiofônica e um mundo de carta entre camponeses e o pessoal da equipe.

Havia então uma moça, a Betinha, que foi de JUC, como Maria Alice. Ela era compositora e cantora.

Há uns 3 a 4 anos atrás o pessoal se reuniu, ensaiou de novo as músicas da Betinha (que já morreu) e lançaram um CD notável: *Cantos da Resistência*.

Era um coral em que a pessoa mais jovem tinha 74 anos. Pode?

Quando tudo isso passar vamos nos encontrar e repassar cartas, rascunhos, fotos, memórias. Enfim, tudo o que ficou de fora das queimas de documentos do MEB durante a Ditadura.

Um abraço amigo,

Carlos

PS. cópia pra Alda, pra Fernanda Paulo, pra Nima. (Maria Alice é uma das raras pessoas que não tem e-mail)

24/10/2021 18:45

Gmail - Nima e Cesar, verbete Maria Alice



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Nima e Cesar, verbete Maria Alice

Carlos Rodrigues Brandão <carlosdecaldas@gmail.com>
Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

26 de agosto de 2020 19:56

Cesar,

Estou justamente agora revisitando e reprocessando tudo (ou quase tudo) o que escrevi sobre a educação popular.

Não sei como anda o seu plano de estudos e de trabalhos, em tempos de quarentena.

Acho que você poderia me ajudar. E seria um material de grande proveito pra você.

Ano que vem serão os 100 anos de Paulo Freire. Muitas coisas estão sendo programadas. Procure saber. Entre em contato com o Oscar Jara, no CEAAL. Saudade danada da Rosa dos Ventos.

Falei ontem com o José e acho que vale a pena esperar um pouco mais.

Penso no entanto em lá voltar do meio de setembro em diante.

Estamos criando com o Bené o Instituto Antes Arte". Quero você e Jaine participando dele.

Um abraço amigo,

Carlos

Envie mensagens também para
itatiaia1940@gmail.com
Meus livros e outros escritos estão livres e disponíveis em
www.apartilhadavida.com.br

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 18:48

Gmail - Autor Educação Popular que me sugeriu...



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Autor Educação Popular que me sugeriu...

Carlos Rodrigues Brandão <carlosdecaldas@gmail.com> 29 de julho de 2020 16:34
 Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, Oscar Jara <jaraosc@gmail.com>

Caro Cesar,

Saudades do Sul de Minas e de toda a gente daí.
 Alfonso Torres tem um outro livro que é o que interessa a você:
 Educación popular - trayectoria y actualidad.
 Mas acaba de sair inclusive em Português um trabalho de reconstrução da
 educação popular na América Latina ainda mais atual e completo. é o do Oscar
 Jara.
 Mando esta mensagem também pra ele.

Um abraço na Jaíne (que ela se cuide, sendo enfermeira) e pra você,

Carlos

UM CONVITE AO VÔO

*Uma versão livre e recriada de um texto original de Eduardo Galeano
 quando chegou o ano 2001*

Sonhemos um novo tempo, um novo século, um novo milênio ...

*O ar da Terra e o do pulmão dos seres vivos estará livre de todos os venenos,
 inclusive os que provêm dos medos e das paixões humanas mal vividas.*

Nas ruas as pessoas, os pássaros, os cães e os carros aprenderão a conviver em paz.

*As pessoas, das crianças aos velhos, não haverão de ser dirigidas pelos automóveis,
 nem programadas pelos computadores, nem medidos com os relógios e nem
 compradas em supermercados, nem olhadas pela televisão.*

*Como o computador, o aparelho de televisão deixará de ser o membro mais
 importante da família. Ambos serão tratados como o ferro de passar e a máquina
 de lavar roupa. A mesa do jantar voltará a ser um centro da vida na casa e as
 pessoas terão muito mais tempo para estar juntas, vivendo as suas vidas e, não, as
 dos personagens das novelas.*

24/10/2021 18:48

Gmail - Autor Educação Popular que me sugeriu...

As pessoas trabalharão para viver ao invés de viverem para trabalhar. O trabalho será uma escolha e entre os diferentes tipos de trabalhos as diferenças serão de gostos e estilos, e não de valores e de preços. Todo o trabalho será uma arte de um gesto de criar e, não, uma servidão ao ato de fazer.

A ética da vida e mesmo os códigos penais serão revistos. Poucos crimes serão tão graves quanto o querer ter e possuir sem tréguas, ao invés de viver e partilhar os bens, o tempo e a vida com os outros. Ser rico será mais detestável do que ser ladrão. Aliás, não haverá haver ladrões, porque cada vez mais tudo tenderá a ser de todos e todas as pessoas viverão entre trocas e dádivas. Sonhar e viver da gratuidade generosa, olhar os lírios do campo e prestar uma grande atenção ao canto dos pássaros e às brincadeiras das crianças serão virtudes de uma imensa importância.

Em lugar nenhum serão presos os jovens que se recusarem ao serviço militar. Poderão ser punidos os que insistirem em prestar tal serviço, o que não será nada fácil, pois as forças armadas tenderão a serem abolidas e os fuzis e os canhões serão fundidos para os artistas criarem altos monumentos dedicados à paz.

Os políticos ouvirão menos os economistas e os planejadores e mais os poetas e as crianças. Os economistas não chamarão de “nível de vida” o “nível de consumo” e nem de “qualidade de vida” o que pode ser medido e comparado. A felicidade de cada pessoa e de todas as pessoas será o indicador essencial e a razão de ser do trabalho dos políticos ... que não receberão dinheiro algum por este trabalho solidário. Os políticos terão aprendido que as pessoas não gostam de comer promessas. Aliás, eles nada terão a prometer, porque serão escolhidos pelo povo para prestarem a ele o serviço devido pelo tempo devido. Políticos não serão mais ricos do que pedreiros e nem mais poderosos do que jardineiros. Aliás, o nome “político” será substituído por “jardineiro da polis”.

Os cozinheiros e os que comem as comidas acreditarão que galinhas e lagostas não gostam de serem assadas e fervidas. As pessoas conviverão com os animais do Mundo como companheiros da aventura da Vida e só haverá vegetarianos. Também não serão comidos os palmitos e todas as plantas em que se necessite sacrificar uma árvore para enriquecer a mesa do almoço.

Os historiadores não acreditarão que as nações gostam de serem invadidas. As crianças aprenderão mais “história mátria” e menos “história pátria”. Os verdadeiros heróis serão as mulheres e os homens que criam a história de todos os dias. Os grandes heróis serão objeto de desconfiança, até prova em contrário, sobretudo os que vivem montados em cavalos ou em tronos.

Ninguém será honrado, quem quer que seja, por fazer exatamente o que se espera dele. Será mais importante ter um filho do que disparar um foguete, escrever um poema do que vencer uma batalha, edificar um jardim do que conquistar um território, aprender uma língua indígena do que ensinar a sua aos índios.

24/10/2021 18:48

Gmail - Autor Educação Popular que me sugeriu...

Não haverá mais a guerra – aberta ou disfarçada – contra os pobres, mas contra a pobreza. Os pobres de fato “herdarão a Terra” antes que ela acabe. As indústrias que enriquecem os empresários e os executivos decretarão falência. Algo mais solidário do que as cooperativas ocuparão o lugar de umas e de outras.

Ninguém morrerá mais de fome, porque ninguém mais morrerá de indigestão. Comer será o ato mais coletivo possível, pois não será concebível que alguém coma o que falta a um outro. Todo o comer será uma festa entre todos. Quem não tiver por perto uma outra com quem compartilhar o que come em um momento, convidará um passarinho, um cachorro, um gato das ruas, mas não se comerá em solidão.

Justiça e liberdade terão quase um mesmo nome, um mesmo rosto. Será impossível imaginar uma sem a outra. Já que não poderá haver pessoas livres e pessoas não-livres ou menos-livres, todos serão livres por igual. As pessoas não serão cidadãos do mundo onde por igual as mesmas leis feitas por outros serão aplicadas sobre todas. Serão cidadãos do mundo em que cada uma e todas as pessoas serão o tempo todo as criadoras das próprias leis que regem suas vidas.

Uma mulher negra será presidente do Brasil e uma outra dos Estados Unidos da América do Norte. Uma mulher índia governará a Guatemala e uma outra o Peru. Brancos, negros e índios serão tão igualados em seus direitos humanos quanto diferentes em suas escolhas de modos de vida.

As mulheres da Praça de Maio, na Argentina, terão dado ao mundo inteiro uma lição de saúde mental e os que geraram o seu sofrimento, um exemplo inesquecível de insanidade.

A Igreja Católica e o Judaísmo farão uma revisão nos Dez Mandamentos. Um ou dois deles esquecerão os pecados da carne e ordenarão celebrar os mistérios do corpo. Todas as religiões celebrarão em línguas e com ritos diferentes a presença do nome de um mesmo deus. Seu nome será: AMOR.

O cristianismo aprenderá com outras religiões que o amor entre os homens e entre as mulheres deverá estender-se, de igual maneira, à Vida e a tudo o que é Vivo, a toda a Terra, mãe e casa de todos nós, e todo o Universo. Tudo o que existe será objeto de celebração e tudo o que é vivo compartilhará dos mesmos direitos e dos mesmos afetos. Os direitos humanos serão estendidos para serem direitos da vida, entre os que compartilhem a Vida.

Serão reflorestados os desertos do Mundo e os desertos da Alma. A água pura será tanta que sobrar para todos.

Não haverá mais excluídos e nem os desesperados, e nem os pobres e nem os esquecidos, e nem os injustiçados e nem os oprimidos, e nem os seus opostos. E nunca mais os que excluem e geram desesperos, e nem os que fazem as injustiças e nem os que oprimem. Nunca mais haverá o sofrimento gerado por alguém que faça alguém sofrer.

24/10/2021 18:48

Gmail - Autor Educação Popular que me sugeriu...

Despreocupados da justiça, porque ela reinará absoluta, viveremos entre os que comparte a aspiração da beleza, do bem e da verdade, ou os seus plurais em todas as línguas. Todos se entenderão através de suas convergências e todos se comunicarão fraternalmente através de suas diferenças.

“A perfeição continuará sendo um aborrecido privilégio dos deuses”; mas em um mundo que aprenderá a ser bem menos confuso e fastidioso, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia será vivido como se fosse o primeiro. A hora do nascer do sol e a hora do pôr do sol serão celebradas como um milagre único que se repete a cada dia.

Eduardo Galeano pensou e escreveu.

Carlos Brandão repensou e reescreveu pouco depois de Eduardo Galeano haver partido

Envie mensagens também para
itatiaia1940@gmail.com
Meus livros e outros escritos estão livres e disponíveis em
www.apartilhadavida.com.br

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 18:51

Gmail - Ida a Rosa dos Ventos



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Ida a Rosa dos Ventos

Carlos Rodrigues Brandão <itatiaia1940@gmail.com> 3 de novembro de 2020 15:26
 Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>
 Cc: Fernanda dos Santos Paulo <fernandaeja@yahoo.com.br>, Valéria Vasconcelos <valvasc2013@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>, "Nima I. Spigolon" <professoranima@gmail.com>, Ivo Dickmann <educador.ivo@unochapeco.edu.br>, Ivanio Dickmann <ivanio.dialogar@gmail.com>, Adriano nogueira taveira <palavramundo@gmail.com>, Oscar Jara <jaraosc@gmail.com>, Osmar Favero <ofavero@gmail.com>, Leôncio Soares <leongiogsouares@gmail.com>

Nima e Cesar... e toda a nossa comunidade entre a pedagogia, a poesia e a esperança,

Tenho mais uma notícia feliz!

Hoje acabei de colocar em caixas - em 7 caixas lotadas - todo o material sobre a educação que tenho aqui em casa.

Falta ainda fazer o mesmo com o que está na Rosa dos Ventos ou mesmo "espalhado por aí".

O material é o mais variado possível, como se imagina para um "arquivo".

As caixas contém:

1. livros de minha autoria
2. livros coordenados por mim
3. livros com capítulos meus (não tenho todos comigo)
4. revistas com artigos meus (idem)
5. escritos mimeografados ou "micrados"
6. escritos a mão para aulas, palestras, etc
7. recortes de jornais pertinentes à educação
8. fitas cassete com gravações de aulas, palestras, entrevistas
9. miscelânea de outros materiais.

Estou agora separando o que está em computadores. Enviarei pra vocês quando estiver pronto.

Creio que temos uma live amanhã.

Espero ter tudo pronto até então.

Para mim é uma felicidade poder estar partilhando com todas e todos vocês a minha "memória pedagógica" que, imagem, começou em julho de 1961 (que completará 60 anos quando Paulo Freire estiver completando os seus 100 anos), quando eu era um jovem estudante de 21 anos e em nome do Diretorio Central dos Estudantes da PUC do Rio de Janeiro, escrevi um pequeno artigo para uma Semana Nacional de Estudantes de Faculdades de Filosofia.

24/10/2021 18:51

Gmail - Ida a Rosa dos Ventos

Estejamos juntas/os!

Um abraço fraterno,

Carlos Brandão

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 18:56

Gmail - Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação

Carlos Rodrigues Brandão <itatiaia1940@gmail.com>

29 de junho de 2021 13:50

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, Fernanda dos Santos Paulo <fernandaeja@yahoo.com.br>, Valéria Vasconcelos <valvasc2013@gmail.com>, Oscar Jara- CEAAL <oscar.jara_presidencia@ceaal.org>, Osmar Favero <ofavero@gmail.com>

Cc: "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>

Cesar, caro amigo, Querida Nima, Valéria e Fernanda Paulo, Oscar e Osmar

Por uma feliz coincidência, a CONTAG me enviou, em retribuição a minha participação em uma live, um exemplar do livro de Oscar Jara: *EDUCAÇÃO POPULAR LATINO-AMERICANA - história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos*.

Eu tinha o exemplar em Espanhol. Pode ser até que esteja na Rosa dos Ventos. Agora ganhei a edição em Português.

Não existe nada mais completo e detalhado. Inclusive com uma preciosa cronologia, no estilo Fernanda Paulo.

E não esqueça o inapagável dossiê do Osmar Fávero e equipe.

Não tenho os dados das pessoas de quem você fala. Acho que não tenho nem os meus.

Creio que Fernanda Paulo poderia ajudar. Envio esta mensagem pra ela também.

Creio a melhor maneira seria entrar na internet e clicar o nome das pessoas. Pode ser que pelo menos algumas compareçam com dados básicos.

Outra alternativa seria através do Currículo Lattes, que é aberto a consultas. Basta entrar com o nome da pessoa.

Outra, ainda, seria através do GT de Educação Popular da ANPED. Razão pela qual estou enviando sua mensagem também para Valéria.

Outro dia, para uma live, levantei o nome de uma série de "mulheres educadoras populares". Elas são muitas, e é incrível como vivemos em um cenário muito masculino, quase machista mesmo.

Lembro que na difusão da educação popular nos anos 70, justamente com Paulo Freire no exílio, as mulheres-educadoras foram essenciais. Estiveram participantes no mesmo número dos homens.

E algumas delas, entre Maria Teresa Sirvent, Marcela Gajardo, Sylvia Schmelkes, Rosa Maria Torres e Aida Bezerra, foram pessoas centrais em tudo o que aconteceu.

A sua listagem ainda está muito masculina. Reveja isso.

Vanilda Paiva foi mais uma crítica da educação popular do que uma educadora.

Ela sempre recusou ser uma "educadora freireana" e foi mais uma historiadora do que uma educadora.

Vale o mesmo para o Celso Beisiegel, como ele mesmo confessa.

Você tem com você a longa entrevista coletiva com o Celso, o "Casal Barreto" e mais eu na USP?

É um documento essencial.

24/10/2021 18:56

Gmail - Ajuda com datas para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação

Um abraço amigo,

Carlos

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

escreva também para carlosdecaldas@gmail.com
o que escrevi na vida pode ser livremente encontrado e acessado em:
www.apartilhadavida.com.br

24/10/2021 19:01

Gmail - Os quatro livros "fundacionais"

<edsonfernandodealmeida@gmail.com>

Oscar, querido amigo,

Valeu!

Guardei um pedaço final de seu escrito (ou fala) pra um próximo texto meu. Faltou naquela entrevista a foto da Nicarágua. Paulo e a gente. Você com aquele bigode imenso de jovem educador peruano.

Estou ultimando uns escritos que eu quero compartilhar com você, assim que estiverem semi-prontos.

Estou focando o fato de que não por acaso quatro livros essenciais saem mais ou menos pelos mesmos anos.

E cada um a seu modo, eles irão "fundar": uma nova pedagogia (*Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire

e *Educación Popular y Proceso de Concientización*, de Júlio Barreiro); uma nova teologia (*Por uma teologia da libertação*, de Rubem Alves),

e uma nova sociologia, junto com a IAP (*Ciencia própria y colonialismo intelectual – los nuevos rumbos – Orlando Fals-Borda*).

Questões essenciais e esquecidas:

1. Ao contrário do que se imagina, desde o seu primeiro livro: *Por uma teologia da libertação*, Rubem Alves

(que depois veio a ser "compa" de Paulo na Faculdade de Educação da UNICAMP)

por duas ou três vezes traz longas passagens de *Educação como Prática da Liberdade*, de Paulo Freire. E se não cita nada de *Pedagogia do Oprimido* é porque o livro de Rubem é anterior.

2. Os dois livros, o de Rubem e o de Paulo, saem primeiro nos EUA, e em Inglês.

3. Dos quatro autores dos "livros fundadores", três (isso mesmo!) são escritos por cristãos protestantes.

Orlando, de tradição presbiteriana, mas creio que de pouca prática. Rubem e Júlio eram pastores presbiterianos na ocasião.

4. Antes de sair como livro, como conversamos na Costa Rica, *Pedagogia do Oprimido*

saiu como artigos de um "suplemento" da revista cristã-ecumênica *Cristianismo y Sociedad*, de Iglesia y Sociedad en América Latina – ISAL.

E se a editora que publicou o livro foi a Tierra Nueva (de Montevideo e de Buenos Aires), ela igualmente era associada ao ISAL.

Confira aí nos seus arquivos e estudos. Sobre esses temas tenho mais confiança em você do que em mim

Estou escrevendo uma mensagem longa devido a saudades de você, de sua gente querida (a começar pela esposa, que deve andar pela mandala 12.340) e de filhos e netas.

E também porque, junto com Osmar Fávero, ando em uma campanha desesperada pelo retorno às longas cartas

24/10/2021 19:01

Gmail - Os quatro livros "fundacionais"

cheias de memórias, casos e até mesmo, no final, alguma teoria sobre educação.

Tem sido triste receber apenas mensagens "telegráficas" entre uma e três linhas.

Isso quando não recebo mensagens com a imagens de três mãozinhas batendo palmas.

Desde Paulo Freire (que sempre escrevi cartas longas e era um fanático escrevinhador de cartas) e seu amor pela palavra, estamos em perigo de retornar à Idade da Pedra Lascada... e com tantos recursos eletrônicos disponíveis.

Abrace sua gente com carinho, (escreva mensagens com pelo menos 4 parágrafos)

Un saludo amigo,

Carlos

Veja a imagem em anexo

24/10/2021 19:10

Gmail - Visita a você possível data de mudança



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Visita a você possível data de mudança

Carlos Rodrigues Brandão <itatiaia1940@gmail.com>

16 de setembro de 2021 12:08

Para: Debora Mazza <dmazza@unicamp.br>

Cc: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>, Jaine Gonçalves <jaineenfermeira28@gmail.com>

César, Débora, Cesar, Jaíne,

Vai ser uma alegria receber vocês aqui na nossa casinha.

Tenho por agora o dia livre.

Faremos um lanche-encontro.

Cesar e Jaine trazem queijos de Minas e a gente entra com o resto.

Escrevo pra vocês ouvindo o que acredito ser o mais bem-feito estudo-oral ao redor de Paulo Freire.

Vejam abaixo.

Tenho buscado lembrar que uma das atividades mais inteligentes e criativas ao redor do Paulo Freire foi de uma emissora da Holanda.

Parece estranho mas é verdade.

A Rádio Nederland, lá pelos anos 90 editou quatro programas radiofônicos dedicados a Paulo Freire.

Eles estão em Português e são uma pequena obra de arte.

Foi editado originalmente em um CD. Eu tinha um e emprestei a alguém.

O título é: *Paulo Freire - Andarilho da Utopia*. Busquem na internet. Existe uma preciosa versão completa.

Um abraço e até lá,

Carlos

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

**escreva também para carlosdecaldas@gmail.com
o que escrevi na vida pode ser livremente encontrado e acessado em:
www.apartilhadavida.com.br**

Conceição Paludo

30/03/2022 19:12

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP

c.paludo@terra.com.br <c.paludo@terra.com.br>

4 de novembro de 2021 11:41

Responder a: c.paludo@terra.com.br

Para: César Ferreira Da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Oi

Nasci em 07 de dezembro de 1956

Indico dois materiais que expressam a minha concepção de educação popular

- um de 2001 - tese de doutorado - Livro Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular - saiu em 2001 (conclui o doutorado em 2000) - esse, penso, já enxerguei o que ocorreria. Estou pensando em atualizar.... (um/em projeto - pensando sobre)

- Educação Popular como resistência e emancipação humana. Periódico - CEDES - de 2015 (Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago)

Há mais atuais, mas por aí.....

Era isso

Quer coisa, aqui

Abraço

Conceição Paludo (51 999711222)
Professora FACED/UFRGS<https://orcid.org/0000-0003-1567-1651>Em Seg 1/11/21 17:47, César Ferreira da Silva cesarfs.dasilva@gmail.com escreveu:

Boa tarde Professora, assim como contato no whatsapp encaminho novamente o e-mail para suas contribuições em meu mapeamento.
Um abraço carinhoso

César Ferreira da Silva, Mestrando na Faculdade de Educação da UNICAMP

----- Forwarded message -----

De: **César Ferreira da Silva** <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Date: seg., 25 de out. de 2021 14:30

Subject: Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP

To: <c.paludo@terra.com.br>, <c.paludo@terra.com.br>

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Danilo Romeu Streck

24/10/2021 16:48

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação

Danilo Streck <streckdr@gmail.com>

2 de setembro de 2021 17:23

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Caro César,

Parabéns pelo tema. O Carlos deve ter falado da tese de Fernanda Paulo..

No Lattes vais encontrar pelo menos 2 entrevistas onde vais conseguir ver o que penso de/sobre EP.

Meus dados: 11 de maio de 1948

Abraço

Danilo

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Prof. Dr. Danilo R. Streck

Programa de Pós-Graduação em Educação /

Graduate School of Education

Universidade de Caxias do Sul-UCS

International Journal of Action Research - Editor

CV: <http://lattes.cnpq.br/2250864123409266>

Débora Mazza

24/10/2021 17:01

Gmail - Pesquisa de Mestrado em Educação, solicitação de dados.



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Pesquisa de Mestrado em Educação, solicitação de dados.

Debora Mazza <dmazza@unicamp.br>
Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

13 de outubro de 2021 22:23

Cesar

Fico feliz com a sua pesquisa.

Parabens para a orientadora e o orientado

Minha data de nascimento: 25/04/1963.

Meu conceito de cultura:

Cultura são todas as formas de pensar, agir e sentir, materiais e imateriais, que envolvem os agenciamentos humanos, não humanos e o meio ambiente. A linguagem, os signos, os símbolos, os artefatos, a música, a dança, a culinária, a arquitetura, a vestimenta, o sentimento, as formas de manifestação do afeto, as escolhas sexuais, as orientações religiosas, o senso estético, ético e moral, as relações de parentesco, o sentimento de honra etc etc etc

As práticas educativas (escolares e não escolares) estão imersas no oceano da cultura que envolve os seres sociais nas suas tensas relações com as demais formas de vida e o meio circundante.

Cultura popular são as práticas culturais produzidas, reproduzidas, traduzidas e transformadas pelos grupos, classes e coletivos não hegemônicos, muitas vezes, excluídos, desassistidos, discriminados, dominados e explorados.

Abs

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Débora Mazza

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Faculdade de Educação (FE)- **Prédio Professor Paulo Freire**

Departamento de Ciências Sociais na Educação (DECISE)

Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES)

<http://lattes.cnpq.br/5511725315048443><https://orcid.org/0000-0002-8968-4597>

Fernanda Paulo

03/11/2021 21:02

Gmail - Para minha pesquisa de Mestrado



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Para minha pesquisa de Mestrado

Fernanda dos Santos Paulo <fernanda.paulo@unoesc.edu.br>
 Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>
 Cc: Fernanda Paulo <fermandapaulofreire@gmail.com>

3 de novembro de 2021 17:23

Querido amigo, Cesar!

Obrigada pelo contato e mil desculpas pelo atraso no envio dos dados. Andei a mil – 3 turnos intensivos de trabalho.

Quero pontuar 3 questões:

- 1) A importância do seu trabalho para a história da Educação Popular;
- 2) A ousadia da pesquisa com um trabalho sério de mapeamento de sujeitos envolvidos com a Educação Popular;
- 3) A continuidade de estabelecer um trabalho sobre pioneiros da Educação Popular no Brasil.

Fernanda dos Santos Paulo

1980 – Atual

Nascimento: 05 de abril de 1980

Educação Popular como luta engajada como fundamento ontológico, estando imbricada pelas dimensões ético-políticas, estéticas, sociais, pedagógicas, filosóficas e antropológicas. Na História da Educação Popular nem todos os sentidos do popular são libertadores. Por isso usei e uso Educação Popular freiriana/emancipadora como transformação social. Específico a Educação Popular na América Latina, as influências dos Movimentos sociais brasileiros e sujeitos envolvidos. Um ponto importante é a luta pela garantia de direitos da população (a partir dos anos 50), alfabetização comunitária e popular (60 em diante), entre outros temas.

Fernanda Paulo
 Educadora Popular e professora Unoesc/PPGEEd.
 51-996082148

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Ivanio Dickmann

25/10/2021 20:15

Gmail - Concepção de Educação Popular



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Concepção de Educação Popular

Ivanio Dickmann <ivanio.dialogar@gmail.com>
Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

25 de outubro de 2021 11:36

Olá Cesar... lá vai:

Ivanio Dickmann - 25 de setembro de 1980

A Educação Popular é a expressão pedagógica do meio do povo. Uma pedagogia que se faz na história em contraponto à educação bancária que oprime e desumaniza. A Educação Popular é, portanto, a pedagogia na contramão, construindo na luta, os caminhos da libertação através de uma práxis educativa dialógica e pronunciadora de um novo mundo e um novo modo de viver, que precisam ser ensinados e aprendidos.

Abraços...

Ivanio Dickmann

É Historiador e Pós-Graduado em Gestão de Políticas Públicas e Projetos Sociais.
Doutorando em Educação UCS-RS. Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. [Whatsapp \[54\] 98409.5878](#)
É autor, entre outras obras, dos livros Primeiras Palavras em Paulo Freire, Pedagogia da Liderança Popular e 365 Dias com Paulo Freire.

Ivo Dickmann

25/10/2021 20:21

Gmail - Conceito de Educação Popular



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Conceito de Educação Popular

Ivo Dickmann <educador.ivo@unochapeco.edu.br>
 Para: "César Ferreira da Silva ." <cesarfs.dasilva@gmail.com>

25 de outubro de 2021 20:17

Meu caro, Cesar, segue abaixo o meu conceito de Educação Popular conforme solicitado. Abração;

Ivo Dickmann
 Nascimento: 25 de setembro de 1980

A Educação Popular é uma ação político-pedagógica planejada e contra hegemônica ao sistema social capitalista, que tem como objetivo desvelar a realidade e construir conhecimento para qualificar a intervenção social, tomando como ponto de partida o contexto concreto dos envolvidos no processo, numa perspectiva dialógica intersubjetiva.

Prof. Dr. Ivo Dickmann
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Mestrado e Doutorado
Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ
[Currículo Lattes](#) - [ORCID](#) - [ResearchGate](#) - [Academia.edu](#)
Líder do PALAVRAÇÃO - Grupo de Pesquisa em Educação
(49) 98855-7566



"Gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida". (Paulo Freire).

Esta mensagem (incluindo arquivos anexos) contém informações confidenciais, privilegiadas ou protegidas por lei. Ela é dirigida exclusivamente ao seu destinatário que a empregará nos ditames legais. Se você não é o destinatário desta mensagem, deve imediatamente destruí-la e advertir o remetente do erro de envio e a destruição da mensagem. Qualquer divulgação, utilização, disseminação ou reprodução (total ou parcial) desta mensagem ou das informações nela contidas é proibida e sujeitará a sanções criminais a que incorrer, sem prejuízo de perdas e danos.

This e-mail (including attached files) contains information that is confidential, privileged or protected by law. It is intended solely for the addressee who will use it under the applicable law. If you are not the intended recipient, you must immediately destroy it and notify the sender of the delivery error and destruction of this message. Any disclosure, use, dissemination or reproduction (in full or in part) of this message or its contents is prohibited and will result in criminal sanctions, without prejudice to any damages.

Marco Raul Mejia

24/10/2021 17:09

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação - FE-UNICAMP - Brasil



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação - FE-UNICAMP - Brasil

Marco Raul Mejia <marcoraulm@gmail.com>

21 de outubro de 2021 18:30

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Hola César, un gusto poder ayudarte. Te envío mi hoja de vida resumida y adjunto algunos de mis últimos documentos para que puedas ubicar mi perspectiva y trabajo sobre educación popular. Un saludo y éxitos en tu investigación. Marco Raúl

[Texto das mensagens anteriores oculto]

4 anexos

-  **CV MRM resumen3 (2).docx**
52K
-  **Freire Clacso.docx**
82K
-  **Las educaciones populares.docx**
91K
-  **pandemia piragua.docx**
40K

Mario Garcés Duran

02/11/2021 10:30

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação. FE-UNICAMP

Mario Garces <mario.garces@usach.cl>

28 de outubro de 2021 15:21

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

César:

Mi nombre es Mario Garcés Duran
Fecha de nacimiento: 11- diciembre de 1952

Mis primeros trabajos: Serie de documentos de trabajo Educación y Solidaridad, 1983-1984, Editados en ECO, Educación y Comunicaciones
Una publicación actual de estos trabajos puedes ver en: ECO en el horizonte latinoamericano (I). La Educación Popular bajo la dictadura. Colección 30 Años. Volumen 2. Ediciones ECO; 2012.
Ver en: www.ongeco.cl

Saludos,

Mario

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Oscar Jara

24/10/2021 18:38 Gmail - RE: _Ajuda_com_dados_para_o_Mapeamento_histórico_do_termo_"popular"_e_"educação_popular"_na_minha_di...



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

RE: _Ajuda_com_dados_para_o_Mapeamento_histórico_do_termo_"popular"_e_"educação_popular"_na_minha_dissertação

Oscar Jara- CEAL <oscar.jara_presidencia@ceal.org> 30 de junho de 2021 12:47
 Para: "Carlos_Rodrigues_Brandão" <itatiaia1940@gmail.com>, "César_Ferreira_da_Silva" <cesarfs.dasilva@gmail.com>, Angela Biz Antunes <angela.bizantunes@paulofreire.org>, Maria Tereza Goudard Tavares <mtgtavares@yahoo.com.br>, Cheron Moretti <cheron.moretti@gmail.com>, MARIA ELIETE SANTIAGO <maria.santiago@ufpe.br>
 Cc: Fernanda dos Santos Paulo <femandaaja@yahoo.com.br>, "Valéria_Vasconcelos" <valvasc2013@gmail.com>, Osmar Favero <ofavero@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>

Caros amigos Carlos e César, sempre instigando para ir além do evidente... acho que esse trilho de identificação das mulheres invisibilizadas na história da Educação Popular Latino-americana é muito importante e frutífera para desvelar também as nossas limitações patriarcais ao respeito. Agradeço o convite a continuar contribuindo nessa pesquisa que vai permitir ampliar nossos horizontes de compreensão dos processos de educação popular como fenômeno histórico socio-cultural latino-americano e como concepção educativa. Acrescento brevemente alguns nomes para depois entrar em mais detalhes:

- Giulia Tamayo - Perú (fundadora do centro Flora Tristan)
- Virginia Guzmán - Perú
- Virginia Vargas- Perú
- Nélida Céspedes - Perú
- Ana Lucia Souza de Freitas = RS, Br
- Beatriz Cannabrava: SP Br
- Valeria Rezende - João Pessoa, Br.
- Conceição Paludo, POA, Br
- Elza Falckembach, Ijuí, RS, Br.
- Silvia Manfredi, RJ, Br.

24/10/2021 18:38 Gmail - RE: _Ajuda_com_dados_para_o_Mapeamento_histórico_do_termo_"popular"_e_"educação_popular"_na_minha_di...

Rosa Paredes- Venezuela
 Rocío Rosero- Ecuador
 Graciela Bustillos - México
 Rocío Lombera- México
 Laura Vargas- Costa Rica
 Teresa Quiroz - Chile
 María de la Luz Morgan, Chile-Perú
 Pilar Ubilla, Uruguay

Seguimos...
 Oscar

Oscar Jara Holliday

Presidente

CEAAL- Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe

Tel.(506) 22806540 - Apt. Postal 1272-2050 San Pedro, San José, Costa Rica

www.ceaal.org

----- Original Message -----

Subject: Re: Ajuda com dados para o Mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação
 From: Carlos Rodrigues Brandão <itatiaia1940@gmail.com>
 Date: Tue, June 29, 2021 1:58 pm
 To: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>, Angela Biz Antunes <angela.bizantunes@paulofreire.org>, Maria Tereza Goudard Tavares <mtgtavares@yahoo.com.br>, Cheron Moretti <cheron.moretti@gmail.com>, MARIA ELIETE SANTIAGO <maria.santiago@ufpe.br>
 Cc: Fernanda dos Santos Paulo <femandaeja@yahoo.com.br>, Valéria Vasconcelos <valvasc2013@gmail.com>, Oscar Jara- CEAAL <oscar.jara_presidencia@ceaal.org>, Osmar Favero <ofavero@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>

Cesar, Nima e toda a gente,

Segue a lista que elaborei para uma live sobre a **presença feminina** desde os "tempos pioneiros" (1960-1969), até os "tempos seguintes" (1970-1990) e até os dias de hoje (bem menos)

Envio uma relação breve e restrita de pessoas com quem convivi e de quem me lembro.

Reitero que a presença feminina foi marcante e essencial desde o Movimento de Educação de Base até o CEAAL de agora.

Há inclusive trabalhos escritos essenciais de mulheres e me espanta que eles sigam sendo um tanto secundarizados.

24/10/2021 18:42

Gmail - Solicitação de Materiais sobre Educação Popular



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de Materiais sobre Educação Popular

Oscar Jara <jaraosc@gmail.com>

5 de março de 2021 16:41

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Hola César. Te adjunto unas notas a tu pedido. No he podido conseguir todas, pero trataré de escanear el de Desafíos de la EP, que está impreso.

Van adjuntos, los demás.

Espero que te sean útiles.

Adicionei meu ultimo libro sobre historia da EP, etica, politica e pedagogia...

Abrazos

Oscar

[Texto das mensagens anteriores oculto]

4 anexos

 **Qué democracia tenemos y qué democracia queremos PARA ALAI.docx**
23K

 **Concepcion-dialectica-EP.pdf- 1984.pdf**
7219K

 **A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS Pratica e teoria para outros... Ed BRASILEIRA.pdf**
5390K

 **EPLATI-1.PDF**
2710K

24/10/2021 19:00

Gmail - Os quatro livros "fundacionais"



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Os quatro livros "fundacionais"

Oscar Jara- CEAL <oscar.jara_presidencia@ceaal.org> 3 de dezembro de 2020 00:53
 Para: "Carlos_Rodrigues_Brandão" <itatiaia1940@gmail.com>, "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>
 Cc: Moacir Gadotti <moacir.gadotti@paulofreire.org>, "Adriano_José_Hertzog_Vieira" <adrianojhvieira@gmail.com>, Alfonso Torres <alfonsitorres@gmail.com>, "Carlos_Rodrigues_Brandão" <carlosdecaldas@gmail.com>, Ivanio Dickmann <ivanio.dialogar@gmail.com>, Josino Medina <meninoterraflor@gmail.com>, Marco Mejia <marcoraulm@gmail.com>, Marcos-gmailp <marcospsarruda@gmail.com>, "Otávio_Velho" <otaviogvelho@gmail.com>, "Valéria_Vasconcelos" <valvasc2013@gmail.com>, "Vinicius C. Brand" <viniciuscb@gmail.com>, carina kloberdanz <caleklo@gmail.com>, cesar ferreira da silva Ferreira <cesarfs.dasilva@gmail.com>, fernanda dos santos paulo santos paulo <fernandaeja@yahoo.com.br>, "ofavero@gmail.com" <ofavero@gmail.com>, roberto elisalde <relisalde@hotmail.com>, Ana Lucia Souza de Freitas <0311anafreitas@gmail.com>, Paulo Roberto Padilha <padilha5200@gmail.com>, Edson Fernando de Almeida <edsonfernandodealmeida@gmail.com>

Gracias, querido Carlos por tus cálidas, acogedoras y motivadoras palabras. Comparto estas ideas también con este "círculo de cultura" en torno tuyo, que construye miradas creadoras y comparte historias y sueños.

Efectivamente son cuatro libros fundacionales, pero uno es TUYO ("educación popular y proceso de concientización" con el nombre de Julio Barreiro), entonces no dejes de decirlo porque ya no es necesario que mantengas el anonimato. Pero hay dos más, que salieron en 1970: "Las venas abiertas de América Latina" de Galeano y "Teología de la Liberación" de Gustavo Gutiérrez. Poco después (uno o dos años), Enrique Dussel publica un trabajo sobre "Ética de la Liberación" y Quijano, junto con Teotonio Dos Santos, Ruy Mauro Marini y otros comienzan a hablar de la "Teoría de la dependencia" y aunque aún no aparece como libro, me tocó encontrarme en el Perú con el grupo del Teatro Arena de Boal, cuando surgía el "Teatro del Oprimido"... Del 68 al 73 se produce una explosión de pensamiento propio latinoamericano, como un abanico diverso y a la vez unidos a

24/10/2021 19:00

Gmail - Os quatro livros "fundacionais"

una raíz común, que eran los procesos de liberación latinoamericanos que habían sido movilizados por el impacto de la Revolución Cubana... en fin, mucho para seguir trabajando, inclusive la pista que abres del ISAL como revista y como movimiento... Hay una generación que fuimos precisamente formada con todas estas influencias...

Abrazos con cariño y saudade también de nuestras últimas largas conversas en Costa Rica... tengo grabadas cosas que aún no transcribí.. la voy a hacer. Abrazos de Anita que, efectivamente, ya puede empapelar de mandalas coloridas pintadas por ella, las paredes de un estadio...

Hasta cualquier momento. Seguimos..!

Oscar

Oscar Jara Holliday

Presidente

CEAAL- Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe

Tel.(506) 22806540 - Apt. Postal 1272-2050 San Pedro, San José, Costa Rica

www.ceaal.org

----- Original Message -----

Subject: Re: _Compartilho_entrevista_Jornal_Extra-Classe_-_Educação_e_Construção_democrática

From: Carlos_Rodrigues_Brandão <itatiaia1940@gmail.com>

Date: Wed, December 02, 2020 1:11 pm

To: "Nima I. Spigolon" <nima@unicamp.br>

Cc: Moacir Gadotti <moacir.gadotti@paulofreire.org>, Oscar Jara- CEAAL <oscar.jara_presidencia@ceaal.org> ,

"Adriano_José, Hertzog_Vieira" <adrianojhvieira@gmail.com> ,

Alfonso Torres <alfonsitorres@gmail.com> ,

"Carlos_Rodrigues_Brandão" <carlosdecaldas@gmail.com> , Ivania

Dickmann <ivanio.dialogar@gmail.com> , Josino Medina

<meninoterraflor@gmail.com> , Marco Mejia <marcoraulm@gmail.com> ,

Marcos-gmailp <marcospsarruda@gmail.com> , "Otá,vio_Velho"

<otaviogvelho@gmail.com> , "Valé,ria_Vasconcelos"

<valvasc2013@gmail.com> , "Vinicius C. Brand" <viniciuscb@gmail.com> ,

carina kloberdanz <caleklo@gmail.com> , cesar ferreira da silva Ferreira

<cesarfs.dasilva@gmail.com> , fernanda dos santos paulo santos paulo

<fernandaeja@yahoo.com.br> , "ofavero@gmail.com" <ofavero@gmail.com> ,

roberto elisalde <relisalde@hotmail.com> , Ana Lucia Souza de Freitas

<0311anafreitas@gmail.com> , Paulo Roberto Padilha

<padilha5200@gmail.com> , Edson Fernando de Almeida

Osmar Fávero

24/10/2021 16:52

Gmail - Pedido de Materiais sobre o MEB



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Pedido de Materiais sobre o MEB

Osmar Favero <ofavero@gmail.com>

20 de julho de 2021 10:49

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

César,

Você pode encontrar um bom conjunto de documentos e as dissertações e teses sobre o MEB no site forumeja.org.br.

Abrindo na Internet, vá para o sítio Brasil/História e Memória/Educação Popular I/MEB.

Lá estão minha tese e a de Luis Eduardo e outras. A minha foi publicada por Autores Associados; talvez ainda esteja à venda.

Bom trabalho, Osmar.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 16:53

Gmail - Pedido de Materiais sobre o MEB



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Pedido de Materiais sobre o MEB

Osmar Favero <ofavero@gmail.com>

20 de julho de 2021 13:21

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Minha data de nascimento é 09.02.1933. Tenho 88 anos bem vividos!

[Texto das mensagens anteriores oculto]

RE: Ajuda_com_dados_para_o_M x

mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#inbox/FMfcgzGkZGdGdQWMSxrsNhwMKwvSfm

22 de 2087

Osmar Favero <ofavero@gmail.com>
para Carlos, mim, Oscar, Angela, Maria, Cheron, MARIA, Fernanda, ria_Vasconcelos, Nimia ▾

Prezados Carlos, Oscar e César, entrando na roda

De memória e sem nenhuma consulta, lembrei-me de:

Nazira Vargas, Zélia Faria, Marlino Ferreira, Safira Bezerra Amman (MEB/Natal)
Ruth Vieira (MEB/Bahia); Maria José Santos (MEB/Sergipe)
Isa Guerra, Maria das Dores Porto e Iveline Lage (Ceplar - João Pessoa/PB)
Maria Salete van der Ploet (Ceplar - Campina Grande/PB)
Regina Rocha (Nova - Rio de Janeiro)

Além de Alda Borges, há outras mulheres importantes do MEB/Goiás).
Não sei se foram lembradas por Carlos: Maria Alice, Darcy, Nazira.
Abraços, Osmar.

Em 01/07/2021 12:48, Carlos Rodrigues Brandão escreveu:

- >
- > *MULHERES EDUCADORAS POPULARES*
- >
- > //(relação à espera de ser perenemente completada)
- >
- > *?/*
- >
- > Elza Freire - Brasil - esposa e educadora
- >
- > Aurenicio Cardoso - Brasil - da 1ª equipe do PF
- >
- > Alda Maria Borges Cunha - Brasil - exilada no Chile
- >
- > Beatriz Betiano Costa - Brasil
- >

Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 19°C Chuva fraca, 19:12, 24/10/2021

30/03/2022 18:58

Gmail - Ainda sobre nossa Prosa de hoje



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Ainda sobre nossa Prosa de hoje

Osmar Favero <ofavero@gmail.com>

30 de março de 2022 14:41

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Oi, César. Postei hoje os DVDs sobre a memória da educação popular dos anos 70 em diante.

O livro que lhe recomendar ler, Católicos radicais no Brasil, de Emanuel de Kadt, é uma edição MEC/UNESCO, disponível na Internet. Tb. fácil de adquirir na Estante Virtual.

Peço-lhe acusar o recebimento dos DVDS. Abraço, Osmar.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Valéria Vasconcelos

24/10/2021 17:53

Gmail - Pesquisa de Mestrado em Educação, solicitação de dados.



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Pesquisa de Mestrado em Educação, solicitação de dados.

Valéria Vasconcelos <valvasc2013@gmail.com>

21 de outubro de 2021 08:22

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Bom dia Césinha!

Sua mensagem especial chegou num dia igualmente muito especial.

Ontem fui eleita coordenadora do GT 06 (Educação Popular) da Anped, junto com colegas das regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro Oeste que comporão o grupo gestor.

Fiquei muito feliz e lisonjeada com ambos convites!

Nasci no dia 22 de novembro de 1963, numa rua que terminava em mata na cidade de São Paulo.

Numa tentativa de síntese, respondo a seu questionamento.

A Educação Popular, para mim, apoiada em meus referenciais de cabeceira, como Freire e Brandão, mais que uma práxis educativa é uma maneira de ver e viver o mundo. É aquela trilha que se percorre como caçadores de nós mesmas/os para chegar ao outro, à outra, tomado/a como referência. É a busca por descobrir o melhor de nós e contribuir para que as pessoas com quem convivemos/trabalhamos/pesquisamos também encontrem o melhor de si mesmas. Por fim, é ter o passado como horizonte, ensinando-nos o que nos faz ser quem somos para, em comunhão, intervir na construção de um presente com mais coerência, justiça, boniteza podendo, assim, Ser Mais.

Sigamos junt@s querido.

Bjs 🌸

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Eu sou aquela mulher

a quem o tempo

muito ensinou.

Ensinou a amar a vida.

Não desistir da luta.

Recomeçar na derrota.

Renunciar a palavras e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos.

Ser otimista. (Cora Coralina)

Vá *~)



--

24/10/2021 17:53

Gmail - Pesquisa de Mestrado em Educação, solicitação de dados.

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos

Eduçadora Popular

Docente do Programa de Mestrado em Educação - UNISAL

Vice-coordenadora do GTO6 (Educação Popular) - ANPEd

Vanilda Paiva

24/10/2021 16:46

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação FE-Unicamp



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação FE-Unicamp

Vanilda Paiva <vanilda.paiva@gmail.com>

29 de setembro de 2021 18:06

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

junho 1943. Desculpe, mas nao estou em condições de responder. Um abraço, Vanilda Paiva

[Texto das mensagens anteriores oculto]

24/10/2021 16:47

Gmail - Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação FE-Unicamp



César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

Solicitação de dados para Pesquisa de Mestrado em Educação FE-Unicamp

Vanilda Paiva <vanilda.paiva@gmail.com>

29 de setembro de 2021 18:17

Para: César Ferreira da Silva <cesarfs.dasilva@gmail.com>

22 Abc V. Paiva

[Texto das mensagens anteriores oculto]